

UM ASSASSINATO NOS JARDINS DE MONET
UMA OBRA-PRIMA DESAPARECIDA
SÓ TRÊS MULHERES SABEM O QUE ACONTECEU...

MICHEL BUSSI

3,5 milhões de livros vendidos



**NINFETIAS
NEGRAS**



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

UM ASSASSINATO NOS JARDINS DE MONET
UMA OBRA-PRIMA DESAPARECIDA
SÓ TRÊS MULHERES SABEM O QUE ACONTECEU...

MICHEL BUSSI

3,5 milhões de livros vendidos



**NINFEIAS
NEGRAS**



**NINFEIAS
NEGRAS**



Clube Estrada dos livros

Me dê um livro, que eu lhe dou um sonho



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-

2008) começou sua carreira aos 17 anos,

quando foi trabalhar com seu pai, o célebre

editor José Olympio, publicando obras

marcantes

como *O menino do dedo*

verde, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo de se o briu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou

em

um

dos

maiores

fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou.

Com seu desejo de ajudar o próximo,

Geraldo desenvolveu diversos projetos

sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias

empolgantes, tornar os livros cada vez

mais acessíveis e despertar o amor pela

leitura, a Editora Arqueiro é uma

homenagem a esta figura extraordinária,

capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não

perder o idealismo e a esperança diante

dos desafios e contratempos da vida.

MICHEL BUSSI

NINFEIAS
NEGRAS



Título original: *Nymphéas Noirs*

Copyright © 2011 por Presses de la Cité,

divisão da Place des Editeurs

Copyright da tradução © 2017 por Editora

Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Publicado originalmente em francês por

Presses de la Cité

tradução: Fernanda Abreu

preparo de originais: Juliana Romeiro

revisão: Flávia Midori e Luis Américo Costa

diagramação: Abreu's System

capa: Mark Swan

adaptação de capa: Miriam Lerner

imagens de capa: água © Fancy/ Image

Source; flor © RF Company/ F349/

Alamy/ Latinstock

adaptação para ebook: [Hondana](#)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA
PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS
EDITORES DE LIVROS, RJ

B986n Bussi, Michel

Ninfeias negras [recurso
eletrônico]/ Michel Bussi;
tradução de Fernanda Abreu.

São Paulo: Arqueiro, 2017.

recurso digital

Tradução de: Nymphéas
noirs

Formato: epub

Requisitos do sistema:

adobe digital editions

Modo de acesso: world

wide web

ISBN 978-85-8041-633-

6 (recurso eletrônico)

1. Ficção francesa. 2.

Livros eletrônicos. I. Abreu,

Fernanda. II. Título.

CDD: 843

16-31512

CDU: 821.133.1-3

Todos os direitos reservados, no Brasil,

por

Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 –

Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-

5818

E-mail:

atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

À memória de Jacky Lucas

“Com Monet não vemos o

mundo real,

mas sim apreendemos suas

aparências.”

F. Robert-Kempf, *L'Aurore*,

1908

“Não! Não! Nada de preto

para Monet, ora!

Preto não é cor!”

Georges Clemenceau, junto

ao caixão de

Claude Monet (Michel de

Decker, *Claude Monet*,

2009)

Nas páginas a seguir, as

descrições de Giverny tentam manter

a maior precisão possível. Os

lugares existem, quer se trate do

Hotel Baudy, do córrego Ru, braço

do rio Epte, do moinho de

Chennevières, da escola primária de

Giverny, da igreja de Sainte-

Radegonde e seu cemitério, da Rue

Claude-Monet, do Chemin du Roy,
da ilha das Urtigas e, naturalmente,
da casa rosa de Monet e seu
laguinho de ninfeias. O mesmo vale
para lugares vizinhos, como o
Museu de Vernon, o Museu de
Belas-Artes de Rouen e o povoado
de Cocherel.

As informações sobre Claude
Monet são autênticas, quer digam
respeito a sua vida, sua obra ou seus
herdeiros. O mesmo vale para as
que
evocam
outros
pintores
impressionistas,
em
especial
Theodore Robinson e Eugène Murer.

Os roubos de obras de arte
mencionados são ocorrências reais.

Todo o restante eu inventei.

Num

vilarejo,

viviam

três

mulheres.

A primeira era má; a segunda,
mentirosa; a terceira, egoísta.

O vilarejo tinha um belo nome
de jardim. Giverny.

A primeira morava num grande
moinho à beira de um regato, na
estrada chamada Chemin du Roy, o
"caminho do rei"; a segunda
ocupava um apartamento sobre a
escola primária, na Rue Blanche-
Hoschedé-Monet; a terceira vivia
com a mãe numa casinha de paredes

descascadas, na Rue du Château-
d'Eau.

As três tampouco tinham a
mesma idade. De modo algum. A
primeira tinha mais de 80 anos e era
viúva. Ou quase. A segunda tinha 36
e nunca havia traído o marido.

Ainda. A terceira estava prestes a
completar 11 anos e todos os
meninos de sua escola queriam ser
seu namorado. A primeira só usava
preto, a segunda se maquiava para o
amante, a terceira enfeitava os
cabelos para que voassem ao vento.

Vocês já entenderam. As três eram
bem diferentes. Tinham, porém, um
ponto em comum, um segredo, de
certa forma: todas elas sonhavam em
ir embora. Sim, ir embora de
Giverny, esse vilarejo tão famoso

que provoca em tantas pessoas a vontade de atravessar o mundo inteiro só para ali passear por algumas horas.

Vocês bem sabem por quê. Por causa dos pintores impressionistas.

A primeira, a mais velha, era dona de um belo quadro, a segunda se interessava muito por artistas, e a terceira, a mais jovenzinha, pintava bem. Muito bem, aliás.

Estranho querer ir embora de Giverny, vocês não acham? Todas as três consideravam o vilarejo uma prisão, um grande e belo jardim, mas cercado por grades. Como a área externa de um asilo. Uma ilusão de ótica. Um quadro no qual seria impossível ultrapassar os limites da moldura. A bem da verdade, a

terceira, a mais jovem, procurava um pai. Em outro lugar. A segunda buscava o amor. A primeira, a mais velha, sabia coisas sobre as outras duas.

Uma vez, no entanto, por treze dias apenas, as grades do jardim se abriram. Muito precisamente, de 13 a 25 de maio de 2010. As grades de Giverny se abriram para elas! Para elas apenas, como acreditavam. Mas a regra era cruel: somente uma poderia escapar. As outras duas precisavam morrer. Era assim que tinha de ser.

Esses treze dias transcorreram em suas vidas qual um parêntese. Muito breve. E também impiedoso. Esse parêntese começou com um assassinato, no primeiro dia, e

terminou com outro, no último.

Estranhamente, os policiais só se interessaram pela segunda mulher, a mais bela; a terceira, a mais inocente, teve de investigar sozinha.

A primeira, a mais discreta, pôde observar

todo

mundo

com

tranquilidade. E até matar!

Isso durou treze dias. O tempo de uma fuga.

Três mulheres vivendo num vilarejo.

A terceira era a mais talentosa; a segunda, a mais esperta; a primeira, a mais determinada.

Na sua opinião, qual delas conseguiu escapar?

A terceira, a mais novinha,
chamava-se Fanette Morelle; a
segunda era Stéphanie Dupain; a
primeira, a mais velha, era eu.

QUADRO UM

Impressões

PRIMEIRO DIA

13 de maio de 2010, Giverny

Tropel

1

A ÁGUA CLARA DO rio se tinge de
rosa em pequenos filetes, como a
efêmera cor pastel de um jato d'água
no qual se limpa um pincel.

– Netuno, não!

Ao longo da correnteza, a cor
vai se diluindo, se agarrando ao
verde das plantas que pendem das
margens, ao ocre das raízes dos
choupos, dos chorões. Um sutil

dégradé lavado.

Gosto bastante.

Só que o vermelho não provém
de uma paleta que um pintor
houvesse lavado no rio, mas sim do
crânio esmagado de Jérôme Morval.

Gravemente esmagado, aliás. O
sangue escorre de um talho profundo
no alto da cabeça, nítido e limpo,
lavado pelo Ru, onde a cabeça se
encontra mergulhada.

Meu pastor-alemão se aproxima,
fareja. Torno a gritar, dessa vez com
mais ênfase:

– Netuno, não! Para trás!

Imagino que não vão demorar a
encontrar o cadáver. Mesmo sendo
apenas seis da manhã, alguém com
certeza vai passar por aqui; um
pintor, alguém praticando corrida,

um catador de escargots... um
passante que vai dar de cara com o
corpo.

Tomo cuidado para não avançar
mais. Apoio-me na bengala. A terra
à minha frente está enlameada;
choveu muito nos últimos dias, as
margens do curso d'água estão
instáveis. Aos 84 anos, não tenho
mais idade para bancar a náíade,
ainda que seja em um regato de
nada, com menos de 1 metro de
largura, do qual metade do volume
d'água é desviado para alimentar o
lago dos jardins de Monet. Aliás,
parece que não é mais o caso, que
hoje existe uma fonte subterrânea
para abastecer o laguinho de
ninfeias.

– Vamos, Netuno. Em frente.

Ergo a bengala na direção do
cão como que para impedi-lo de
encostar
o nariz
no
buraco
escancarado do paletó cinza de
Jérôme Morval. A segunda ferida.
Em cheio no coração.

– Saia daí! Não vamos ficar
aqui.

Olho
pela
última
vez

o
lavadouro logo em frente e continuo
a seguir o caminho. Não resta
dúvida de que ele está conservado
com perfeição. As árvores mais

invasivas foram serradas na base.

As margens estão livres de ervas. É preciso dizer que alguns milhares de turistas frequentam diariamente esse caminho. Dá para passar um carrinho de bebê, uma cadeira de rodas, uma velha de bengala. Eu!

– Vamos, Netuno, venha.

Viro um pouco mais adiante, no ponto em que o Ru se divide em dois braços fechados por uma barragem e por uma cascata. Do outro lado é possível antever os jardins de Monet, as ninfeias, a ponte japonesa, as estufas... Estranho: nasci aqui em 1926, ano em que Claude Monet faleceu. Por anos depois de sua morte, quase cinquenta, os jardins ficaram fechados,

esquecidos,
abandonados.

Hoje

a

situação

mudou e, todo ano, dezenas de
milhares de japoneses, americanos,
russos e australianos atravessam o
planeta só para flanar por Giverny.

Os jardins de Monet viraram um
templo sagrado, uma Meca, uma
catedral... Aliás, esses milhares de
peregrinos não vão demorar a
aparecer.

Consulto o relógio de pulso:

6h02.

Algumas

horas

de

tranquilidade ainda.

Prossigo.

Entre os choupos e as *Petasites* imensas, a estátua de Claude Monet me encara com um olhar perverso de vizinho zangado, o queixo devorado pela barba, o crânio oculto por um chapéu que lembra vagamente um chapéu de palha. O pedestal de marfim informa que o busto foi inaugurado em 2007. A placa de madeira fincada ao lado informa que o mestre está observando “a pradaria”. A sua pradaria! Os campos, do Ru até o rio Epte, do Epte até o Sena, as fileiras de choupos, os aclives arborizados a ondular feito um mar manso. Os lugares mágicos que ele pintou. Invioláveis. Envernizados, expostos por toda a eternidade!

É verdade: às seis da manhã, o lugar ainda permite uma ilusão. Observo à minha frente um horizonte virgem de trigais, milharais e campos de papoulas. Mas não vou mentir para vocês. Na realidade, durante quase todo o dia, a pradaria de Monet é um estacionamento.

Quatro estacionamentos, para ser mais exata, que se espalham ao redor de uma faixa de calçamento como um nenúfar de asfalto. Na minha idade, posso me permitir dizer isso. Já vi a paisagem se transformar muito, ano após ano. A zona rural de Monet é hoje um cenário de hipermercado! Netuno me segue por alguns metros, então começa a correr.

Corre na minha frente, atravessa o
estacionamento,
faz
xixi
num
cavelete de madeira, continua pela
campina em direção à confluência
do Epte com o Sena, esse pedaço de
campina imprensado entre dois rios
e curiosamente batizado de ilha das
Urtigas.

Dou um suspiro e prossigo pelo
caminho. Na minha idade, não vou
correr atrás do cão. Observo-o
afastar-se e voltar depressa, como
se quisesse zombar de mim. Hesito
em chamar seu nome. Está cedo. Ele
torna a sumir no meio do trigo.

Netuno agora vive fazendo isso.

Vive correndo 100 metros na minha

frente! Todos os moradores de
Giverny conhecem esse cachorro,
mas poucos, acredito eu, sabem que
ele é meu.

Margeio o estacionamento e sigo

na

direção

do

moinho

de

Chennevières. É lá que eu moro.

Prefiro entrar antes da multidão. O
moinho de Chennevières é de longe
a mais bela construção próxima aos
jardins de Monet, a única erguida às
margens do Ru, mas, desde que a
pradaria foi transformada em campo
de chapas metálicas e pneus, lá me
sinto como uma espécie enjaulada e
em vias de extinção que os curiosos

vêm observar, espionar, fotografar.

Só existem quatro pontes sobre o Ru

ligando

o

estacionamento

ao

vilarejo; uma delas atravessa o

regato bem em frente à minha casa.

Fico praticamente sitiada até as seis

da tarde. Depois disso, o vilarejo

torna a se apagar, a pradaria é

devolvida aos choupos e Claude

Monet pode reabrir os olhos de

bronze sem ficar tossindo por causa

do cheiro de gás carbônico dos

escapamentos.

Na minha frente, o vento agita

uma floresta de pendões verde-água

salpicada

pelo

vermelho

das

papoulas

esparsas.

Se

alguém

contemplasse a cena do outro lado

do Epte, com certeza ela evocaria

um

quadro

impressionista.

A

harmonia das cores alaranjadas sob

o sol nascente com apenas um leve

toque de luto ao fundo, um pontinho

preto diminuto.

Uma velha de roupas escuras.

Eu!

A nota sutil de melancolia.

Torno a gritar:

– Netuno!

Demoro-me ali saboreando a calma efêmera, não sei quanto tempo, vários minutos no mínimo, até que chega um corredor. Ele passa por mim com o MP3 enfiado nos ouvidos. Camiseta de malha. Tênis. Surgiu na pradaria feito um anacronismo. É o primeiro do dia a estragar o quadro; os outros ainda estão por chegar. Faço-lhe um leve movimento de cabeça, ele me retribui e se afasta em meio a um chiado de cigarras eletrônicas que sai de seus fones de ouvido. Vejo-o virar na direção do busto de Monet, da pequena cascata, da barreira. Imagino-o a voltar margeando o regato, tomando cuidado ele também para evitar a lama à beira do

caminho.

Sento-me em um banco. aguardo

a continuação. Inelutável.

Ainda não há nenhum ônibus no

estacionamento da pradaria quando

a

van

da

polícia

para

atabalhoadamente no acostamento do

Chemin du Roy, entre o lavadouro e

o meu moinho. A vinte passos do

corpo afogado de Jérôme Morval.

Levanto-me.

Hesito em chamar Netuno mais

uma vez. Suspiro. Afinal de contas,

ele conhece o caminho. O moinho de

Chennevières fica logo ao lado.

Lanço um último olhar na direção

dos policiais que descem da van e me afasto. Volto para casa. Da torre do moinho, no quarto andar, por trás da janela, pode-se observar bem melhor tudo o que acontece em volta.

E de maneira bem mais discreta.

2

O INSPETOR LAURENÇ SÉRÉNAC começou por delimitar um perímetro de alguns metros em volta do cadáver, prendendo uma larga fita de plástico cor de laranja nos galhos das árvores sobre o regato.

A cena do crime permite prever uma investigação complicada.

Sérénac se tranquiliza, pensando que teve o reflexo certo quando o

telefone da delegacia de Vernon
tocou: vir acompanhado por três
outros
colegas.

No

presente

momento, a principal missão do
primeiro, o agente Louvel, é manter
afastados os curiosos que começam
a se aglomerar ao longo do regato.
Chega a ser inacreditável. A van da
polícia atravessou um vilarejo
deserto e, em poucos minutos, é
como se todos os moradores
estivessem convergindo para o local
do assassinato. Pois é disso que se
trata: um assassinato. Não é preciso
ter feito três anos de academia de
polícia em Toulouse para confirmar.
Sérénac observa outra vez a ferida

aberta no coração, o alto do crânio rachado e a cabeça mergulhada na água. O agente Maury, ao que parece, o melhor especialista em criminalística da delegacia de Vernon, está ocupado identificando com cuidado os vestígios de passos na terra, bem em frente ao cadáver, e tirando o molde das impressões digitais com um gesso de secagem rápida. Foi Sérénac quem lhe deu a ordem de imortalizar o solo lamacento antes mesmo de avançar para examinar o corpo. O sujeito está morto; não vai se salvar nem ressuscitar. De forma alguma se deve pisotear a cena do crime antes de ter registrado tudo em fotos e posto em sacos plásticos.

O

inspetor

Sylvio

Bénavides

aparece na ponte. Recupera o

fôlego.

Alguns

moradores

de

Giverny se afastam para deixá-lo

passar. Sérénac lhe pediu para

correr até o vilarejo logo ali adiante

com uma foto da vítima na mão, de

modo

a

colher

as

primeiras

informações,

quem

sabe

até

identificar o homem assassinado.

Não faz muito tempo que o inspetor Sérénac trabalha em Vernon, mas entendeu rapidamente que Sylvio Bénavides é muito bom em obedecer a ordens, o que faz com zelo; em organizar as coisas; e em arquivar com minúcia. De certa forma, o assistente ideal. Bénavides talvez padeça de uma leve falta de iniciativa... Mesmo assim, Sérénac tem a intuição de que se trata mais de excesso de timidez do que de falta de competência. Um sujeito dedicado!

Enfim,

dedicado...

dedicado ao seu trabalho de policial.

Pois,

na

realidade,

Bénavides deve considerar seu superior hierárquico recém-saído da academia de polícia de Toulouse uma espécie de objeto policial não identificado. Apesar de Sérénac ter sido alçado a chefe da delegacia de Vernon quatro meses antes, sem ter sequer a patente de delegado, é possível levar a sério ao norte do Sena um policial que ainda não completou 30 anos, que se dirige aos bandidos com um sotaque provençal, como se fossem colegas, e que já supervisiona cenas de crime com um cinismo desiludido?

Sérénac acha que talvez não. As pessoas ali são tão estressadas... e

não só na polícia. Por toda parte! É

pior ainda ali em Vernon, aquele

subúrbio

parisiense

distante

disfarçado de Normandia. Ele

conhece

o

mapa

de

sua

circunscrição: a fronteira com a Île-

de-France passa por Giverny, a

poucas centenas de metros dali, do

outro lado do curso principal do rio.

Mas o povo ali é normando, não

parisiense. E não abre mão disso.

Uma espécie de esnobismo. Um cara

lhe disse seriamente que, ao longo

da história, a fronteira entre a

França e o reino anglo-normando
marcada pelo Epte, aquele pequeno
regato ridículo, já matou mais gente
do que o Meuse ou o Reno.

Que idiotas!

– Inspetor...

– Me chame de Laurenç, porra...

Já falei.

Sylvio Bénavides hesita. O
inspetor Sérénac disse isso na frente
dos agentes Louvel e Maury, de uns
quinze curiosos e do cadáver
mergulhado no próprio sangue.

Como se fosse hora de discutir
formas de tratamento.

– Ahn. Certo. Bom, chefe... acho
que vai ser preciso muito tato. Não
tive dificuldade para identificar a
vítima. Pelo visto, é um cara
importante. Todo mundo o conhece

por aqui. Jérôme Morval. Um
cirurgião oftalmologista famoso.

Tem consultório na Avenue Prudhon,
em Paris, no *arrondissement XVI*.

Mora em uma das casas mais bonitas
do vilarejo, no número 71 da Rue
Claude-Monet.

– Morava – corrige Sérénac.

Sylvio não reage. Tem a cara de
quem acabou de ser convocado para
lutar na frente russa. De um
funcionário público lotado na região
mais remota do país. De um policial
enviado

para

trabalhar

na

Normandia. A imagem faz Sérénac
sorrir. Quem deveria estar de cara
feia é ele, não seu assistente.

– OK, Sylvio – diz ele. – Bom trabalho. Por enquanto não é preciso se preocupar. Mais tarde vamos examinar os detalhes do currículo.

Sérénac solta a fita laranja.

– Ludo, as impressões estão prontas? Podemos chegar perto sem colocar os protetores de sapato?

Ludovic Maury confirma. O agente se afasta levando vários moldes de gesso, enquanto o inspetor crava os pés na lama da margem do regato. Segura-se com uma das mãos no galho de freixo mais próximo e, com a outra, aponta para o corpo inerte.

– Chegue mais perto, Sylvio.

Olhe. Não acha curioso o *modus operandi* deste crime?

Bénavides se adianta. Louvel e

Maury também se viram, como se estivessem assistindo à prova de admissão de seu superior hierárquico.

—

Rapazes, observem o

ferimento que atravessa o paletó.

Morval visivelmente foi morto com uma arma branca. Uma faca, algo assim. Em pleno coração. Sangue seco. Mesmo sem o parecer dos legistas, dá para lançar a hipótese de que a causa da morte é essa. Quando examinamos os vestígios na lama, porém, percebemos que o corpo foi

arrastado por alguns metros até a beira do regato. Por que fazer isso? Por que mudar um cadáver de lugar? O assassino então pegou uma pedra, ou algum outro objeto pesado de tamanho semelhante, e se deu ao trabalho de esmagar o alto do crânio e a têmpora. Mais uma vez, por quê? Louvel levanta a mão, quase timidamente.

– Morval talvez ainda não estivesse morto?

– Bem... – diz Sérénac com voz melodiosa. – Pelo tamanho da ferida no coração, não acredito muito nisso. E, se ele ainda estivesse vivo, por que não dar uma segunda facada ali mesmo? Por que arrastar a vítima para depois esmagar o crânio?

Sylvio Bénavides não diz nada.

Ludovic Maury observa o local. Na margem do regato, uma pedra do tamanho de uma bola de futebol está coberta de sangue. Ele já coletou na sua superfície todas as amostras possíveis. Tenta dar uma resposta:

– Porque havia uma pedra por perto. Ele pegou a arma que estava ao seu alcance.

Os olhos de Sérénac brilham.

– Não concordo com você, Ludo. Olhem bem para esta cena, rapazes. Tem uma coisa ainda mais estranha. Olhem para o regato, numa extensão de uns 20 metros. O que estão vendo?

O inspetor Bénavides e os dois agentes acompanham as margens com os olhos, sem entender aonde Sérénac quer chegar.

– Não há nenhuma outra pedra! –
exclama o chefe da delegacia,
triumfal. – Não existe pedra nenhuma
em toda a extensão do rio. E, se
observarmos esta aqui um pouco de
perto, não resta dúvida de que
também foi transportada. Não tem
terra
seca
grudada,
a
grama
amassada debaixo dela está fresca...
Então o que esta pedra providencial
está fazendo aqui? O assassino a
trouxe também, é óbvio.
O agente Louvel tenta fazer os
moradores de Giverny recuarem até
a margem direita do regato, em
frente à ponte, no lado do vilarejo.

O público não parece incomodar

Sérénac. O inspetor continua:

—

Rapazes,

para

resumir,

estamos diante da seguinte situação:

Jérôme Morval é esfaqueado aqui no

caminho, um golpe provavelmente

mortal. Em seguida, o assassino o

arrasta até o rio. A 6 metros de

distância. Depois disso, como se

trata de um perfeccionista, vai

buscar uma pedra por perto, um

troço que deve pesar quase 20

quilos, e volta para esmagar a

cabeça de Morval. E ainda não

acabou... Observem a posição do

corpo no regato: a cabeça está quase

totalmente submersa. Esta posição

lhes parece natural?

– O senhor acaba de dizer, chefe

– responde Maury, quase irritado. –

O assassino acerta Morval com a pedra, na beira da água. Depois a vítima escorrega para dentro do regato.

– Que coincidência – ironiza o

inspetor Sérénac. – Uma pedrada e a

cabeça de Morval vai parar debaixo

d'água... Não, gente, estou disposto

a apostar com vocês. Peguem a

pedra e esmaguem o cérebro de

Morval. Ali, na margem do regato.

Nem por um decreto a cabeça do

cadáver vai parar debaixo d'água,

impecavelmente submersa a 10

centímetros

de

profundidade.

Senhores, acho que a solução é bem
mais simples. Estamos, por assim
dizer,
diante
de
um
triplo
assassinato
na
mesma
pessoa.

Primeiro eu o mato. Depois esmago
sua cabeça. Por fim, o afogo.

Um esgar surge em seus lábios.

– Estamos diante de alguém
motivado. Obstinado. Alguém muito,
muito bravo com Jérôme Morval.

Laurenç Sérénac se vira sorrindo
para Sylvio Bénavides.

– Querer matá-lo três vezes não

é muito legal em relação ao nosso oftalmologista, mas pelo menos é melhor do que matar três pessoas diferentes, não?

Ele pisca para um inspetor

Bénavides

cada

vez

mais

incomodado.

– Não gostaria de semear o pânico no vilarejo, mas nada nesta cena de crime me parece se dever ao acaso – continua. – Não sei por quê, é quase como se isto aqui fosse uma composição, um quadro montado.

Como se cada detalhe houvesse sido planejado. Este lugar específico, Giverny.

A

sequência

dos

acontecimentos. A faca, a pedra, o afogamento...

– Uma vingança? – sugere

Bénavides. – Uma espécie de ritual?

É isso que o senhor acha?

– Não sei – responde Sérénac. –

Veremos. Por enquanto não parece fazer o menor sentido, mas com certeza faz para o assassino.

Louvel afasta os curiosos na ponte sem muita energia. Sylvio

B é na v i d e s se

mantém

calado,

concentrado, como se tentasse

discernir, na enxurrada de palavras

de Sérénac, entre o bom senso e a

provocação.

De repente, uma sombra escura surge do pequeno bosque de choupos da pradaria, passa debaixo da fita laranja e pisoteia a lama das margens. O agente Maury tenta contê-la, sem sucesso.

Um pastor-alemão!

Animado, o cachorro se esfrega na calça jeans de Sérénac.

– Vejam só – diz o inspetor. –

Nossa

primeira

testemunha

espontânea.

Ele se vira para os moradores de

Giverny na ponte.

–

Alguém

conhece

este

cachorro?

–

Sim

–

responde,

sem

hesitação, um sujeito de certa idade

vestido de pintor, com calça de

veludo e paletó de tweed. – É

Netuno. O cachorro de Giverny.

Todo mundo aqui cruza com ele.

Persegue as crianças do vilarejo. Os

turistas. Faz parte da paisagem, por

assim dizer.

– Venha cá, grandão – diz

Sérénac, agachando-se para ficar da

mesma altura do cão. – Quer dizer

que é a nossa primeira testemunha?

Me diga uma coisa: você viu o

assassino? Sabe quem é? Depois

quero seu depoimento. Agora ainda temos um pouco de trabalho aqui.

O inspetor parte um galho de chorão e o atira alguns metros mais adiante. Netuno reage. Vai buscar o galho, volta. Sylvio Bénavides observa com espanto a brincadeira do superior.

Por fim, Sérénac se levanta.

Demora-se algum tempo examinando o entorno: o lavadouro de tijolo de adobe bem em frente ao regato, a ponte e, logo atrás, aquela estranha e extravagante

construção

de

enxaimel, dominada por uma espécie de torre de quatro andares, cujo nome se pode ler gravado na parede:

MOINHO DE CHENNEVIÈRES. Não

podemos ignorar nada, anota num canto da mente, precisamos falar com todas as testemunhas em potencial, mesmo que o assassinato tenha sido cometido por volta das seis da manhã.

– Michel, mande o público se afastar. Ludo, me passe as luvas.

Vamos

ver

o

que

o

nosso

oftalmologista tem no bolso, ainda que tenhamos de molhar os pés para não mudar o corpo de lugar.

Sérénac tira os tênis e as meias, arregaça o jeans até o meio das canelas, calça as luvas estendidas

pelo agente Maury e entra descalço
no regato. Com a mão esquerda,
mantém o equilíbrio do corpo de
Morval, enquanto a outra vasculha
seu paletó. Pega uma carteira de
couro, que estende para Bénavides.
Seu assistente abre e confere os
documentos de identidade.
Não resta dúvida, é de fato
Jérôme Morval.

A mão continua a explorar os
bolsos do cadáver. Lenços de papel.
Chaves de carro. Tudo vai passando
de mão enluvada em mão enluvada
até
parar
dentro
de
sacos
transparentes.

– Cacete. Mas que porra...

Os dedos de Sérénac extraem do bolso exterior do paletó do cadáver uma cartolina amassada. O inspetor baixa os olhos. Trata-se de um simples cartão-postal. A imagem é um *Ninfeias* de Monet, um estudo em azul, uma daquelas reproduções vendidas aos milhões mundo afora. Sérénac vira o postal.

O texto é curto, escrito em letras datilografadas. ONZE ANOS. FELIZ ANIVERSÁRIO.

Logo abaixo dessas quatro palavras, há uma fina faixa de papel que foi cortada e depois colada no postal. Dessa vez são nove palavras: *O crime de sonhar eu consinto que seja instaurado.*

Porra...

Como duas algemas de aço, a água do regato congela de repente os tornozelos do inspetor. Sérénac grita para os curiosos parados ali em frente, aglomerados em volta do lavadouro como se esperassem o ônibus:

– Morval tinha filhos? Um filho de 11 anos, digamos?

O pintor vestido de veludo e tweed é novamente o mais rápido na resposta:

– Não, senhor delegado. Com certeza não!

Porra...

O cartão de aniversário é transferido para as mãos do inspetor Bénavides. Sérénac ergue a cabeça, observa. O lavadouro. A ponte. O moinho. O vilarejo de Giverny que

vai despertando. Os jardins de
Monet, um pouco mais adiante. A
pradaria e os choupos.

As nuvens que se prendem às
colinas arborizadas.

Aquelas nove palavras que se
prendem ao seu pensamento.

*O crime de sonhar eu consinto
que seja instaurado.*

De repente, ele tem certeza de
que alguma coisa não está no devido
lugar naquela paisagem de cartão-
postal impressionista.

3

DE CIMA DA TORRE do moinho de
Chennevières, observo a polícia. O
de calça jeans, o chefe, ainda está
dentro d'água; os outros três estão
na margem, rodeados por aquela
multidão idiota, umas trinta pessoas

agora, que não perdem nada da cena,
como no teatro, num teatro de rua.

Num teatro de rio, aliás, para ser
mais precisa.

Sorriso para mim mesma. Que
idiotice fazer jogos de palavras sem
ninguém para testemunhá-los, não
acham? E por acaso sou menos
idiota do que aqueles curiosos pelo
fato de estar na sacada? É o melhor
lugar de todos, acreditem. Ver sem
ser vista.

Hesito. Rio também porque
hesito. Um riso nervoso.

O que devo fazer?

Os policiais estão tirando um
grande saco plástico da van branca,
sem dúvida para colocar o cadáver.

A pergunta continua a martelar em
minha cabeça. O que devo fazer?

Devo ir à polícia? Contar tudo o que sei aos policiais da delegacia de Vernon?

Será que vão acreditar nos delírios de uma velha louca? A melhor solução não seria me calar e esperar? Esperar alguns dias, só alguns dias. Observar, como se fosse um ratinho, para ver como os acontecimentos evoluem.

Além disso, também vou ter de falar com Patricia, a viúva de Jérôme Morval; sim, isso devo fazer, claro.

Mas quanto a falar com a polícia...

Lá embaixo, perto do regato, os três agentes se abaixaram e estão arrastando o cadáver de Jérôme

Morval até o saco, como se fosse um grande naco de carne descongelada do qual escorrem água e sangue.

Estão

penando,

coitados.

A

impressão que tenho é de que são

pescadores

inexperientes

que

acabam de pegar um peixe grande

demais. O quarto policial, ainda

dentro d'água, os observa. De onde

estou, é quase como se estivesse

rindo. É, pelo que posso ver, está no

mínimo sorrindo.

No fim das contas, talvez eu

esteja me torturando a troco de nada:

se for falar com Patricia Morval,

todo mundo corre o risco de ficar
sabendo,
isso
é
certo.

Principalmente a polícia. A viúva é
uma fofqueira... Já eu ainda não
sou viúva, não de todo.

Fecho os olhos, talvez por um
minuto. Quase isso.

Tomei minha decisão.

Não, não vou falar com a
polícia! Vou me transformar num
ratinho preto, invisível. Pelo menos
por uns dias. Afinal de contas, se a
polícia quiser me encontrar, na
minha idade, isso é possível, não
corro muito depressa. É só seguir
Netuno... Abro os olhos e fito meu
cachorro.

Deitado

a

algumas

dezenas de metros dos policiais, no meio das samambaias, ele também não perde nada da cena do crime.

Sim, está decidido: vou esperar uns dias, pelo menos o tempo de ficar viúva. É essa a regra, não? Um mínimo de decência. Depois disso, sempre vai haver tempo para improvisar, para agir no momento certo.

De

acordo

com

as

circunstâncias. Li faz tempo um

romance

policial

totalmente

inacreditável.

A

trama

era

ambientada numa chácara inglesa,

algo assim. Toda a intriga era

explicada pelos olhos de um gato.

Sim, isso mesmo, de um gato! O gato

era testemunha de tudo, e é claro que

ninguém lhe dava a menor atenção.

À sua maneira, era ele quem

conduzia a investigação! Escutava,

observava, examinava. O romance

era inclusive suficientemente bem

construído para se poder pensar que,

no fim das contas, o assassino era o

gato. Bem, não vou estragar seu

prazer contando o final, vocês vão

ler o livro se tiverem oportunidade.

Era só para explicar o que pretendo
fazer:
me
transformar
numa
testemunha tão acima de qualquer
suspeita desse caso quanto o gato da
chácara inglesa.

Torno a virar a cabeça na
direção do rio.

O cadáver de Morval quase
desapareceu, engolido pelo saco
plástico, que mais parece uma
anaconda
que
acabou
de
se
alimentar. Apenas um pedaço da
cabeça ultrapassa agora os dois

maxilares dentados de um zíper
ainda um pouco aberto. Os três
policiais na margem parecem ofegar.
Do alto, é como se estivessem
esperando apenas um gesto do chefe
para sacar um cigarro.

SEGUNDO DIA

14 de maio de 2010, Moinho de
Chennevières

Pronome de tratamento

4

NO HOSPITAL, ELES ENCHEM meu
saco com toda essa papelada.
Amontoo como posso sobre a mesa
da sala os papéis impressos em
diferentes cores. Receitas médicas,
atestados de plano de saúde,
certidão de casamento, comprovante
de residência, exames. Guardo tudo
dentro de envelopes de papel pardo.

Alguns são para o hospital. Não todos. Vou pesar e despachar tudo no correio de Vernon. Guardo os papéis sem serventia dentro de uma pasta branca. Não preenchi todos eles, não entendi tudo, vou perguntar às enfermeiras.

Elas

já

me

conhecem. Passei a tarde e boa parte da noite de ontem lá.

Quarto 126. Bancando a quase viúva preocupada com o marido que vai partir; escutando as palavras tranquilizadoras dos médicos, das enfermeiras. Suas mentiras.

Meu marido está fodido! Tenho consciência

disso.

Se

eles

soubessem como estou cagando!

Tomara que acabe logo! É só o

que peço.

Antes de sair, avanço até o

espelho com a moldura folheada a

ouro descascada, à esquerda da

porta de entrada. Olho meu rosto

ressecado, enrugado, frio. Morto.

Enrolo um grande lenço negro em

volta dos cabelos presos. Quase um

xador.

As

velhas

daqui

são

condenadas a usar véu, ninguém quer

vê-las. É assim que as coisas são.

Até em Giverny. Principalmente em Giverny, o vilarejo da luz e das cores. As velhas são condenadas às sombras, à escuridão, à noite.

Inúteis. Invisíveis. Elas passam. E são esquecidas.

Para mim é melhor assim.

Viro-me uma última vez antes de descer a escadaria da minha torre de menagem. É assim que as pessoas se referem com mais frequência à torre do moinho de Chennevières, em Giverny. Torre de menagem. Num gesto automático, verifico que nada ficou fora do lugar e, no mesmo pensamento,

maldigo

minha

estupidez. Ninguém mais entra aqui.

Ninguém mais vai aparecer, nunca;

ainda assim, qualquer mínimo objeto
fora do lugar me deixa atormentada.

Uma espécie de distúrbio obsessivo
do comportamento, como se diz nos
artigos de jornal. Um transtorno
obsessivo-compulsivo,

que

não

incomoda ninguém além de mim.

No canto mais escuro, um
detalhe me irrita. Tenho a impressão
de que o quadro está um pouco torto
em relação à pilastra. Atravesso a
sala devagar. Empurro o canto
direito inferior da moldura para
fazê-la subir um pouquinho.

As minhas *Ninfeias*.

Negras.

Pendurei o quadro no lugar exato
em que não se pode vê-lo de

nenhuma janela, se é que alguém
poderia ver pela janela do quarto
andar de uma torreta normanda
construída no meio de um moinho.

Meu antro...

O quadro está pendurado no
trecho menos iluminado, em um
canto morto, mais exatamente. A
escuridão torna ainda mais sinistras
as manchas escuras a deslizar sobre
a água cinzenta.

As flores do luto.

As mais tristes que alguém já
pintou.

Desço a escada com dificuldade.

Saio. Netuno está me esperando no
pátio do moinho. Afasto-o da minha
bengala antes de ele pular no meu
vestido: esse cachorro não consegue
entender que controlo cada vez

menos meu equilíbrio. Levo vários minutos para trancar as três pesadas fechaduras, colocar o molho de chaves na bolsa e verificar uma última vez se todas as fechaduras estão bem trancadas.

Por fim, viro-me. No pátio do moinho, a grande cerejeira está perdendo as últimas flores. Uma cerejeira centenária, ao que parece.

Dizem que teria conhecido Monet!

As cerejeiras agradam muito em Giverny. Plantaram toda uma fileira delas ao redor do estacionamento do museu de arte americana, que um ano atrás virou o museu dos impressionistas.

Cerejeiras

japonesas, pelo que ouvi dizer. São menores, como árvores anãs. Acho

isso estranho, essas novas árvores exóticas, como se já não existissem árvores em quantidade suficiente no vilarejo. Mas enfim, é assim que as coisas são. Parece que os turistas americanos adoram o rosa das flores de cerejeira na primavera. Se alguém pedisse a minha opinião, diria que a terra do estacionamento e os carros cobertos de pétalas cor-de-rosa me parecem ter, digamos, um quê de Barbie. Mas ninguém quer saber a minha opinião. Aperto os envelopes contra o peito para que Netuno não os estrague. Subo com dificuldade a Rue du Colombier. Não me apresso; paro para recuperar o fôlego na sombra da entrada coberta de hera de uma pousada. O ônibus até

Vernon só vai passar daqui a duas horas. Tenho tempo, todo o tempo do mundo para brincar de ratinho preto.

Viro na Rue Claude-Monet. As malvas-rosas e as íris alaranjadas rebentam o asfalto feito ervas daninhas à margem das fachadas de pedra. Típico de Giverny. Prossigo no meu ritmo de octogenária. Como sempre, Netuno já está bem mais à frente. Acabo chegando ao Hotel Baudy.

As vidraças do estabelecimento mais famoso de Giverny estão escondidas

por

cartazes de exposições, galerias ou

festivais. Aliás, as vidraças têm

exatamente o mesmo tamanho dos

cartazes. Pensando bem, é estranho:

sempre

me

perguntei

se

era

coincidência, se o tamanho dos

cartazes era adaptado ao das

vidraças do hotel ou se, pelo

contrário, o arquiteto do Baudy era

um visionário que, já no século XIX,

ao projetar suas janelas, previra o

tamanho-padrão

dos

futuros

reclames publicitários.

Mas imagino que um enigma
desses não lhes interesse nem um
pouco.

Algumas

dezenas

de

visitantes estão acomodados numa
mesa diante do hotel, em cadeiras de
ferro verdes, debaixo de guarda-sóis
laranja, em busca da mesma emoção
da colônia de pintores americanos
que desembarcou no hotel há mais
de um século. Na verdade, isso
também é estranho. No século
passado,

pintores

americanos

vinham aqui, a este minúsculo
vilarejo normando, atrás de calma e
concentração. O oposto da Giverny

de hoje. Acho que não entendo nada da Giverny de hoje.

Acomodo-me em uma mesa livre e peço um café. Quem me serve é

uma

garçonete

nova,

uma

temporária. Está usando roupas curtas e um pequeno cardigã de estilo impressionista, com ninfeias lilases nas costas.

Usar ninfeias lilases nas costas também é estranho, não?

Eu, que vi o vilarejo se transformar ao longo de todo esse tempo, às vezes tenho a impressão de que Giverny virou um grande parque de diversões. Ou, melhor, um parque de impressões. Acho que

eles inventaram esse conceito! Fico ali, suspirando, como uma velha má que vive resmungando sozinha e não entende mais nada. Examino a multidão díspar que me cerca. Um casal de namorados lê a quatro mãos o mesmo guia Michelin. Três crianças com menos de 5 anos brincam no cascalho; seus pais devem pensar que estariam bem melhor na beira de uma piscina do que de um laguinho de sapos. Uma americana já meio passada tenta pedir

seu *café liégeois* em um francês digno de Hollywood.

Eles estão ali.

Os dois estão sentados a três mesas de mim. Quinze metros. Eu os reconheço, claro. Já os vi pela

janela do moinho, por trás das
minhas
cortinas.

O

inspetor

mergulhado no regato diante do
cadáver de Jérôme Morval e seu
tímido assistente.

Naturalmente,

estão

olhando

para outro lado, na direção da jovem
garçonete. Não na direção de um
velho ratinho preto.

5

PELAS LENTES DOS ÓCULOS escuros
do inspetor Sérénac, a fachada do
Hotel Baudy ganha um tom quase
sépia, estilo belle époque, e as
pernas da garçonete bonita que

atravessa a rua adquirem um tom de
cobre que lembra a cor de um
croissant dourado.

– Tá bom, Sylvio. Supervisione
de novo para mim todas as buscas na
margem do regato. Já foi tudo para o
laboratório, claro: as impressões
dos pés, a pedra, o corpo de
Morval. Mas pode ser que a gente
tenha esquecido alguma coisa. Sei
lá, o lavadouro, as árvores, a ponte.
Lá, você descobre. Dê uma volta e
veja se encontra alguma testemunha.

Já eu não tenho escolha, preciso
falar com a viúva Patricia Morval.
Pode me dar alguma informação
sobre esse tal Jérôme Morval?

– Posso sim, Laur... ahn, chefe.

Sylvio Bénavides tira uma pasta
de baixo da mesa. Sérénac segue a

garçonete com o olhar.

– Quer beber alguma coisa? Um

pastis? Um vinho branco?

– Ah, não, não. Nada.

– Nem um café?

– Não. Não. Não se preocupe.

Bénavides acaba cedendo:

– Está bem, um chá.

Laurenç Sérénac levanta a mão

com autoridade.

– Senhorita? Um chá e uma taça

de branco. Gaillac, se tiver.

Ele se vira para o assistente.

– É tão difícil assim me chamar

de você? Eu tenho o quê, Sylvio?

Sete, dez anos a mais do que você?

Nossa patente é a mesma. Não é

porque chefiou há quatro meses a

delegacia de Vernon que devo ser

chamado de “senhor”. No Sul, até os

novatos chamam os delegados de
"você".

– No Norte, é preciso saber
esperar. Essa hora vai chegar, chefe.

O senhor vai ver.

– Você com certeza tem razão.

Vamos dizer que tenho de me
adaptar... Mas, porra, acho muito
estranho meu assistente me chamar
de "chefe".

Sylvio torce as mãos como se

hesitasse

em

contradizer

seu

superior.

– Se me permite, não tenho
certeza de que seja uma questão de
diferença entre Norte e Sul. Por
exemplo, meu pai agora está

aposentado, mas passou a vida em Portugal e na França, construindo casas para patrões mais jovens do que ele que o tratavam de “você” e que ele tratava de “senhor”. Na minha opinião, é mais uma questão de, sei lá, gravata ou macacão de operário, mãos de unhas feitas ou sujas de graxa. Entende o que estou querendo dizer?

Laurenç Sérénac abre os braços, distanciando as laterais da jaqueta de couro da camiseta cinza.

– Está vendo alguma gravata aqui, Sylvio? Nós dois somos inspetores, porra.

Ele dá uma sonora risada.

– Enfim, como você mesmo disse, o “você” virá com o tempo.

Tirando isso, não mude mais nada.

Gosto

bastante

do

seu

lado

português de segunda geração que se

faz de modesto. Mas então, e esse tal

Morval?

Sylvio baixa a cabeça e lê suas

anotações com um ar estudioso:

– Jérôme Morval é um filho do

vilarejo que soube seguir o próprio

caminho. Morou em Giverny, mas a

família se mudou para Paris quando

ele ainda era menino. Papai Morval

também era médico, clínico geral,

mas sem grandes fortunas. Jérôme se

casou bastante jovem com uma tal

Patricia Chéron. Os dois tinham

menos de 25 anos. O resto é um belo

sucesso. O jovem Jérôme estuda
medicina,
especializa-se
em
oftalmologia,
abre
o
primeiro
consultório em Asnières com outros
cinco colegas, e depois, quando o
pai morre, investe a herança para
comprar um consultório individual
de
cirurgia
oftálmica
no
arrondissement

XVI.

Aparentemente, as coisas vão muito
bem. Pelo que entendi, ele seria um

especialista renomado em catarata e,
consequentemente,
teria
uma
clientela idosa. Dez anos atrás,
retorna às origens: Jérôme compra
uma das mais belas casas de
Giverny, entre o Hotel Baudy e a
igreja.

– Não tem filhos?

A garçonete traz as bebidas e se
afasta. Sérénac interrompe seu
assistente

logo

antes

de

ele

responder:

– Bonitinha a moça, hein? Um
belo compasso dourado debaixo da

saia, não?

Bénavides

hesita

entre

um

suspiro cansado e um sorriso

constrangido.

– Sim... não... enfim, em

relação aos Morval, quero dizer.

Nunca tiveram filhos.

– Bem... Algum inimigo?

– Morval levava uma vida de

celebridade um tanto limitada. Nada

de

política.

Nenhuma

responsabilidade em associações ou

coisas do tipo. Nenhum grupo de

amigos. Mas tinha...

– Veja só! Bom dia.

Bénavides sente a forma peluda
se enfiar debaixo da mesa. Dessa
vez, dá um suspiro evidente. Sérénac
estende a mão, na qual Netuno se
esfrega.

– Minha única testemunha por
enquanto

–

sussurra

Laurenç

Sérénac. – Oi, Netuno!

O cão reconhece o próprio
nome. Encosta-se na perna do
inspetor e espia com um ar desejoso
o torrão de açúcar no pires da xícara
de chá de Sylvio. Sérénac ergue o
dedo na direção do cachorro.

– Comporte-se, hein. Vamos
escutar o inspetor Bénavides. Ele
não

consegue

concatenar

duas

frases. Mas, Sylvio, o que você
estava dizendo?

Sylvio se concentra em suas
anotações e continua com um tom
monocórdico:

– Jérôme Morval tinha duas
paixões. Paixões que o devoravam,
como se diz. Às quais ele dedicava
todo o seu tempo.

Sérénac acaricia Netuno.

– Estamos avançando...

– Duas paixões, portanto. Para
resumir: pintura e mulheres. Com
relação à pintura, ao que parece,
estamos diante de um verdadeiro
coleccionador,

um

autodidata

bastante

talentoso,

com

uma

preferência

marcada

pelo

Impressionismo, claro. E com um

desejo, pelo que me disseram.

Jérôme Morval sonhava em ter um

Monet! E, se possível, não qualquer

Monet. Ele queria arrumar um

Ninfeias. Eis o que passava pela

cabeça do nosso oftalmologista...

Sérénac dá um assobio no

ouvido do cão.

– Só um Monet? Mesmo que o

seu consultório fizesse todas as

burguesas do XVI recuperarem a

visão, um *Ninfeias* parece muito além das possibilidades do nosso caro Dr. Morval. Mas duas paixões, dizia você. De um lado, as telas impressionistas. E, do outro, as mulheres?

– Boatos, boatos. Ainda que Morval não fizesse muito esforço para ser discreto. Seus vizinhos e colegas me falaram principalmente sobre a situação da mulher dele, Patricia. Casou jovem. Dependia financeiramente do marido.

Impossível se divorciar. Condenada a fechar os olhos, chefe, se é que o senhor me entende.

Laurenç Sérénac esvazia sua taça de branco.

– Se isto aqui for um Gaillac...

– comenta, com uma careta. –

Entendo o que você está dizendo,
meu Sylvio, e, no fim das contas,
estou começando a gostar desse
médico. Já conseguiu encontrar
alguma amante ou algum corno com
potencial para assassino?

Sylvio pousa a xícara no pires.

Netuno o encara com olhos úmidos.

– Ainda não. Mas ao que parece,
em relação às amantes, Jérôme
Morval também tinha uma busca,
uma obsessão...

–

Ah!

Uma

cidadela

inexpugnável?

– Pode-se dizer. Segure-se bem,

chefe: a mulher em questão é a professora da escola primária do vilarejo. A mais bonita do pedaço, e ele estava decidido a incluí-la entre seus troféus de caça.

– E daí?

– E daí que não sei mais nada.

Isso foi tudo o que pude tirar de uma conversa com seus colegas, a secretária e três galeristas com quem ele sempre trabalhava. Essa é a versão de Morval.

– A professora é casada?

–

É.

Com

um

marido

particularmente ciumento, pelo que dizem.

Sérénac se vira para Netuno.

– Estamos avançando, meu grandão. Esse Sylvio é muito bom, não é? Parece um pouco travado à primeira vista, mas na verdade é um craque, tem um cérebro e tanto.

Sérénac se levanta. Netuno se afasta correndo pela rua.

– Sylvio, espero que você não tenha esquecido as botas e a rede para chafurdar no Ru. Vou dar meus pêsames à viúva de Morval... Rue Claude-Monet, 71, é isso?

– É. Não tem como errar.

Giverny é um vilarejo minúsculo, construído na encosta de um morro.

São duas ruas paralelas compridas, a Rue Claude-Monet, que atravessa o vilarejo inteiro, e o Chemin du Roy, ou seja, a estrada regional no

fundo do vale que margeia o regato.
Fora isso, tem só uma série de
pequenas ruelas que sobem um
aclive um tanto pronunciado entre as
duas principais.

As

pernas

da

garçonete

atravessam a Rue Claude-Monet em
direção ao balcão do bar. As
malvas-rosas lambem as paredes do
Hotel Baudy, de tijolos e terracota,
como chamas de cor pastel no fundo
de uma lareira banhada de sol.
Sérénac acha a cena bonita.

6

SYLVIO TINHA RAZÃO: O número 71
da Rue Claude-Monet é sem dúvida
a casa mais bonita da rua. Persianas

amarelas, uma hera americana que
devora metade da fachada, uma feliz
mistura de pedras maciças e
enxaimel, gerânios a escorrer pelas
janelas e a transbordar de vasos
imensos:

uma
fachada
impressionista
por
excelência.

Patricia Morval deve ter o dedo
verde, ou no mínimo sabe orientar
um pequeno exército de jardineiros
competentes. Coisa que não deve
faltar em Giverny.

Pendurado a uma corrente em
frente a um portão de madeira, há um
sino de cobre. Sérénac o sacode.

Poucos segundos depois, Patricia

Morval aparece à porta de carvalho.

Estava

esperando

por

ele,

obviamente. O policial empurra o

portão enquanto ela se afasta para

deixá-lo entrar.

O inspetor Sérénac sempre

aprecia esse momento exato de uma

investigação. *A primeira impressão.*

Os poucos instantes de psicologia

pura que se deve aproveitar na hora.

Quem é essa mulher na sua frente?

Uma

apaixonada

tomada

pelo

desespero ou uma burguesa seca e

indiferente? Uma amante maltratada

pelo destino ou uma viúva alegre?

Agora rica. Enfim livre. Vingada
dos desvios de conduta do marido.

Estará fingindo ou não a dor do luto?

Por ora, não é fácil saber, pois os
olhos de Patricia Morval estão
escondidos atrás de grandes óculos
de lentes grossas que mascaram as
pupilas avermelhadas.

Sérénac entra no corredor. Na
realidade, trata-se de um vestíbulo
imenso, estreito e profundo. De
repente, para, estarrecido. A cobrir
a totalidade das duas paredes, em
uma extensão de mais de 5 metros,
há dois quadros imensos de ninfeias
em uma variação um tanto rara, com
tons de vermelho e dourado, sem céu
nem galhos de chorão. Pelo que
sabe, é sem dúvida a reprodução de

uma tela de Monet pintada nos seus últimos anos de vida, as últimas séries, posteriores a 1920. A dedução não é difícil, pois Monet seguiu uma lógica de criação simples: estreitar progressivamente o olhar, eliminar o cenário, concentrá-lo em um único ponto do lago, alguns metros quadrados, como se para conseguir atravessá-lo. Sérénac avança nesse estranho ambiente. O corredor tenta sem dúvida evocar as paredes do Orangerie, mesmo que esteja longe dos 100 metros lineares de *Ninfeias* expostos no museu de Paris.

Sérénac adentra uma sala. A
decoração é clássica, um pouco
carregada
demais
de
bibelôs
variados. A atenção do visitante é
atraída sobretudo pelos quadros
expostos. Uma dezena. Originais.
Até onde Sérénac sabe, alguns
nomes
estão
começando
a
representar um valor real, ao mesmo
tempo
artístico
e
financeiro.
Grebouval, Van Muylder, Gabar...

Pelo visto, Morval tinha bom gosto e
tino para investimentos. O inspetor
pensa que, se a viúva conseguir
manter distantes os abutres que
sentirão o cheiro do verniz, ficará
por muito tempo protegida de
qualquer necessidade.

Ele se senta. Patricia não
consegue ficar parada. Nervosa,
muda
de
lugar
objetos
já
perfeitamente
arrumados.

Seu
terninho roxo contrasta com a pele
leitosa um tanto opaca. Sérénac lhe
daria uns 40 anos, talvez menos.

Não chega a ser bonita, mas uma espécie de rigidez, de porte, lhe confere certo charme. Mais clássica do que classuda, diria o policial. Uma sedução minimalista, mas ensaiada.

– Tem certeza absoluta de que foi assassinato, inspetor?

Ela pergunta isso num tom mordaz, um pouco desagradável.

E continua:

– Já me contaram sobre a cena.

Não se pode cogitar um acidente?

Uma queda em cima de uma pedra, algo pontudo, e Jérôme se afoga...

– Por que não? Tudo é possível.

É preciso aguardar o parecer dos legistas. Mas no estado atual da investigação, devo lhe confessar, tudo leva a crer que se trate de

assassinato. Sem dúvida alguma.

Patricia Morval tortura entre os
dedos uma pequena estátua de Diana
caçadora pousada em cima do
aparador.

De

bronze.

Sérénac

retoma a direção da entrevista. Ele
faz as perguntas e Patricia Morval
responde quase com onomatopeias,
raramente mais de três palavras, em
geral as mesmas, praticamente sem
variar o tom. Ela sobe alto nos
agudos.

– Nenhum inimigo?

– Não, não, não.

– A senhora não observou nada
de especial nesses últimos dias?

– Não, não.

– Sua casa parece imensa. Seu marido morava aqui?

– Sim... Sim. Sim e não.

Sérénac não lhe deixa escolha; dessa vez, não permite sutilezas:

– A senhora tem de ser mais específica, madame Morval.

Patricia Morval separa com lentidão as sílabas, como se as contasse:

– Jérôme raramente passava a semana aqui.

Ele

tinha

um

apartamento ao lado do consultório,

n o *arrondissement XVI*, em Paris.

Boulevard Suchet.

O inspetor anota o endereço

enquanto reflete que fica bem
pertinho do Museu Marmottan. Com
certeza não é coincidência.

– Seu marido costumava dormir
fora?

Silêncio.

– Sim.

Os dedos nervosos de Patricia
Morval reorganizam um buquê de
flores recém-colhidas dentro de um
vaso
comprido
com
desenhos
japoneses. Uma imagem tenaz surge
na mente de Laurenç Sérénac:
aquelas flores vão apodrecer no
caule. A morte vai imobilizar aquela
sala. A poeira do tempo vai encobrir
aquela harmonia de cores.

– Vocês não tinham filhos?

– Não.

Um intervalo.

– Seu marido também não? Com outra mulher, quero dizer?

Patricia Morval compensa a hesitação com um timbre de voz uma oitava mais baixo:

– Não.

Sérénac não se apressa. Tira do bolso uma fotocópia do postal do *Ninfeias* encontrado no bolso de Jérôme Morval, vira-a e estende para a viúva. Patricia Morval se vê obrigada a ler as quatro palavras datilografadas: ONZE ANOS. FELIZ ANIVERSÁRIO.

– Encontramos este postal no bolso do seu marido – esclarece o inspetor. – Talvez a senhora tenha

algun primo? Filhos de amigos?

Qualquer criança a quem seu marido
pudesse enviar este postal de
aniversário?

– Não, não consigo pensar em
ninguém. Mesmo.

Ainda assim, Sérénac dá tempo
para Patricia Morval pensar antes de
insistir:

– E esta citação?

Os olhares de ambos se desviam
até o postal para ler as estranhas
palavras que vêm a seguir: *O crime
de sonhar eu consinto que seja
instaurado.*

– Não faço ideia! Sinto muito,
inspetor.

Ela

parece

sinceramente

indiferente. Sérénac põe o postal
sobre a mesa.

– É uma cópia, pode ficar, nós
temos o original. Vou deixar a
senhora
pensar.

Se

algo

lhe

ocorrer...

Patricia Morval se move cada
vez menos, como uma mosca que
entendeu que não vai conseguir fugir
do jarro. Sérénac prossegue:

– Seu marido já teve problemas?

Profissionais, quero dizer? Não sei,
uma cirurgia que deu errado? Um
paciente

insatisfeito?

Uma

reclamação?

A mosca subitamente volta a se tornar agressiva:

– Não! Jamais! O que o senhor está insinuando?

–

Nada.

Nada.

Fique

descansada.

O olhar dele abarca os quadros na parede.

– Seu marido tinha um gosto evidente pela pintura. A senhora

acha

que

ele

poderia

estar

envolvido, digamos, em alguma

espécie

de

tráfico,

alguma

intermediação, mesmo sem querer?

– O que está querendo dizer?

A voz da viúva torna a ficar

aguda, mais desagradável do que

antes. Um clássico, pensa o inspetor.

Patricia Morval se fecha em uma

negação de assassinato. Reconhecer

o assassinato do marido é admitir

que alguém poderia odiá-lo o

suficiente para matá-lo. É admitir,

de certa forma, a culpa do marido.

Isto Sérénac já aprendeu: é preciso

lançar luz sobre o lado escuro da

vítima sem com isso ofender a

viúva.

– Não estou querendo dizer

nada, nada de preciso. Garanto à
senhora, madame Morval. Estou só
procurando alguma pista. Fiquei
sabendo sobre a... digamos, a busca
do seu marido. Ter uma tela de
Monet. Isso era...

– A mais pura verdade, inspetor.
Era um sonho dele. Jérôme é tido
como um dos maiores conhecedores
de Claude Monet. Um sonho, sim.
Ter um Monet. Ele trabalhou muito
para isso. Era um ótimo cirurgião.
Teria merecido. Era um homem
apaixonado. E não qualquer tela,
inspetor. Um *Ninfeias*. Não sei se o
senhor consegue entender, mas era
isso que ele buscava. Uma tela
pintada aqui, em Giverny. No
vilarejo dele.

Aproveitando a frase da viúva, o

cérebro de Sérénac se agita. *A primeira impressão!* Nos minutos desde que iniciou a conversa com Patricia Morval, ele começou a formar uma opinião sobre a natureza de seu luto. E, contrariando todas as expectativas, essa impressão tende cada vez mais na direção da paixão arrebatada, do amor fulminado, do que na direção cansada, mal iluminada: a da indiferença da mulher negligenciada.

– Sinto muito importuná-la desta forma, madame Morval. Mas nós dois temos o mesmo objetivo: descobrir o assassino do seu marido. Vou ter de lhe fazer perguntas mais... pessoais.

Patricia

Morval

parece

se

imobilizar na pose do nu pintado por
Gabar pendurado na parede oposta.

– Seu marido nem sempre foi,
digamos, fiel. A senhora acha que...

Sérénac percebe a emoção de
Patricia. Como se, dentro dela,
lágrimas íntimas tentassem apagar o
incêndio de seu ventre.

Ela o interrompe:

– Meu marido e eu nos
conhecemos muito jovens. Ele me
cortejou por muito, muito tempo, a
mim e a outras. Demorei muitos anos
para ceder. Jovem, ele não era do
tipo que faz as meninas sonharem.
Não sei se o senhor entende o que
estou tentando explicar. Era sem
dúvida um pouco sério demais, um

pouco tedioso. Ele... não confiava em si mesmo em relação ao sexo oposto. Dá para sentir essas coisas. Depois, com o tempo, tornou-se bem mais seguro de si, bem mais sedutor, bem mais interessante. Acho que tenho grande responsabilidade nisso, inspetor. Ele também ficou mais rico. Jérôme, na idade adulta, tinha algumas revanches penderes em relação às mulheres... Às mulheres, inspetor. Não a mim. Não sei se o senhor consegue entender.

Espero que sim, pensa Sérénac, ao mesmo tempo que considera que vai precisar de nomes, fatos, datas.

Depois...

Patricia Morval insiste:

– Espero que o senhor tenha tato, inspetor. Giverny é um vilarejo

pequeno, que mal chega a algumas centenas de moradores. Não mate Jérôme uma segunda vez. Não suje seu nome. Ele não merece. Tudo, menos isso.

Laurenç Sérénac balança a cabeça num gesto tranquilizador.

As primeiras impressões... Ele agora já tem uma convicção. Sim, Patricia Morval amava o seu Jérôme. Não, não o teria matado por dinheiro.

Mas por amor, quem pode garantir?

Um último detalhe lhe chama a atenção, foram as flores no vaso japonês que o convenceram: o tempo naquela casa parou. O relógio de pé deixou de funcionar na véspera!

Naquela sala, cada centímetro

quadrado ainda respira as paixões de Jérôme Morval. Só as dele. E permanecerá assim por toda a eternidade. Os quadros nunca mais serão tirados das paredes. Os livros nas estantes da biblioteca nunca mais serão abertos. Vai permanecer tudo inerte, como um museu deserto em homenagem a um sujeito que todos já esqueceram. Um apreciador de arte que não vai deixar nada para a posteridade. Um apreciador de mulheres que, sem dúvida, nenhuma delas vai prantear. Exceto a sua, aquela que ele negligenciava. Uma vida inteira acumulando reproduções. Sem descendentes. A luz da Rue Claude-Monet cega o inspetor. Ele espera menos de três minutos e Sylvio aparece no final da

rua, sem botas, mas com a barra da calça suja de terra. Sérénac acha isso engraçado. Sylvio Bénavides é um sujeito bacana. Com certeza, bem mais esperto do que seu lado metuculoso deixa transparecer. Por trás dos óculos de sol, Laurenç Sérénac se demora a detalhar a fina silhueta de seu assistente, cuja sombra se alonga pelas paredes das casas. Sylvio não é propriamente magro. Estreito seria mais exato, já que paradoxalmente é possível distinguir uma barriga saliente por baixo da camisa quadriculada abotoada até o pescoço e da calça apertada de lona bege. Sylvio seria

mais largo de perfil do que de frente, pensa Laurenç, achando graça. Um cilindro! Isso não o torna feio, muito pelo contrário. Confere-lhe uma espécie de fragilidade, um tamanho de jovem tronco de árvore, liso e maleável, como se fosse capaz de se vergar sem jamais quebrar.

Sylvio se aproxima com um sorriso nos lábios. Na verdade, o que Laurenç menos aprecia no assistente, pelo menos de um ponto de vista físico, é a mania que tem de pentear os cabelos curtos e lisos para trás, ou de lado, com um repartido de seminarista. Com certeza, um simples corte escovinha bastaria para transformá-lo. Sylvio Bénavides para na frente dele e leva as mãos ao quadril.

– Então, chefe? E a viúva?

– Muito viúva! Muito, muito

viúva. E o seu trabalho de perícia?

– Nenhuma novidade. Conversei com alguns vizinhos, que estavam dormindo na manhã do assassinato e não sabem nada. Quanto aos outros indícios, veremos. Está tudo dentro de vidros ou de plásticos... Vamos para casa?

Sérénac consulta o relógio de pulso. São 16h30.

– Vamos. Quero dizer, vá você.

Tenho um encontro ao qual não posso faltar.

Diante da expressão espantada do assistente, ele explica:

– Não gostaria de perder a saída da escola.

Sylvio Bénavides pensa ter

entendido.

– Em busca de uma criança de
11 anos que estaria comemorando o
aniversário em breve?

Sérénac lhe dá uma piscadela
cúmplice.

– Digamos que sim. E também
quero
conhecer

a

tal

joia

impressionista,

a

professora

primária tão cobiçada por Jérôme

Morval quanto uma tela de Monet.

7

ESPERO O ÔNIBUS SOB as tílias da
pequena praça onde ficam a

prefeitura e a escola. É o canto mais
sombreado do vilarejo, apenas
alguns metros acima da Rue Claude-
Monet. Estou praticamente sozinha.
Sério, esse vilarejo ficou estranho:
poucos metros e um simples final de
rua bastam para passar das hordas
das filas de espera dos museus ou
galerias de pintura tomados de
assalto às ruelas desertas de um
vilarejo rural.

O ponto de ônibus fica em frente
à escola, ou quase. As crianças
brincam no pátio atrás da grade.
Parado um pouco mais afastado,
debaixo de uma tília, Netuno espera
impaciente as crianças serem soltas
da jaula. Ele adora correr atrás
delas.

Logo em frente à escola pública,

foi instalado o ateliê da Art Gallery
Academy. O slogan está pintado na

parede

em

letras

imensas:

OBSERVAÇÃO COM IMAGINAÇÃO.

Nada mau! Durante o dia inteiro, um

regimento

de

aposentados

claudicantes,

com

a

cabeça

encimada por chapéus de pescador

ou panamá, sai da galeria e se

espalha pelo vilarejo. Em busca da

inspiração divina. Impossível não os

ver na cidade, com o crachá

vermelho e o carrinho de vovó para empurrar o cavalete.

Não é ridículo? Um dia alguém vai me explicar por que o feno daqui, os pássaros nas árvores ou a água do rio não têm a mesma cor que em outros lugares do mundo.

Eu não entendo. Devo ser muito burra, devo ter morado aqui por tempo de mais. Só pode ser isso, como quando se vive por muito tempo com um homem bonito. Em todo caso, esses invasores não vão embora como os outros, às seis da tarde, nos seus ônibus. Eles ficam até o cair da noite, dormem ali mesmo, partem quando o sol nasce. São em sua maioria americanos. Eu talvez não passe de uma velha que observa todo esse circo através da

catarata, mas vocês não podem me
impedir de pensar que um desfile
assim de velhos pintores em frente à
escola
acaba
influenciando
as
crianças do vilarejo, acaba pondo
ideias
na
sua
cabeça.

Não
concordam?

O inspetor viu Netuno debaixo da
tília. Sinceramente, esses dois não
se largam mais! Ele provoca o cão
com uma mistura de luta brincalhona
e carinhos. Eu me mantenho afastada
no meu banco, qual uma estátua de

ébano. Talvez vocês achem estranho uma velha como eu passear assim por Giverny sem ninguém, ou quase ninguém, reparar nela. Muito menos a polícia. Vou lhes dizer uma coisa: experimentem.

Postem-se

numa

esquina de rua, qualquer uma, num bulevar de Paris, na praça da igreja de um vilarejo, onde quiserem; basta ser um lugar onde há muita gente.

Parem ali o quê, dez minutos, e contem as pessoas que passarem.

Vão ficar impressionados com a quantidade de idosos. É bem provável que eles serão mais numerosos do que os outros.

Primeiro, porque é assim, não param de nos repetir: há cada vez mais

velhos no mundo. Segundo, porque os velhos não têm mais o que fazer a não ser vagar pelas ruas. Por fim, e principalmente, porque

ninguém

presta atenção neles; é assim que as coisas são. As pessoas prestam atenção na barriga de fora de uma moça, se espremem para deixar passar o executivo que aperta o passo ou o grupo de jovens que ocupa a calçada inteira, deixam o olhar se demorar no carrinho com o bebê dentro e a mamãe atrás. Mas um velho ou uma velha... Eles são invisíveis.

Justamente

por

avançarem tão devagar que chegam a fazer parte do cenário, como uma

árvore ou um poste de rua. Se não acreditam, experimentem. Parem nem que seja por dez minutos. Vocês vão ver.

Enfim, voltando ao nosso assunto, e como tenho o privilégio de ver sem ser vista, posso lhes confessar: é preciso reconhecer que ele é muito charmoso, esse jovem policial, com sua jaqueta de couro curta, o jeans justo, a barba rente, os cabelos revoltos e louros como um trigo depois da chuva. Dá para entender que se interesse mais pelas professoras melancólicas do que pelas velhas loucas da cidade.

8

APÓS

UM

ÚLTIMO

CARINHO

demorado, Laurenç Sérénac larga

Netuno e vai em direção à escola.

Quando chega a 10 metros da porta,

umas vinte crianças de idades

variadas passam por ele aos gritos.

Como se ele as fizesse fugir.

As feras estão soltas.

Uma menina de seus 10 anos

corre na frente, marias-chiquinhas

ao vento. Netuno, como que movido

por uma mola, põe-se a correr junto

com ela. Os outros vão atrás,

descem correndo a Rue Blanche-

Hoschedé-Monet e se dispersam na

Rue Claude-Monet. Do mesmo modo

repentino com que se animou, a
praça da prefeitura volta a ficar em
silêncio. O inspetor avança mais
alguns metros.

Por muito tempo depois, Laurenç
Sérénac vai recordar esse milagre.
Por toda a vida. Vai pesar cada som,
os gritos das crianças se dissipando,
o barulho do vento nas tílias; cada
cheiro, cada centelha de luz, a
brancura das pedras da prefeitura, a
trepadeira presa ao corrimão dos
sete degraus que levam até a porta.

Não

esperava

isso.

Não

esperava nada.

Muito

tempo

depois,

vai

entender que o que o fulminou foi um contraste, um ínfimo contraste, poucos segundos, se tanto. Stéphanie Dupain estava em pé em frente à porta da escola e não o tinha visto.

Por um instante, Laurenç cruzou seu olhar perdido na direção das crianças que fugiam rindo, como se carregassem nas mochilas os sonhos da professora.

Uma leve melancolia, como uma frágil borboleta.

Então, logo depois, Stéphanie percebe a presença do visitante. Na mesma hora, o sorriso aparece, os olhos lilases brilham.

– Pois não?

Stéphanie Dupain oferece ao

desconhecido seu frescor. Uma imensa lufada de frescor, lançada aos quatro ventos, às paisagens dos artistas, à contemplação dos turistas, ao riso das crianças nas margens do Epte. Ela não guarda nenhuma parte dele para si. É um dom absoluto.

Sim, o que mexeu tanto com Laurenç Sérénac foi o contraste.

Aquela
melancolia
educada.

Dissimulada. Como se ele houvesse entrevisto, por um instante apenas, a caverna de um tesouro e, a partir de então, tivesse como obsessão única encontrar a entrada.

Sorrindo também, ele balbucia:
– Inspetor Laurenç Sérénac, da delegacia de Vernon.

Ela estende a mão delicada.

– Stéphanie Dupain. Única
professora da única turma da cidade.

Seus olhos riem.

É bonita. Mais do que bonita, na
verdade. Os olhos claros em tons de
ninfeias alcançam todas as nuances
do azul e do lilás, dependendo do
sol. Os lábios rosa-claro parecem
maquiados com giz. O vestidinho
leve revela ombros nus quase
brancos. Uma pele de porcelana. Um
coque meio desarrumado aprisiona
os longos cabelos castanho-claros.

Uma fantasia contida.

Jérôme Morval com certeza
tinha bom gosto, e não só em matéria
de pintura.

– Entre. Tenha a bondade.

O frescor dentro da escola contrasta

com o calor a que estivera exposto na rua. Quando Laurenç adentra a pequena sala e observa as cerca de vinte carteiras, experimenta uma espécie de emoção agradável diante daquela súbita intimidade.

Seu olhar desliza até os imensos mapas expostos na parede. França, Europa, mundo.

Belos mapas, deliciosamente antigos. Seus olhos se detêm de repente em um cartaz próximo à mesa da professora.

DESAFIO INTERNACIONAL JOVENS

PINTORES

JOVENS PINTORES

Fundação Robinson

Escola de Artes do Brooklyn e

Academia

de Belas Artes da Pensilvânia,

Filadélfia

A introdução lhe parece ideal.

– Seus alunos vão se inscrever?

Os olhos de Stéphanie se

acendem.

– Vão. Eles se inscrevem todo ano! É quase uma tradição aqui.

Theodore Robinson foi um dos primeiros pintores americanos a vir pintar em Giverny com Claude Monet. Era o hóspede mais assíduo do Hotel Baudy. Depois se tornou um professor de arte famoso nos Estados Unidos... Nada mais natural que as crianças de Giverny hoje participem do concurso da sua fundação, o senhor não acha? Sérénac meneia a cabeça.

– E os vencedores ganham o quê?

– Alguns milhares de dólares, nada mau... E, principalmente, um estágio de várias semanas numa prestigiosa escola de arte. Nova York, Tóquio, São Petersburgo... Cada ano é uma cidade diferente.

– Impressionante. Algum aluno de Giverny já ganhou?

Stéphanie Dupain ri com vontade e dá um tapinha no ombro de Laurenç Sérénac.

Sem malícia. Ele estremece.

– Não, imagine. Milhares de escolas no mundo todo participam do concurso. Mas vale a pena tentar, não é? Sabia que os filhos do próprio Claude Monet, Michel e Jean, se sentaram nos bancos desta

escola?

– Já Theodore Robinson nunca

voltou à Normandia, acho eu.

Stéphanie Dupain encara o

inspetor, estupefata. Arregala bem

os olhos e o inspetor pensa perceber

neles um quê de admiração.

– Vocês estudam história da arte

na academia de polícia?

– Não. Mas é possível ser da

polícia e gostar de pintura, não?

Ela enrubesce.

– *Touché*, inspetor.

Suas

faces

de

porcelana

adquirem o mesmo rosa de flores

selvagens, salpicado por sardas. Os

olhos lilases inundam o recinto.

– O senhor tem toda a razão.

Theodore Robinson morreu aos 43 anos, em Nova York, de uma crise de asma, apenas dois meses depois de escrever ao amigo Claude Monet para organizar sua volta a Giverny. Nunca mais voltou à França. Seus herdeiros criaram uma fundação e esse concurso internacional de pintura em 1896, alguns anos depois da sua morte. Mas estou chateando o senhor. Imagino que não tenha vindo aqui para ouvir uma aula...

– Eu adoraria.

Sérénac só disse isso para vê-la corar outra vez. E o resultado foi até melhor do que esperava.

O inspetor insiste:

– E a senhora? A senhora pinta?

Mais uma vez os dedos da jovem

se perdem no ar e quase encostam no peito do inspetor. O policial se obriga a ver nesse gesto apenas um reflexo de professora acostumada a se inclinar na direção dos alunos, a conversar com eles olhando nos olhos, a tocá-los.

Incendiária inocente?

Ele torce para não estar corando tanto quanto ela.

– Não, não. Eu não pinto. Não tenho... não tenho talento nenhum.

Por um breve instante, uma nuvem passa diante do brilho de suas íris.

– E o senhor? Seu sotaque não é de Vernon. Nem seu nome de batismo, Laurenç. Não é muito comum por aqui.

– Boa observação. Laurenç é o

mesmo que Laurent em provençal.

Para ser mais exato, meu dialeto pessoal seria o de Albi. Acabei de ser transferido.

– Bem-vindo, então! Albi? Seu gosto pela pintura vem de Toulouse-Lautrec, então? Cada um com seu pintor.

Ambos sorriem.

– Em parte... A senhora tem razão. Lautrec representa para os albigenses o que Monet representa para os normandos.

– O senhor sabe o que Lautrec dizia sobre Monet?

– Vou decepcioná-la, confesso que nem sabia que os dois se conheciam.

– É claro que se conheciam! Mas Lautrec achava os impressionistas

brutos. Chegou a chamar Monet de babaca... Sim, usou essa palavra, "babaca", porque desperdiçava seu imenso talento pintando paisagens em vez de seres humanos!

– Que bom que Lautrec morreu antes de ver Monet se transformar em eremita e só pintar nenúfares durante trinta anos.

Stéphanie ri com vontade.

– É um modo de ver as coisas.

Na realidade, pode-se considerar que Lautrec e Monet escolheram dois

destinos

opostos.

Para

Toulouse-Lautrec, uma vida efêmera de libertinagem perseguindo a

luxúria da alma humana; para Monet,

uma

longa

vida

contemplativa

dedicada à natureza.

– Mais complementares do que
opostos, não? Será que é preciso
mesmo escolher? Não podemos ter
as duas coisas?

Stéphanie dá um sorriso sem
graça.

– Sou incorrigível, inspetor.

Imagino que não tenha vindo aqui
conversar comigo sobre pintura.

Está investigando o assassinato de
Jérôme Morval, não é?

Ela se senta na mesa, quase na
mesma altura do tórax de Sérénac.

Cruza as pernas com naturalidade. O
tecido de algodão escorrega até o

meio da coxa. Laurenç Sérénac fica sem ar.

– O que isso tem a ver comigo?

– sussurra a voz inocente da professora.

9

O ÔNIBUS PAROU BEM em frente à praça da prefeitura. Ao volante, uma mulher. Ela não tem sequer um

aspecto

masculino

ou

de

caminhoneiro, não, é só uma mulher

miúda que poderia muito bem ser

enfermeira ou secretária. Não sei se

vocês repararam, mas cada vez mais

são as mulheres que dirigem esses

imensos veículos. Principalmente na

zona rural. Há algum tempo nunca se

viam mulheres dirigindo ônibus. Isso com certeza se deve ao fato de, nos vilarejos, apenas os velhos e as crianças usarem agora o transporte público. Sim, só pode ser por isso que chofer de ônibus não é mais uma profissão masculina.

Ergo a perna com dificuldade até o degrau do ônibus. Pago à motorista, que me devolve o troco com um gesto seguro de caixa.

Acomodo-me na parte da frente.

Metade dos lugares está ocupada, mas sei por experiência que muitos turistas vão embarcar na saída de Giverny; a maioria desce na estação de Vernon. Depois disso, não existe ponto logo em frente ao Hospital de Vernon, mas, em geral, os motoristas ficam com pena das minhas pobres

pernas e me deixam saltar antes.

Vocês agora entendem: as mulheres dirigem ônibus porque aceitam esse tipo de coisa.

Penso em Netuno. Ontem peguei um táxi para voltar de Vernon.

Custou-me exatamente 34 euros!

Uma quantia e tanto, não acham, para menos de 10 quilômetros?

Bandeirada noturna, disse-me o sujeito ao volante do seu Renault

Espace. Eles aproveitam, claro;

sabem muito bem que depois das

nove da noite não passa mais

nenhum ônibus para Giverny. Aliás,

diga-se de passagem, reparem bem

que os taxistas são sempre homens,

nunca mulheres. É bem provável que

passem a noite inteira rodando em

volta do hospital, feito abutres, só

para espreitar a saída de viúvas que nunca aprenderam a dirigir. Nesse horário, apostam que ninguém vai regatear o preço! Enfim... Digo isso, mas talvez ficasse bem feliz em encontrar um táxi daqui a pouco. Porque esta noite, pelo que os médicos disseram, pode muito bem ser a última. De modo que a coisa talvez dure uma boa parte da noite. Fico realmente chateada por deixar Netuno fora de casa.

10

NA SALA DE AULA da escola de Giverny, o inspetor Laurenç Sérénac tenta não grudar os olhos na pele nua das pernas da professora. Vasculha o bolso com gestos canhestros enquanto Stéphanie

Dupain

o

observa com um olhar inocente,
como se sua pose sentada em cima
da mesa com as coxas cruzadas
fosse a mais natural do mundo. Em
geral, reflete Laurenç Sérénac,
nenhum aluno da sua turma deve ver
malícia nisso. Em geral...

– Então? – torna a perguntar a
professora. – O que isso tem a ver
comigo?

Os dedos do inspetor acabam
por extrair do bolso uma fotocópia
do postal do *Ninfeias*.

ONZE

ANOS.

FELIZ

ANIVERSÁRIO.

Ele lhe estende o postal.

– Encontramos isto no bolso de
Jérôme Morval.

Stéphanie Dupain destrincha a
frase com atenção. Quando se
inclina e se vira levemente de perfil,
o raio de sol que vem da janela se
reflete no papel branco e ilumina seu
rosto, numa pose de leitora rodeada
por um halo de luz que sugere
Fragonard. Degas. Vermeer. Por um
segundo, uma estranha impressão
passa pela cabeça de Sérénac:
nenhum dos gestos daquela jovem é
espontâneo, a graça de cada
movimento é demasiado perfeita,
calculada,
estudada. *Ela*
está
posando para ele. Stéphanie Dupain
se empertiga com elegância, os

lábios

de

giz

se

abrem

delicadamente e deixam escapar um hábito invisível que transforma em pó as ridículas desconfianças do policial.

– Os Morval não tinham filhos.

Então o senhor pensou na escola.

– Sim. Todo o mistério está aí.

Tem alguma criança de 11 anos na sua turma?

– Muitas, claro. Tenho alunos de mais ou menos todas as idades, de 6 a 11 anos. Mas, que eu saiba, nenhum deles faz aniversário nos próximos dias ou semanas.

– A senhora poderia nos dar uma

lista exata? Com o endereço dos pais, as datas de nascimento, enfim, tudo o que possa ser útil?

– Isso pode ter ligação com o assassinato?

– Pode ser que sim, pode ser que não. Por enquanto, estamos Tateando, seguindo várias pistas. Por exemplo, só para saber, essa frase significa alguma coisa para a senhora?

Sérénac conduz o olhar de Stéphanie até a parte inferior do postal. Ela franze de leve o cenho num esforço de concentração. Ele adora cada um de seus movimentos. Ela continua a ler. As pálpebras se agitam, a boca treme, a nuca se dobra. Uma mulher lendo sempre foi uma fantasia do inspetor. Como ela o poderia estar manipulando? Como

poderia saber?

O crime de sonhar eu consinto

que seja instaurado.

– Então... não significa nada

para a senhora? – balbucia Sérénac.

Stéphanie Dupain se levanta

bruscamente. Caminha até a estante

de livros, se abaixa, em seguida

torna a se virar, toda sorrisos.

Estende-lhe

um

livro

branco.

Laurenç tem a impressão de que o

coração da professora está batendo

a ponto de estourar o peito debaixo

do vestido de algodão, como um

passarinho trêmulo que não se atreve

a passar pela porta aberta da gaiola.

Um segundo depois, ele se pergunta

por que lhe veio essa imagem
ridícula. Tenta se concentrar no
assunto em pauta.

– Louis Aragon – diz a voz
límpida de Stéphanie. – Desculpe,
inspetor,
vou
ser
novamente
obrigada a lhe dar uma aula...

Laurenç afasta um caderno e se
senta numa das carteiras dos alunos.

– Já falei. Adoro isso.

Ela torna a rir.

– O senhor não é tão versado em
poesia quanto em pintura, inspetor.

A frase do postal é um trecho de um
poema de Louis Aragon.

– A senhora é incrível...

– Não, não, não tenho mérito

algum. Em primeiro lugar, Louis Aragon era um frequentador de Giverny, um dos únicos artistas que ainda se mudaram para o vilarejo depois da morte de Claude Monet, em 1926. Além disso, esse trecho é de um famoso poema dele, o primeiro que foi censurado pelo regime de Vichy, em 1942. Me perdoe mais uma vez pela aula, inspetor, mas quando lhe disser o título do poema o senhor vai entender por que é uma tradição aqui no vilarejo ensiná-lo todos os anos às crianças da escola...

—

“Impressões”?

—

arrisca

Sérénac.

– Errou. Por pouco. Aragon

batizou seu poema de “Ninfeu”.

Laurenç Sérénac tenta organizar

as informações, ordená-las.

– Se estou entendendo bem,

Jérôme Morval logicamente também

devia conhecer a origem desses

estranhos versos.

Ele passa alguns segundos

pensando, hesitante a respeito de

que atitude adotar.

– Obrigado. Poderíamos ter

levado muitos dias para descobrir

isso. Mesmo que, por enquanto, eu

não entenda como essa informação

nos faz avançar.

O inspetor se vira para a

professora. Ela está em pé na sua

frente, seus rostos quase na mesma

altura, afastados uns 30 centímetros.

– Stéphanie... Posso chamá-la
de Stéphanie? A senhora conhecia
Jérôme Morval?

Os olhos lilases o encaram. Ele
quase não hesita. Mergulha.

– Giverny é um lugar minúsculo
– responde ela. – Algumas centenas
de habitantes...

O inspetor já ouviu isso antes!

– Isso não é resposta, Stéphanie.

Silêncio. Vinte centímetros os
separam.

– Sim... eu o conhecia.

A superfície lilás das íris está
cheia de luz. O inspetor transpira.

Precisa insistir. Ou se entregar.

Todo o seu cinismo fajuto não lhe
serve de nada.

– Existem... existem boatos.

–

Não

fique

constrangido,

inspetor. É claro que estou sabendo.

Esses boatos... Jérôme Morval era

um mulherengo, é assim que se diz,

não? Não, não vou fingir que ele não

tentou se aproximar de mim. Só

que...

Seus olhos de ninfeia se

obscurece. Uma leve brisa.

– Eu sou casada, inspetor

Sérénac. Sou a professora primária

deste vilarejo. Morval, de certa

forma, era o médico. Seria ridículo

pôr o senhor nesse tipo de pista

louca... Nunca aconteceu nada entre

Jérôme Morval e eu. Em vilarejos

como o nosso, sempre existem

pessoas para espionar as outras,

espalhar

mentiras,

inventar

segredos...

– Não está mais aqui quem falou.

Me perdoe se fui inconveniente.

Ela sorri, bem diante de sua boca, e de repente desaparece de novo na direção da estante.

– Tome, inspetor. Já que o senhor tem coração de artista...

Laurenç constata, estupefato, que Stéphanie está lhe estendendo outro livro.

– Para sua cultura pessoal.

Aureliano, o mais belo romance de Louis Aragon. As cenas mais importantes acontecem em Giverny. Do capítulo 60 ao 64. Tenho certeza de que o senhor vai adorar.

– Obri... obrigado.

O inspetor não encontra mais nada a dizer e se recrimina interiormente pelo próprio mutismo. Stéphanie o pegou desprevenido. O que Aragon tem a ver com aquela história toda? Ele sente que algo lhe escapa, como uma derrapagem, uma perda de controle. Pega o livro com uma segurança forçada, cola-o à coxa com o braço inerte e estende a mão para Stéphanie. A professora a aperta.

Um aperto um pouco forte demais.

Um pouco demorado demais.

Um ou dois segundos. Só o tempo de a sua imaginação se soltar. Aquela mão dentro da sua parece se agarrar, parece gritar: “Não me

solte. Não me abandone. Você é
minha única esperança, Laurenç.
Não me deixe chegar ao fundo.”

Stéphanie sorri. Seus olhos
cintilam.

Ele deve ter sonhado, claro. Está
ficando louco. Está embaralhando os
pincéis
em
sua
primeira
investigação normanda.

Aquela
mulher
não
está
escondendo nada.

Ela é bonita, só isso. E pertence
a outro homem.

Claro!

Enquanto recua, ele balbucia:

– Stéphanie, a senhora... não esqueça de fazer a lista das crianças. Amanhã mando um agente vir buscá-la.

Ambos sabem que ele não vai mandar agente nenhum, que ele próprio vai voltar, e que ela também assim espera.

11

O ÔNIBUS DE VERNON vira na Rue Claude-Monet e toma a direção da igreja, na parte do vilarejo em que o fluxo de turistas é menos intenso.

Por assim dizer. Adoro atravessar o vilarejo assim, de ônibus, sentada na frente,
diante
de
uma

tela

panorâmica que desfila. Passo pelas galerias Demarez e Kandy, pela corretora de imóveis Immo-Prestige, pela pousada de Clos-Fleury, pelo Hotel Baudy. O ônibus alcança um grupo de crianças que caminha pela rua de mochila nas costas. Quando a motorista buzina, elas se afastam para o lado, esmagando sem escrúpulos malvas-rosa e íris. Duas outras crianças correm um pouco mais na frente e adentram a campina em frente ao Hotel Baudy. Eu os reconheço: os dois não se largam. Paul e Fanette. Vejo também Netuno, que corre ao lado deles no meio do feno. Esse cachorro não larga as crianças, principalmente Fanette, a meninas das marias-chiquinhas.

Vou lhes dizer uma coisa: acho
que estou ficando gagá. Vivo
preocupada
com
meu
velho
cachorro, mas ele se vira muito bem
sem mim com as crianças da cidade.
No final da rua, vejo a parada
seguinte do ônibus. Não consigo
reprimir um suspiro. Um verdadeiro

êxodo! Mais de vinte passageiros esperando, carregados com malas de rodinhas, mochilas, sacos de dormir e, claro, grandes telas envoltas em papel pardo.

12

FANETTE SEGURA A MÃO de Paul.
Os dois estão escondidos atrás do monte de feno, na grande campina que separa o Chemin du Roy da Rue Claude-Monet, na altura do Hotel Baudy.

—

Shh,

Netuno.

Sai!

Vão

descobrir a gente...

O cão olha para as duas crianças

de 11 anos sem entender. Seu pelo está coberto de palha.

– Sai! Seu burro!

Paul dá uma risada sonora. Sua camisa está aberta. Ele jogou a mochila de lado.

Gosto da risada de Paul, pensa Fanette.

– Olha eles ali! – exclama a menina de repente. – No final da rua! Venha...

Eles saem correndo. Paul mal tem tempo de pegar a mochila. Seus passos ecoam pela Rue Claude-Monet.

– Mais rápido, Paul! – grita de novo Fanette, segurando a mão do menino.

O vento faz suas marias-chiquinhas voarem.

– Ali!

Ela se vira bruscamente na altura da igreja de Sainte-Radegonde, sobe o acesso de cascalho sem diminuir o passo e se deita atrás da grossa sebe verde. Dessa vez, Netuno não vem atrás deles: está farejando o fosso do outro lado da estrada e fazendo xixi nas casas baixas. Por causa do aclave do morro, a impressão é que elas estão enterradas. Paul abafa um acesso de riso.

– Shh, Paul. Eles não vão demorar a passar. Assim você vai fazê-los descobrir a gente.

Paul recua um pouco. Senta-se no túmulo branco atrás de si. Uma das nádegas sobre a lápide dedicada a Claude Monet, a outra sobre aquela dedicada a sua segunda

esposa, Alice.

– Cuidado, Paul! Não sente no
túmulo do Monet...

– Desculpe.

– Tudo bem!

*Também gosto muito de Paul
quando o repreendo e ele se
desculpa fazendo-se de tímido.*

Enquanto

Fanette

também

reprime um acesso de riso, Paul
avança, sem conseguir evitar se
apoiar nas outras lápides do
mausoléu, as dos outros integrantes
da família Monet.

Fanette espia por entre os
galhos. Escuta passos.

São eles!

Camille, Vincent e Mary.

Vincent é o primeiro a chegar.

Observa o entorno com uma
concentração digna de índio. Olha
Netuno com um ar desconfiado,
então grita:

– Fanette! Cadê você?

Paul

reprime

outra

risada.

Fanette leva a mão à boca.

Camille chega por sua vez à
altura da igreja. É mais baixo do que
Vincent. Os braços rechonchudos e a
barriga transbordam da camisa
aberta. Está ofegante. O gordinho do
grupo, como sempre existe um.

– Você os viu?

– Não! Eles devem ter ido mais
longe.

Os dois meninos prosseguem seu caminho. Vincent grita, ainda mais alto:

– Fanette! Cadê vocêêê?

A voz estridente de Mary ecoa um pouco mais atrás:

– Vocês podiam me esperar!

Quase um minuto depois de Camille e Vincent passarem, Mary para diante da igreja. É uma menina um tanto alta para os seus 10 anos. Debaixo dos óculos, está chorando.

– Meninos, me esperem! Fanette que se dane! Me esperem!

Ela vira a cabeça na direção dos túmulos; por reflexo, Fanette se deita por cima de Paul. Mary não vê nada e acaba seguindo em frente até a Rue Claude-Monet, arrastando as sandálias no asfalto de tanta raiva.

Ufa...

Fanette se levanta, sorridente.

Ajeita as marias-chiquinhas. Paul
limpa o cascalho que grudou na sua
calça.

– Por que você não quer falar
com eles? – quer saber o menino.

– Eles me irritam! Não irritam
você?

– Ah. Um pouco, sim.

– Então. Está vendo? Espere.

Camille não para de falar de
ciência: “Blá-blá-blá, blá-blá-blá,
eu sou o melhor aluno da sala, me
escutem...” Vincent é pior ainda,
estou de saco cheio dele na minha
cola! Um saco, um saco, um saco!
Ele não me deixa espaço para
respirar. E Mary, não preciso nem
explicar. Fora chorar, puxar o saco

da professora e falar mal de mim...

– É inveja – diz Paul, baixinho.

– E eu? Não se irrita comigo?

Fanette lhe faz cócegas na

bochecha com uma folha.

*Você é diferente, Paul. Não sei
por quê, mas não é a mesma coisa.*

– Seu bobo. Você sabe que é o
meu preferido. Para sempre...

Paul fecha os olhos, saboreia o
prazer. Fanette acrescenta:

– Pelo menos em geral. Só que
hoje não!

Ela se levanta para ver se o
caminho está livre. Paul revira os
olhos.

– O que foi? Vai me abandonar
também?

– Vou. Tenho um encontro.

Ultrassecreto!

– Com quem?

– Ultrassecreto, já falei! Não vá me seguir, hein? Só Netuno pode vir comigo.

Paul agita os dedos, as mãos e os braços como quem tenta disfarçar um medo intenso.

É por causa desse assassinato.

Ninguém fala em outra coisa no vilarejo desde hoje de manhã! A polícia não sai das ruas. Como se houvesse algum perigo para nós também...

Fanette insiste:

– Jura?

Paul

se

arrepende,

mas

confirma:

– Juro!

TERCEIRO DIA

15 de maio de 2010, Hospital de
Vernon

Raciocínio

13

O DESPERTADOR FOSFORESCENTE

ACIMA da cama marca 1h32. Não
consigo pegar no sono. A última
enfermeira que vi já passou faz mais
de uma hora. Deve pensar que estou
cochilando. Dormir. Até parece!
Como dormir em poltronas tão
desconfortáveis?

Observo o conta-gotas que pinga
da pera de borracha. Por quanto
tempo eles ainda podem mantê-lo
assim, com essa intravenosa?

Dias? Meses? Anos?

Ele também não dorme. Perdeu o

domínio da fala ontem, ou pelo menos é o que os médicos dizem. Tampouco é capaz de mover os músculos, mas mantém os olhos abertos. Segundo as enfermeiras, ele entende tudo. Elas já me repetiram isso cem vezes: se eu falar, se ler para ele, ele vai ouvir. "É importante para o moral do seu marido."

Sobre a mesa de cabeceira há uma pilha de revistas. Quando as enfermeiras estão presentes, meio que finjo ler em voz alta. Mas, assim que elas saem, me calo.

Como ele supostamente entende tudo, vai entender.

Torno a olhar para o conta-gotas. Para que servem essas perfusões?

As

enfermeiras

explicaram que elas o mantêm vivo,
mas esqueci os detalhes.

Os

minutos

passam.

Estou

preocupada com Netuno também.

Meu pobre cão, sozinho em Giverny.

Não vou passar a noite inteira aqui,
afinal.

As

enfermeiras

estavam

pessimistas. Deve fazer dez minutos
que ele não pisca o olho. Continua a
me encarar fixamente. Isso me
enlouquece.

2h12.

Uma

enfermeira

tornou

a

aparecer. Pediu que eu tentasse

dormir. Fingi escutá-la.

Tomei minha decisão.

Espero mais um pouco, apuro os

ouvidos para ter certeza de que não

há nenhum barulho no corredor.

Levanto-me. Espero mais um pouco,

e então, com os dedos trêmulos,

desconecto as perfusões. Uma por

uma. São três.

Ele

me

fita

com

olhos

desvairados. Já entendeu. Dessa vez,

pelo menos, não resta dúvida de que

entendeu.

O que ele esperava?

Aguardo.

Quanto tempo? Quinze minutos?

Trinta? Peguei uma revista em cima

de

uma

cadeira. *Normandie*

Magazine. O texto fala sobre a

grande exposição de quadros neste

verão

chamada

“Normandia

impressionista”. Ninguém vai falar

em outra coisa na região a partir do

mês

de

junho.

Fico

lendo

ostensivamente. Em silêncio! Como se não estivesse nem aí que ele morresse bem do meu lado. É isso mesmo, aliás.

De vez em quando, observo-o por cima da revista. Ele me encara com olhos esbugalhados. Encaro-o também por alguns segundos, em seguida retomo a leitura. Seu rosto se deforma cada vez um pouco mais. É horrível, podem acreditar.

Por volta de três da manhã, tenho a impressão de que ele morreu mesmo. Os olhos de meu marido continuam abertos, mas não se movem.

Levanto-me

e

começo

a

reconectar os conta-gotas como se nada houvesse acontecido. Mas não, pensando bem, torno a desconectá-los. Aperto a campainha de alarme.

A

enfermeira

acorre.

Profissional.

Adoto um ar apavorado. Sem exageros, claro. Explico que peguei no sono e que o encontrei assim quando acordei sobressaltada.

A enfermeira observa os tubos soltos. Parece contrariada, como se aquilo fosse culpa sua.

Espero que ela não tenha problemas. Em todo caso, não sou eu quem vai lhe criar nenhum!

Ela corre para chamar um médico.

Tenho um sentimento estranho.

Entre a raiva, ainda, e a liberdade.

E a dúvida.

O que fazer agora?

Ir contar tudo à polícia ou

continuar a bancar o ratinho preto

pelas ruelas de Giverny?

14

AS CINCO FOTOGRAFIAS ESTÃO

espalhadas

sobre

a

mesa

da

delegacia. Laurenç Sérénac segura

nas mãos um envelope de papel

pardo.

– Pelo amor de Deus, quem pode

ter mandado isso? – pergunta Sylvio

Bénavides.

– Não se sabe... O envelope foi encontrado na correspondência de hoje de manhã. Enviado de uma caixa postal em Vernon. Ontem à noite.

– Só fotos. Não tinha carta, bilhete, nada?

– Não, nenhuma explicação. Mas não poderia estar mais claro.

Estamos diante de uma espécie de compilação das amantes de Jérôme Morval. Um *best of*... Por favor, Sylvio, dê uma olhada, eu já tive tempo de admirar.

Sylvio Bénavides dá de ombros, em seguida se curva sobre as cinco imagens: Jérôme Morval está em todas as fotos, mas em cada uma delas acompanhado por uma mulher diferente. Nenhuma delas é a sua

esposa. Jérôme Morval atrás de uma
mesa, apoiado nos joelhos de uma
moça a quem beija de língua e que
poderia
muito
bem
ser
uma
secretária
do
seu
consultório.

Jérôme Morval no sofá de uma
boate, com a mão no seio de uma
moça de vestido de paetês. Jérôme
Morval sem camisa, deitado ao lado
de uma moça branca em uma praia
de areia cujo cenário ao fundo
lembra a Irlanda. Jérôme Morval em
pé em uma sala decorada por

quadros parecida com a sua,
enquanto uma moça de saia,
ajoelhada, está de costas para o
fotógrafo,
mas
não
para
o
oftalmologista.

Jérôme

Morval

caminhando por uma trilha de terra
batida acima de Giverny – dá para
reconhecer o campanário da igreja
de Sainte-Radegonde –, de mãos
dadas com Stéphanie Dupain.

Sylvio

Bénavides

dá

um

assobio.

– Nada a dizer. Trabalho de profissional!

Sérénac sorri.

–

Também

acho.

Esse

oftalmologista chamava atenção,
mesmo não tendo um físico de galã.

Desconcertado,

Bénavides

encara o chefe por alguns instantes
antes de se corrigir:

– Não estava falando de Morval,
mas de quem tirou as fotos.

Sérénac pisca para ele.

– Você é inacreditável, Sylvio.

Sempre cai direitinho! Vamos,
desculpe, pode continuar.

Bénavides

enrubesce

e

prosegue gaguejando:

– Eu... O que quis dizer, chefe, é

que sem dúvida isto aqui é trabalho

de

um

detetive

particular

profissional. Ao que parece, eu diria

que as fotos, pelo menos as tiradas

no escritório e na sala, foram feitas por uma janela, com uma zoom que

até mesmo um paparazzo deve ter

dificuldade para comprar.

Sérénac torna a examinar as

imagens. Exagera um pouco uma

careta libidinosa.

– Hum. Não estou achando você

muito exigente. As fotos internas estão embaçadas, não? Enfim, não vou criticar, é um trabalho de bastante qualidade. Visivelmente, Morval escolhia moças lindas. É isso que eu deveria ter feito, virado detetive particular em vez de policial.

Sylvio deixa passar.

– Na sua opinião, quem, tirando

a

mulher

dele,

poderia

ter

encomendado

estas

fotos?

–

pergunta.

– Não sei. Vamos perguntar a Patricia Morval, mas, quando a encontrei, não foi particularmente loquaz em relação às infidelidades do marido. E tive sobretudo a impressão de que neste caso vai ser preciso desconfiar das aparências.

– Como assim?

– Bom, por exemplo, Sylvio, acho que você notou que a natureza das cinco fotografias é bem diferente. Em algumas, como na da boate, na da sala e na do escritório, não resta dúvida: o malandro Morval está comendo essas moças. Bénavides franze o cenho.

– Bom, tudo bem, talvez eu
esteja
tirando
conclusões
precipitadas – acrescenta Sérénac. –
Digamos que Morval tem intimidade
suficiente com elas para lhes
acariciar o busto ou receber um
agrado especial. Mas no caso da
foto da praia e, principalmente, da
que foi tirada acima de Giverny,
nada diz que essas moças são
amantes dele.

– A última mulher é também a
única que conhecemos – contribui
Bénavides. – Stéphanie Dupain, a
professora primária do vilarejo, se
não me engano.

Sérénac
confirma

com

um

meneio de cabeça. Sylvio continua:

– Por outro lado, chefe, não sei

aonde o senhor quer chegar com

essa

história

de *best of* das

aventuras sexuais de Morval. Trair é

trair, não?

– Vou lhe dizer aonde quero

chegar. Não gosto nem um pouco de

receber presentes anônimos. Gosto

menos ainda de orientar uma

investigação criminal com base no

que um abutre manda. Sou um

homem adulto, entende? Não gosto

muito quando alguém que não se

apresenta fica me sugerindo onde

devo procurar pistas.

– E isso quer dizer exatamente o quê?

– Quer dizer, por exemplo, que não é porque Stéphanie Dupain está no meio desta série de fotos que ela era amante de Morval. Mas talvez alguém queira que nós cheguemos a essa conclusão.

Sylvio Bénavides coça a cabeça

enquanto

pensa

na

hipótese

desenvolvida pelo chefe.

– Tá, essa parte eu entendi. Mas não podemos simplesmente não levar estas fotos em consideração.

– Ah, claro que não... Sobretudo porque ainda não chegamos ao final do mistério. Aperte o cinto, Sylvio,

e espie o verso das fotos.

Sérénac vira, uma por uma, as cinco imagens sobre a mesa. No verso de cada uma há um número.

Na da mesa, *23-02*. Na da boate, *15-03*. Na da praia, *21-02*. Na da sala, *17-03*. E, no verso da foto tirada no caminho de Giverny, *03-01*.

– Puta que pariu – diz Bénavides entre os dentes. – O que significa isso?

– Não faço ideia.

– Parecem datas. Talvez sejam os dias em que as fotos foram tiradas?

– Hum... E todas teriam sido tiradas entre os meses de janeiro e março? Nesse caso, ele teria uma saúde e tanto, o nosso rei da

catarata, você não acha? E eu poria a mão no fogo que esta foto da praia na Irlanda não foi tirada no inverno.

– Então?

– Ora, Sylvio, vamos pesquisar!

Não temos alternativa. Vamos correr atrás. Quer que eu lhe sugira um jogo?

Bénavides abre um sorriso desconfiado.

– Na verdade, não...

– Bom, digamos que você não tem escolha.

Sérénac se inclina, recolhe as cinco fotos, mistura-as e as dispõe em leque, como um baralho.

Estende-as para o colega.

– Um de cada vez, Sylvio. Cada um de nós vai tirar uma moça.

Depois vamos bancar os policiais e

descobrir seu nome, currículo e álibi para o dia do assassinato de Morval. Marcamos um encontro para daqui a dois dias, e vamos ver quem consegue mais informações.

– O senhor é mesmo estranho às vezes, chefe.

– Que nada, Sylvio. É só o meu jeito de apresentar as coisas. Além do mais, o que você quer fazer além de tentar descobrir a identidade dessas garotas? Afinal, não vamos deixar Maury e Louvel saírem à caça dessas cinco beldades no nosso lugar, vamos?

Sérénac solta uma gargalhada.

– Bom, se você não se decide, começo eu.

Laurenç Sérénac pega a foto de Jérôme Morval debruçado sobre a

moça no escritório.

–

A

secretária

particular

brincando de médico com o chefe –

comenta. – Vamos ver. Sua vez.

Sylvio suspira, em seguida pega

uma das fotos.

– Sem roubar, hein! Nada de

olhar os números!

O inspector vira a foto. É a da

boate.

– Sortudo! – exclama Sérénac. –

A garota dos paetês.

Bénavides enrubesce. Laurenc

Sérénac escolhe. Ele pega a foto da

garota ajoelhada.

– A surpresinha. A garota de

costas. Sua vez.

Sérénac lhe apresenta as duas últimas fotos. Bénavides escolhe. O acaso lhe atribuiu a foto da praia.

– A desconhecida do mar da Irlanda – comenta Sérénac. – Está se saindo bem, danadinho.

Sylvio Bénavides batuca com as fotos sobre a mesa, em seguida observa seu superior com um sorriso de ironia.

– Não me faça de bobo, chefe. Não sei como o senhor fez isso, mas tinha certeza desde o início que ficaria com a foto de Stéphanie Dupain.

Sérénac lhe devolve o sorriso.

– Você não deixa escapar nada, hein? Não vou revelar meu truque, mas você tem razão: fico com a bela professora, privilégio de chefe. E

não esquite muito a cabeça com
esses códigos no verso, Sylvio, 15-
03, 21-02... Tenho certeza de que,
quando tivermos encontrado o nome
das quatro outras moças, os números
vão falar por si.

Ele guarda as fotos na gaveta.

– De resto, mãos à obra?

– Certo, vamos lá. Espere aí,
chefe. Antes de começarmos, trouxe
um presentinho. Para mostrar que,
mesmo que o senhor viva me
enganando, não sou de guardar
rancor.

Bénavides se levanta antes de
Sérénac conseguir se defender. Sai
da sala e, alguns minutos mais tarde,
volta com um saco de papel branco
na mão.

– Tome. Acabaram de sair do

forno, por assim dizer...

Sylvio Bénavides empurra o saco sobre a mesa e o despeja. Uns vinte brownies se espalham sobre a superfície.

– Fiz para minha mulher – explica Sylvio. – Normalmente, ela adora, mas há uns quinze dias não consegue engolir mais nada... Nem com meu creme inglês caseiro.

Sérénac se deixa cair sobre a cadeira de rodinhas.

– Sylvio, você é uma mãe para mim. Vou lhe confessar uma coisa: pedi transferência para esta região horrível aqui do Norte só para ter você como assistente!

– Não exagere...

– Não estou exagerando!

Ele ergue os olhos para o

assistente.

– E o bebê, para quando é?

– Para logo. O parto está previsto para exatamente daqui a cinco dias. Mas, no fim das contas, o senhor sabe como é...

Sérénac morde um doce.

– Puta que pariu! Que delícia.

Sua mulher não sabe o que está perdendo!

Sylvio Bénavides se inclina em direção à pasta apoiada na sua cadeira. Quando se levanta, seu superior está de novo em pé.

– E, com um café, nem lhe conto

– acrescenta Sérénac. – Vou descer rapidinho para tomar um. Quer um também?

A lista que Sylvio agora segura se desenrola até o chão.

– Ahn, não, obrigado.

– Sério, nada?

– Tá bom. Um chá. Sem açúcar.

Vários minutos mais tarde, o inspetor Sérénac volta com dois copos descartáveis. Os farelos de brownie sobre a mesa foram limpos. Sérénac suspira, como que para fazer seu assistente entender que tem o direito de se conceder uma pausa. Mal tem tempo de se sentar antes de Bénavides iniciar seu resumo:

– Então, chefe, vou ser bem sucinto. O parecer da autópsia confirma que Morval primeiro foi apunhalado. Levou um minuto para morrer. Só depois alguém lhe esmagou o crânio com uma pedra, em seguida afogou sua cabeça no regato. O crime ocorreu nessa

ordem;

os

legistas

foram

categóricos.

Sérénac molha um brownie no

café e comenta, sorrindo:

– Considerando a ficha corrida do oftalmologista, é possível que três ciumentos tenham agido juntos.

Associação

de

cornos.

Isso

explicaria o ritual, como em *O assassinato no Expresso Oriente*.

Bénavides o encara com um ar consternado.

– Estou brincando, Sylvio. Estou brincando.

Brownie no café.

– Vamos, vou começar a falar sério daqui a dois segundos. Vou lhe confessar: tem alguma coisa estranha neste caso. Uma conexão entre todos os elementos que não está clara.

Uma luz atravessa o olhar de Sylvio.

– Concordo totalmente com o senhor, chefe.

Ele hesita. Então diz:

– Aliás, tenho uma coisa para lhe mostrar... Uma coisa que vai surpreendê-lo.

15

COMO TODOS OS DIAS ao sair da escola, Fanette correu. Deixou os outros alunos da turma, depois brincou de esconde-esconde nas ruelas de Giverny para não tornar a

encontrar Vincent, Camille ou Mary.
Fácil demais! Conhece como a
palma da mão todas aquelas ruelas.
Mais uma vez, Paul quis acompanhá-
la, só ele, os outros não. Disse que
não queria deixá-la sozinha por
causa do tal assassino que poderia
estar zanzando pelas ruas, mas ela
resistiu, não falou nada.

É o meu segredo!

Pronto, está quase chegando.
Passa pela ponte, pelo lavadouro,
por
aquele
velho
moinho
extravagante com a torre que mete
medo.

*Eu juro, Paul, amanhã conto
com quem é meu encontro secreto*

todos os dias, há uma semana.

Amanhã eu conto.

Ou depois de amanhã.

Fanette segue em frente, avança
pelo caminho em direção à pradaria.

James está lá.

Está em pé um pouco mais
adiante, no trigal, com as espigas lhe
batendo acima dos joelhos, bem no
meio de quatro cavaletes de pintura.

Fanette avança a passos de veludo.

– Sou eu!

Um grande sorriso deforma a
barba branca de James. Ele dá um
abraço apertado em Fanette. Por um
curto instante.

– Vamos, pequena, depressa. Ao
trabalho! Restam poucas horas de
luz. Essa sua escola termina muito
tarde.

Fanette se acomoda diante de um dos cavaletes, o que James lhe empresta, o menor, bem adaptado ao seu tamanho. Inclina-se na direção da grande caixa de tintas de madeira envernizada e começa a pegar tubos e pincéis.

Fanette não sabe muita coisa sobre o velho pintor que encontrou faz uma semana, só que é americano, que se chama James e que pinta ali quase todos os dias; ele disse que ela era a menina mais talentosa para a pintura que já tinha visto, e que conheceu muitas, do mundo inteiro, foi professor de pintura nos Estados Unidos, segundo contou. Não para de lhe dizer que ela fala o tempo todo e que, mesmo sendo muito talentosa, precisa se concentrar

mais. Como Monet. Precisa saber observar e imaginar. James vive repetindo a mesma lenga-lenga. Observar e imaginar. E pintar depressa também, é por isso que ele carrega quatro cavaletes, para poder pintar assim que a luz cai sobre um canto da paisagem, assim que as sombras se movem, que as cores mudam.

Contou

que

Monet

costumava percorrer os campos com seis cavaletes. E que pagava a crianças da mesma idade que ela para carregar tudo, cedo de manhã e no final do dia.

Que bobagem! É um truque de

James para fazê-la carregar as suas

coisas também. Ela entendeu, mas fingiu acreditar nele. James é legal, mas tem um pouco de tendência a pensar que é o velho Monet.

E a pensar que sou idiota!

– Chega de sonhar, Fanette.

Pinte!

A menina tenta reproduzir o lavadouro normando, a ponte acima do regato, o moinho logo ao lado. Já faz vários minutos que está pintando.

– Você sabe quem é Theodore Robinson? A professora falou sobre ele.

– Por quê?

– Ela inscreveu a turma num concurso. Um concurso mundial, monsieur

James.

Isso

mesmo,

MUNDIAL...

Da

Fundação

Robinson! Se eu ganhar, vou viajar para o Japão, ou para a Rússia, ou para a Austrália. Vou ver... Ainda não decidi.

– Verdade?

– E ainda nem falei sobre os dólares.

James pousa delicadamente a paleta sobre a caixa de tintas. Em algum momento, sua barba vai ficar molhada de tinta. Como todos os dias.

Hoje é de tinta verde.

Sou meio sacana, nunca aviso quando ele fica com os pelos da barba cheios de tinta. Acho

engraçado demais.

James se aproxima.

– Sabe, Fanette, se você se
esforçar de verdade... se acreditar...
você tem uma chance real de ganhar
esse concurso.

*Agora ele está me assustando
um pouco.*

James deve perceber que Fanette
está olhando para sua barba. Passa o
dedo e espalha um pouco mais a
tinta verde.

– Não brinque comigo...

– Mas não estou brincando,
Fanette. Já falei. Você tem um dom.
Não pode fazer nada em relação a
isso, é assim, você nasceu com ele.
E sabe muito bem disso, aliás. Você
tem um dom para a pintura. Mais do
que isso, na verdade. Na sua

categoria, com certeza é uma
pequena gênio. Mas não adianta
nada se...

– Se eu não me esforçar, é isso?

– Isso, é preciso se esforçar. É
indispensável, naturalmente. Caso
contrário, o talento... puf. Mas não
era isso que eu queria dizer.

James se move devagar. Tenta
passar por cima das espigas de trigo
para não as amassar. Muda um
cavalete

de

lugar,

como

se

bruscamente o sol lá em cima

tivesse corrido para outro lugar.

– O que eu queria dizer, Fanette,

é que de nada adianta ser gênio se a

gente não é capaz de... como explicar? Capaz de ser egoísta.

– O quê?

James às vezes fala muita besteira.

– De ser egoísta! Minha pequena Fanette, a genialidade incomoda todos os que não a têm, ou seja, quase todo mundo. A genialidade afasta você de quem você ama e provoca inveja nos outros. Você entende isso?

Ele esfrega a barba. Espalha tinta verde por toda parte. Nem percebe. James é velho. Muito, muito velho.

– Não, não estou entendendo nada!

– Vou explicar de outro jeito. Veja o meu exemplo: meu maior

sonho era vir pintar em Giverny,
descobrir as verdadeiras paisagens
de Monet. Você não imagina quantas
horas passei, no meu vilarejo de
Connecticut, diante de reproduções
de quadros dele, nem quantas vezes
sonhei com esses quadros. Os
choupos, o Epte, as ninfeias, a ilha
das Urtigas... Você acha que valia a
pena deixar minha mulher, meus
filhos e netos lá, aos 65 anos? O que
era mais importante? Meu sonho de
pintar ou passar o Dia das Bruxas e
o Dia de Ação de Graças com a
família? Se fosse você, qual seria a
sua escolha?

– Bom...

– Está hesitando, não é? Pois
bem, eu não hesitei! E acredite,
Fanette, não me arrependo de nada.

No entanto, vivo aqui como um mendigo, ou quase. E não tenho um quarto do seu talento... Entende o que quero dizer então quando falo de egoísmo?

Você

acha

que

os

primeiros pintores americanos que chegaram ao Hotel Baudy na época

de

Monet

também

não

se

arriscaram? Que não tiveram de abandonar tudo?

Não

gosto

quando

James

começa a falar assim. Parece que pensa exatamente o contrário do que diz. Como se, na verdade, tivesse se arrependido, como se estivesse profundamente entediado, como se pensasse o tempo todo em sua família nos Estados Unidos.

Fanette pega um pincel.

– Bom, monsieur James, vou retomar. Desculpe bancar a egoísta, mas preciso ganhar o concurso da Fundação Robinson.

James solta uma gargalhada.

– Tem razão, Fanette. Não passo de um velho louco e resmungão.

– E gagá. Você nem me explicou quem foi Robinson!

James

avança,

observa

o

trabalho de Fanette. Estreita os

olhos.

– Theodore Robinson é um

pintor americano. O impressionista

mais conhecido do meu país, os

Estados Unidos. É o único artista

americano a ter se tornado amigo

íntimo de Monet. Claude Monet

fugia dos outros como da peste.

Robinson passou oito anos em

Giverny.

Chegou

a

pintar

o

casamento da enteada preferida de

Claude Monet, Suzanne, com o

jovem pintor americano Theodore
Butler. E... é muito estranho,
Fanette, outro de seus quadros mais
famosos representa exatamente a
cena que você está pintando agora.
Fanette quase larga o pincel.

– O quê?

– A mesma cena. Estou dizendo!

É um velho quadro de 1891, um
quadro famoso que mostra o Ru, a
ponte sobre o regato, o moinho de
Chennevières. Ao fundo, vê-se uma
mulher de vestido, com os cabelos
cobertos por um lenço... e, no meio
do regato, um homem que dá de
beber ao seu cavalo. O nome do
quadro, aliás, é *Pai Trognon e sua
filha na ponte*. Era esse o nome do
cavaleiro. Ele morava em Giverny,
o pai Trognon.

Dessa vez, Fanette se segura
para não rir.

*Às vezes, James acha mesmo
que sou uma idiota.*

Pai Trognon. Até parece!

James continua a observar a tela
da menina. A barba do velho pintor
vai quase até debaixo dos olhos. Seu
dedo
grosso
passa
a
alguns
milímetros da tinta ainda úmida.

– Muito bem, Fanette. Gosto
muito das sombras em volta do seu
moinho. Muito bem. É um sinal do
destino, Fanette. Você pintar a
mesma
cena

que

Theodore

Robinson, e bem melhor do que ele, devo dizer. Confie em mim: você vai ganhar esse concurso! Uma vida nada mais é do que duas ou três oportunidades a não deixar passar, sabe? Uma vida se resume a isso, minha linda! Nada mais.

James se afasta para mudar seus cavaletes de lugar. Parece que passa mais tempo mudando as telas de lugar do que pintando. Como se o sol fosse mais rápido do que ele. Não faz mal.

Quando Netuno se junta a eles, já se passou quase uma hora. O pastor-alemão fareja desconfiado a caixa de tintas, em seguida se deita aos pés de Fanette.

– É seu, esse cachorro? –

pergunta James.

– Não, na verdade, não. Acho que é um pouco de todo mundo no vilarejo, mas eu o adotei. Sou sua preferida!

James sorri. Está sentado em um banquinho em frente a um dos cavaletes, mas, toda vez que Fanette o observa, pega-o a cochilar diante da tela. Em pouco tempo, sua barba vai acabar virando um arco-íris. Ela espera o momento certo para rir.

Não.

Não,

preciso

me

concentrar.

Fanette continua seu estudo do moinho de Chennevières. Torce as

formas

da

pequena

torre

de

enxaimel, reforça os contrastes, o ocre, as telhas, as pedras. James chama aquilo de "moinho da bruxa".

Por causa da velha que mora lá.

Uma bruxa...

Às vezes, James acha mesmo que sou criança.

Mas Fanette na verdade tem um pouco de medo. James lhe explicou por que não gosta muito daquela casa. Segundo ele, por causa daquele moinho as *Ninfeias* de Monet quase não existiram. O moinho e o jardim de Monet estão construídos à beira do mesmo

regato. Monet queria fazer uma
barragem,
instalar
comportas,
desviar a água para criar seu
laguinho. Ninguém no vilarejo
concordou por causa das doenças,
dos
charcos,
essas
coisas.

Principalmente

os

vizinhos.

Principalmente os moradores do
moinho. Isso rendeu muita história,
Monet brigou com todo mundo, deu
muito dinheiro também, escreveu
para o prefeito, para um sujeito que
ela também não conhece, um amigo

de

Monet,

o

nome

dele

é

Clemenceau.

E

Monet

acabou

conseguindo

seu

laguinho

de

nenúfares.

Teria sido uma pena!

Mas não deixa de ser idiota

James não gostar desse moinho por

causa disso. Essa confusão de

barragem entre Monet e os vizinhos

faz um tempão.

James às vezes é um idiota.

Ela estremece.

A menos que o moinho seja
mesmo habitado por uma bruxa!

Fanette passa algum tempo pintando.

A luz cai. Isso torna o moinho ainda
mais sinistro. Ela adora. James está
dormindo faz tempo.

De repente, Netuno se levanta
sobressaltado. Começa a rosnar,
bravo. Fanette se vira bruscamente
na direção do pequeno bosque de
choupos

logo

atrás

dela

e

surpreende a silhueta de um menino
da sua idade.

Vincent! Com o olhar vazio.

– O que você está fazendo aqui?

James

acorda,

ele

também

sobressaltado. Fanette continua a

gritar:

– Vincent! Odeio quando você

chega pelas minhas costas feito um

espião. Faz quanto tempo que está

aqui?

Vincent não diz nada. Examina o

quadro de Fanette, o moinho, a

ponte. Parece hipnotizado.

– Já tenho um cachorro, Vincent.

Tenho Netuno. Já está bom. E pare

de me olhar desse jeito, está me

deixando com medo.

James tosse na barba.

– É... Hum. Bom, crianças, que bom que vocês são dois. A julgar pela luminosidade, acho que está na hora de recolher o material. Vocês vão me ajudar! Monet dizia que sabedoria era acordar e ir dormir junto com o sol.

Fanette não tirou os olhos de Vincent.

Vincent me dá medo quando aparece assim, do nada. Pelas minhas costas. Como se estivesse me espionando. Às vezes tenho a impressão de que é louco.

16

A XÍCARA DO INSPETOR Laurenc Sérénac se imobilizou na sua mão. Seu assistente adota a atitude de um aluno que

fez

um

trabalho

suplementar

em

casa

e

está

paralisado pela vontade e o medo de

mostrá-lo ao professor. A mão

direita de Bénavides se perde dentro

de uma pasta grossa. Acaba por

extrair uma folha de papel A4.

– Olhe, chefe, para entender

melhor as coisas, comecei a fazer

isto aqui...

Sérénac pega mais um brownie,

larga a xícara de café e se curva,

espantado. Sylvio prossegue:

– É só um jeito de organizar as

ideias. É meio uma mania que tenho, esse tipo de coisa: escrever anotações, fazer resumos, desenhar esboços. Aqui dividi a folha em três colunas, está vendo? São as três pistas possíveis, na minha opinião: a primeira é o crime passional, que estaria portanto ligado a uma das amantes de Morval. É possível, claro, desconfiar da esposa, de algum marido enciumado ou ainda de uma amante rejeitada... Não faltam pistas nesse sentido.

Sérénac pisca para ele.

– Obrigado, delator... Pode continuar, Sylvio.

– A segunda coluna é a da pintura, o acervo de Morval, os quadros que ele cobiçava, os Monet, a s *Ninfeias*. Por que não uma

história

de

interceptação? Uma

venda proibida? Em todo caso, uma

questão de arte e de dinheiro.

Sérénac morde outro brownie e

esvazia a xícara de café. Por

reflexo, Bénavides junta em um

pequeno montinho as migalhas sobre

a mesa. Ergue os olhos e observa

nas paredes da sala a dezena de

quadros que seu chefe fez questão de

pendurar desde a sua chegada.

Toulouse-Lautrec.

Pissarro.

Gauguin. Renoir.

– Um golpe de sorte, se é que

posso dizer – acrescenta Sylvio. – A

pintura é mais a sua área, inspetor.

– Pura coincidência, Sylvio. Se

eu

desconfiasse,

quando

fui

transferido para Vernon, de que meu

primeiro cadáver estaria mergulhado

no regato de Giverny... Já gostava

bastante de arte antes da academia

de polícia, por isso fiz a maioria dos

meus estágios na polícia de arte, em

Paris.

Bénavides

parece

estar

descobrimo pela primeira vez a

existência desse departamento.

– Você não gosta de arte,

Sylvio?

– Só da arte culinária.

Laurenç ri.

– Perfeito! E posso confirmar
isso com a boca cheia... Pus meus
antigos colegas da polícia de arte
para investigar o caso. Só para ver o
que
aparece.

Roubos,
interceptações, coleções suspeitas,
mercados paralelos... Não fazemos
ideia de tudo o que acontece. Na
época, tive muitas oportunidades de
me envolver nisso. Você não
imagina, são milhões e milhões em
jogo. Estou esperando notícias
deles. Bom, e a terceira coluna?
Sylvio Bénavides dirige os
olhos para o papel.

– Para mim, a terceira pista, e
não ria da minha cara, chefe, seriam
as crianças. De 11 anos, de

preferência. E não nos faltam
indícios: o tal postal de aniversário,
a citação de Aragon. Morval
poderia também ter tido uma amante
uns doze anos atrás, com quem teve
um filho sem contar nada à mulher...

Aliás, outro detalhe perturbador:
segundo os especialistas, o papel do
postal de aniversário encontrado no
bolso dele é bem antigo. Tem pelo
menos 15 anos, talvez mais. O texto
datilografado, ONZE ANOS. FELIZ
ANIVERSÁRIO,

seria da mesma
época, mas o acréscimo, o texto de
Aragon, mais recente. Estranho,
não?

O inspetor Sérénac dá um
assobio de admiração.

– Mantenho o que disse, Sylvio.

Você é o assistente ideal.

Ele se levanta bruscamente,
rindo.

– Só um pouco detalhista,
perfeccionista, enfim, mas vamos
dizer que, somado a mim, acabamos
chegando a uma média.

Sérénac caminha na direção da
porta.

– Venha, Sylvio, vamos lá. Você
vem comigo ao laboratório?

Bénavides sai andando ao lado
dele sem reclamar. Os dois avançam
pelos corredores, descem uma
escada mal iluminada. Sem parar,
Sérénac se vira para o assistente.

– Na lista de coisas a fazer, uma
prioridade: escreva nesse seu papel
“procurar testemunhas”. Não é
possível que num vilarejo onde todo

mundo pinta de noite até de manhã
ninguém tenha visto nada no dia do
assassinato de Morval e que as
únicas testemunhas espontâneas que
temos sejam um paparazzo anônimo
que
nos
manda
fotos
comprometedoras e um cachorro em
busca de carinho. Você se informou
sobre a casa ao lado do lavadouro?
Aquele moinho esquisito?
Sérénac tira do bolso uma chave
e abre uma porta de incêndio
vermelha marcada com a tripla
informação
“LABORATÓRIO-
ARQUIVO-DOCUMENTAÇÃO”.

– Ainda

não

–

responde

Bénavides. – Preciso passar lá

assim que tiver um tempinho.

O

inspetor

abre

a

porta

vermelha.

– Enquanto isso, pensei em outra missão para manter ocupada toda a minha delegacia. Vou até mobilizar uma equipe de vários homens para isso... Uma surpresinha!

Ele avança no recinto escuro.

Em cima da primeira mesa há uma caixa de papelão. Sérénac a abre e tira lá de dentro a impressão em

gesso de uma sola de sapato.

–

Número

42

–

anuncia,

orgulhoso. – Um solado de bota.

Não é possível haver duas iguais no mundo!

Segundo

Maury,

sua

escultura é mais precisa do que uma

impressão digital, fresquinha e

tirada na lama da margem do Ru

poucos minutos após o assassinato

de Morval. Não preciso lhe dizer

que o dono desta bota é, no mínimo,

uma testemunha direta do crime... e

tem até uma boa chance de ser o

assassino!

Sylvio arregala os olhos.

– E o que vamos fazer com isso?

Sérénac ri.

– Está oficialmente lançada a

operação “Cinderela”!

– Garanto a você, chefe, estou me esforçando, mas às vezes tenho dificuldade para entender seu senso de humor.

– Isso virá com o tempo, Sylvio.

As pessoas se acostumam, não se preocupe.

– Não estou preocupado. Posso dizer até que não estou nem aí. Mas que operação “Cinderela” é essa?

– Vou propor uma versão rural, estilo lama e charco... A missão vai ser encontrar todas as botas que os trezentos moradores de Giverny

tiverem em casa.

– Só isso!

Sylvio passa a mão pelos
cabelos.

– Vamos, quantas devem ser?

Cento e cinquenta? Duzentas, no
máximo...

– Puta que pariu. Que ideia mais
surrealista, inspetor.

– Exato! Acho até que é por isso
que ela me agrada.

–

Mas,

chefe,

não

estou

entendendo. O assassino deve ter
jogado as botas fora. Em todo caso,
a menos que seja um imbecil
completo, não vai entregá-las a um

policial que aparecer pedindo.

—

Justamente,

meu

velho,

justamente... Vamos proceder por
eliminação.

Digamos

que

os

habitantes de Giverny que afirmarem
não ter botas em casa ou que
disserem que as perderam, ou ainda
que nos entregarem botas novas
compradas na véspera como que por
acaso, nós os colocaremos bem no
alto da nossa lista de suspeitos.

Bénavides examina o solado de
gesso. Um grande sorriso se abre em
seu rosto.

– Se me permite, chefe, o senhor tem mesmo umas ideias bem bobas.

Mas o pior é que isso poderia nos fazer avançar! Além do mais, o enterro de Morval deve acontecer daqui a dois dias. Imagine que chova a cântaros... Todos os moradores do vilarejo vão amaldiçoá-lo!

– Porque na Normandia as pessoas vão a enterros de botas?

– Ora, se estiver chovendo, sim. Bénavides gargalha.

– Sylvio, vou dizer uma coisa: acho que também tenho dificuldade com o seu senso de humor. O assistente deixa passar o comentário. Torce o papel entre as mãos.

– Cento e cinquenta botas – resmunga. – Anoto isso em qual

coluna?

Eles permanecem um curto

instante

em

silêncio.

Sérénac

observa o recinto escuro, as

prateleiras carregadas de arquivos

que recobrem três das quatro

paredes, o canto no qual está

montado um sofrível laboratório

improvisado,

a

quarta

parede

dedicada

à

documentação.

Bénavides pega uma caixa de

arquivo vazia, vermelha, e escreve

“Morval” na lateral, pensando que classificará as primeiras peças do dossiê um pouco mais tarde.

Vira-se de repente para o superior.

– Falando nisso, inspetor, o senhor pegou na escola a lista de crianças de 11 anos? Seria um elemento a mais para minha terceira coluna. É a mais vazia e, no entanto...

Sérénac o interrompe:

– Ainda não. Stéphanie Dupain ficou de fazê-la. Que eu saiba, pela natureza das fotos que recebemos, n o *hit parade* das amantes de Morval, ela não é mais nossa primeira suspeita.

– Mas eu me informei sobre o marido – discorda Bénavides. –

Jacques Dupain. Esse daí, por sua vez, não está muito longe de ter o perfil ideal.

Sérénac franze o cenho.

– Me fale mais sobre isso. Qual é o perfil ideal?

Bénavides

consulta

suas

anotações.

– Ah... às vezes pode ser útil ter um assistente... meticoloso.

O comentário parece divertir bastante Sérénac.

–

Então,

Jacques

Dupain.

Quarenta e poucos anos. Corretor de imóveis

em

Vernon,

bastante

mediocre, aliás. Caçador nas horas

vagas, assim como vários outros

moradores de Giverny, e sobretudo

ciumento doentio em tudo o que diz

respeito à esposa. O que me diz?

– Digo para ficar de olho nele!

Olho vivo!

– Sério?

– Sério. É, digamos, uma

espécie de intuição. Não, mais do

que isso, na verdade: uma espécie

de pressentimento.

– De que tipo?

Sérénac passa lentamente o dedo

pelas caixas de papelão de uma

estante. *E, F, G, H.*

– Você não vai gostar, Sylvio.

– Melhor ainda. Que tipo de
intuição?

O dedo continua a deslizar. *I, J,*
K, L.

– A intuição de que poderia
muito bem haver outro drama sendo
preparado.

– O senhor vai ter de explicar
isso melhor, chefe. Em geral, não
sou muito fã de intuição de policial,
prefiro

coleccionar

o

máximo

possível de indícios condenatórios.

Mas agora o senhor me deixou
intrigado.

M, N, O, P. Sérénac revela tudo
de uma vez só:

– Stéphanie Dupain. É ela quem

está em perigo.

Sylvio Bénavides franze o cenho. É como se o recinto tivesse ficado ainda mais escuro.

– Por que acha isso?

– Já disse, uma intuição.

Q, R, S, T. Laurenç Sérénac anda pela sala, nervoso, tira do bolso as três fotografias adúlteras e joga a de Stéphanie Dupain em cima da mesa, bem ao lado do solado de gesso.

Diante da máscara intrigada que é o rosto de Bénavides, ele continua:

– Sei lá. Um olhar um pouco insistente demais. Um aperto de mão forte demais. Senti um pedido de socorro. Pronto, é isso!

Bénavides avança. É mais baixo do que Sérénac.

– Um aperto de mão forte

demais... Um pedido de socorro...

Com todo o respeito, chefe, e já que gosta que lhe falem com franqueza, acho que o senhor confundiu tudo e está redondamente enganado.

Sylvio pega a foto em cima da mesa e observa por vários instantes a graciosa silhueta de Stéphanie Dupain de mãos dadas com Morval.

– No fundo, chefe, até entendo o senhor. Só não me peça para concordar.

QUINTO DIA

17 de maio de 2010, Cemitério de Giverny

Enterro

17

ESTÁ CHOVENDO, COMO SEMPRE que há um enterro em Giverny.

Uma chuva fina e fria.

Estou sozinha em frente ao túmulo. A terra recém-revirada em volta dá ao cenário um ar de canteiro de obras abandonado. A água escorre em minúsculos filetes de lama e suja a lápide de mármore.

“A meu marido. 1926-2010.”

Estou protegida junto à parede de cimento cinzenta. Bem lá no alto.

O cemitério de Giverny fica na encosta do morro atrás da igreja e foi construído em plataformas. Foi sendo progressivamente ampliado, nível por nível. Os mortos vão consumindo a colina aos poucos. As celebridades, os ricos, os gloriosos ainda são enterrados lá embaixo, perto do vilarejo, perto de Monet. Nos melhores lugares.

Nada de mistura: são postos

todos juntos, isolados dos outros, os
mecenas, os colecionadores, os
pintores mais ou menos famosos que
pagam uma fortuna para repousar ali
por toda a eternidade.

Que idiotas!

Como se estivessem organizando
um pequeno vernissage de fantasmas
nas noites de lua cheia. Viro-me. Lá
embaixo,
na
outra
ponta
do
cemitério,
estão
acabando
de
enterrar Jérôme Morval. Um belo
túmulo no lugar certo, entre os Van

der Kemp, os Hoschedé-Monet e os Baudy. O vilarejo inteiro está presente, ou quase. Uma boa centena de pessoas, digamos, todas de preto, sem chapéu ou de guarda-chuva. Cem pessoas, e eu aqui, sozinha! Do outro lado. Ninguém liga a mínima para um velho ou uma velha que morrem. Na verdade, para ser pranteado, o melhor é morrer jovem, em plena glória. Ainda que você seja o pior dos canalhas, para que lamentem sua morte, o melhor é partir antes! No caso do meu marido, o padre fez tudo em menos de meia hora. Um padre jovem, originário de Gasny. Nunca o tinha visto antes. Já Morval teve direito ao bispo de Evreux! Um parente pelo lado da esposa, parece... Já faz

quase duas horas que o enterro
começou.

Já sei o que vocês vão dizer:

talvez lhes pareça estranho dois

enterros

no

mesmo

cemitério,

separados apenas por algumas

dezenas de metros, sob a mesma

chuva insistente. A coincidência lhes

parece

perturbadora,

talvez?

Exagerada? Tenham certeza de uma

coisa, uma só: não há coincidência

alguma em toda essa série de

acontecimentos. Nada foi deixado ao

acaso nessa história, muito pelo

contrário. Cada elemento está no seu

lugar, exatamente no momento certo.

Cada

peça

dessa

engrenagem

criminosa

foi

cuidadosamente

posicionada e, acreditem, posso lhes

jurar sobre o túmulo do meu marido:

nada poderá detê-la.

Levanto

a

cabeça.

Posso

confirmar: visto de cima, o quadro

vale a pena ser visto.

Patricia Morval está ajoelhada

em frente ao túmulo do marido.

Inconsolável. Stéphanie Dupain se

mantém um pouco mais atrás,
semblante grave, olhos molhados,
ela também. O marido a ampara com
um braço ao redor do quadril, a cara
fechada, as grossas sobrancelhas e o
bigode encharcados. Ao seu redor,
uma
multidão
de
anônimos,
conhecidos, amigos, mulheres. O
inspetor
Sérénac
também
está
presente e se mantém um pouco
afastado, perto da igreja, não muito
distante do túmulo de Monet. O
bispo encerra sua homenagem.
Pousados sobre a grama estão

três cestos de vime. Todo mundo
deve pegar uma flor e jogá-la na
cova, em cima do caixão: malvas-
rosa, íris, cravos, lilases, tulipas,
escovinhas... E muitas mais. Só
mesmo Patricia Morval para ter uma
ideia

tão

mórbida. *Impressão,*

morrer do sol...

Nem mesmo Monet teria se

atrevido.

Sua

delicadeza

chegou

ao

cúmulo de mandar esculpir um

nenúfar cinza sobre uma imensa

lápide de granito.

Que mau gosto...

Pelo menos a luz não está
colaborando. A famosa luz de
Giverny, uma última vez antes do
buraco negro. Não se pode comprar
tudo. Talvez, no fim das contas, isso
seja um sinal da existência de Deus.
A terra fresca do túmulo debaixo
dos meus pés começa a escorregar
pelo caminho côncavo entre os
túmulos feito canais de cor ocre. Lá
embaixo,
naturalmente,
nenhum
morador de Giverny está de botas!
Quem deve estar rindo sozinho é o
inspetor Sérénac. Cada um se
diverte como pode.
Sacudo o lenço preto que me
cobre os cabelos. Está encharcado
também. Poderia ser torcido! As

crianças estão um pouco mais afastadas. Umas com os pais, outras não. Reconheço algumas delas. Fanette chora. Vincent está atrás dela, visivelmente sem coragem para consolá-la. Seu semblante é grave, igual à incongruidade da morte quando se tem 11 anos.

A intensidade da chuva diminui um pouco.

De tanto observar a cena, recordo uma história curiosa, um daqueles enigmas que costumavam nos intrigar antigamente, durante as noites insones, quando eu era criança. Um homem vai ao enterro de um membro da sua família.

Alguns dias mais tarde, esse mesmo homem, sem motivo aparente, mata um primo seu. O enigma consistia

em encontrar a motivação do assassinato fazendo perguntas. Podia durar muitas horas. Não, o homem não conhecia o tal primo; não, não estava querendo se vingar; não, não é uma questão de dinheiro; não, tampouco se trata de um segredo de família. E isso podia durar a noite inteira, com as perguntas feitas no escuro, debaixo das cobertas.

Parou de chover.

Os três cestos de flores estão vazios.

As gotas escorrem devagar pela lápide de mármore do túmulo do meu marido. Lá embaixo, a multidão enfim se dispersa. Jacques Dupain continua a enlaçar a mulher pela cintura. Seus cabelos compridos pingam e inundam a curva escura

dos seios colados no vestido preto.

O casal passa em frente a Laurenc
Sérénac. O inspetor não tira os olhos
nem por um segundo de Stéphanie
Dupain.

Acho que o que me fez recordar
o enigma da minha infância foi esse
olhar devorador. Eu achara a
solução ao raiar do dia, depois de
quase desistir. Na hora do enterro, o
homem
havia
se
apaixonado
loucamente por uma desconhecida.
A mulher desaparecera antes de ele
conseguir falar com ela. Só lhe
restara então uma única esperança
de revê-la: matar outra pessoa da
família presente naquele enterro e

torcer para a bela desconhecida
voltar na cerimônia seguinte. A
maioria das pessoas que havia
passado horas tentando encontrar a
solução

do

enigma

protestou:

escândalo, impostura, que bobagem
sem tamanho. Mas eu não. Ficara
fascinada com a lógica implacável
da história, desse crime. Estranho
como as lembranças voltam. Fazia
anos que não pensava nisso. Antes
do enterro do meu marido.

As últimas silhuetas se afastam.

Agora posso confessar, já que
estou a par.

A ocasião e o cenário são ideais
para isso.

A MORTE VAI ATACAR DE
NOVO EM GIVERNY.

Palavra de bruxa!

Espero mais um pouco, observando
a terra instável em volta do túmulo
do meu marido. Tenho quase certeza
de que nunca mais vou voltar aqui.

Pelo menos não viva. Não tenho
mais nada para fazer, não há outro
enterro para me fazer companhia. Os
minutos passam, horas talvez.

Por fim, volto para casa.

Netuno

está

me

esperando

comportado em frente ao cemitério.

Caminho pela Rue Claude-Monet; o

dia vai morrendo aos poucos. As

flores pingam rente às paredes,

debaixo dos postes de luz. Um pintor de talento poderia sem dúvida tirar alguma coisa da penumbra desse vilarejo que seca.

As luzes começam a se acender nas vidraças das casas. Passo em frente à escola. Na casa mais próxima, a janelinha redonda do primeiro andar, no forro do telhado, está acesa. É a janela do quarto de Stéphanie e Jacques Dupain. O que será que estão fazendo, sobre o que estão conversando enquanto torcem as roupas encharcadas?

Imagino que vocês também gostariam de poder se esgueirar até dentro da mansarda para espionar o casal. Mas, dessa vez, lamento: apesar de levar muito a sério meu papel de ratinho preto, ainda não sei

subir pelas calhas.

Tudo o que faço é diminuir o passo por alguns segundos, depois prossigo.

18

LAURENÇ SÉRÉNAC CAMINHA COM

cautela na penumbra, confiando

apenas no chiado de seus passos

sobre

o

cascalho.

Não

teve

dificuldade para encontrar a casa do

assistente, seguiu obedientemente as

indicações de Sylvio Bénavides:

margear o vale do Eure até

Cocherel, então subir à esquerda

após a ponte, na direção da igreja,

único monumento iluminado no

povoado depois das dez da noite.

Após verificar à luz dos faróis o nome do assistente na caixa de correio, estacionou a moto, uma Tiger Triumph T100, entre dois vasos de flores imensos. Foi então que a coisa se complicou: não havia campainha nem luz, apenas um caminho de cascalho e a sombra da casa, 50 metros mais à frente. Sendo assim, ele avança ao acaso.

– Merda!

Sérénac dá um grito no meio da noite. Seu joelho acaba de bater num muro de tijolos de menos de 1 metro de altura bem na sua frente. Sua mão tateia até descobrir as pedras frias, uma grade de ferro, uma poeira escura. Assim que percebe que deu uma topada em uma churrasqueira,

uma luz cintila ao longe e então, um segundo depois, uma imensa varanda se ilumina. Pelo menos seu grito deve ter acordado a vizinhança. A silhueta de Sylvio Bénavides surge diante da porta de vidro na tímida penumbra que rodeia o jardim.

– Em frente, chefe. Siga o cascalho. É só tomar cuidado com as churrasqueiras.

– Tá, tá bom – resmunga Sérénac, pensando que o conselho chegou tarde.

Ele caminha pelo cascalho confiando outra vez nos próprios ouvidos, nos próprios pés e nas indicações do assistente. Menos de 3 metros à frente, sua perna bate com toda a força em outra parede. Dobrado ao meio, o inspetor é

projetado para a frente e seus cotovelos se chocam violentamente com uma espécie de cubo de ferro.

Sérénac solta outro urro de dor.

– Tudo bem, chefe? – pergunta, preocupada, a voz acanhada de Sylvio. – Falei para tomar cuidado com as churrasqueiras.

– Puta que pariu – resmunga Sérénac, endireitando o corpo. – Como eu ia adivinhar que era no plural? Quantas churrasqueiras você tem? Faz coleção, por acaso?

– Dezessete! – responde Sylvio, com orgulho. – Isso mesmo, faço coleção. Eu e meu pai.

A escuridão oculta aos olhos de Sylvio a reação estupefata do chefe.

Quando Sérénac chega à varanda, torna a resmungar:

– Está de sacanagem com a
minha cara, Sylvio?

– Por quê?

– Quer mesmo que eu acredite
que você coleciona churrasqueiras?

– Não vejo qual é o problema.

Se estivesse de dia, o senhor teria
visto. Devemos ser alguns milhares
de fugicarnófilos no mundo...

Laurenç Sérénac se abaixa e
massageia o joelho.

– Fugi não sei o que significa
“coleccionador de churrasqueiras”,
imagino?

– Isso! Enfim, não tenho certeza
se está no dicionário. No meu nível,
não passo de um amador, mas sei de
um cara na Argentina que tem mais
de trezentas churrasqueiras, de 143
países do mundo, e a mais velha

remonta a 1200 antes de Cristo.

Sérénac agora está esfregando os cotovelos doloridos.

– Você está de sacanagem ou está mesmo falando sério?

– O senhor está começando a me conhecer, chefe. Acha que sou do tipo que inventa uma história dessas? Em todos os lugares do mundo os homens comem carne cozida desde a Idade do Fogo, sabia? O senhor não imagina como esse assunto é apaixonante. Não existe prática mais universal e ancestral do que a do churrasco...

– E por isso você tem 17 churrasqueiras. Nada mais normal. No fundo você tem razão, é uma decoração bem mais elegante do que anões de jardim.

– Elegante, original, cultural,
decorativa... e o melhor de tudo é
que é prático para convidar os
vizinhos.

Sérénac passa a mão pelos
cabelos e os despenteia.

– Fui transferido para uma terra
de loucos...

Sylvio sorri.

– Nada disso. Outra hora eu lhe
conto sobre as tradições provençais
e a diferença entre as churrasqueiras
dos cátaros e as dos cevenóis.

Bénavides sobe os três degraus
que levam à varanda.

– Vamos entrando, chefe. Foi
difícil encontrar?

– Tirando os últimos 20 metros,
não! Fora as churrasqueiras, esta sua
região é bem bacana, sabia?

Moinhos, telhados de sapê...

– É, gosto bastante deste lugar,
principalmente da vista que se tem
daqui, da varanda.

O inspetor Sérénac galga os três
degraus.

– Enfim, agora está de noite, não
dá para ver grande coisa – explica
Sylvio. – Mas durante o dia é
incrível. Além do mais, chefe,
Cocherel é um lugar bem estranho.

– Mais estranho do que um clube
de fugicófilos? Você precisa me
falar sobre isso!

– Fugicarnófilos. Mas não, não
tem nada a ver com isso. Na
verdade, muita gente morreu aqui.

Durante a Guerra dos Cem Anos,
houve uma grande batalha nas
encostas aqui em frente, milhares de

cadáveres, e depois outra na Segunda Guerra. E o mais estranho de tudo: sabe quem está enterrado no cemitério da igreja, logo ali atrás?

– Joana d’Arc?

Bénavides sorri.

– Aristide Briand.

– Ah, é?

– Aposto que o senhor não sabe quem é.

– Um cantor.

– Não, esse é Aristide Bruant.

As pessoas sempre confundem.

Aristide Briand é um político.

Pacifista. O único Nobel da Paz francês.

– Que legal, Sylvio, você se preocupar assim com a minha educação normanda.

Ele observa o enxaimel da

varanda de sapê iluminada.

– Voltando ao que eu estava

dizendo, para um simples inspetor

de polícia e seu salário miserável,

esta sua casa funcional até que é

bem requintada.

Sylvio se arrufa todo, satisfeito

com o elogio. Ergue os olhos para o

teto da varanda e suas vigas

naturais. Pedacos de arame foram

esticados para que, com o tempo, a

videira plantada no metro de piso

não

coberto

por

lajotas

se

enroscasse nas vigas.

– Comprei caindo aos pedacos

já faz mais de cinco anos, sabe? E

desde então estou reformando.

– Ah, é? O que você fez?

– Tudo.

– Sério?

– Sério. Está no sangue dos portugueses, sabe, chefe, mesmo dos policiais. Relações Norte-Sul, o senhor entende.

Sérénac solta uma gargalhada.

Tira a jaqueta de couro.

– O senhor está ensopado, chefe.

– É, foi aquela porra de enterro normando.

– Entre, vamos, venha se secar.

Seguem pela varanda. Laurenç

Sérénac pendura a jaqueta no encosto de uma cadeira de plástico que quase despenca para trás com o peso da roupa. Senta-se na cadeira ao lado. Bénavides quase pede

desculpas:

– Preciso admitir que móveis de plástico não tornam uma sala muito confortável. Peguei-os de um primo, estão quebrando o galho. Os antiquários do vale do Eure terão de ficar para depois, não é? Quando eu for promovido a delegado...

Sorri e também se senta.

– Então, e o enterro?

– Nada de mais. Choveu. Uma porção de gente. Giverny inteira estava lá, todas as gerações, dos mais velhos aos mais jovens. Pedi a Maury para tirar umas fotos, vamos ver o que elas rendem. Você deveria ter ido, Sylvio. Tinha um nenúfar de granito, flores dentro de cestos e até o bispo de Evreux. E garanto a você: nenhum habitante de Giverny estava

de botas. Tudo da mais alta classe,
viu?

– Falando em botas, chefe,
verifiquei na delegacia que Louvel
estava coordenando tudo. Amanhã já
devemos ter uma primeira ideia.

– É... Tomara que isso reduza
nossa lista de suspeitos – diz
Sérénac, esfregando as mãos como
que para se aquecer. – Pelo menos a
vantagem desse enterro interminável
foi me dar a oportunidade de fazer
hora extra na casa do meu assistente
preferido.

– E que sorte, já que o senhor só
tem um! Desculpe ter lhe pedido
para vir aqui, chefe, mas não gosto
muito de deixar Béatrice sozinha à
noite.

– Eu entendo, não se preocupe.

Para concluir sobre aquela porra de enterro: Patricia, a viúva, chorou do início ao fim. Para ser bem sincero, se estiver fingindo, vou indicá-la ao César de melhor atriz revelação. Por outro lado, não se pode afirmar que havia alguma amante de Morval para chorar sobre seu túmulo.

–

Tirando

a

professora

Stéphanie Dupain.

– Isso é uma piada?

– Involuntária, acredite.

Bénavides baixa os olhos e

esboça um sorriso discreto.

– Já tinha entendido que era um

assunto sensível.

–

Nossa,
meu
assistente

preferido se liberta quanto está em casa! Respondendo à sua pergunta, Sylvio, sim, Stéphanie Dupain foi ao enterro. E posso lhe dizer que estava mais bonita do que nunca, tão molhada a ponto de tornar a chuva quase agradável, mas não desgrudou do marido ciumento.

– Tome cuidado mesmo assim, chefe.

– Obrigado pelo conselho. Já sou grandinho, sabe?

– Estou sendo sincero.

– Eu também.

Um pouco constrangido, Laurenc Sérénac desvia os olhos e examina a varanda: o rejuntamento das paredes

de tijolos cor de salmão está
impecável, as vigas totalmente
raspadas e envernizadas, as bordas
de arenito polidas e limpas.

– Foi você mesmo quem fez tudo
aqui?

– Passo todos os fins de semana
e as férias trabalhando com meu pai.
Fazemos tudo a quatro mãos, com
calma. É um prazer.

–

Putá

que

pariu.

Estou

embasbacado, Sylvio. Só suporto
este clima de merda daqui porque
assim são 800 quilômetros entre
mim e minha família.

Os dois riem. Sylvio revira os

olhos, denotando nervosismo, com certeza por causa do barulho.

– Bom, vamos começar?

Laurenç dispõe sobre a mesa de plástico três fotografias das amantes de Jérôme Morval. Sylvio faz o mesmo com as suas e lança sobre as cinco um olhar consternado.

– Pessoalmente, não entendo quem trai a mulher. Ultrapassa a minha compreensão.

– Faz quanto tempo que você conhece a sua Béatrice?

– Sete anos.

– E nunca pulou a cerca?

– Nunca.

– Ela está dormindo lá em cima, não é?

– É, mas isso não muda nada.

– E por que nunca a traiu? Sua

mulher é a mais linda do mundo, é
isso? Então você não tem motivo
para desejar outra?

As mãos de Sylvio brincam com
as fotos. Já está arrependido de ter
conduzido o chefe para esse assunto.

– Pare com isso, chefe, não fiz o
senhor vir aqui para...

– Como ela é, sua Béatrice? –
interrompe Sérénac. – Não é bonita,
é isso que está me dizendo?

De repente, Sylvio põe as duas
mãos espalmadas sobre a mesa.

– Bonita ou não, a questão não é
essa! Não é assim que funciona. É
uma imbecilidade querer que sua
mulher seja a mais linda do mundo.
O que isso quer dizer? Não é uma
competição! Sempre vai haver em
algum lugar uma mulher mais bonita

do que a que vive ao seu lado. E, mesmo que você consiga se casar com a Miss Universo, um dia ela vai acabar envelhecendo. Seria preciso pôr a nova Miss Universo na sua cama todos os anos, é isso?

Em resposta à argumentação do assistente,

Laurenç

exibe

uma

espécie de sorriso que o outro acha estranho, principalmente porque ele parece observar alguma coisa por cima do seu ombro, na direção da porta do corredor.

– Quer dizer que não sou a mais bonita?

Sylvio se vira como se a rosca à qual seu pescoço está preso tivesse

se soltado e ele fosse dar dez giros
em torno do próprio eixo.

Vermelho feito um pimentão.

Atrás dele, Béatrice parece
deslizar pelos ladrilhos da varanda.

Laurenç a acha belíssima, ainda que
a palavra seja mal escolhida.

Comovente, para ser mais exato.

Alta e morena, os longos cabelos
negros e os cílios se misturam diante
de olhos enevoados qual uma cortina
a proteger os últimos raios de sono.

Béatrice está enrolada em um grande
xale creme cujas dobras sobre seu
ventre arredondado lembram as
pregas de uma estátua antiga. A pele
de pêsego parece esculpida na
mesma fazenda que o xale de
algodão. Os olhos cintilam de
ironia. Sérénac se pergunta se

Béatrice é sempre tão bonita assim
ou se é porque está grávida, porque
faltam poucos dias para se tornar
mãe. A plenitude da gravidez, algo
como uma felicidade interior que
acaba por aflorar. O tipo de coisa
que se lê nas revistas. Sérénac pensa
também

que

deve

estar

envelhecendo para pensar essas
coisas sobre as mulheres; por acaso
alguns anos antes teria achado uma
grávida sexy?

– Sylvio – diz Béatrice, puxando
uma cadeira –, pode ir pegar um
copo de suco para mim, qualquer
coisa?

Sylvio se levanta e parte em

direção à cozinha. Chega a diminuir de estatura, como um banquinho giratório regulável que houvesse girado demais. Béatrice sobe mais o xale nos ombros.

– Quer dizer que o senhor é o famoso Laurenc̃ Sérénac?

– Por que “famoso”?

– Sylvio fala muito a seu respeito. O senhor... o senhor o surpreende. Desestabiliza, até. Seu antecessor era mais... mais clássico.

A voz de Sylvio grita da cozinha:

– Serve abacaxi?

– Serve!

Então, dali a dois segundos:

– A garrafa já está aberta?

– Já, desde ontem.

– Então não.

Silêncio.

– Bom, vou ver o que tem na adega.

Sexy, mas chata, a grávida. O xale escorregou por seu ombro direito. Um pensamento juvenil, reflete Laurenç, seria cogitar se, em condições normais, as formas de Béatrice são assim tão voluptuosas. Ela se vira para ele.

– Ele é um encanto, não acha? O melhor homem do mundo. Sabe, Laurenç, já prestava atenção nele havia muito tempo, no meu Sylvio, pensando alguma coisa do tipo:

“Esse daí é para mim.”

– Mas ele não deve ter resistido por muito tempo. A senhora é maravilhosa.

– Obrigada.

O xale escorrega e torna a subir.

– Fico tocada com esse elogio,
principalmente vindo do senhor.

– De mim?

– Sim, do senhor. O senhor... é
um homem que sabe olhar para as
mulheres.

Ela diz isso com um brilho de
ironia no canto do olho. O xale torna
a cair, claro, e depois disso só resta
a Laurenç desviar os olhos e
admirar o trabalho manual de Sylvio
e seu pai. Vigas, tijolos e vidro.

– Também gosto de Sylvio –
retoma Sérénac. – E não só por
causa dos brownies e da coleção de
churrasqueiras.

A mulher sorri.

– Ele também gosta do senhor.

Mas não sei se isso me reconforta.

– Como assim? Eu poderia ser
má influência, é isso?

Béatrice fecha o xale em torno
de si e se inclina em direção às fotos
dispostas sobre a mesa de plástico.

– Hum. Parece que o senhor está
caidinho por uma suspeita.

– Foi ele quem disse isso?

– É o único defeito dele. Como
todos aqueles que são muito tímidos,
fala um pouco demais na cama.

– Manga? – grita Sylvio da
adega.

– Sim, se só tiver isso. Mas bem
gelado.

Ela sorri para Sérénac.

– Não me julgue assim, Laurenc.

Ainda posso aproveitar alguns dias,
não?

O inspetor meneia a cabeça qual

uma

esfinge.

Supersexy,

mas

superchata, a grávida.

– Só tinha esse defeito – diz

Laurenç. – A senhora descobriu.

– Concordo, inspetor!

– Meio sem imaginação, não?

– Não acho.

Sylvio retorna trazendo um

grande copo decorado com um

canudo, um pequeno guarda-sol e

uma rodela de laranja. Béatrice lhe

dá um beijo afetuoso na boca.

– E eu, como estou encharcado,

provavelmente não estou com sede –

diz Sérénac.

– Desculpe, chefe. O que vai

querer?

– O que você tem?

– Uma cerveja serve?

– Sim, perfeito. Bem gelada,
hein? Também queria um guarda-sol
e um canudo.

Béatrice segura o xale com uma
das mãos e suga o canudo com a
outra.

– Sylvio, diga a ele que pode ir
se foder.

Bénavides

abre

um

largo

sorriso.

– Escura, clara ou de trigo?

– Escura.

Sylvio torna a sumir dentro da
casa. Béatrice se inclina em direção
às fotos.

– Quer dizer que é ela, a professora?

– É.

– Entendo o senhor, inspetor. Ela é mesmo, como dizer... elegante. Atraente. É como se tivesse saído direto de um quadro romântico. Como se estivesse posando, quase.

A

reflexão

deixa

Laurenç

surpreso. Curiosamente, ele tinha pensado a mesma coisa ao encontrar a professora. Béatrice observa com insistência as outras fotos, afasta a cortina de cabelos dos olhos e franze delicadamente o cenho.

– Quer que eu lhe faça uma revelação, inspetor?

– Tem a ver com o caso?

– Tem. Há algo de bem evidente nessas fotos. Em todo caso, algo que uma mulher consegue adivinhar com bastante facilidade.

19

PELA

JANELINHA

REDONDA,

STÉPHANIE Dupain observa há alguns minutos as sombras molhadas das últimas silhuetas a caminhar por Giverny, então recua um passo. O vestido preto escorrega de seu corpo. Jacques está deitado na cama ali ao lado, sem camisa. Ele ergue os olhos do folheto de imóveis à venda no bairro de Andelys. O quarto tem o teto inclinado e uma pequena lâmpada pendurada em uma

viga de carvalho banha fracamente o
recinto numa claridade amarelada.

A pele nua de Stéphanie adquire
um matiz ruivo. Ela torna a se
inclinar na direção da janelinha,
observa a noite que cai sobre a rua,
a praça da prefeitura, as tílias, o
pátio da escola.

Todo mundo vai ver você, pensa
Jacques, tirando os olhos do folheto.
Não diz nada. Stéphanie encosta a
pele na vidraça. Exceto pelo sutiã, a
calcinha preta e as meias cinza, está
nua.

Com voz cansada, ela murmura:

– Por que sempre chove nos
enterros?

Jacques larga a revista.

– Não sei. Sempre chove em
Giverny, Stéphanie. Às vezes, nos

enterros também. É quando a gente se lembra mais. A gente acha que lembra.

Ele a observa por instantes.

– Vem para a cama?

Ela não responde e dá alguns passos para trás, devagar. Gira o corpo e se olha de três quartos no reflexo da janelinha redonda.

– Eu engordei. Você não acha?

Jacques sorri.

– Está de brincadeira? Você é...

Ele procura a melhor palavra para traduzir o que sente: os cabelos compridos a chover por aquelas longas costas cor de mel, as sombras que acompanham cada uma das curvas.

– Uma verdadeira madona.

Stéphanie sorri. Leva as mãos às

costas para soltar o sutiã.

– Não, Jacques. Uma madona é

bonita porque tem filhos.

Ela pendura a lingerie em um

cabide preso a um prego na porta.

Vira-se, sem sequer baixar os olhos

na direção de Jacques, e senta-se na

beira da cama. Enquanto seus dedos

enrolam lentamente uma das meias

coxa abaixo, Jacques enfia uma das

mãos debaixo dos lençóis e a faz

subir pela barriga lisinha de

Stéphanie. Quanto mais sua mulher

se inclina, coxa, joelho, tornozelo,

mais seus seios encostam no braço

dele.

– A quem você gostaria de

agradar, Stéphanie?

– A ninguém. A quem você quer

que eu agrade?

– A mim. A mim, Stéphanie.

Ela não responde. Entra debaixo das cobertas. Jacques hesita e acaba falando:

– Não gostei do jeito como aquele policial ficou olhando para você durante o enterro de Morval.

Não gostei mesmo.

– Não comece com isso outra vez. Pelo amor de Deus.

Stéphanie lhe dá as costas.

Jacques escuta sua respiração suave.

–

Philippe

e

Titou

me

convidaram para caçar amanhã no platô da Madrie, no final da tarde.

Tudo bem?

– Claro. Claro que tudo bem.

– Tem certeza? Não quer que eu
fique aqui?

Respiração. Somente as costas
da mulher e sua respiração.

Insuportável.

Ele pousa a revista no pé da
cama e pergunta:

– Vai querer ler?

Stéphanie ergue os olhos para o
criado-mudo. Há um único livro
sobre o móvel. *Aureliano*. De Louis
Aragon.

– Não, hoje não. Pode apagar a
luz.

Faz-se noite no quarto.

A calcinha preta cai no chão.

Stéphanie se vira para o marido.

– Me faça um filho, Jacques. Por
favor.

20

O INSPETOR SÉRÉNAC ENCARA

Béatrice com insistência. Acha difícil adivinhar o que se esconde atrás daquele sorriso irônico. A varanda adquire ares de sala de interrogatório. A mulher de Sylvio Bénavides bate um pouco o queixo sob o xale.

– Então, Béatrice, que certeza lhe inspiram essas fotos libidinosas?

–

Estou falando da sua professora. Como é mesmo o nome dela?

– Stéphanie. Stéphanie Dupain.

– Isso, Stéphanie. Essa bela

moça que, segundo Sylvio, roubou
seu coração.

Sérénac franze o cenho.

– Bom, ponho minha mão no
fogo que ela nunca saiu com esse tal
Jérôme Morval.

Ela examina demoradamente
uma a uma as cinco fotografias sobre
a mesa de plástico.

– Confie em mim. Ela é a única
das cinco que não teve nenhum
relacionamento físico com ele.

– O que a faz concluir isso? –
indaga Sérénac, tentando também
dar um sorriso enigmático.

E a resposta vem simples como
um bom-dia:

– Ele não faz o tipo dela.

– Ah. E qual é o tipo dela?

– O seu!

Grávidas não fazem rodeios.

Sylvio

volta

trazendo

uma

Guinness e um copo grande com o
escudo da marca de cerveja. Pousa-
os diante do colega.

– Posso ficar com vocês

enquanto

trabalham?

–

pede

Béatrice.

Com um olhar temeroso, Sylvio
observa Laurenç soprar o colarinho
da cerveja.

– Que diferença faz? Você conta
tudo depois, mesmo.

Bénavides

evita

qualquer

comentário.

Seu

superior

faz

deslizar sobre a mesa uma primeira

imagem.

– Bom, vou começar – diz ele.

Béatrice e Sylvio abaixam a

cabeça na direção da foto que

Sérénac lhes mostra. Jérôme Morval

está colado aos joelhos de uma

jovem atrás de uma mesa lotada,

dando-lhe um beijo de língua.

– Do ponto de vista da

investigação, se é que posso dizer,

isso era só uma preparação. O nome

da garota é Fabienne Gonçalves. Era

uma das secretárias dele. Jovem e

liberada. Tipo calcinha rendada
debaixo do jaleco branco.

Sylvio passa um braço tímido
pelo ombro de Béatrice, que parece
achar muita graça.

– Segundo uma amiga da
secretária, o caso deles começou
cinco anos atrás. Fabienne era
solteira na época. Agora não é mais.

– Meio pouco para um crime
passional, não? – comenta Sylvio.

Ele vira a foto.

– E o código no verso? 23-02?

– Menor ideia. Nem sequer um
início de pista. Esses números não
correspondem a nada, nem a uma
data de nascimento nem a um dia de
encontro. A única certeza é que os
segundos algarismos não se referem
a meses.

– Se me permite interromper,
chefe, esbarrei no mesmo impasse.

Identifiquei as garotas, mas não
descobri nada, rigorosamente nada,
em relação aos códigos: 03-01, 21-
02, 15-03. Talvez seja só o modo de
classificação do detetive particular
que tirou as fotos.

– Pode ser. Mas, mesmo assim,
eles correspondem a uma ordem,
isso é certo... e enquanto não
encontrarmos o detetive particular
em

questão,

enquanto

Patricia

Morval continuar fingindo que não
nos mandou essas fotos, vamos
continuar no escuro. Bom, vemos
isso mais tarde. Sua vez agora.

Sylvio não solta Béatrice. Chega até a segurar o xale com firmeza entre sua mão e o ombro da mulher. Contorce-se para pegar uma das imagens. A foto foi visivelmente tirada em uma casa noturna. Jérôme Morval está com a mão numa parte do seio que escapole do vestido de paetês de uma moça loura, bronzeada e maquiada até as unhas dos pés. Sérénac dá um assobio entre os dentes. Os olhos de Béatrice brilham, Sylvio pigarreia. – Aline... Malétras – balbucia o assistente. – Trinta e dois anos. Relações-públicas no mundo da

arte. Divorciada. Pelo visto, foi a
relação mais longa que Morval teve.

Uma

mulher

independente.

Frequentadora das galerias de Paris.

– Relações-públicas, é assim

que se chama? – ironiza Laurenç. –

Pela foto, nossa Aline parece uma

pequena e poderosa devoradora de

homens. Você falou com ela?

Béatrice se empertiga como uma

loba que fareja perigo. Os dedos

atentos de Sylvio se contraem sobre

o xale.

– Não – responde o assistente. –

Pelas informações que tive, está nos

Estados Unidos há nove meses. Em

Old Lyme, não sei se o senhor já

ouviu falar. Parece que é a Giverny

americana,

reduto

dos

impressionistas da Costa Leste. Fica em Connecticut, perto de Boston.

Tentei falar com ela por telefone, até agora sem sucesso. Mas o senhor me conhece, chefe: vou insistir.

– Hum... Espero que não esteja me dizendo que a bela Aline está exilada só porque Béatrice está aqui.

Béatrice passa a mão no joelho do marido.

Sexys e chatas, as grávidas. Mas carinhosas também.

– Agora se prepare – insiste Sylvio. – Sabe para quem Aline Malétras trabalha em Boston?

– Vai me dar alguma pista? Ela

trabalha vestida ou não?

Sylvio não se dá sequer ao
trabalho de comentar.

– Aline Malétras trabalha para a
Fundação Robinson!

– Vejam só... De novo essa
porra de fundação! Sylvio, encontre
essa garota – insiste Sérénac,
olhando de viés para Béatrice, com
um ar contrariado. – Considere isso
uma ordem. Bom, minha vez.

A foto seguinte passa de mão em
mão. Uma mulher, cujo jaleco azul
curto desce até a altura da saia, está
ajoelhada

em

frente

ao

oftalmologista, cuja calça está
arriada até os tornozelos. Sylvio se

vira para Béatrice como se quisesse lhe sugerir que se deitasse. Acaba não dizendo nada.

– Sinto muito, mas dessa vez não consegui nada – diz Sérénac. – Sem o rosto da garota, estou com dificuldade para identificá-la. Minha única certeza é de que a cena aconteceu na sala da residência dos Morval, na Rue Claude-Monet, pois pude identificar os quadros nas paredes. Sendo assim, dada a roupa que a garota está usando, esse tipo de jaleco azul quadriculado de cores claras, poderíamos imaginar que se trata de uma faxineira, mas Patricia Morval não disse nada em relação a isso. Ela vive demitindo uma empregada atrás da outra. Além do mais, segundo Maury, que examinou

a textura do papel, essa foto também
teria no mínimo uns dez anos.

– Morval morreu como? –
pergunta, de repente, Béatrice.

– Esfaqueado, com a cabeça
esmagada e depois afogado –
responde Sérénac no automático.

– Se fosse eu, também teria
cortado fora o saco dele.

Sexy e chata, a grávida... e
carinhosa... como uma cobra a se
enrolar no seu pescoço.

Sylvio sorri feito um bobo.

– Não quer se deitar um pouco,
amor?

Amor não responde. Laurenc
está se divertindo bastante.

– A relação remonta a uma
década – sugere Sylvio. – Se a moça
tivesse engravidado, o filho teria...

– Dez anos! Também sei fazer
conta. Estou vendo aonde você quer
chegar, meu velho, mas primeiro vai
ser preciso encontrar a garota antes
de pensar se ela além de tudo é mãe.
Sua vez agora, a irlandesa.

– Talvez seja meio demorado,
chefe. Não quer continuar o senhor?

Sérénac

ergue

os

olhos,

espantado.

– Como preferir... No meu caso,
pelo contrário, vai ser curto.

A foto circula. Stéphanie Dupain
e Jérôme Morval andam por um
caminho de terra batida, sem dúvida
uma trilha acima de Giverny. Estão
em pé lado a lado, bastante

próximos, de mãos dadas.

– Como vocês podem constatar,

trata-se

de

uma

relação

extraconjugal bem casta – comenta

Sérénac. – Não é mesmo, Béatrice?

Sylvio fica surpreso, e Béatrice

meneia a cabeça devagar.

– É – acrescenta Bénavides. –

Mas essa foto estava junto com as

outras quatro. Se fizermos a

relação...

– Justamente! Ninguém nunca lhe

ensinou que é preciso desconfiar das

relações, Sylvio? É o bê-á-bá da

profissão. Principalmente se as fotos

nos chegaram pelas mãos de um

benfeitor anônimo. Quanto ao resto,

já sabemos tudo sobre a moça da foto, Stéphanie Dupain, professora primária do vilarejo. Vou encontrá-la de novo amanhã para pedir a lista das crianças de Giverny, o que vai agradar a Sylvio, e também para perguntar o que seu marido estava fazendo na manhã do assassinato de Morval.

Laurenç aguarda um comentário de incentivo de Béatrice, mas ela recostou a cabeça no ombro de Sylvio e está começando a fechar os olhos. Sylvio subiu o xale até seu pescoço.

– E a sua irlandesa? – pergunta Sérénac.

– Alysson Murer – murmura o assistente, sem mexer um cílio sequer. – Mas, na verdade, não é

irlandesa, e sim inglesa, de Durham,
no norte da Inglaterra, perto de
Newcastle. E a praia da foto não é
na Irlanda, e sim na ilha de Sark.

– Sark não fica na Irlanda?

– Não, fica bem mais ao sul. É
uma ilhota anglo-normanda ao lado
de Jersey, a mais bonita de todas,
parece.

– Mas então, e essa sua
Alysson?

Béatrice agora está de olhos
fechados. Sua respiração na nuca de
Sylvio faz esvoaçar delicadamente
uma mecha de finos cabelos louros.

– É uma longa história – sussurra
Bénavides. – E, por mais que isso
contrarie o bispo de Evreux, não vai
contribuir em nada para a honra
póstuma de Jérôme Morval.

SEXTO DIA

18 de maio de 2010, Moinho de

Chennevières

Inquietação

21

COMO VOCÊS JÁ ENTENDERAM, meu quarto e meu banheiro ficam lá em cima, na torre de menagem do moinho de Chennevières, essa pequena torre quadrada de enxaimel.

Dois cômodos minúsculos em que ninguém além de uma velha louca aceitaria morar.

Prendo os cabelos devagar. Já decidi. Preciso sair hoje de manhã e falar com Patricia Morval. Observo com mau humor a mancha escura no piso. Quase todas as roupas que usei no enterro na véspera ainda estão molhadas. Passaram a noite inteira

escorrendo; estava cansada demais,
não prestei atenção, estendi-as ali
mesmo, na sala. Hoje de manhã,
havia uma poça d'água, não adiantou
passar a esponja, ficou uma marca
úmida na madeira do piso. Sei que é
só água, que a madeira vai secar.
Mas essa mancha logo abaixo das
mi nhas *Ninfeias* negras me deixa
obcecada.

Vocês devem estar pensando que
sou mesmo uma velha doente, não é?
Nesse ponto, não estão enganados.
Chego perto da janela. Minha torre
tem pelo menos uma vantagem: em
toda a Giverny não existe nenhum
ponto de observação melhor. Do
meu ninho de águia posso ver o Ru,
a pradaria até a ilha das Urtigas, os
jardins de Monet, o Chemin du Roy

até a rotatória.

Aqui é o meu mirante.

Às vezes passo horas nesta
janela.

Sinto nojo de mim mesma.

Quem poderia ter imaginado que
eu fosse virar isso: uma megera que
passa a vida atrás de vidraças
cinzentas,
espionando
vizinhos,
desconhecidos, turistas?

A porteira do vilarejo.

Um ouriço deselegante.

Assim é.

Às vezes me canso do fluxo
ininterrupto dos carros, dos ônibus
de turismo, das bicicletas e dos
pedestres no Chemin du Roy. Os
últimos metros da romaria dos

peregrinos do Impressionismo.

Às

vezes,

não.

Há

boas

surpresas, como agorinha mesmo.

Essa moto que diminui a

velocidade para virar logo depois

do moinho, na direção do vilarejo,

na Rue du Colombier, não há como

não a ver.

O inspetor Laurenç Sérénac em

pessoa!

Observo. Ninguém pode me ver,

ninguém desconfia de mim. E,

mesmo que alguém descobrisse o

que estou fazendo, que diferença

faria? O que pode haver de mais

natural do que uma velha fofoqueira,

que presta atenção em cada detalhe, todas as manhãs, dia após dia, como um peixe de olhos esbugalhados que esquece tudo a cada giro dentro do aquário?

Quem iria desconfiar de uma testemunha assim?

Enquanto isso, a moto do policial virou na Rue du Colombier.

Eis então a volta do inspetor Sérénac, a caminho do grande desastre.

22

SÉRÉNAC ESTACIONA A MOTO na praça da prefeitura, debaixo de uma tília. Dessa vez, não deixou nada ao acaso e programou sua chegada à escola para alguns minutos depois do fim das aulas. Aliás, cruzou com várias crianças na Rue Claude-

Monet e todas admiraram sua Tiger Triumph T100. Para a garotada, a moto é quase uma peça de colecionador.

Stéphanie se acha de costas para ele.

Está organizando os desenhos dos alunos dentro de uma grande pasta de cartolina. Ele decidiu falar primeiro, pois acha que é o melhor jeito de não gaguejar; falar antes mesmo de ela se virar, antes de pousar nele a paisagem infinita do seu olhar.

– Bom dia, Stéphanie. Voltei para pegar a lista das crianças, como prometido.

A professora estende a mão macia acompanhada por um sorriso sincero. O sorriso de um detento chamado para receber uma visita,

pensa ele, sem saber por que essa imagem lhe vem à cabeça.

– Bom dia, inspetor. Já preparei tudo. Está ali, naquele envelope em cima da mesa.

– Obrigado. Vou lhe confessar uma coisa: tenho um assistente que acredita piamente nessa pista por causa do postal de aniversário encontrado no bolso de Jérôme Morval.

– O senhor não?

– Não sei. A senhora está em posição melhor do que a minha para saber isso. Para dizer a verdade, acho que meu assistente formulou a hipótese de que Jérôme Morval pode ter tido um filho ilegítimo uns dez anos atrás. Sabe como é...

– Só por isso?

– Não lhe parece crível? Dentre todos os seus pequenos alunos, não há nenhum que pudesse ter esse perfil?

Stéphanie desliza os dedos em direção ao envelope branco e o cola no peito do inspetor.

– Esse trabalho de fuçar a vida íntima dos meus meninos é seu, não meu!

Sérénac não insiste. Enquanto finge buscar as palavras certas, observa a sala. Na verdade, o inspetor sabe perfeitamente o que vai dizer a seguir; já virou e revirou a frase na cabeça durante todo o trajeto de Vernon a Giverny, como se fosse um chiclete velho. Seu olhar recai nos tons pastel do cartaz do concurso

Desafio

Internacional

Jovens Pintores. Ele repara que a Fundação Robinson também aparece em outro cartaz pendurado na sala, que louva, em inglês, os méritos da National Gallery de Cardiff, com a paisagem de um charco pintada por Sisley ao fundo. Após esse silêncio calculado, Sérénac começa:

– Stéphanie, a senhora conhece bem o vilarejo?

– Nasci aqui!

– Estou atrás de um guia. Como dizer,

estou

precisando

sentir

Giverny, entender o lugar. Acho que

só assim vou conseguir avançar

nessa investigação.

– “Observar e imaginar”, como os pintores?

– Exato.

Eles se sorriem.

– Está bem, estou ao seu dispor.

Vou pegar meu casaco e já venho.

Stéphanie Dupain vestiu um cardigã

de lã por cima do vestido amarelo-

palha. Enquanto conversam, os dois

seguem

a

Rue

Claude-Monet,

descem a Rue des Grands-Jardins,

viram na direção da Rue du Milieu e

então tornam a atravessar o regato,

do outro lado do Chemin du Roy,

bem em frente ao moinho de

Chennevières. Stéphanie já levou os

alunos de sua turma para passear

pelas ruas de Giverny centenas de vezes. Conhece todas as anedotas sobre a cidade, que compartilha com o inspetor. Explica que cada esquina do vilarejo, praticamente cada casa, e cada árvore também, é conservada e admirada em algum lugar do outro lado do planeta, emoldurada e envernizada em algum museu de prestígio.

Pinturas de origem controlada!

De Giverny. Nos arredores de Giverny. Normandia.

– Aqui, quem viaja são as pedras e as flores – comenta Stéphanie, com um sorriso meio estranho. – Não os moradores! Eles atravessam o Chemin du Roy. O rio que corre debaixo da

ponte e desaparece sob um arco de tijolo, em direção ao moinho de Chennevières, proporciona um arremedo de frescor. Stéphanie se detém alguns metros antes do moinho.

– Essa casa estranha sempre me atraiu. Sério. Não sei por quê.

– Posso fazer uma sugestão? – pede Sérénac.

– Claro.

– Lembra-se do livro que a senhora me emprestou? *Aureliano*, de Aragon. Passei boa parte da noite na companhia dele. Aureliano e Bérénice. Seu amor impossível. Nos capítulos passados em Giverny, Bérénice mora em um moinho.

Aragon não especifica qual, mas, se seguirmos as descrições dele ao pé da letra, só pode ser esse aqui.

– O senhor acha? Acha que é nesse moinho que Aragon faz padecer a melancólica Bérénice, dividida entre seus dois amores, a razão e o absoluto?

– Shh... Não me conte o fim.

Eles avançam em direção ao grande portão de madeira. Está aberto. Uma brisa leve percorre o vale. Stéphanie estremece um pouco. Laurenç resiste à vontade de abraçá-la.

– Sinto muito por Aragon, Stéphanie, mas para o policial adormecido dentro de mim esse moinho é sobretudo a casa mais próxima do local onde Jérôme

Morval foi assassinado.

– Isso é problema seu. Minhas competências se resumem às de um guia turístico. Se quer saber, esse moinho tem uma longa história. Sem ele, aliás, o jardim de Monet jamais teria existido, nem ele nem as *Ninfeias*. O regato na realidade é um canal cavado por monges na Idade Média para alimentar o moinho. Passava por uma campina um pouco mais acima, que Monet comprou séculos depois para cavar o seu laguinho.

– E depois?

– O moinho pertenceu por muito tempo a John Stanton, um pintor americano que, pelo visto, tinha mais talento para segurar uma raquete de tênis do que um pincel.

Mas desde sempre, sem que se saiba
realmente por quê, para as crianças
do
vilarejo
o
moinho
de
Chennevières é o moinho da bruxa.

– Ui.

– Olhe só, Laurenç. Acompanhe
o meu dedo.

Stéphanie segura a mão dele.

Sérénac se deixa tocar, deliciado.

– Observe a imensa cerejeira no
meio do pátio. Essa árvore é
centenária! Há muitas gerações a
brincadeira das crianças de Giverny
é entrar nesse pátio e roubar cerejas.

– Mas e a polícia o que faz?

– Espere, olhe mais um pouco.

Está vendo os reflexos brilhantes do sol nas folhas? São tiras de papel prateado.

Um

simples

papel

prateado cortado em forma de fita. É muito simples. Serve para afastar os passarinhos, predadores bem mais perigosos para as cerejas do que as crianças dos arredores. Mas para os meninos do vilarejo existe um gesto bem mais cavalheiresco do que vir roubar os frutos da cerejeira.

A imaginação faz os olhos

lilases de Stéphanie brilharem feito

os de uma adolescente. A mais

luminosa das *Ninfeias* de Monet! É

como se toda a melancolia houvesse

desaparecido. Sem dar tempo para o

inspetor responder, ela prossegue:

– O cavalheiro deve correr e

roubar

algumas

dessas

tiras

prateadas para dá-las de presente à

princesa do seu coração, para ela

amarrar os cabelos.

Ela ri e leva a mão de Laurenç

até seu coque improvisado.

– Eis as provas, inspetor.

Os dedos de Laurenç Sérénac se

perdem

nos

longos

cabelos

castanhos. Ele hesita em forçar o

gesto. É impossível Stéphanie não

estar percebendo a sua emoção.

O que ela quer? Quanto daquilo

é

improvisação?

Quanto

é

premeditado?

As tiras de papel prateado que
prendem discretamente os cabelos
da professora crepitam ao seu toque.

Ele afasta a mão como se esta fosse
pegar fogo. Sorri, não sabe o que
dizer; deve estar parecendo um
idiota.

– A senhora é mesmo uma
mulher surpreendente... De verdade.

Amarrar os cabelos com fitas
prateadas!

Imagino

que

seja

indiscreto perguntar que cavalheiro
as deu de presente.

Com um gesto natural, ela torna
a ajeitar os cabelos.

– Para tranquilizá-lo, posso
apenas lhe dizer que não foi Jérôme
Morval! Esse romantismo infantil
não fazia nem um pouco o tipo dele.

Mas não vá imaginar mistérios onde
eles não existem, inspetor. Numa
sala de aula, muitos meninos gostam
de dar presentes para a professora.

Vamos continuar?

Eles dão alguns passos em
direção ao regato e chegam bem em
frente ao lavadouro, no lugar exato
em que, dias antes, o corpo de
Jérôme Morval estava caído dentro
d'água.

É claro que pensam nisso.

O silêncio se insinua entre eles.

Stéphanie tenta um desvio:

– Quem deu este lavadouro ao vilarejo foi Claude Monet. Este e muitos outros aqui perto. Esses presentes eram uma tentativa de ser aceito pelos camponeses.

Sérénac não responde. Afasta-se

um

passo

e

diverte-se

acompanhando com os olhos a dança das plantas aquáticas no fundo do regato. Sua voz ecoa:

– Preciso lhe dizer que o seu marido está se tornando o principal suspeito da nossa investigação.

– Como é?

A fantasia de adolescente sai

voando

feito

um

passarinho

assustado.

– Só queria avisá-la. Esses

boatos sobre a senhora e Morval...

O ciúme dele...

– Que coisa mais ridícula! Que

brincadeira é essa, inspetor? Já

disse que entre mim e...

– Eu sei, mas...

Sérénac remexe a lama junto às

margens com os pés. A chuva da

véspera apagou qualquer marca de

passos.

–

Seu

marido

usa

botas,

Stéphanie?

– O senhor sempre faz perguntas idiotas assim?

– Perguntas de policial. Sinto muito. Mas a senhora não respondeu.

– É claro que Jacques usa botas.

Como todo mundo. Deve até estar calçado com elas agora: ele foi caçar com amigos.

– Mas estamos muito longe da temporada de caça.

A resposta da professora é seca e precisa:

– O dono da encosta acima da trilha

da

Astragale,

Patrick

Delaunay,

conseguiu

uma

autorização para exterminar lebres

fora das reservas de caça e dos

períodos normais. Essas lebres

infestam as gramas de solo calcário.

Seus homens podem checar: existe

um

dossiê

sobre

isso

no

departamento de agricultura aqui da

região, com uma lista de terrenos

afetados, danos provocados pelas

pragas e caçadores que Delaunay

designou como auxiliares para

combatê-las. Na verdade, são todos

os amigos dele de Giverny, entre os

quais o meu marido. Tudo se

negocia, inspetor. De modo que eles
caçam o ano todo em perfeita
legalidade.

Sérénac franze o cenho, como
quem dá a entender que, mesmo sem
tomar notas, está decorando cada
detalhe.

—

Ótimo,
obrigado,
vamos
verificar. A senhora vai receber uma
visita do meu assistente ou então de
um agente. Fique descansada; eles
são bem menos indiscretos do que
eu. Stéphanie, o que seu marido
estava
fazendo
na
manhã

do

assassinato?

A

professora

caminha

em

direção à margem e corre os dedos

por uma folha de chorão.

– Quer dizer que foi só para me

interrogar a respeito do local do

crime que o senhor sugeriu vir até

aqui, inspetor? Para me preparar,

como se diz...

Sérénac gagueja:

– N-não fique achando que...

– Jacques tinha ido caçar

naquela manhã – interrompe ela. –

Cedo. Mas isso acontece com

frequência neste período, quando o

tempo permite. Meu marido não tem

álibi, entende? Tampouco tem um motivo. O fato de Jérôme Morval me fazer uma corte discreta não constitui motivo...

Eu

e

ele

passeamos algumas vezes por aqui, como nós dois estamos fazendo agora, e conversamos sobre pintura.

Ele era um homem interessante, culto. Minha relação com Jérôme Morval parava por aí. Nada que pudesse ser tomado como motivo de um crime, entendeu?

Os olhos de Stéphanie Dupain acompanham as águas do regato antes de pousarem em Laurenc Sérénac.

Insondáveis.

– Olhe aqui, inspetor. Eu

poderia

escorregar

nesta

terra

molhada e cair nos seus braços.

Alguém poderia nos ver. Observar.

Imaginar. Fotografar. Isso acontece

muito por aqui. Mesmo assim,

ambos concordamos que nada terá

acontecido.

Sérénac não consegue evitar

olhar em volta. Só consegue ver

alguns passantes bem distantes na

pradaria. Tirando o moinho de

Chennevières,

não

identifica

nenhuma outra moradia. Quando

responde, é gaguejando:

– Desculpe, Stéphanie. Eu... É só uma pista... Talvez eu tenha exagerado quando usei a expressão “principal suspeito”.

Ele hesita por um instante antes de prosseguir:

– Na... na verdade, segundo meu assistente, inspetor Bénavides, e acho que ele tem razão, haveria três motivações possíveis para explicar o assassinato de Jérôme Morval: o ciúme por conta de suas várias amantes, um tráfico de obras de arte ligado à sua paixão pela pintura ou uma espécie de segredo relacionado a uma criança.

Stéphanie reflete por um curto instante. Sua voz adquire um tom de ironia perturbador:

– Se bem entendo, então, sua principal suspeita seria eu. As três motivações conduzem a mim, não? Eu às vezes falava com Morval, estou organizando um concurso de pintura... E quem conhece melhor do que eu as crianças do vilarejo? Ela contrai seus lábios de giz cor-de-rosa e estende os dois punhos fechados, como quem espera ser algemado.

Sérénac se força a dar uma risada.

– Nada a acusa, pelo contrário! De acordo com o que me disse, a senhora não era amante de Morval... e tampouco pinta. E não tem filhos. As palavras desenvoltas do inspetor de repente entalam na sua garganta. Um véu escuro repentino encobre os

olhos de Stéphanie, como se as
palavras
de
Sérénac
tivessem
provocado nela uma intensa aflição.

Como a corda de um violino que
se parte.

Ela
não
pode
estar
representando a esse ponto, pensa
ele. Reflete sobre o que acaba de
dizer.

A senhora não era amante de

Morval.

Tampouco pinta.

E não tem filhos.

Toda a atitude de Stéphanie

prova que ele está enganado... que
uma dessas afirmações é falsa.

Pelo menos uma.

Qual delas? Será que isso
poderia estar relacionado com a
investigação, com o assassinato?

Mais uma vez, Laurenc̃ Sérénac tem
a impressão de estar avançando por
um pântano, de estar atolando em
detalhes sem nenhuma ligação entre
si.

Os dois sobem devagar a Rue du
Colombier em direção à escola sem
dizer
mais
nada.

Separam-se
constrangidos, afetados por um mal-
estar indizível.

– Stéphanie, devo lhe pedir que

fique, como se diz, à disposição da polícia.

Ele acrescenta um sorriso. Ela responde num tom caloroso forçado:

– Com prazer, inspetor. Não é difícil me encontrar. Quando não estou na escola, estou em casa, logo acima do pátio.

Ela indica com os olhos a janelinha redonda no forro do telhado.

– Meu universo não é muito extenso, como o senhor pode constatar. Ah, espere. Daqui a três dias, pela manhã, vou levar as crianças do vilarejo para visitar os jardins de Monet.

Ela se afasta na direção da escola. O lilás-claro de suas íris continua a tingir por muito tempo os

pensamentos

de

Sérénac,

deformando toda a realidade do que
ele escutou e rearranjando-a em um
quadro estranho composto por
pinceladas desordenadas.

Stéphanie Dupain.

Qual o seu papel neste caso?

Suspeita? Vítima?

A mulher o deixa terrivelmente
desconcertado. A única atitude
razoável seria ele se afastar da
investigação, ligar para o juiz e
deixar tudo a cargo de Sylvio ou de
qualquer outro agente.

Mas uma certeza o detém, uma
única certeza.

A

intuição

inexplicável,

o

sentimento

lancinante

de

que

Stéphanie Dupain está lhe pedindo

socorro.

23

DO ALTO DA MINHA torre de

menagem,

não

perdi

nenhum

momento da cena. Aqueles dois

passeando em frente à minha

cerejeira, as fitas prateadas nos

cabelos, a lama nos sapatos, bem

diante da cena do crime.

Em frente à minha casa!

Seria um erro me privar disso,
não acham? A história desses dois
não
parece
evidente
em
sua
banalidade? Um romance entre o
belo inspetor surgido do nada e a
professora à espera do seu salvador!
Eles ainda são jovens, são bonitos.
Têm o futuro pela frente, entre as
próprias mãos.
Está tudo no seu devido lugar.
Mais alguns encontros... e a
carne cuidará do resto.
Saio da minha torre. Praguejo. Levo
muito tempo para descer cada
degrau. Ainda vou demorar vários
minutos

para

trancar

as

três

fechaduras. Tenho até dificuldade para fechar a porta de carvalho, tão pesada e velha quanto eu. É como se as dobradiças enferrujassem toda noite. Mas, pensando bem, cada um com seu reumatismo.

Lembro-me do policial e da professora. Sim, aqueles dois estão sonhando em romper o quadro. Sair da moldura.

Sua

fuga

está

programada em uma moto cromada e reluzente. Que garota não sonharia

com uma fuga dessas, hein?

A menos, é claro, que um grão de areia entre na engrenagem.

A menos que alguém escreva a história de outra forma.

– Netuno, venha!

Sigo andando. Andando. Como muitas vezes faço, corto caminho pelo estacionamento do museu de arte americana. Passo em frente ao prédio. Como sempre, resmungo sozinha contra a arquitetura horrenda que lembra um pavilhão da década de 1970. É claro que sei que o projeto era fazer um grande jardim para esconder o museu. Anos atrás, foi plantado em frente ao prédio um labirinto de alfenas e tuias. Chamam isso de jardim impressionista. Por mim, tudo bem. Mas sei de gente que

não escolheria essas sebes para as suas propriedades nem mesmo para substituir as cercas vivas. Agora que os franceses compraram o museu dos americanos para transformá-lo em museu dos impressionistas, talvez arranquem tudo! Vou lhes dizer uma coisa: se pedissem a minha opinião, eu tenderia a ser a favor.

Enfim, seja como for, vou morrer antes de isso tudo acontecer. Por enquanto, eles se contentaram apenas em colocar na campina atrás do museu quatro rolos de feno à moda antiga, só falta o forçado cravado no meio. Acho que fica meio estranho atrás das tuias, mas, no fim das contas, parece que agradou. Com frequência há turistas

encantados posando em frente a eles.

Quando era mais jovem, subia
com frequência atrás do museu,
depois da galeria Cambour. A vista
dos telhados verdes em vários
níveis do museu é pouco conhecida
dos

turistas,

mas

é

bem

surpreendente. Ainda que a mais
bela de todas continue a ser a da
colina acima da caixa-d'água. No
lugar das pernas, restam-me as
lembranças.

Sigo caminhando. Minha bengala
bamba arranha as pedras do
calçamento. Enquanto isso, cinco
pessoas me ultrapassam, um grupo

de velhos, enfim, menos velhos do que eu; todos falam inglês. Durante a semana é sempre assim: Giverny é tão deserto quanto qualquer outro vilarejo. Com exceção dos ônibus de turismo das operadoras. Três quartos dos visitantes que descem dos ônibus falam inglês, sobem e descem a Rue Claude-Monet, vão até a igreja e voltam pelo mesmo caminho. Na ida, olham as galerias e, na volta, compram. Nos finais de semana é diferente: primeiro chegam os parisienses, depois os normandos, alguns. Ainda que o grupo à minha frente se distancie, sigo avançando no meu

ritmo. Gostaria de poder acelerar o passo diante da galeria Kandy.

Amadou Kandy administra a mais antiga galeria de arte de Giverny.

Faz trinta anos que cruzo com ele. Trinta anos que ele me enche o saco.

Sem sucesso!

A galeria dele parece uma espécie de caverna de Ali Babá.

Assim que me vê, ele sai pela porta.

– E aí, minha linda? Ainda perambulando pelas ruas feito um fantasma?

– Bom dia, Amadou. Me desculpe, estou com pressa.

Ele explode em sua sonora gargalhada de gigante senegalês.

Que eu saiba, é o único africano do vilarejo. Às vezes, passo um tempo

na sua companhia. Amadou me conta
seus segredos, seus sonhos de um
dia negociar um Monet, ele também.
O prêmio máximo. Um *Ninfeias*,
qualquer um. Em preto, por que não?
Às vezes ele também perambula em
volta do moinho de Chennevières.
Amadou Kandy era bastante metido
com Jérôme Morval. Não posso
perder a desconfiança. Também
soube que ele se meteu com a
polícia não faz tanto tempo assim.
Sigo em frente. A Rue Claude-Monet
me parece a cada dia mais
interminável.

Os

turistas

vão

abrindo caminho para me deixar

passar. Às vezes alguns desses

babacas chegam a me fotografar,
como se eu fosse parte da paisagem
de Giverny.

Número 71.

Ceguei!

Examino o nome na caixa de
correio.

“Jérôme

e

Patricia

Morval”, como se o casal ainda
morasse debaixo do mesmo teto.

Entendo Patricia. Não é fácil retirar
uma etiqueta com o nome de um
morto.

Toco a campainha. Várias vezes.

Ela vem até a porta.

Parece surpresa.

Não é de espantar! Faz meses
que não trocamos mais que duas

palavras, no máximo um bom-dia na
rua. Entro, me aproximo, quase
sussurro no seu ouvido:

– Patricia, preciso falar com
você... Tenho coisas a contar.

Coisas que fiquei sabendo e outras
que entendi.

Quando ela me deixa passar,
reparo que está lívida. Os dois
imensos *Ninfeias* do longo corredor
me deixam tonta. Menos que
Patricia, pelo visto. Tenho a
impressão de que ela vai desmaiar.
Patricia sempre foi meio fracota.

Ela balbucia:

– Tem... tem a ver com o
assassinato de Jérôme?

–

Tem...

Entre

outras

confidências.

Hesito. Apesar de tudo, mesmo que não tenha mais nada a perder, não é fácil jogar na cara dela esse tipo de confissão. Queria ver um de vocês fazer isso. Espero ela sentar-se na poltrona de couro da sala e digo:

– Sim, Patricia, tem a ver com o assassinato de Jérôme. Eu... eu sei o nome do assassino.

24

FAZ VÁRIOS SEGUNDOS QUE Sylvio Bénavides se pergunta o que aqueles crocodilos estarão fazendo dentro do laguinho de ninfeias. Imagina que seja algo como

uma

livre

interpretação do artista, um pintor

chamado

Kobamo,

mas

fica

pensando: haverá alguma mensagem

oculta? Para passar o tempo, começa

a contar os répteis do quadro;

Kobamo os escondeu debaixo dos

nenúfares em vários lugares. Olhos,

narinas, caudas.

Atrás dele, a porta da galeria de

arte se abre e Laurenç Sérénac entra.

O inspetor Bénavides dirige a

Amadou Kandy um sorriso aliviado.

– Disse que ele não iria

demorar.

Amadou Kandy ergue as mãos

lentamente. O galerista senegalês
deve ter mais ou menos a altura de
três turistas japoneses. Está usando
uma túnica larga cuja estampa é um
patchwork improvável de motivos
africanos e tons pastel.

–

Não
estava
preocupado,
inspetor. Tenho consciência de que
o meu tempo é bem menos precioso
do que o seu.

A galeria Kandy parece um
imenso bazar. Telas de todos os
formatos socadas em cada canto do
recinto dão à loja um charme de
museu
em
plena

mudança,
proporcionando sem dúvida ao
turista especializado a ilusão de
poder fazer um bom negócio com
aquele galerista bagunceiro.
Amadou é um espertalhão.
Os inspetores se acomodam
onde podem. Sylvio Bénavides
senta-se no degrau de uma escada,
entre duas caixas de papelão, e
Laurenç Sérénac tem as nádegas
cortadas ao meio pela borda de um
grande recipiente de madeira dentro
do
qual
se
perdem
várias
litogravuras em carvão.

– Monsieur Kandy, o senhor

conhecia bem Jérôme Morval –
começa Sérénac.

Amadou permanece de pé.

– Conhecia. Jérôme era um
amante da arte e muito culto. Nós
conversávamos,

eu

lhe

dava

conselhos. Um homem de bom
gosto... Perdi um amigo.

– E um bom cliente também.

Foi Sérénac quem sacou a arma
primeiro. Como se a dor na bunda o
deixasse agressivo. Kandy não tira
do rosto o sorriso de pastor.

– Pode-se dizer... É a sua
profissão que o leva a pensar assim,
inspetor.

– Bom, nesse caso o senhor vai

me perdoar se eu entrar diretamente no assunto. Jérôme Morval tinha lhe confiado a missão de encontrar um *Ninfeias*?

– E o senhor é bom no que faz – comenta Kandy com uma risadinha.

– Tinha. Entre outras buscas, Jérôme tinha me pedido para ficar de olho no mercado das obras de Claude Monet.

– Das *Ninfeias*, em especial?

– Sim. Cá entre nós, não havia esperança. Jérôme sabia disso, mas gostava de desafios meio loucos.

– Por que o senhor? – intervém Bénavides.

Amadou Kandy vira a cabeça.

Só agora se dá conta de que está em pé entre os dois inspetores.

– Como assim, por que eu?

– Por que Morval procurou o senhor, e não outro galerista?

– E por que não eu, inspetor? O senhor acha que eu não era o especialista adequado?

Kandy força o sorriso branco, os olhos arregalados.

– Se fosse para trabalhar com artes primitivas, tudo bem, mas encarregar um senegalês de uma pesquisa sobre os impressionistas...

Fique tranquilo, inspetor, Jérôme também me encarregou de encontrar um chifre de gazela mágico.

Sérénac ri com vontade ao mesmo tempo que estica as costas.

– O senhor é um espertinho, monsieur Kandy, seus colegas já nos avisaram. Mas nós hoje estamos com pressa. De modo que...

– O senhor não estava com uma cara muito apressada agora há pouco.

– Agora há pouco?

– Agora há pouco. Uma, duas horas atrás. Passou em frente à galeria, mas não quis incomodá-lo.

Parecia muito concentrado nas explicações da sua guia.

Bénavides fica constrangido.

Sérénac absorve o golpe.

– O senhor é mesmo um espertinho, Kandy.

– Giverny é um vilarejo pequeno

– retruca o galerista, virando-se para a porta. – Tem só duas ruas.

– Estou sabendo.

– No entanto, inspetor, para ser bem franco, não foi no senhor que reparei, mas na sua guia, nossa bela

professora

primária

aqui

de

Giverny. Só vi o senhor e pensei algo como: "Esse sujeito tem sorte mesmo." Sabe que, por pouco, eu teria sido capaz de ter filhos só para ter o prazer de levá-los à escola e cruzar com Stéphanie Dupain todo dia de manhã?

– Como seu amigo Morval.

Kandy recua um pouco para poder abarcar com um mesmo olhar os dois policiais sentados.

– Só que Jérôme não tinha filhos

– responde o galerista. – O senhor também é um espertinho, inspetor.

Ele se vira para Sylvio.

– O senhor, por sua vez, é do

tipo enxerido. Os dois devem formar uma dupla eficaz. Como descrever os senhores? O macaco e o tamanduá? Que tal?

Sérénac vira o corpo e muda a nádega de apoio.

– O senhor costuma sempre inventar provérbios africanos?

– O tempo todo. Faço o tipo exótico, meus clientes adoram.

Invento provérbios para os casais, arrumo apelidos de animal para o homem e a mulher. É meu segredinho comercial pessoal. O senhor não imagina como dá certo.

– Dá certo com duplas de policiais também?

– Eu me adapto.

Sérénac

acha

uma

graça

tremenda. Bénavides, por sua vez,
parece irritado. Seus pés batem no
primeiro degrau da escada.

– O senhor conhece Alysson
Murer? – pergunta bruscamente.

– Não.

– Seu amigo Morval conhecia.

– Ah, é?

– O senhor gosta de histórias,
monsieur Kandy?

– Adoro. Meu avô contava
histórias para toda nossa tribo antes
de dormir. Como não tínhamos
televisão... Antes disso, assávamos
grilos na fogueira.

– Não abuse, Kandy.

Bénavides se segura no corrimão
da escada, se levanta, estica um

pouco as pernas doloridas e estende uma foto para o galerista. É Alysson Murer na praia de Sark, deitada ao lado de Jérôme Morval.

– Como o senhor pode constatar, trata-se de uma das amigas íntimas do seu amigo – comenta Sylvio.

Amadou

Kandy

aprecia

a

imagem com um ar de especialista.

Sérénac

assume

o

lugar

do

assistente:

– Na foto, a Srta. Murer parece uma moça mais para bonita, mas, na

verdade, nossa Alysson tem um rosto, digamos, ingrato. Nada de muito grave. Vamos dizer apenas que ela não tem nenhum charme especial. Como somos policiais espertinhos... – diz Laurenç com uma piscadela para Sylvio –... espertinhos e enxeridos, pensamos que alguma coisa não se encaixava entre essa Alysson e as outras conquistas femininas de Jérôme Morval. Não é estranho, monsieur Kandy? Por que Jérôme Morval teria flertado com essa moça sem graça que trabalha na contabilidade de uma corretora de seguros em Newcastle?

Amadou

Kandy

devolve

a

fotografia aos policiais.

– Talvez seja preciso apenas
relativizar seu julgamento estético.

Essa moça é inglesa...

Mais uma vez, Sérénac não
consegue conter uma risada e quase
cai da borda do recipiente de
litogravuras. Bénavides assume o
discurso:

– Vou continuar minha história,
monsieur Kandy, se me permite. A
única parente de Alysson é uma avó,
Kate Murer, que mora desde sempre
em uma casa de pescador na ilha de
Sark, uma casinha bem modesta que
vem se depauperando ao longo dos
anos. Em casa, Kate Murer possui
apenas objetos sem valor, bibelôs,
bijuterias baratas, uma série de

quadros

antigos

que

ninguém

poderia querer, louça lascada e até

uma reprodução de um *Ninfeias* de

Monet, uma tela pequena, 60 por 60

centímetros. Kate é muito apegada a

isso tudo, não pelo valor, como o

senhor pode imaginar, mas porque é

só o que lhe resta da família. Estou

contando sobre Kate porque Jérôme

Morval esteve várias vezes na ilha

de Sark com a jovem Alysson

Murer. E nessas ocasiões travou

amizade também com a avó. Quando

se é um policial enxerido, Kandy, do

tipo tamanduá, a pessoa então não

pode evitar a seguinte pergunta: que

diabo Jérôme Morval estava indo

fazer na casa dessa velha inglesa
nessa maldita ilha de Sark?

25

PATRICIA MORVAL OBSERVA A
silhueta encurvada e negra que se
afasta. A cada passo da velha em
direção ao moinho de Chennevières,
a bengala arranha a superfície do
asfalto
da
Rue
Claude-Monet.

Netuno se junta a ela mais ou menos
na altura da corretora de imóveis
Immo-Prestige. Patricia Morval se
pergunta quanto tempo terá durado
aquela conversa surrealista.

Meia hora, talvez?

Não mais que isso.

Meu Deus!

Uma única meia hora bastou
para derrubar todas as suas certezas.

Patricia Morval não consegue medir
as consequências de tudo o que
acabou de escutar. Será que deve
acreditar nessa velha louca? E,
principalmente, o que deve fazer
agora?

Patricia

atravessa

o

corredor

evitando

deixar

os

olhos

se

afogarem nos longos painéis de

Ninfeias. Precisava falar com a

polícia. Sim, era isso que tinha de

fazer.

Ela hesita.

De que adianta? Em quem
confiar?

Encara as flores murchas que
despontam do vaso japonês; recorda
cada detalhe da visita do inspetor
Sérénac, de seu olhar inquisitivo, de
seu modo de avaliar cada um dos
quadros pendurados na parede, do
mal-estar no corredor diante das
Ninfeias. Meu Deus...

Torna a se fazer a mesma
pergunta. Em quem pode confiar?
Patricia se senta na sala e passa
muito tempo pensando na conversa
que acaba de ter. Na verdade, há
uma única pergunta a ser feita: será
que ainda é possível consertar o que
pode ser consertado? Será que ela

pode

inverter

o

curso

dos

acontecimentos?

Anda até um pequeno cômodo quase totalmente ocupado por uma escrivaninha e um computador. O computador está ligado. No protetor de tela desfilam fotografias de paisagens ensolaradas de Giverny. Faz só alguns meses que Patricia começou a se interessar pela internet. Jamais teria pensado se apaixonar a tal ponto por um teclado e uma tela. Apesar disso... foi uma paixão fulminante. Agora ela passa horas on-line. Graças à internet, Patricia

inclusive

redescobriu

Giverny, seu próprio vilarejo. Sem a web, será que teria sabido da existência, a um clique de distância, de milhares de fotos do seu vilarejo, cada qual mais fascinante do que a outra? Sem a web, será que teria conseguido imaginar os milhares de comentários dos visitantes em fóruns do mundo inteiro, cada qual mais entusiasmado que o outro? Alguns meses antes, ficou estarecida com a beleza de um site, Givernews.

Desde então, não se passa uma semana sem que navegue nesse blog e em sua inacreditável poesia cotidiana.

Mas hoje não!

Agora Patricia está procurando

outra coisa na rede. Leva a seta do mouse até a estrela amarela que indica seus endereços favoritos. Faz aparecer o menu e se detém no site Copainsdavant.linternaute.com

—

“amigos de antigamente.”

Alguns segundos depois, clica em “Giverny” na ferramenta de busca. A foto que procura está à sua espera. Impossível não ver: é a única foto de turma anterior à Segunda Guerra que existe no site. Ano letivo 1936-1937, mais exatamente.

Por um segundo, ela se pergunta o que devem pensar os internautas que caem nesse site por acaso.

O que uma foto escolar pré-histórica está fazendo ali?

Quem poderia estar à procura de amigos que dividiram carteiras de uma turma 75 anos antes?

Patricia examina por um longo tempo os rostos comportados dos alunos da velha imagem. Meu Deus... ainda tem dificuldade para acreditar nas revelações que aquela velha louca acaba de lhe fazer. Será possível? Será que não inventou tudo? O assassino de Jérôme pode mesmo ser quem ela denunciou, o último indivíduo de quem Patricia teria desconfiado?

Seu corpo inteiro estremece só de observar aqueles rostos cinzentos. Lágrimas frias escorrem

de seus olhos. Depois de muito
hesitar, ela se levanta.

Já sabe o que fazer, já decidiu.

Torna a atravessar a sala e, num
gesto automático, muda alguns
centímetros de lugar a pequena
estátua de bronze de Diana caçadora
sobre o aparador de cerejeira.

Afinal de contas, que risco corre
agora?

Abre uma das gavetas do
aparador e pega uma velha agenda
preta. Senta-se outra vez na poltrona
de couro e digita o número em seu
telefone sem fio.

– Alô, delegado Laurentin? Aqui
é Patricia Morval.

Um longo silêncio lhe responde
do outro lado.

– Esposa de Jérôme Morval. Do

caso

Morval,

o

cirurgião

oftalmologista

assassinado

em

Giverny, o senhor sabe do que estou

falando...

Dessa vez, uma voz irritada

responde:

– Sei, claro. Estou aposentado,
mas ainda não tenho Alzheimer.

– Eu sei, eu sei, é por isso que
estou ligando. Li seu nome várias
vezes nos jornais da região. Em
termos elogiosos. Preciso do senhor,
delegado, para... como dizer... para
uma contrainvestigação, digamos.

Uma

investigação

paralela

ao

inquérito oficial.

Um longo silêncio se faz entre os

dois interlocutores.

Em termos elogiosos.

Do outro lado, o delegado

Laurentin não consegue evitar pensar

nas investigações mais importantes

de sua carreira. Nos anos passados

no Canadá e em sua participação no

caso do Museu de Belas-Artes de

Montréal, em setembro de 1972, um

dos maiores roubos de obras de arte

da história, dezoito telas de grandes

mestres desaparecidas: Delacroix,

Rubens, Rembrandt, Corot. Em sua

volta à delegacia de Vernon, em

1974, e na maior investigação de sua

carreira, onze anos mais tarde, em novembro de 1985, três antes de se aposentar: o roubo de nove quadros de Monet do Museu Marmottan, entre os quais o célebre *Impressão, nascer do sol*. Foi ele, Laurentin, junto com a polícia de arte, ou seja, o OCBC, sigla em francês para Escritório Central de Combate ao Tráfico de Bens Culturais, que acabou encontrando as obras em 1991 em Porto Vecchio, na casa de um mafioso corso, depois de terem passado pelas mãos de Shuinichi Fujikuma, membro da Yakuza japonesa. Um caso de repercussão nacional, manchetes nos jornais da

época... Fazia uma eternidade.

Laurentin

rompe

enfim

o

silêncio:

– Estou aposentado, madame

Morval. A aposentadoria de um delegado de polícia não tem nada de excepcional do ponto de vista financeiro, mas ela me basta. Por que não recorrer aos serviços de um detetive particular?

– Pensei nisso, delegado, claro.

Mas nenhum detetive tem a sua experiência em matéria de tráfico de obras de arte. Trata-se de uma competência importante no caso em questão.

A voz do delegado Laurentin

adquire um tom mais surpreso:

– O que a senhora espera de mim?

– Curioso, delegado? Confesso que estava torcendo por isso. Vou resumir a situação. O senhor poderá avaliar. Não acha que o julgamento de

um

investigador

jovem

e

inexperiente, que se apaixonaria

pela principal suspeita ou pela

esposa do principal suspeito, ficaria

particularmente

comprometido?

Acha que ele iria conseguir terminar

a investigação com objetividade,

com clareza? Acha que podemos

confiar nele para trazer à tona a verdade?

– Ele não está sozinho. Tem um assistente, uma equipe...

– Submetidos à sua influência e sem iniciativa.

O delegado Laurentin tosse do outro lado.

– Me desculpe. Sou um ex-policial de quase 80 anos. Há dez não ponho os pés numa delegacia.

Ainda não entendo o que a senhora espera de mim.

– Então vou atizar ainda mais sua curiosidade, delegado. Como o senhor ainda lê os jornais,

recomendo o obituário. O obituário local. Tenho certeza de que vai ficar interessado.

A voz do delegado Laurentin adquire um tom quase irônico:

– Vou ler, madame Morval.

Como a senhora deve imaginar, as pessoas não mudam. Essas suas estranhas adivinhações dão uma variada nos meus *sudokus*. Não é todo dia que um pedido assim aparece para sacudir a rotina de um velho policial solteiro. Mas ainda não estou entendendo aonde a senhora quer chegar.

– Quer que eu seja ainda mais específica? É isso, não é? Digamos, então, que um inspetor jovem demais talvez tenha um interesse um pouco excessivo pela pintura, pela arte em

geral, pelas *Ninfeias*... e não o suficiente pelos idosos.

Outro silêncio se prolonga antes de o delegado responder:

– Imagino que eu deveria ficar lisonjeado com as suas alusões, mas todo esse meu passado de policial já ficou para trás há muito tempo. Não estou mais inserido no contexto, não mesmo. Se o que a senhora espera de mim é uma contrainvestigação, não acho que esteja falando com a pessoa certa. Ligue para a polícia de arte. Tenho colegas mais jovens que...

–

Delegado

–

interrompe

Patricia –, conduza suas próprias

investigações. Na condição de
amador.

Sem

prejulgamentos.

Simples assim. Não lhe peço nada
além disso. Depois o senhor decide.

Olhe, vou lhe dar um indício que,
espero, vai aguçar sua curiosidade.

Entre na internet e abra um site, mais
exatamente o Copains d'Avant. Se o
senhor tiver filhos ou netos, eles

com

certeza

conhecem.

Digite

Giverny. 1936-1937. É um ponto de

partida

interessante

para

uma

investigação, acho... Para observá-la sob outro prisma. Enfim, o senhor vai ver.

– Qual é o seu objetivo, madame Morval? Uma vingança, é disso que se trata?

– Não, delegado. Ah, não. Pela primeira vez na vida, seria justamente o contrário.

Patricia Morval desliga, quase aliviada.

Pela janela, vê o sol ao longe descer lentamente atrás das encostas que margeiam o Sena, imobilizando o meandro em um *trompe-l'oeil* impressionista efêmero, mas diário.

26

NA GALERIA DE AMADOU Kandy, o inspetor Bénavides se espanta um pouco com a aparente falta de reação do gigante senegalês. Quanto mais observa a galeria, menos pensa que ela se parece com as outras. Em geral, as paredes das galerias de arte são imaculadas, brancas, e exibem uma beleza limpa e discreta. Já na galeria Kandy, bolhas fazem inchar a tinta descascada das paredes, lâmpadas pendem nuas do teto e os tijolos parecem mais unidos por poeira do que por argamassa.

Amadou

Kandy

obviamente faz um grande esforço para transformar sua loja em

caverna. Sylvio insiste:

–

Para

resumir,

monsieur

Kandy... Temos aqui uma amante

sem charme, uma avó sem dinheiro e

uma ilha anglo-normanda onde só

chove. Seu amigo Morval não o

deixa espantado?

– Eu gostava do seu lado

original.

– E Sark?

– O que tem Sark?

– O senhor também gostava de

Sark, Kandy.

Bénavides deixa perdurar um

silêncio

proposital

antes

de

prosseguir:

– Esteve na ilha de Sark nada menos que seis vezes nos últimos anos e, por coincidência, alguns meses antes de Jérôme Morval encontrar Alysson Murer.

Sérénac observa seu assistente e pensa que, se Sylvio soubesse fazer mímica de tamanduá ou imitar seu grito, não hesitaria em fazê-lo. Pela primeira

vez,

durante

alguns

segundos Amadou Kandy parece abalado e rugas envelhecem seu rosto entre as têmeoras. Bénavides insiste um pouco mais:

–

Monsieur

Kandy,

seria

indiscrção perguntar o que o senhor
foi fazer em Sark?

Amadou Kandy observa os
passantes marcharem pela Rue
Claude-Monet, como que à procura
de um desfile, em seguida se vira.
Está exibindo outra vez seu sorriso
de charlatão.

– Inspetor, o senhor sabe tanto
quanto eu que Sark é o último
paraíso fiscal da Europa. Não
contem para ninguém, mas vou lá
lavar meu dinheiro. Diamantes,
marfim, especiarias, tudo isso dá um
lucro que o senhor nem imagina.
Sem falar no comércio de chifre de
gazela mágico. Sark é para a

Inglaterra o que os territórios ultramarinos são para a França. Uma ilha de índios, de certa forma.

Sylvio dá de ombros e retoma:

– Na realidade, Kandy, Alysson e sua avó Kate têm origens francesas distantes. Temos inclusive todos os motivos para pensar que um dos avós dela seja Eugène Murer.

Imagino que pelo menos Eugène Murer o senhor conheça...

– Se o senhor está sugerindo isso, já deve saber que sou o especialista nomeado pela direção regional de assuntos culturais para inventariar a Coleção Murer.

O galerista se curva na direção dos quadros encostados na parede e pega com cuidado uma paisagem de aldeia africana, ao mesmo tempo

naïf e colorida. Levanta-se com um sorriso encantado e continua seu monólogo:

– Dentre todos os pintores impressionistas, Eugène Murer tem uma trajetória bem interessante, não? Um jovem apaixonado por literatura

e

pintura,

mas,

infelizmente para ele, pobre. Vai se tornar pintor e colecionador por paixão

e,

para

sobreviver,

confeiteiro em Paris e Rouen.

Quando vivo, Eugène Murer será

mais rico do que a maioria de seus

amigos pintores, Van Gogh, Renoir, Monet, e vai ajudá-los, apoiá-los, alimentá-los até, o bom homem. Vai pintar também, mas quem hoje se lembra de Eugène Murer?

Amadou Kandy pousa o quadro africano diante dos dois policiais.

– Outro detalhe: Eugène Murer vai passar dois anos na África, pintando, de 1893 a 1895, longe de qualquer influência, e vai voltar com as malas cheias de quadros. Se os senhores tiverem um pouco de gosto, vão constatar que Murer era excelente colorista e que a mistura de Impressionismo com arte *naïf* próxima dos primitivos é de fato surpreendente.

Sérénac descola as nádegas do recipiente de gravuras e avalia o

quadro com atenção e espanto.

Bénavides não se deixa distrair:

– Bem, obrigado, monsieur

Kandy. Então já sabemos tudo sobre

o antepassado das Murer, Eugène,

pintor, confeitoiro e colecionador.

Se o senhor me permite, vamos

voltar às suas descendentes, Alysso

e

Kate.

Dois

anos atrás, o

governante

de

Sark

ameaçou

expulsar Kate Murer da ilha. Pois é,

também levei um susto, mas em Sark

é assim. O que se pode fazer, a vida

é dura nos paraísos fiscais. Kate

precisa reformar a casa caindo aos
pedaços, que causa vergonha aos
vizinhos e aos turistas, ou ir embora.
É aí que Jérôme Morval aparece. Na
época,
ele
desenvolve
uma
convivência estreita com a neta e
passa alguns fins de semana em
Sark, na casa da avó, que podemos
supor terem sido românticos. Nosso
bondoso Morval propõe ajudar Kate
Murer.
Cinquenta
mil
libras
esterlinas. Um empréstimo sem
juros, assim, por pura amizade.
Surpreendente, não?

– Jérôme era um cara bacana –
comenta Amadou Kandy.

– Não era? Kate Murer telefona
para a neta Alysson e confirma que
seu grande amigo Jérôme Morval é
de fato um homem encantador. Ele
não só lhe emprestou 50 mil libras,
mas é tão delicado que, para não a
ofender, sugere que, em troca do
empréstimo, ela lhe dê seu estoque
de quadros velhos, entre os quais a
reprodução do *Ninfeias* de Monet,
que ocupa tanto espaço.

– O que foi que eu disse? –

comenta Amadou

Kandy,

com

malícia. – Tato e generosidade. A
cara de Jérôme.

Sérénac desgruda enfim os olhos

das cores quentes da aldeia africana
de Murer e assume o discurso de seu
assistente:

– Um santo homem, ninguém vai
discordar. Só que nossa Alysson
pode até ter uma cara ingrata, mas a
moça não é boba. A proposta a
deixa, digamos, com a pulga atrás da
orelha

e

a

faz

chamar

um

especialista, quero dizer, outro

especialista que não o senhor,

Kandy.

O galerista absorve o golpe com

um sorriso.

– Não imagina o que acontece a

seguir? – continua Sérénac.

– Estou louco de impaciência para ouvir, senhores. De tanto treinar, vocês dois agora contam histórias quase tão bem quanto meu avô curandeiro.

Sérénac solta a bomba:

– O *Ninfeias* de Kate Murer era um Monet de verdade, não uma reprodução! Valia cem, mil vezes a proposta de Morval.

A risada estrondosa de Kandy faz tremer as paredes da galeria.

– Jérôme, seu malandro!

– O senhor conhece o fim da história? – prossegue Bénavides, quase explodindo. – Alysson Murer, claro, corta todas as relações com esse cavalheiro francês tão educado.

Já Kate, a avó, perde ao mesmo

tempo um genro e um amigo, recusa-se a vender a tela, mas mesmo assim é expulsa de sua casa de pescador. É encontrada dois dias mais tarde depois de se jogar do alto da falésia na ponte de La Coupée, que liga as duas partes da ilha. Sabe o que restou dela?

Curvado acima da tela de Murer, que tenta pôr no lugar, Kandy não responde.

– Um banco! – grita Sylvio. –

Um banco com seu nome, suas datas de nascimento e de morte, chumbado diante da falésia da qual se jogou. É uma tradição em Sark: nada de cemitério, nada de túmulos, apenas um banco de madeira gravado com o nome do finado cidadão, de frente para o mar. Antes de morrer, Kate

informou em seu testamento que deixaria o quadro em doação para a National Gallery de Cardiff.

Kandy se levanta sem tirar o sorriso do rosto.

– Então temos uma moral, inspetor. Sark ganha um banco, o museu de Cardiff, um quadro das *Ninfeias*, e Jérôme Morval, um pretexto para romper com a mais feia das suas amantes.

Ele reduz em alguns decibéis a intensidade da risada.

– Monsieur Kandy – insiste Bénavides, com o semblante grave.

– O senhor é o especialista

oficialmente

designado

na

Normandia

para

trabalhar

na

coleção Murer.

– E daí?

– Sabemos que Morval lhe

confiou a missão de achar um

Ninfeias, que o senhor conhecia a

coleção Murer, que esteve várias

vezes em Sark...

– Eu poderia ter soprado para

meu grande amigo que o *Ninfeias* de

Kate Murer talvez não fosse uma

reprodução. É isso que o senhor

quer insinuar?

– Por exemplo.

– Mesmo imaginando que foi

isso que aconteceu, tem alguma

coisa de ilegal?

– Não tem, é verdade.

– Então o que vocês estão procurando?

Sylvio

Bénavides

sobe

no

terceiro degrau da escada, o que lhe permite ficar na mesma altura de Amadou Kandy.

– O assassino de Morval. Algo que possa ter motivado uma vingança.

– Alysson Murer?

– Não. Ela tem um álibi indestrutível para a manhã do crime: estava atrás de sua caixa em Newcastle.

– Então?

– Então? – Bénavides insiste. –

Pelo que sabemos, não há nada que

prove que Morval tenha desistido de encontrar

outro *Ninfeias*, outra

vítima, com a sua ajuda, Kandy.

Amadou Kandy não desgruda os olhos de Sylvio. Um duelo de pupilas, para ver quem pisca primeiro.

– Se eu tivesse encontrado esse quadro das *Ninfeias*, inspetor, não estaria aqui nesta galeria miserável.

Teria comprado uma das ilhas do Cabo Verde, na costa de Dakar, declarado independência e criado meu

pequeno

paraíso

fiscal

particular.

Amadou Kandy sorri com seus

grandes dentes brancos e arremata:

– E os senhores me pediriam
para trair um segredo profissional?

– Com o objetivo de confundir o
assassino do seu amigo.

– Ora, falando sério, inspetores,
onde eu poderia ter arrumado outro
Ninfeias de Monet?

Nenhum dos agentes responde.

Bénavides e Sérénac se levantam ao
mesmo tempo. Dão três passos em
direção à porta.

– Mais um detalhe – diz Sérénac
de repente. – Para ser bem preciso,
Kate Murer na verdade não deixou o
quadro para o museu de Cardiff.

Quem ganhou a propriedade legal da
obra foi a Fundação Theodore
Robinson, que em seguida deixou a
exploração a cargo da National

Gallery galesa.

– E daí?

Dentre os múltiplos cartazes de pintura pregados nas vidraças da galeria, Laurenç Sérénac identifica o do Desafio Internacional Jovens Pintores o mesmo que está pregado na sala de aula de Stéphanie Dupain.

– E daí? – repete Sérénac. – E daí que acho que essa Fundação Theodore Robinson está aparecendo um pouco demais neste caso.

– Normal, não? – responde o galerista. – Essa fundação é uma instituição importante!

Principalmente aqui, em Giverny.

Kandy passa um longo tempo pensativo diante do cartaz.

–

Theodore
Robinson,
os
americanos,
sua
paixão
pelo
Impressionismo,
seus
dólares...

Quem poderia imaginar o que seria
Giverny sem tudo isso? – indaga o
senegalês, agitando os braços. –

Sabe de uma coisa, inspetor?

– Não.

– No fundo, sou como Eugène

Murer aqui na minha loja: não passo
de um quitandeiro. Mas, se pudesse
voltar no tempo, sabe o que gostaria
de ser?

– Confeiteiro? – arrisca Laurenç.

Amadou

Kandy

solta

uma

gargalhada portentosa, dessa vez

sem o menor pudor.

– Gosto do senhor... espirituoso

– consegue articular entre dois

soluços. – Do senhor também, aliás,

o

tamanduá

enxerido.

Não,

inspetores, confeiteiro não. Vou lhes

confessar uma coisa: na verdade,

adoraria ter 10 anos. Ainda estar na

escola, com uma bela professora

para me convencer de que sou um

gênio e me inscrever como centenas

de outras crianças do mundo todo
nesse concurso para descobrir
jovens
talentos
da
pintura
patrocinado
pela
Fundação
Robinson.

27

NÃO FALTA MUITO PARA o sol se
pôr atrás do morro. Fanette se
apressa;
precisa
terminar
seu
quadro. Seu pincel nunca deslizou
tão depressa, depositando manchas
brancas e ocre que reproduzem o

moinho e sua estranha torre, a grande árvore vermelho-cereja e prata no meio do pátio, a roda de pás mergulhada na água cintilante. Está concentrada, mas hoje acontece o contrário: quem não para de conversar com ela é James.

– Você tem amigos, Fanette?

E você, James? Eu pergunto se você tem amigos?

– Claro. O que você acha?

– Muitas vezes está sozinha.

– Foi você quem me disse para ser egoísta. Quando não estou pintando, estou com eles!

James caminha devagar pela campina e fecha os cavaletes um depois do outro. Observa sempre o mesmo ritual quando o sol começa a se pôr.

–

Mas,

como

está

me

perguntando, vou dizer. Eles me irritam. Principalmente Vincent, o que você viu outro dia, o que fica me espionando. Um chato que parece cola...

– Verniz!

– O quê?

– Parece verniz. É mais útil do que cola para uma menina que pinta.

Às vezes, James se acha engraçado.

– Tem também Camille, mas esse daí se acha. Pensa que nasceu superdotado, sabe como é? A última da minha idade é Mary, que vive

chorando. A puxa-saco. Não gosto dela e pronto.

– Nunca se deve dizer isso, Fanette.

O que foi que eu disse? Não falei nada...

– Não se deve dizer o quê?

– Já expliquei, Fanette. Você é uma menina muito mimada pela natureza. Sim, sim, não finja que não está entendendo. É linda feito uma flor, inteligente, cheia de malícia.

Um dom incrível para a pintura caiu no seu colo como se uma fada a tivesse coberto de pó de ouro. Então é preciso tomar cuidado, Fanette, porque os outros vão sentir inveja durante toda a sua vida. Vão sentir inveja porque terão vidas bem menos felizes do que a sua.

– Que nada! Você só fala
besteira. De toda forma, meu único
amigo que vale a pena é Paul. Você
ainda não o conhece. Vou vir com
ele um dia. Ele já concordou. Vamos
dar a volta ao mundo juntos. Ele vai
me levar para eu poder pintar:
Japão, Austrália, África...

– Não tenho certeza de que
exista algum homem que aceite isso.
*Às vezes, James também me
irrita.*

– Existe sim: Paul!
Fanette faz uma careta quando
ele se vira para guardar a caixa de
tintas.
*Tem umas horas que James não
entende nada. Aliás, não sei o que
está fazendo, parece que ficou
entalado em frente aos tubos de*

tinta.

– Está preso?

– Não, não. Tudo bem.

*Que cara estranha. James é
mesmo esquisito, às vezes.*

– Sabe, James, para a Fundação
Robinson estou com vontade de
pintar outra coisa, não o moinho da
bruxa. Sua história de refazer o
quadro do pai Trognon não me
agrada muito.

–

Você

acha?

Theodore

Robinson já...

– Tenho minha própria ideia.

Vou pintar *Ninfeias!* Só que não do
jeito velho de Monet. Vou pintar um
Ninfeias de jovem!

James a encara como se ela houvesse acabado de proferir a pior das blasfêmias.

Como está vermelho! Parece que vai explodir.

Tudo bem, não precisa fazer essa cara de pai Trognon!

Fanette solta uma risada.

– Monet... *Ninfeias* de velho! – diz James, quase sufocando.

Ele tosse dentro da própria barba, então começa a falar devagar, com um tom professoral:

– Vou tentar explicar para você, Fanette. Monet viajou muito, sabe? Por toda a Europa. Inspirou-se em todos os quadros do mundo, e você precisa entender que eles são muito diferentes, que em outros lugares as pessoas não veem as coisas do

mesmo jeito. Monet entendeu isso; ele estudou principalmente a pintura japonesa. Por isso, depois não precisava mais viajar nem ir a outro lugar. Um laguinho de nenúfares lhe bastou durante treze anos da vida, um laguinho bem pequeno, mas que mesmo assim foi grande o suficiente para revolucionar a pintura do mundo inteiro. E revolucionar até mais do que a pintura, Fanette. Monet revolucionou todo o olhar do homem sobre a natureza. Um olhar universal. Entendeu? Aqui, em Giverny! A menos de 100 metros desta campina! Então, quando você diz que Monet tinha um olhar de velho...

Blá-blá-blá.

– Bom, vou fazer o contrário –

diz Fanette com sua voz límpida. –
Não é culpa minha eu ter nascido
aqui! Vou começar pelo lagunho
das *Ninfeias* e terminar pelo mundo!
Você vai ver, as minhas *Ninfeias*
vão ser únicas, como nem mesmo o
próprio Monet ousou fazer. Nas
cores do arco-íris!

De repente, James se abaixa na
direção de Fanette e a pega no colo.
*Ele está estranho de novo, está
outra vez com esse ar preocupado e
esquisito, um ar que não é típico
dele.*

– Com certeza é você quem tem
razão, Fanette. Afinal, a artista é
você, é você quem sabe.

*Ele está me apertando com
muita força, está doendo...*

– Nunca escute ninguém a não

ser você mesma – prossigue James.

– Nem mesmo a mim. Você vai ganhar esse concurso da Fundação Robinson. Precisa ganhar! Está me entendendo,

hein?

Vamos,

vá

andando agora, já é tarde, sua mãe está esperando. Não esqueça seu quadro!

Fanette se afasta pelo trigal.

James

grita

uma

derradeira

recomendação:

– Matar esse dom em você seria o pior dos crimes!

Às vezes, James diz umas coisas

estranhas.

James observa a fina silhueta correr
ao mesmo tempo que torna a se
inclinar na direção da caixa de
tintas. Espera Fanette desaparecer
atrás da ponte e a abre com as mãos
trêmulas.

Não

quis

deixar

transparecer nada na frente dela,
mas agora está suando em gotas.

Uma espécie de pânico o domina.

Seus velhos dedos se agitam contra
a sua vontade. As dobradiças
enferrujadas rangem de leve.

James lê as letras gravadas na
madeira macia do interior da caixa
de tintas.

ELA É MINHA

AQUI, AGORA E PARA SEMPRE

As palavras gravadas estão
seguidas por uma cruz, dois traços
simples que se cruzam. James
entendeu muito bem que se trata de
uma ameaça. Uma ameaça de morte.
Sente o velho corpo magro ser
percorrido
por
calafrios
incontroláveis. Os policiais que
vasculham tudo no vilarejo por
causa
daquele
cadáver
cujo
assassino não foi encontrado já não
o
tranquilizam.
Todo

aquele

ambiente o oprime.

Ele relê, e outra vez, e mais

outra. Quem pode ter escrito aquilo?

A

caligrafia

lhe

parece

canhestra, apressada. O vândalo

deve ter aproveitado que o artista

estava dormindo para gravar essa

ameaça mórbida na sua caixa de

tintas. Não é muito difícil. É comum

ele pegar no sono ali na campina,

junto a suas telas, quando Fanette

não vem acordá-lo. O que aquilo

pode significar? Quem pode ter

escrito? Será que deve levar a

ameaça a sério?

James observa a cortina de

choupos que fecha o horizonte da pradaria. As letras agora parecem inscritas no seu cérebro, como se gravadas na carne macia da sua testa: *Ela é minha aqui, agora e para sempre*. Uma outra pergunta o atormenta

agora,

uma

dúvida

obsessiva, que o angustia ainda mais do que saber quem proferiu aquela ameaça. Ele seria incapaz de segurar um pincel, uma faca, qualquer coisa.

Ela é minha aqui, agora e para sempre. Como num carrossel dos infernos, ele gira as oito palavras na mente.

A quem é dirigida essa ameaça?

Vasculha os arredores como se

um monstro fosse surgir das espigas
de trigo.

Sobre quem paira o perigo?

Sobre Fanette ou sobre ele?

28

ATRAVESSO POR FIM O portão do
moinho. Tenho a impressão de que
meus joelhos vão explodir. Meu
braço direito também, de tanto se
apoiar na maldita bengala. Netuno
segue trotando ao meu lado. Dessa
vez, ao contrário das outras, ele me
espera.

Bom cachorro.

Pego minhas chaves.

Torno a pensar por um breve

instante

em

Patricia

Morval.

Pergunto-me como ela terá recebido minhas revelações sobre o assassinato de seu marido, pouco antes. Será que conseguiu resistir à tentação de avisar à polícia? Mesmo que seja tarde, muito tarde para salvar o que quer que seja. A armadilha já se fechou. Agora nenhum policial pode fazer mais nada.

Eu mesma, o que teria feito no lugar dela?

Ergo os olhos. Identifico ao longe a jovem Fanette, correndo pela campina e atravessando a ponte de ferro. Seu americano ficou lá no meio das espigas de trigo. Com certeza deve ter lhe contado mais uma vez histórias de bruxa sobre o meu moinho, do casal de ogros, dos proprietários malvados que não

gostavam de Monet, queriam cortar os choupos, guardar os rolos de feno, secar o laguinho de ninfeias e construir na pradaria uma fábrica de amido de milho. As bobagens de sempre. Que idiota! Na sua idade, ficar assustando as crianças com essas lendas.

Ele aparece todos os dias, esse pintor americano, esse James de quem ninguém conhece o sobrenome.

Posta-se todos os dias no mesmo lugar, em frente ao moinho. Desde sempre, ao que parece, como se também fizesse parte do cenário.

Como se um deus artista lá no céu o houvesse pintado. Houvesse pintado a todos nós. Até lhe vir a vontade de apagar tudo. Uma pincelada e puf, mais ninguém!

Esse James vai ver Fanette ir embora, como todos os dias, depois vai pegar no sono na campina até o dia seguinte.

Boa noite, James.

29

FANETTE VOLTA PARA CASA. Vai correndo. O que mais gosta é quando os postes de rua de Giverny praticamente se acendem quando ela passa.

É mágica!

Mas agora ainda está cedo demais. O sol mal começa a se esconder.

Fanette

mora

numa

casinha meio caindo aos pedaços na Rue du Château-d'Eau. Ela não liga,

não reclama, sabe muito bem que a mãe faz o que pode. Sua mãe faz faxina de manhã até a noite a casa de todos os burgueses do vilarejo.

E são muitos!

Morar ali no meio do vilarejo, a 100 metros do jardim de Monet, mesmo numa casa caindo aos pedaços: o que mais ela poderia ter esperado?

Sua mãe a recebe atrás da bancada da cozinha, uma simples prancha de madeira pousada sobre tijolos empilhados. Exibe um sorriso cansado.

– Já é tarde, Fanette. Sabe muito bem que não quero você na rua de noite. Principalmente agora, com esse crime que aconteceu, enquanto

o

assassino

não

tiver

sido

encontrado.

Mamãe vive com essa cara

triste e cansada. Está sempre com

esse

uniforme

azul

feio,

descascando

legumes,

fazendo

sopas que duram uma semana,

dizendo que não a ajudou o

suficiente, que na minha idade eu

deveria. Se eu lhe mostrar meu

quadro, quem sabe ela...

– Acabei, mãe.

Fanette ergue seu quadro do
moinho de Chennevières até a altura
da bancada.

– Depois, agora não. Estou com
as mãos sujas. Ponha-o ali.

Como sempre.

– Vou pintar outro. Um *Ninfeias!*

James me disse que...

– Quem é esse James?

– O pintor americano, mãe, eu já
disse.

– Não.

As cascas de cenoura chovem
dentro de uma tigela de pedra.

– Disse, sim!

Disse, disse sim. Juro que disse!

*Você faz isso de propósito, mãe,
não é possível!*

– Não quero você saracoteando
com desconhecidos, Fanette! Está

me ouvindo? Não é porque crio

você sozinha que você tem de passar

o tempo todo na rua. E não fique aí feito um dois de paus, vá pegar uma

faca. Se eu for cozinhar sozinha

ainda vou levar uma hora!

– A professora falou sobre um

concurso, mamãe. Um concurso de

pintura...

É a professora! Ela não vai

poder dizer nada. Aliás, não está

dizendo nada mesmo, está olhando

para o nabo!

Fanette se empertiga toda e

continua:

– James me fal... Enfim, todo

mundo diz que posso ganhar. Que

tenho chance se me esforçar.

– E qual é o prêmio?

O nabo vai cair da mão dela,

com certeza.

– Aulas numa escola de pintura
em Nova York.

– O quê?

*O nabo levou uma facada bem
no coração. Não vai se recuperar.*

– Que história é essa de
concurso mesmo, Fanette?

– Ou quem sabe Tóquio. São
Petersburgo. Canberra.

*Tenho certeza de que ela nem
sabe onde fica, mas mesmo assim
tem medo.*

–

Também

posso

ganhar

dinheiro... muito!

*Mamãe suspira. Decapita um
segundo nabo.*

– Se a sua professora continuar a pôr ideias como essas na cabeça de vocês, vou lá falar com ela...

Não

estou

nem

aí,

vou

participar do concurso mesmo

assim.

– E também quero ter uma conversinha com o seu James. Com um gesto enérgico, a mãe de Fanette faz os legumes que estão na tábua escorregarem para dentro da pia. As cenouras e os nabos mergulham e espirram água no uniforme azul. A mãe de Fanette se abaixa para suspender até em cima da bancada um saco de batatas.

*Ela nem está me pedindo para
ajudar. Isso não é bom sinal. Está
resmungando palavras que não
conheço, vou ser obrigada a fazê-la
repetir mais alto.*

– Você quer me abandonar,

Fanette? É isso?

Pronto, começou...

Estou

explodindo!

Estou

explodindo

dentro

da

minha

cabeça, só eu consigo ver, mais

ninguém, mas estou explodindo!

Juro que estou! Mãe, pode deixar

que eu lavo a louça. Pode deixar que eu guardo os talheres. Pode

deixar que eu passo a esponja na

*mesa. Pode deixar que eu passo
pano em todo lugar. Pode deixar
que eu pego a vassoura, varro e
guardo depois. Pode deixar que eu
faço tudo o que uma menina deve
fazer, tudo mesmo, sem reclamar,
sem
chorar,
qualquer
coisa.*

*Qualquer coisa. Contanto que me
deixem pintar. Só quero que me
deixem pintar.*

Por acaso é pedir demais?

*Mamãe continua a me olhar
com uma cara desconfiada. Ela
nunca fica contente quando não
faço nada, e sempre me olha
estranho quando faço além da
conta. Acho que o que ela não*

digeriu foi Nova York, e as outras cidades também, principalmente quando expliquei, Japão, Rússia, Austrália, tudo ao mesmo tempo!

– Três semanas de escola de pintura, mãe? Três semanas não é muito. Não é nada.

Ela olhou para mim como se eu estivesse louca.

Agora, desde que acabamos de comer, não falou mais nada. Está ruminando. É mau sinal quando ela rumina. Nunca a vi ruminar e depois me dizer alguma coisa que tenha me agradado.

A mãe de Fanette se levanta na hora em que a filha está ocupada estendendo os panos de prato bem esticadinhos

no

varal,

com

pregadores,

não

embolados

e

jogados de qualquer maneira como

costuma fazer. Quando ela fala, faz a

sala congelar:

– Fanette, tomei minha decisão.

Não quero mais ouvir falar nessa

história de concurso de pintura, de

pintor americano, nem de mais nada.

Isso tudo acabou. Vou falar com sua

professora.

Não digo nada. Nem mesmo

choro. Só deixo a raiva crescer

dentro de mim e ferver. Sei por que

mamãe está dizendo isso. Ela já me

falou mil vezes.

O grande refrão. Repetido

incontáveis vezes, recitado de cor.

O

cântico

dos

grandes

arrepentimentos.

"Minha filhinha, não quero que

você desperdice sua vida como eu.

Quando tinha a sua idade, também

acreditei em todas essas histórias.

Também tinha sonhos. Também era

bonita e os homens me faziam

promessas.

Olhe! Olhe só hoje!

Veja os buracos no teto, as

paredes mofadas, a umidade, o

fedor; lembre-se do frio nas

vidraças no último inverno; veja

minhas mãos, minhas pobres mãos,

*o que eu tinha de mais elegante,
mãos de fada, quantas vezes ouvi
isso, Fanette, quando tinha a sua
idade, que tinha mãos de fada.*

*Mãos de fada que hoje limpam
a privada dos outros!*

*Não se deixe aprisionar como
eu, Fanette. Não vou deixá-los
fazer isso. Não confie em ninguém
a não ser em mim, Fanette. Em
mais ninguém. Nem no seu James,
nem na sua professora, nem em
mais ninguém.”*

*Está bem, mãe. Vou ouvir o que
você diz. Vou confiar em você.*

*Mas nesse caso é preciso me
contar tudo, mãe. Tudo. Até as
coisas das quais nunca falamos. Até
as que não podemos dizer!*

Uma troca justa.

Fanette pega uma esponja e
limpa demoradamente a lousa cinza,
a mesma em que sua mãe anota a
lista de legumes.

Espera a superfície secar um
pouco. Pega o giz branco. Sabe que
a mãe está olhando por cima do seu
ombro. Começa a escrever com uma
caligrafia fina e redonda. Uma letra
de professora.

Quem é meu pai?

E logo abaixo:

Quem é?

Ouve a mãe chorando atrás de si.

Por que ele foi embora?

*Por que a gente não foi com
ele?*

Sobrou um pouco de espaço na
parte inferior da lousa. O pedaço de
giz branco chia.

Quem é?

Quem é?

Quem é?

Quem é?

Fanette vira seu quadro, seu

“moinho da bruxa”. Coloca-o sobre

uma cadeira e então, sem dizer nada,

sobe para o seu quarto. Escuta a mãe

chorando lá embaixo. Como sempre.

Chorar não é resposta, mãe.

Fanette sabe que no dia seguinte

tudo terá passado, que elas não vão

mais falar no assunto, e sua mãe terá

apagado a lousa.

É tarde agora.

Quase meia-noite, deve ser.

Mamãe já deve estar dormindo há

tempos, começa as faxinas bem

cedo. Muitas vezes, quando me

levanto, já saiu e voltou.

A janela do meu quarto dá para a Rue du Château-d'Eau. A rua é bem inclinada, mesmo no primeiro andar estamos só a pouco mais de 1 metro do pavimento. Se eu quisesse, poderia pular. Muitas vezes, à noite, na minha janela, converso com Vincent. Todas as noites ele fica zanzando pelas ruas. Seus pais não estão nem aí. Já Paul nunca pode sair nesse horário.

Fanette chora.

Na rua, Vincent me olha sem saber muito bem o que fazer. Preferiria que quem estivesse ali fosse Paul. Paul me entende. Paul sabe conversar comigo. Vincent me escuta e só. É tudo o que sabe fazer.

Falo com ele sobre o meu pai.

Tudo o que sei é que mamãe engravidou muito jovem. Às vezes, acho que sou filha de um pintor, um pintor americano que me deixou apenas seu talento, que mamãe posava nua para ele no meio da natureza, ela era linda, mamãe, linda mesmo, tem fotos dela num álbum lá embaixo. De mim também, quando eu era bebê. Mas do meu pai, nenhuma.

Vincent escuta, apenas segura a mão que Fanette deixa caída junto à parede e a aperta com força.

Continuo falando. Conto que acho que meu pai e minha mãe se amaram loucamente, uma paixão terrível, que eram belos os dois. E que depois meu pai foi embora, para longe, e minha mãe não soube

detê-lo.

Talvez

mamãe

não

soubesse

que

estava

grávida.

Talvez sequer soubesse o nome do meu pai. Talvez simplesmente o amasse demais para detê-lo. Talvez meu pai fosse um homem bom, fiel, talvez tivesse ficado, e talvez tivesse me criado se soubesse que eu existia, mas mamãe o amava demais para colocá-lo numa jaula dizendo-lhe isso.

É complicado na minha cabeça, mas não pode ser de outra forma, Vincent. Não é? Senão, de onde

*teria vindo esse meu desejo louco
de pintar? Esse desejo de voar?
Quem poderia ter me dado esses
sonhos que enchem a minha
cabeça?*

Vincent aperta a mão de Fanette.
Com uma força excessiva. A maldita
pulseira que ele sempre usa está
espremida entre os braços deles e
afunda na carne da menina, como
que para imprimir ali o nome dele
gravado na peça.

*Às vezes, em outras noites,
observo as nuvens que escondem a
lua e penso que meu pai é um
babaca burguês na casa de quem
mamãe faz faxina. Que cruzo com
ele na Rue Claude-Monet, que não
sei que ele é meu pai, na verdade,
mas que ele sabe. É só um nojento*

que trepou com mamãe, que a obrigou a fazer coisas nojentas. Talvez até ele ainda lhe dê dinheiro sem ninguém saber. Às vezes, quando vejo homens na rua que olham feio para mim, isso me enlouquece, me dá vontade de vomitar. É horrível. Mas isso eu não digo para Vincent.

Esta noite as nuvens não incomodam a lua.

– Meu pai era alguém que estava de passagem – diz Fanette.

– Não se preocupe, Fanette – responde Vincent. – Eu estou aqui.

– Alguém de passagem. Sou como ele. Preciso ir embora, preciso voar.

Vincent aperta a mão dela com mais força ainda.

– Estou aqui, Fanette. Estou aqui. Estou aqui.

A dois passos dali, na Rue du Château-d'Eau, Netuno persegue mariposas.

OITAVO DIA

20 de maio de 2010, Delegacia de Vernon

Confronto

30

O INSPETOR LAURENÇ SÉRÉNAC é

hilário. De vez em quando, pela

divisória,

lança

uma

discreta

olhadela na direção da maior sala da

delegacia de Vernon, a 101, mais

frequentemente

usada

para
os
interrogatórios. Jacques Dupain está
sentado
de
costas
para
ele.

Tamborila
impacientemente
os

dedos no braço da cadeira. Sérénac
se afasta na ponta dos pés pelo
corredor e sussurra para Sylvio
Bénavides em tom conspiratório:

– Vamos deixá-lo marinar mais
um pouco.

Ele puxa o assistente pela
manga.

– O que mais tenho orgulho é do

cenário que produzi! Espere, Sylvio,
venha cá ver.

Eles tornam a avançar pelo
corredor na direção da sala de
interrogatório.

– Quantas são, Sylvio?

Bénavides não consegue conter
um sorriso.

– Cento e setenta e um pares!

Maury trouxe mais três faz quinze
minutos.

Sérénac se estica para examinar
mais uma vez a sala 101. No recinto
em que Jacques Dupain aguarda, os
policiais puseram todos os pares de
botas recolhidos desde a véspera no
vilarejo
de
Giverny.

Estão

espalhados por todos os cantos da sala, tanto em cima das prateleiras quanto das mesas, no parapeito das janelas, nas cadeiras, empilhados no chão ou equilibrados uns por cima dos outros. O plástico brilha em todas as cores possíveis, do amarelo fosforescente ao vermelho vivo, ainda que o clássico verde-escuro domine. As botas foram organizadas de acordo com seu grau de uso, tamanho e marca. Cada uma leva uma pequena etiqueta com o nome do dono.

Sérénac não esconde um júbilo intenso.

– Espero que você tenha tirado uma foto, Sylvio. Adoro esse tipo de maluquice! Não há nada melhor para preparar um cliente! Parece a obra

de um artista contemporâneo. Você,
com suas dezessete churrasqueiras
no jardim, deveria saber apreciar
esse tipo de coleção, não?

– É... – responde o inspetor
Bénavides, que nem se dá ao
trabalho de levantar a cabeça. – Do
ponto

de

vista

estético,

é

formidável. Inédito, digno de uma
exposição. Por outro lado...

– Você está sério demais, Sylvio

– interrompe Sérénac.

– Eu sei.

Bénavides

consulta

algumas

folhas de papel, organiza-as.

– Desculpe, devo ser um pouco policial demais. Esta investigação lhe interessa, chefe?

– Xi, você hoje está com zero senso de humor.

– Para dizer a verdade, não dormi, ou dormi pouco. Segundo Béatrice, estava ocupando lugar demais na cama. É verdade que há três meses ela só pode dormir de costas. De modo que acabei no sofá. Sérénac lhe dá um tapinha no ombro.

– Vamos, daqui a uma semana ou menos isso vai ter acabado, você vai ser pai. Aí nenhum dos dois vai dormir! Nem sua Béa nem você. Quer um café? Vamos fazer um briefing lá na sala?

– Um chá.

– Verdade, sou um idiota. Sem açúcar. Ainda não decidiu me chamar de você?

– Vou pensar no assunto.

Garanto ao senhor, chefe, estou me esforçando muito para mudar.

Sérénac ri sem se conter.

– Gosto de você, Sylvio. E, além do mais, vou lhe confessar, você sozinho consegue mais informações do que uma delegacia do Tarn inteira! Palavra de provençal!

– Mal sabe o senhor. Virei a noite trabalhando outra vez.

– No sofá? Enquanto sua mulher roncava deitada de costas?

– É.

Bénavides exhibe um sorriso franco. Os dois avançam pelo

corredor, sobem três degraus e
entram num cômodo do tamanho de
um armário grande. Os 10 metros
quadrados
da
"sala"
estão
abarrotados
com
uma
mobília
heterogênea: dois sofás cansados
forrados com um tecido alaranjado
de franjas compridas, uma poltrona
lilás, uma mesa de fórmica sobre a
qual
repousam
uma
cafeteira,
xícaras desemparelhadas e colheres

oxidadas,

uma

lâmpada

débil

suspensa no teto em uma luminária

cilíndrica de papelão amarelado.

Sylvio se joga na poltrona lilás,

enquanto Laurenç prepara o café e o

chá.

– Chefe – inicia Sylvio –, vamos

começar pela grande exposição, já

que o senhor parece ter por ela um

apreço especial?

Seu superior está de costas para

ele.

Bénavides

consulta

suas

anotações.

– A esta hora, temos então 171

pares de botas, dos tamanhos 34 ao 45. Descartamos as menores de 34.

Nesse

total,

identificamos

15

pescadores e 21 caçadores com autorização. Entre os quais Jacques

Dupain. Há também uns trinta

trilheiros autorizados. Por outro

lado, como o senhor já sabe,

nenhuma das solas desses 171 pares

de botas corresponde ao molde de

gesso que Maury tirou em frente ao

cadáver de Jérôme Morval.

Sérénac responde ao mesmo

tempo que despeja água na cafeteira:

– Era de esperar. O assassino

não iria se entregar assim... Mas

podemos dizer, por outro lado, que

isso inocenta 171 moradores de Giverny.

– Por assim dizer.

– E que Jacques Dupain não faz parte desses 171... Vamos deixá-lo suar mais um pouco. De resto, em que pé estamos?

O inspetor Bénavides desdobra seu famoso papel com três colunas.

– Você é mesmo um obsessivo, Sylvio.

– Eu sei. Estou construindo esta investigação exatamente como

construí minha varanda ou meu terraço. Com paciência e precisão.

– E tenho certeza de que a sua Béatrice goza tanto da sua cara quanto eu aqui no trabalho.

– Verdade. Mas mesmo assim
minha varanda ficou perfeita!
Sérénac dá um suspiro. A água
ferve.

– Tá, vamos lá com essas suas
porras de colunas.

– Elas vêm sendo preenchidas
aos poucos, na vertical. Amantes,
Ninfeias, crianças.

– E teremos solucionado a
investigação
quando
pudermos
desenhar uma bonita flecha, bem
horizontal, ligando as três colunas.
O vínculo entre esses três poços por
ora totalmente estanques. Mas neste
momento estamos tão sem rumo que
171 pares de botas correm o risco
de não bastar.

Bénavides suspira. A poltrona lilás parece engoli-lo aos poucos.

– Então vamos lá, Sylvio, estou escutando. Quais as novidades da noite?

– Coluna um, o oftalmologista e suas amantes. Estamos começando a acumular testemunhos, mas ainda não temos nada que possa justificar um crime passional.

Nenhuma novidade tampouco em relação ao significado desses malditos números no verso das fotos. Embora eu esteja quebrando a cabeça. Para coroar, nenhuma notícia de Aline Malétras, em Boston, e ainda não saímos do lugar para descobrir a identidade da

desconhecida na quinta foto.

– A moçoila ajoelhada em frente

a Morval na sala?

– Excelente memória visual,

chefe. Além disso, tentei classificar

os

maridos

mais

ou

menos

corneados por ordem de capacidade

para o ciúme. Jacques Dupain é sem

dúvida alguma o primeiro da lista,

embora

paradoxalmente

não

tenhamos nenhuma prova tangível do

adultério da sua esposa. E o senhor,

inspetor, fez algum progresso?

Encontrou Stéphanie Dupain ontem?

– Prefiro não comentar.

Sylvio Bénavides o encara,
estarecido. Ao tentar se levantar,
revira as entranhas da poltrona.

– Como assim?

– Prefiro não comentar. Só isso.

Não vou repetir a história dos olhos
lilases dela me mandando pedidos
de socorro, senão você me denuncia
à corregedoria. Então prefiro não
d i z e r . *Espera para ver.* Estou administrando
essa
parte
da
investigação de modo pessoal, se
você preferir. Mas concordo com a
sua análise. Não temos nenhuma
prova de adultério entre Jérôme
Morval e Stéphanie Dupain, mas
Jacques Dupain mesmo assim tem

um sólido perfil de suspeito número
um. Então, vamos em frente. E a sua
coluna dois, a das *Ninfeias*?

– Nada de novo desde nossa

conversa

com Amadou

Kandy

ontem. Era o senhor quem deveria
entrar em contato com a polícia de
arte?

– Tá, tá bom. Vou fazer isso.

Ligo para eles de novo amanhã. Ah,
sim, e também vou dar um passeio lá
pelos lados dos jardins de Claude
Monet.

– Com a turma de Stéphanie

Dupain?

A fumaça da cafeteira se eleva
acima dos cabelos hirsutos de
Sérénac. O inspetor encara seu

assistente com um ar inquieto.

– Que loucura, Sylvio, você está sempre a par de tudo! Por acaso grampeou todos nós e passa a noite escutando as fitas?

Bénavides

dá

um

suspiro

ruidoso.

– Por quê? Esse passeio escolar é ultrassecreto?

Ele esfrega os olhos.

– Amanhã, por minha parte, marquei um encontro com o curador do Museu de Belas-Artes de Rouen.

– Por quê, cacete?

– Iniciativa e autonomia, foi o

senhor

mesmo

quem

me

recomendou, certo? Digamos que eu
queira formar minha própria opinião
sobre essa história de quadros de
Monet e *Ninfeias*.

– Sabe, Sylvio, se eu tivesse um
temperamento desconfiado, poderia
interpretar isso como falta de
confiança

em

seu

superior

hierárquico direto. Estou certo?

Os olhos cansados de Sylvio

Bénavides encontram forças para
brilhar com malícia.

– Prefiro não comentar!

O inspetor Sérénac se demora

servindo-se com cuidado um café

em uma xícara lascada. Deposita um saquinho de chá dentro de outra, que estende para o assistente.

– Devo realmente ter dificuldade

para

entender

a

psicologia

normanda. Você neste momento

deveria estar na cabeceira da sua

mulher, Sylvio, não bancando o

caxias.

– Não se ofenda, chefe. Sou um

pouco obsessivo, só isso. Debaixo

desta fachada de cão fiel, sou

teimoso. Não sei nada sobre pintura,

só preciso me nivelar. Me escute

mais um pouco. A última coluna, a

terceira. Crianças de 11 anos.

Sérénac molha os lábios no café

e faz uma careta.

– A sua preferida.

– Passei o pente-fino na lista de crianças de 11 anos entregue por Stéphanie Dupain. Idealmente, para corresponder à minha hipótese preferida, procurei uma menina ou um menino de 10 anos cuja mãe fizesse faxina, por exemplo, na casa dos Morval uma década atrás.

– E que usasse um uniforme azul por cima da saia levantada. Então, qual foi o resultado?

–

Nenhum!

Absolutamente

nenhuma

criança

da

lista

corresponde a essa descrição.

Giverny tem nove crianças nessa

faixa etária, digamos, de 9 a 11.

Entre os pais, só identifiquei duas

mães solteiras. A primeira é

vendedora na padaria de Gasny, o

vilarejo que fica do outro lado da

padaria, e a segunda dirige o ônibus

da região.

– Incomum.

– Sim, incomum, como o senhor

diz. Tenho também uma mãe

divorciada professora de ensino

médio em Evreux. Todos os outros

pais são casais e nenhuma das mães

a priori faz faxina, nem hoje, nem

dez anos atrás.

Sérénac se apoia na mesa de

fórmica e adota um ar desolado.

– Se quer saber o que acho,

Sylvio, só existem duas explicações possíveis para o seu fiasco. A primeira é que toda essa sua hipótese de filho ilegítimo é uma bobagem. É o mais provável. A segunda é que a famosa criança a quem Morval deseja parabéns no postal encontrado em seu bolso não é de Giverny, nem aliás sua amante da foto, a moça de uniforme azul que está lhe fazendo uma carícia especial. Seja ela ou não a mãe da criança. E nesse caso...

Bénavides não tocou em seu chá.

Arrisca um olhar tímido.

– Se o senhor me permite,

chefe...

Existe

uma

terceira

explicação possível.

– Ah, é?

Sylvio hesita um instante antes de prosseguir:

– Bom... muito simplesmente...

a lista entregue por Stéphanie

Dupain poderia ser falsa.

– Como é?

Sérénac derramou metade do seu café. Sylvio afunda mais ainda na poltrona lilás enquanto prossegue:

– Vou dizer de outro modo, então. Nada prova que essa lista de crianças esteja correta. Stéphanie Dupain também é uma de nossas suspeitas neste caso.

– Não vejo que relação pode haver entre o flerte hipotético que ela teve com Morval e os alunos da turma dela.

– Nem eu. Mas não estamos vendo muita relação de nada com nada neste caso. Se tivéssemos tempo, seria preciso comparar a lista das crianças da turma da professora com a das famílias de Giverny, nomes, profissões atuais e antigas, sobrenomes de solteira das mães. Tudo. O senhor pode me dizer o que quiser, mas a citação de Aragon no postal de aniversário no bolso de Morval, o “crime de sonhar que deve ser instaurado”, tem uma relação direta com a turma escolar de Giverny: é uma frase que as crianças do vilarejo aprendem. Foi o senhor mesmo quem me disse isso, chefe, depois de escutar da boca da própria Stéphanie Dupain. Sérénac esvazia sua xícara de

uma vez só.

– Tá, se eu estiver entendendo bem o que você diz, vamos supor que haja uma dúvida. Por qual ângulo você gostaria de abordar a questão?

– Não faço a menor ideia. Além do mais, às vezes tenho a impressão de que os moradores de Giverny estão escondendo alguma coisa de nós. Uma espécie de clima, como dizer, de *omertà* de vilarejo na Córsega.

– O que faz você pensar isso?
Em geral, as impressões não são muito do seu feitio.

Uma luz inquietante passa atrás dos olhos de Sylvio.

– É que... tenho mais uma coisa em relação à terceira coluna, chefe.

As crianças. Vou logo avisando: é bem estranho. Mais do que isso, até. O termo correto seria estarrecedor.

31

HOJE DE MANHÃ O tempo em Giverny está esplendoroso. Para variar um pouco, abri a janela da sala e decidi fazer uma arrumação. O sol adentra o cômodo com uma timidez desconfiada, como se fosse a primeira vez. Como não encontra na minha casa nenhuma poeira para rodopiar, ele simplesmente vai repousar sobre a madeira do aparador, da mesa e das cadeiras para torná-la mais clara.

As minhas *Ninfeias* negras, no canto, estão escondidas

nas

sombras. Desafio qualquer um,
mesmo levantando a cabeça, mesmo
pela janela aberta do quarto andar, a
distinguir o quadro lá de fora.

Ando de um lado para outro.

Tudo está no lugar na sala, é por
isso que hesito um pouco em
vasculhar por toda parte, em cima
do armário, no fundo das gavetas, ou
então em descer até a garagem,
esvaziar as caixas de papelão
mofadas, levantar os sacos de lixo
cortados ao meio e revelar aqueles
caixotes fechados há anos. Décadas,
até. No entanto, sei o que estou
procurando. Sei exatamente o que
me interessa, só que não faço a
menor ideia de onde guardei, depois
de tanto tempo.

Já sei o que vocês vão dizer:
vão dizer que a velha está perdendo
a memória. Se quiserem pensar
assim... Não venham me dizer que
nunca lhes aconteceu revirar uma
casa inteira só para encontrar uma
recordação, um objeto em relação
ao qual vocês só tinham uma única
certeza: não o haviam jogado fora.
Não existe nada de mais
irritante, certo?

Vou contar tudo: o que tanto
quero encontrar é uma caixa, uma
s i m p l e s caixa de papelão do
tamanho de uma caixa de sapatos,
cheia de fotos antigas. Nada
original, como podem ver. Parece
que hoje em dia, li isso por aí, uma
vida inteira de fotos pode caber num
pen-drive do tamanho de um

isqueiro. Eu, enquanto isso, procuro
minha caixa de sapatos. Vocês,
quando tiverem mais de 80 anos,
vão procurar na sua bagunça um
minúsculo isqueiro. Boa sorte. Deve
ser isso o progresso.

Abro sem grande esperança as
gavetas da cômoda, enfio uma das
mãos debaixo do armário normando,
atrás das prateleiras de livros.

Nada, claro.

Preciso me conformar: o que
procuro não está ao alcance da mão.

Minha caixa deve estar em algum
lugar da garagem, sob uma camada
de sedimentos acumulados ao longo
dos anos.

Hesito outra vez. Vale a pena?

Será que devo me dar ao trabalho de
revirar toda essa tralha para na

realidade encontrar uma foto, uma só? Uma foto que nunca joguei fora, disso tenho certeza. A única que conserva a lembrança de um rosto que tanto gostaria de rever uma última vez.

Albert Rosalba.

Sem conseguir tomar uma decisão, olho para minha sala onde nada está fora do lugar. Há apenas as duas botas a secar em frente ao duto da chaminé. Enfim, secar... Duas botas que guardei ali, deveria dizer.

Obviamente,

lá

embaixo

a

lareira está apagada.

Ainda não chegou o Natal.

APESAR DE SYLVIO BÉNAVIDES ter pronunciado as últimas palavras com o máximo de ênfase, seu chefe ainda não parece levá-lo a sério. Sérénac se serve uma segunda xícara de café com descontração, como se na sua cabeça ainda estivesse contando as botas. Seu assistente leva a xícara de chá à boca e faz uma careta. Está sem açúcar. Sérénac se vira.

– Estou escutando, Sylvio. Pode me estarrecer.

– O senhor me conhece, chefe – explica Bénavidés. – Destrinchei tudo que podia ter alguma relação ao mesmo tempo com Giverny e com uma história de criança. Acabei encontrando isto aqui nos arquivos da Polícia Militar.

Ele se senta na poltrona mole,
pousa a xícara de chá no chão e
vasculha a pilha de papéis junto a
seus pés. Estende para seu superior
um relatório da Polícia Militar de
Pacy-sur-Eure: um papel amarelado
de uma dezena de linhas. Sérénac
engole em seco. A xícara lascada
treme entre seus dedos.

– Vou resumir para o senhor,
chefe. Acho que não vai gostar
muito. Trata-se de uma notícia
policia. Uma criança foi encontrada
afogada no Ru, em Giverny.

Exatamente no mesmo lugar em que
Jérôme Morval foi assassinado.

Morta exatamente da mesma forma,
com o mesmo ritual, como o senhor
disse, com exceção da facada: o

menino teve o crânio esmagado por
uma
pedra,
depois
a
cabeça
mergulhada na água do regato.

Laurenç Sérénac sente uma
violenta onda de adrenalina. A
xícara estala sobre a fórmica.

– Meu Deus... Quantos anos
tinha o menino?

– Quase 11. Faltavam poucos
meses.

Um suor frio escorre pela testa
do inspetor.

– Puta que pariu...

Bénavides se agarra aos braços
da poltrona como se estivesse se
afogando no estofado lilás.

– Só tem um probleminha,
inspetor...

É

que

esse

caso

aconteceu muitos anos atrás.

Temendo a reação de Sérénac,

ele deixa passar um tempo. Então

diz:

– Em 1937, para ser exato.

Sérénac

afunda

no

sofá

alaranjado. Seus olhos encaram o

relatório amarelado.

– Em 1937? Pelo amor de Deus,

que história é essa? Um menino de

11 anos morto exatamente no mesmo

lugar que Morval, exatamente do mesmo jeito... só que em 1937?!

Que viagem é essa?

– Não tenho ideia, chefe. O senhor vai ver, está tudo no relatório da Polícia Militar de Pacy.

Pensando bem, com certeza não deve ter absolutamente nada a ver. Na época, a polícia concluiu que foi um acidente. O menino escorregou numa pedra, quebrou a cabeça e depois se afogou. Um acidente estúpido. Ponto final.

– E como se chamava esse menino?

– Albert Rosalba. A família foi

embora de Giverny pouco depois do
drama. Nenhuma notícia deles desde
então.

Laurenç Sérénac estende os
braços para o café pousado em cima
da mesa. Faz uma careta ao beber.

– Puta merda, Sylvio, mesmo

assim

essa

sua

história

é

perturbadora. Tenho tendência a não

gostar

muito

desse

tipo

de

coincidência. Nem um pouco. Como

se o mistério já não estivesse

suficientemente denso, como se
precisássemos ainda por cima de
mais isso...

Sylvio

junta

os

papéis

espalhados a seus pés.

– Posso lhe perguntar uma coisa,
chefe?

– No ponto em que estamos...

– O que mais me perturba é que
desde o início nossas intuições são
contraditórias. Pensei nisso a noite
inteira. Desde o começo, o senhor
está convencido de que tudo gira em
torno de Stéphanie Dupain, de que
ela estaria em perigo. Já eu, não sei
por quê, estou convencido de que a
solução está na terceira coluna, que

existe, sim, um assassino andando solto por aí pronto para atacar novamente, mas que o que está em jogo é a vida de uma criança, de uma criança de 11 anos.

Laurenç põe a xícara no chão.

Levanta-se e dá um tapinha amigável nas costas do assistente.

– Talvez seja porque você vai ser pai a qualquer momento. E porque eu, por minha parte, sendo solteiro, me interesso menos pelas crianças do que por suas mães, mesmo as casadas. É só uma questão de identificação. Lógico, não?

– Pode ser. Cada um com sua coluna, então – sugere Sylvio. – Tomara só que não estejamos ambos certos.

Esse último comentário deixa

Sérénac espantado. Ele observa o assistente com atenção e tudo o que vê é um semblante tenso e dois olhos cansados de estarem abertos.

Bénavides ainda não acabou de organizar todos os seus papéis.

Sérénac sabe que, no final do dia, antes de ir embora e apesar do cansaço, vai se dar ao trabalho de xerocar, arquivar tudo na caixa vermelha e guardar essa caixa no lugar certo na estante da sala no subsolo. Em M de Morval. Seu assistente é assim.

– Tudo tem uma explicação – diz Sérénac. – Deve haver um jeito de encaixar as peças do quebra-cabeça.

Tem de haver!

– E Jacques Dupain? – pergunta

Bénavides com um suspiro. – O

senhor não acha que ele já marinou o
suficiente?

–

Putá

merda!

Tinha

me

esquecido desse aí.

Para se sentar em cima da mesa da

sala 101, Laurenc Sérénac afastou

do caminho uma dezena de botas

azuis e as empilhou até formar uma

montanha precária. Jacques Dupain

continua zangado. Com a mão

direita, esfrega sem parar o bigode

castanho e as faces mal barbeadas,

deixando transparecer uma irritação

crescente.

– Ainda não entendo o que o senhor quer comigo, inspetor. Já faz quase uma hora que estou aqui. Vai finalmente me dizer por quê?

– Para uma conversa. Uma simples conversa.

Sérénac designa com um gesto a vasta exposição de botas.

–

Nossa

busca

é

ampla,

monsieur Dupain. Como o senhor pode ver. Quase todos os moradores do vilarejo nos entregaram um par de botas. Estão todos colaborando, com calma. Verificamos que seus sapatos

não

correspondem

à

impressão deixada no local do crime

e depois não os incomodamos mais.

É simples assim. Ao passo que...

A mão direita de Jacques Dupain

se contrai junto ao bigode, enquanto

a esquerda aperta o braço da cadeira

com aflição.

– Quantas vezes vou ter de

repetir? Não consigo encontrar as

porras das minhas botas! Achei que

tivesse deixado no barracão que uso

como garagem ao lado da escola.

Mas elas não estão mais lá! Ontem

tive de pegar as de um amigo

emprestadas.

Sérénac exhibe um sorriso sádico.

– Estranho, monsieur Dupain,

não é mesmo? Por que alguém iria se divertir roubando um par de botas sujas de lama? De número 42, o mesmo que o seu. Exatamente do tamanho da impressão colhida na cena do crime.

Sylvio Bénavides está em pé no fundo da sala, apoiado em uma estante, junto à seção das botas novas e quase novas, tamanhos 38 a 41. Observa a conversa com um cansaço bem-humorado. Pelo menos ela o mantém acordado. Pensa em uma boa resposta à pergunta feita por Sérénac, mas não vai sussurrá-la para o suspeito, afinal.

– Não sei – responde Dupain, exasperado. – Talvez porque essa pessoa seja o assassino e tenha tido a boa ideia de roubar as primeiras

botas

do

tamanho certo

que

encontrou, para que depois um pobre

coitado fosse acusado no seu lugar!

Era a resposta que Bénavides

esperava. Esse Dupain nem é tão

burro assim, pensa ele.

– E a culpa acabaria caindo nas

suas costas? – insiste Sérénac. – Por

mera coincidência?

– Tem de cair em cima de

alguém. E foi em cima de mim. O

que significa isso, “por mera

coincidência”? Não gosto das suas

indiretas, inspetor.

– Então contente-se em escutar.

O que o senhor estava fazendo na

manhã do assassinato de Jérôme

Morval?

Os pés de Dupain formam
grandes círculos no espaço do qual
foram expulsas todas as botas, como
uma criança com raiva que afasta
todos os brinquedos do seu espaço
de brincadeiras.

—

Quer

dizer

que

estão

desconfiando de mim? Por volta das
seis da manhã ainda estava na cama
com minha mulher, como todos os
dias.

— Mais um detalhe estranho,
monsieur Dupain. Nas manhãs de
terça-feira, pelos depoimentos que
recolhemos, o senhor tem o hábito

de acordar bem cedo para ir caçar
lebres no terreno do seu amigo
Patrick Delaunay. Em grupo, às
vezes. Mais frequentemente sozinho.

Por que mudar seus hábitos na
manhã do crime, justamente nessa
terça-feira?

Faz-se um silêncio. Os dedos
irritados de Dupain continuam a
torturar o bigode.

– Vai saber... Que porra de
motivo um homem pode ter para
querer ficar na cama com a mulher?

Jacques Dupain crava os olhos
nos de Laurenç Sérénac. Cravar é a
palavra correta. Como duas adagas.
Sylvio Bénavides não perde nenhum
detalhe do confronto. Mais uma vez,
acha que Jacques Dupain está se
defendendo bastante bem.

– Ninguém o está criticando por isso, monsieur Dupain. Ninguém.

Fique

descansado,

nós

vamos

verificar o seu álibi. Quanto à motivação...

Sérénac afasta com cuidado a dezena de botas azuis empilhadas na borda da mesa e deposita ali, de forma visível, a fotografia de Stéphanie e Jérôme Morval, de mãos dadas na trilha do morro.

– Uma delas poderia ser o ciúme. O senhor não acha?

Jacques Dupain mal olha para a imagem, como se já a conhecesse.

– Não passe dos limites, inspetor. Desconfiar de mim, se isso

o diverte, por que não? Mas não
inclua Stéphanie no seu joguinho.
Ela não. Estamos de acordo em
relação a isso, não estamos?
Sylvio hesita em intervir. Sua
impressão é de que agora a situação
pode se deteriorar em questão de
segundos. Sérénac continua a brincar
com sua presa. Calçou duas botas
azuis
nas
mãos
e
tenta
distraidamente refazer os pares.
Ergue dois olhos cheio de ironia.
– Meio fraca essa defesa,
monsieur Dupain. O senhor não
acha?
Em

termos

jurídicos,

poderíamos chamá-la até de defesa tautológica. Se defender de uma motivação baseada no ciúme... com um excesso suplementar de ciúme.

Dupain se levanta. Está a menos de 1 metro de Sérénac. É pelo menos 20 centímetros mais baixo que o inspetor.

– Não brinque com as palavras, Sérénac. Estou entendendo seu joguinho, estou entendendo muito bem. Se tornar a se aproximar da... Sérénac sequer olha para ele.

Descarta uma bota e calça outra na mão. Sem parar de sorrir.

– Não está me dizendo, monsieur Dupain, que o senhor deseja impedir o avanço da investigação...

Sylvio Bénavidés jamais saberá até onde Jacques Dupain teria sido capaz de ir nesse dia. Tampouco faz questão de saber. É por isso que, bem a tempo, pousa uma das mãos no ombro dele para tranquilizá-lo, ao mesmo tempo que faz um gesto apaziguador para Sérénac.

33

SYLVIO BÉNAVIDES ACOMPANHOU JACQUES Dupain até o lado de fora da delegacia. Soube formular as gentilezas habituais, as desculpas veladas. O inspetor Bénavidés tem bastante talento para isso. Jacques Dupain entrou furioso no seu Ford e, numa derrisória exibição de desafio, atravessou o estacionamento da Rue Carnot com o pé no acelerador. Bénavidés fechou os olhos, em

seguida voltou para a sala. Também tem talento para interpretar as disposições de seu chefe.

– O que você achou, Sylvio?

– Que o senhor pegou pesado, chefe. Pesado demais. Demais mesmo.

– Tá, digamos que é meu lado provençal. Mas, tirando isso, o que achou?

–

Não

sei.

Dupain

está

escondendo alguma coisa, se é isso que o senhor quer ouvir. Mas, enfim, dá para entender. Ele tem uma esposa que se deve valorizar. Não é o senhor quem vai me dizer o

contrário. Mas isso não faz dele um assassino.

– Puta merda, Sylvio! E a história das botas que alguém teria roubado? Ela não se sustenta nem um segundo! Nem o álibi, aliás: a mulher dele me disse que na manhã do crime ele tinha ido caçar.

– É esquisito, chefe, de fato.

Deveríamos comparar o testemunho dos dois. Mas é preciso admitir

também

que

os

elementos

incriminadores estão se acumulando com uma facilidade meio excessiva.

Primeiro, a foto da mulher dele passeando com Morval enviada por algum delator, depois as botas de

caça sumidas... Seria o caso de pensar que alguém está tentando colocar a culpa nele. Além do mais, em relação a essa história de impressão do solado, ele não é o único a precisar de uma desculpa! Estamos longe de ter conseguido encontrar todos os moradores de Giverny. Também demos de cara com portas fechadas, casas vazias, parisienses ausentes quase o tempo todo. Precisaremos de mais tempo, muito mais tempo.

– Porra...

Sérénac pega uma bota laranja e a segura entre dois dedos pelo salto.

– É ele, Sylvio! Não me pergunte por quê, mas sei que foi Jacques Dupain!

De repente, Laurenç Sérénac

arremessa a bota laranja em cima de umas dez outras enfileiradas na estante em frente.

– *Strike!* – comenta, tranquilo, Sylvio Bénavides.

Seu chefe se mantém calado por alguns segundos, impassível, em seguida sobe o tom de repente:

– Estamos patinando, Sylvio!

Patinando! Convoque a equipe inteira para daqui a uma hora.

Com os nervos à flor da pele,

Laurenç

Sérénac

tenta

com

dificuldade liderar o *brainstorming*

que convocou com toda a sua equipe

da delegacia de Vernon. O recinto

claro de cortinas rasgadas está

banhado de sol. À cabeceira da

mesa,

Sylvio

Bénavides

dá

cabeçadas de sono. Entre dois

cochilos, ouve o chefe da delegacia

de Vernon fazer novamente um

resumo das diferentes pistas e

enumerar a impressionante lista de

pesquisas por fazer: identificar as

amantes de Morval e interrogar seus

familiares,

esmiuçar as questões

relacionadas ao tráfico de obras de

arte impressionistas e, em especial,

fazer mais pressão em Amadou

Kandy, descobrir mais sobre a tal

famosa

Fundação

Theodore

Robinson, esmiuçar igualmente a
estranha história de afogamento no
regato

que

remonta

a

1937,

interrogar de novo os moradores de

Giverny, em especial os vizinhos,

em especial os mais chegados a

Morval, sobretudo os que, por

coincidência, não tinham botas em

casa, sobretudo os que tiverem

filhos de 11 anos. Pesquisar também

os pacientes do consultório de

oftalmologia.

O inspetor Sérénac sabe que é

muita coisa, coisa demais para uma

equipe de cinco pessoas, que, ainda

por cima, não trabalham em tempo integral, longe disso. Eles vão ter de pescar informações ao acaso e acreditar na sorte. Esperar a pescaria certa. Os policiais estão acostumados: é sempre assim. A única missão que Sérénac não lembrou aos colegas foi a verificação do álibi de Jacques Dupain. Essa ele vai guardar para si. Privilégio de chefe!

– Mais alguma ideia?

O agente Ludovic Maury escutou as instruções enfáticas de seu superior com a atenção cansada de um jogador de futebol reserva no

vestiário. O sol assa sua nuca por trás.

Durante

o *brainstorming*,

examinou

mais

uma

vez

as

fotografias da cena do crime

dispostas na sua frente: o regato, a

ponte, o lavadouro. O corpo de

Jérôme Morval, com os pés na

margem e a cabeça dentro d'água.

Pergunta-se por que as ideias

ocorrem em determinado momento e

não em outro e ergue um dedo.

– Pois não, Ludo?

– Só uma ideia solta, Laurenc.

No ponto em que estamos, você não

acha que poderíamos dragar o fundo
do regato de Giverny?

– Como assim? – soa a voz

exasperada de um Sérénac irritado,
como se de uma hora para outra não
apreciasse

mais

a

forma

de

tratamento meridional usada pelo
agente Maury.

Sylvio

Bénavides

desperta,

sobressaltado.

– Bom... – continua Maury. –

Vasculhamos a cena do crime por
toda parte, temos fotos, impressões,
amostras. Também olhamos dentro

do Ru, claro. Mas não creio que tenhamos dragado o rio de modo mais profundo. Remexido a areia, quero dizer, escavado lá embaixo. Tive essa ideia olhando na foto a orientação dos bolsos de Morval: eles estão virados na direção do regato. Um objeto, qualquer coisa, pode ter escorregado para dentro d'água e ido parar debaixo da areia. E sumido.

Sérénac passa uma das mãos pela testa.

– Não é uma ideia ruim... Por que não, no fim das contas? Sylvio, está acordado? Monte uma equipe o mais depressa possível, com um sedimentologista ou alguém do tipo. Entendeu? Um cientista capaz de datar, com uma precisão de dias,

toda a merdalhada que vamos encontrar na lama do fundo desse regato!

– Certo – responde Bénavides, erguendo as pálpebras com um esforço de halterofilista. – Vai estar tudo pronto depois de amanhã. Devo lembrar que amanhã é o dia do patrimônio. Dia de visita aos jardins de Claude Monet para o senhor e ao Museu de Belas-Artes de Rouen para mim.

34

NA

RUE

BLANCHE-HOSCHEDÉ-

MONET, A luz da noite se esgueira por entre as lâminas das persianas no quarto dos Dupain, no forro do telhado. As residências normandas à

venda impressas em papel cuchê se
retorcem entre os dedos nervosos de
Jacques Dupain.

– Vou arrumar um advogado,
Stéphanie. Processar o cara por
assédio. Esse policial, Sérénac, ele
está escondendo alguma coisa,
Stéphanie... É como se...

Jacques Dupain se vira na cama.
Não precisa nem verificar. Sabe que
está falando com as costas da
esposa. Com sua nuca. Com seus
compridos cabelos claros. Com um
quarto de rosto. Com a mão que
segura um livro. Às vezes, quando
os lençóis colaboram, com a curva
das
costas,
com
uma

bunda

esplendorosa que ele se contém

todas as noites para não acariciar.

– Parece que esse cara tem

alguma coisa contra mim – continua.

– Que está transformando o caso

numa questão pessoal.

– Não se preocupe – respondem

as costas. – Fique calmo.

Jacques

Dupain

tenta

se

concentrar outra vez no catálogo de

imóveis à venda. Os minutos vão

passando devagar no mostrador do

relógio bem na sua frente.

21h12.

21h17.

21h24.

– Está lendo o quê?

– Nada.

Costas não são muito de falar.

21h31.

21h34.

– Queria achar uma casa para
você, Stéphanie. Alguma coisa
diferente deste armário em cima da
escola. A casa dos seus sonhos. É a
minha profissão, afinal. Um dia vou
poder comprar isso para você. Se
você
tiver
paciência,
vou
conseguir...

As costas se mexem um pouco.

A mão se estende até o criado-mudo
e larga o livro.

Aureliano.

Louis Aragon.

Ela aciona o interruptor do
abajur de cabeceira.

– Para você nunca me deixar –
sussurra, no escuro, a voz de
Jacques Dupain.

21h37.

21h41.

– Você não vai me abandonar,
não é, Stéphanie? Não vai deixar
esse policial nos separar? Você
sabe muito bem que não tenho nada a
ver com a morte de Morval.

– Eu sei, Jacques. Nós dois
sabemos.

Costas são lisas e frias.

21h44.

– Vou fazer isso, Stéphanie...

Sua

casa,

nossa

casa,

vou

encontrar...

Um ruído de lençol sendo

amassado.

As costas desaparecem. Dois

seios e um sexo se intrometem na

conversa.

– Me faça um filho, Jacques.

Antes de qualquer outra coisa, um

filho.

35

DEITADO

DE

COSTAS ,

JAMES

saboreia os últimos raios de sol:

mais uns quinze minutos antes de o

astro se esconder atrás do morro.

Sabe que então serão pouco mais de dez da noite. James não usa relógio, vive ao ritmo do sol, como fazia Monet, levanta-se e se deita junto com ele. Um pouco mais tarde a cada dia, agora. Por enquanto, o astro está brincando de esconde-esconde com os choupos.

Esse

calor

alternativo

é

agradável.

James

fecha

as

pálpebras. Tem plena consciência de pintar cada vez menos e dormir cada vez mais. Para dizer o que devem pensar os moradores do

vilarejo, está se tornando cada vez mais mendigo e cada vez menos artista.

Que delícia! Passar por mendigo aos olhos dessa bela gente. Tornar-se o mendigo do vilarejo, assim como cada vilarejo tem o seu cura, o seu prefeito, a sua professora, o seu carteiro... Ele vai ser o mendigo de Giverny. Parece que havia um, na época de Claude Monet. Seu apelido era Marquês, por causa do chapéu de feltro com o qual cumprimentava os passantes. Mas o tal Marquês era conhecido principalmente por catar em frente à casa de Monet as guimbas dos cigarros que o pintor mal fumava. Enchia os bolsos com elas. Que classe!

Sim, tornar-se o mendigo de

Giverny, o Marquês. Uma ambição e tanto. Para chegar lá, porém, James tem consciência de que ainda há um longo caminho a percorrer. Por enquanto, tirando a jovem Fanette, ninguém se interessa por esse velho louco que dorme na campina com seus cavaletes.

Tirando Fanette.

Fanette lhe basta.

Não são palavras vãs. Fanette é realmente uma menina de grande talento. Muito mais do que ele. A menina tem um verdadeiro dom dos deuses, como se Deus a tivesse feito nascer em Giverny de propósito, como se a houvesse colocado no seu caminho por querer.

Ela o chamou de "pai Trognon"

pouco antes. Como no quadro de

Robinson. *Pai Trognon* ... James

gostaria

de

morrer

assim,

saboreando apenas essas duas

palavrinhas ditas por Fanette.

Pai Trognon.

Duas palavras que parecem a

síntese da sua busca. Da obra-prima

de

Theodore

Robinson

à

impertinência de um gênio em

formação.

Ele.

Pai Trognon.

Quem poderia ter imaginado?

O sol parou de brilhar.

Ainda não são dez da noite,
porém. Escurece de repente, como
se o sol subitamente houvesse
mudado de brincadeira, como se o
esconde-esconde
dos
choupos
houvesse sido trocado pela cabra-
cega. Como se o sol houvesse
parado para contar até vinte atrás de
um choupo, de modo que a lua
tivesse uma vantagem para me
salvar.

James abre os olhos. Petrificado!

Aterrorizado!

Tudo o que vê é uma pedra, uma
pedra imensa acima do seu rosto,
logo acima, a menos de 50
centímetros.

Uma visão surrealista.

Compreende tarde demais que não está sonhando. A pedra esmaga seu rosto como um simples fruto maduro. James sente a têmpera explodir e, ao mesmo tempo, uma dor gigantesca.

Tudo desaba. Ele se vira de bruços. Começa a rastejar pelo trigal. Não está tão longe assim do regato, de uma casa, daquele tal moinho. Poderia gritar.

Nenhum som lhe sai da boca. Ele luta para não perder a consciência.

Um zumbido terrível satura seus pensamentos e seu crânio incha feito uma máquina a vapor prestes a explodir.

Ele continua a rastejar. Sente que o agressor está ali, em pé, logo acima dele, pronto para o golpe de

misericórdia.

O que estará esperando?

Seus olhos deparam com dois pés de madeira. Um cavalete. Suas mãos o agarram, desesperadas. Os músculos dos braços se esticam em uma derradeira tentativa de se levantar.

O cavalete desaba com um estrondo ensurdecedor. A caixa de tintas cai bem na sua frente. Pincéis, lápis, tubos de tinta se espalham pelo mato do chão. James torna a pensar por um breve instante na mensagem gravada lá dentro. *Ela é minha aqui, agora e para sempre.*

Não entendeu essa ameaça. Nem quem a gravou, nem por quê.

Terá visto alguma coisa que não deveria?

Vai morrer sem saber. Sua

impressão é que os pensamentos o

abandonam, que escorrem para

dentro da terra junto com o que lhe resta de sangue, junto com a sua

pele. Ele agora rasteja por cima dos

tubos de tinta, que vai esmagando,

eviscerando. Continua, sempre em

frente.

Repara na sombra, ainda acima

dele.

Sabe que deveria se acalmar e

se

virar.

Tentar

se

levantar.

Pronunciar

uma

palavra.

É

impossível. Um pânico o paralisa. A
sombra tentou matá-lo. A sombra vai
tentar outra vez. Ele precisa fugir.
Não consegue raciocinar mais, o
zumbido dentro de seu crânio é
demais. Só pensa agora nas pulsões
primárias.

Rastejar.

Afastar-se.

Fugir.

Derruba um segundo cavalete.

Pelo menos é o que acha. O sangue
agora inunda seus olhos. Seu olhar
se turva. A paisagem à sua frente
fica
manchada
de
vermelho,
ferrugem, púrpura. O regato não

deve estar muito longe. Ele ainda
pode escapar, alguém pode chegar.

Seguir rastejando.

Um cavalete, e outro, mais à
frente. Com sua paleta, pincéis,
facas.

A sombra o ultrapassa.

Agora está na frente dele.

Através de um filtro vermelho
pegajoso, James vê a mão de alguém
empunhar sua faca de raspar. Chegar
mais perto.

Acabou.

James ainda rasteja mais alguns
centímetros, em seguida pressiona
os braços no chão. Suas últimas
forças. Seu corpo rola em torno do
próprio eixo, uma vez, duas vezes,
várias. Por um instante, torce para
seu corpo seguir o declive e rolar

até bem longe, deslizar pela leve
inclinação da pradaria até o Epte;
torce para assim conseguir escapar.

Mas isso dura só um instante.

Seu corpo desaba sobre as
espigas vergadas. De costas. Ele não
percorreu nem 2 metros. Agora já
não vê mais nada. Cospe uma
mistura de sangue com tinta. Não
consegue mais concatenar dois
pensamentos coerentes.

A sombra se aproxima ainda mais.

James tenta se mexer uma última
vez, mexer um músculo, um só. Não
consegue. Não tem mais domínio
sobre o próprio corpo. Sobre os
olhos, talvez.

A sombra está acima dele.

James olha para ela.

Bruscamente, é como se todo seu

cérebro

lhe

houvesse

sido

devolvido. O último pensamento do condenado. James reconheceu a sombra na hora, mas ainda se recusa a acreditar no que vê. Impossível!

Por que tamanho ódio? Que loucura o terá alimentado?

A mão de alguém agora o segura contra o chão, a outra vai cravar a faca no seu peito. James não consegue se mexer. Seu cérebro agora quase não sofre mais. Está apavorado.

Agora entendeu.

Agora, James quer viver!

Não para não morrer. Sua vida tem tão pouca importância. Quer

viver para impedir o que adivinha,
para deter aquela monstruosa e
inelutável
engrenagem,
aquela
terrível maquinação na qual ele não
passa de um restolho, um drama
secundário.

Sente a lâmina fria penetrar sua
carne.

Está velho demais. Não sente
nem mais dor. A vida o abandona.

Sente-se muito inútil. Foi incapaz de
impedir o drama que se prepara. Foi
velho demais para proteger Fanette.

Quem poderá ajudar a menina
agora? Quem poderá protegê-la da
sombra que vai encobri-la?

James abarca com um último
olhar o trigal varrido pelo vento.

Quem encontrará seu cadáver no meio das espigas? Dali a quanto tempo? Várias horas? Vários dias? Numa última alucinação, pensa ver surgir uma dama segurando uma sombrinha, Camille Monet, em meio às ervas daninhas e às papoulas.

Agora já não se arrepende de mais nada. No fundo, foi para isso que foi embora de sua Connecticut. Para morrer em Giverny.

O dia cai aos poucos.

A última coisa que James vai sentir, antes de morrer, será o arrepio dos pelos de Netuno na pele fria.

NONO DIA

21 de maio de 2010, Chemin du Roy

Sentimentos

SEGUNDO DIA DE SOL seguido. Em Giverny. Podem acreditar no que estou dizendo: para esta época do ano, é quase um pequeno milagre.

Margeio o Chemin du Roy.

Quanto

mais

envelheço,

mais

dificuldade tenho para entender esses turistas capazes de aguardar mais de uma hora na Rue Claude-Monet para entrar nos jardins, enfileirados uns atrás dos outros por mais de 200 metros de calçada.

Basta contudo passear pelo Chemin du Roy: qualquer um pode ver os jardins e a casa de Monet sem nenhuma espera por entre a sebe verde que margeia a estrada, tirar

fotos inesquecíveis, sentir o perfume das flores.

Os carros passam e roçam nas plantas que separam a estrada da ciclovia. A cada veículo que passa um pouco apressado demais, as folhas se agitam como que tomadas por espasmos. São muitos os moradores da região que trabalham em Vernon e há tempos nem viram a cabeça na direção da casa rosa de janelas verdes. Para eles, o Chemin du Roy é apenas a D5, a estrada de Vernon. Nada além disso.

Eu, pelo contrário, no ritmo em que avanço, tenho tempo de admirar as flores.

Não

vou

inventar

histórias: é claro que o jardim é magnífico. A catedral de rosas, o círculo das damas, o Clos Normand e as cascatas de clematitas, o maciço de tulipas cor-de-rosa e miosótis... São todos obras-primas.

Quem poderia dizer o contrário?

Amadou Kandy me disse até que, dez anos atrás, foi inaugurada no Japão, num vilarejo em plena zona rural, uma réplica exata da casa de Monet, do jardim normando e do jardim aquático. Dá para acreditar?

Já vi fotos; é quase impossível distinguir a verdadeira Giverny da falsa, da de mentira. Pode-se fazer qualquer coisa com fotografias, dirão vocês. Mas mesmo assim, francamente, que ideia construir uma

segunda

Giverny

no

Japão!

Decididamente, não entendo essas coisas.

Vou lhes confessar: há muitos anos não entro no jardim de Monet. Nós de Giverny, quero dizer, nós de verdade. Há gente demais para mim agora. Com os milhares de turistas se aglomerando, se espremendo, pisando nos pés uns dos outros, aquilo lá não é mais lugar para uma velha como eu. Além do mais, quando visitam a casa de Monet, os turistas muitas vezes se espantam: não se trata de uma galeria de arte. Não há nenhuma obra-prima na casa de Monet, nenhum quadro das

Ninfeias, da ponte japonesa ou dos choupos. Apenas uma casa, um ateliê e um jardim. Para ver as verdadeiras telas de Monet é preciso ir ao Museu Orangerie, ao Marmottan, a Vernon. Sim, pensando bem, estou melhor do outro lado da sebe. Além do mais, minhas emoções dizem respeito apenas a mim. Basta-me fechar os olhos, a beleza estarrecedora do jardim está lá gravada.

Para sempre. Acreditem.

Os loucos furiosos continuam a desfilarem pelo Chemin du Roy. Um Toyota acaba de passar a mais de 100 quilômetros por hora. Vocês talvez não saibam, mas foi Monet quem bancou o asfalto desta estrada cem anos atrás, porque suas flores

ficavam cobertas pela poeira da
terra batida! Melhor seria ele ter
bancado um desvio. Francamente,
que ideia, um jardim destes cortado
ao meio por uma estrada, e os
turistas passando por um túnel
debaixo dela...

Mas enfim. Vocês talvez estejam
fartos das considerações mais ou
menos interessantes de uma velha de
Giverny sobre a evolução de seu
vilarejo e arredores. Eu os entendo.

Estão se perguntando sobretudo qual
é o meu jogo. É isso que lhes
interessa, não é? Qual é o meu papel

nesta

história

toda?

Em

que

momento vou parar de espionar todo mundo e intervir? Como? Por quê? Paciência, paciência. Mais alguns dias, só mais alguns dias. Deixem-me aproveitar um pouco mais a indiferença geral em relação a uma velha a quem ninguém dá mais atenção do que a um poste ou uma placa que sempre esteve ali. Não vou fazê-los acreditar que conheço o fim desta história, não, mas mesmo assim tenho a minha opinião.

Sou eu que vou fechar o parêntese, confiem em mim. E não vão ficar decepcionados, isso eu garanto!

Um pouco de paciência, por favor. Deixem que eu lhes descreva mais um pouco os jardins de Monet que tenho diante dos olhos. Prestem

bem atenção: cada detalhe faz
diferença. As manhãs de maio
muitas vezes são tomadas de assalto
pelos grupos escolares. Durante o
mês inteiro, todo dia de manhã, o
jardim fica tão barulhento quanto um
pátio
de
recreio.

Enfim, tudo
depende, é claro, da capacidade da
professora de fazer seus alunos se
interessarem pela pintura. E também
do seu grau de excitação, conforme
o número de horas que eles ficaram
trancados dentro do ônibus.

Às vezes, a viagem dura a noite
inteira! Tem professores que são
sádicos! Pelo menos, uma vez dentro
do jardim, os professores podem

ficar sossegados e basta uma vigilância discreta. É como se as crianças estivessem numa praça fechada, só que numa versão mais pedagógica. Elas preenchem um questionário, desenham. Tirando se afogar nas ninfeias, não correm risco algum.

No Chemin du Roy, o caminhão da padaria Lorin passa, buzina para mim e faço-lhe um pequeno gesto com a mão. Richard Lorin é o último comerciante que me conhece, fora Amadou Kandy e sua galeria de arte. Muitos letreiros de Giverny mudam todos os anos: galerias, hotéis, pousadas. Eles vão, vêm. Giverny é como a maré, ao sabor das floradas.

Agora

vejo

isso

de

longe.

Naufragada na areia.

Espero mais um pouco.

Ouvi o barulho de uma moto, o

som típico de uma Tiger Triumph

T100. A máquina foi estacionar na

Ruelle Leroy, perto da entrada dos

grupos escolares. Isso também deve

lhes parecer estranho: uma mulher

com mais de 80 anos saber

reconhecer, pelo simples ruído do

motor, a marca de uma motocicleta.

Uma moto antiga, ainda por cima,

quase uma relíquia. Se vocês

soubessem... Podem acreditar, acho

que poderia reconhecer o ronco de

uma Tiger Triumph T100 entre mil

outras motos.

Meu Deus, como esquecer?

Observo, aliás, que não sou a única a ter apurado os ouvidos.

Stéphanie Dupain não levou muito tempo para espichar a cabeça pela mais alta das janelas da casa de Claude Monet, com metade do rosto escondido pela hera americana. De onde está, lá no alto, ela finge contar as crianças.

Até parece.

Sinto que estremece só de escutar o barulho do motor. Vigia com um ar vagamente atento as crianças que correm entre os canteiros de flores. Acho que, pelo contrário, os alunos da sua turma vão poder fazer o que quiserem por um tempo.

STÉPHANIE DUPAIN DESCE A escada
correndo. Laurenç Sérénac está lá,
esperando na sala de leitura.

– Bom dia, Stéphanie. Prazer em
revê-la.

A professora está ofegante.

Laurenç dá meia-volta sobre o
próprio eixo.

– Meu Deus, é a primeira vez
que entro na casa de Claude Monet.

Obrigado

por

me

dar

esta

oportunidade, sério. Já tinha ouvido
falar, mas é... é fascinante.

– Bom dia, inspetor. Nesse caso
o senhor vai ter direito à visita. É
verdade

que

teve

uma

sorte

daquelas, o jardim de Monet hoje de

manhã só está aberto para a escola.

É excepcional! Só acontece uma vez

por ano de termos a casa de Monet

só para nós.

Só para nós.

Laurenç Sérénac não consegue

definir a animação que o invade. Um

misto de fantasia e mal-estar.

– E os seus alunos?

– Estão brincando no jardim.

Não correm perigo algum, fique

tranquilo, só trouxe os maiores. E os

estou vigiando com o rabo do olho:

todas as janelas da casa dão para o

jardim.

Os
mais
comportados
supostamente devem ficar pintando e
procurando
inspiração,
pois
precisam entregar os quadros para o
curso

Jovens

Pintores

da

Fundação Robinson daqui a poucos
dias. Os outros não ligam de ficar
brincando de esconde-esconde entre
as pontes ou em volta do laguinho.
Já era assim na época de Monet,
sabe? Não se deve acreditar no mito
de uma casa silenciosa habitada por
um velho artista eremita; a casa de

Claude Monet era povoada por seus filhos e netos.

Stéphanie dá um passo à frente e assume a postura de um guia.

– Como o senhor pode observar, inspetor, estamos agora na pequena sala azul. Ela dá para um estranho armazém. Observe essas caixas de ovos penduradas nas paredes.

A professora está usando um surpreendente vestido de seda azul e vermelho preso na cintura por um cinto largo e fechado por dois botões floridos rente ao pescoço. A roupa lhe dá o ar de uma gueixa saída de uma gravura. Os cabelos estão presos para trás. Seu olhar lilás se confunde com os tons pastel das paredes. Sérénac não sabe para onde olhar. Vestida assim, Stéphanie

o faz pensar estranhamente num quadro de Claude Monet que ele admirou anos antes, o retrato de sua primeira esposa, Camille Doncieux, fantasiada de gueixa. Ele se sente quase um intruso com sua calça jeans, sua camisa e a jaqueta de couro.

– Vamos passar para outro cômodo? – propõe a voz suave de sua guia.

Amarelo.

O

cômodo

é

inteiramente

amarelo. Paredes, móveis pintados, cadeiras.

Sérénac

se

detém,

espantado.

Sua anfitriã se aproxima.

– O senhor está agora na sala de jantar onde Claude Monet recebia seus convidados mais prestigiosos.

Laurenç admira o lustre da sala.

Seu olhar acaba indo parar num quadro na parede. Um pastel de Renoir. Uma jovem sentada, de perfil três quartos, com um imenso chapéu branco na cabeça. Ele chega mais perto, admirando o jogo do dégradé entre os tons dos longos cabelos escuros e da pele de pêssego da modelo juvenil.

– Uma reprodução muito bela – comenta ele.

– Reprodução? O senhor tem certeza, inspetor?

Surpreso com o comentário,
Sérénac examina o quadro com
atenção.

– Bem... digamos que, se
estivesse admirando este quadro
num museu de Paris, não duvidaria
nem por um segundo que se tratava
de um original. É que aqui, na casa
de Monet. Todos sabem que...

– E se eu lhe dissesse que é
mesmo um Renoir, um original? –
interrompe Stéphanie.

O ar desconcertado do inspetor

faz

a

professora

sorrir.

Ela

acrescenta num tom mais baixo:

– Mas, shh, é segredo... Não

conte para ninguém.

– Está gozando com a minha cara.

– Ah, não. Vou lhe contar outro segredo, inspetor. Mais estarrecedor ainda. Se procurarmos bem aqui nesta casa, em alguns armários, no ateliê, no forro, é possível encontrar uma série de obras-primas. Dezenas! Quadros de Renoir, Sisley, Pissarro. Autênticos. E de Monet também, claro, *Ninfeias* originais... ao alcance da mão!

Laurenç

Sérénac

observa

Stéphanie com ar consternado.

– Por que está me contando essas fábulas, Stéphanie? Todo mundo sabe que é impossível. Uma

tela de Renoir ou Monet representa tal valor financeiro... e cultural também. Como pensar que podem estar aqui, abandonadas debaixo da poeira? É... Chega a ser ridículo.

Stéphanie

faz

um

biquinho

delicioso.

– Não vejo problema algum se as minhas revelações lhe parecem inacreditáveis, Laurenç. Mas se o senhor pensa que são impossíveis ou ridículas, nesse caso está me decepcionando, pois só lhe disse a mais absoluta verdade. Aliás, muita gente aqui de Giverny sabe dos verdadeiros tesouros escondidos na casa de Monet. Mas digamos que é

uma espécie de segredo por aqui,
algo que ninguém menciona.

Laurenç Sérénac aguarda o
instante em que a professora vai
começar a rir. Mas o riso não chega,
ainda que os olhos dela brilhem de
malícia.

– Stéphanie – ele acaba dizendo
–, desculpe, mas seria bom testar
sua piada com um policial menos
incrédulo do que eu.

– Ainda não acredita em mim?
Que pena. No fim das contas, não
tem muita importância, vamos mudar
de assunto.

A professora se vira com um
movimento brusco. Sérénac fica
perturbado. Pensa que não deveria
ter ido, não até ali, não naquele
momento. Deveria ter marcado com

ela em outro lugar. Mas agora...
agora é tarde. Está tudo se
precipitando. Mesmo que ali não
seja nem o lugar nem o momento.

Ele começa:

– Stéphanie, não vim aqui só
para fazer a visita guiada nem para
falar
de
pintura.

Precisamos
conversar.

– Shh.

Ela leva um dos dedos à frente
da boca, como quem diz que não é
hora de falar nisso. Sem dúvida um
velho truque de professora.

Aponta para as cristaleiras.

– Claude Monet também fazia
questão de receber com refinamento.

Porcelanas

azuis

de

Creil

e

Montereau, gravuras japonesas...

Laurenç

Sérénac

não

tem

escolha, segura a professora pelos

ombros. Na mesma hora, entende

que não deveria ter feito isso. O

tecido que cobre a pele dela é

sedoso, liso e escorregadio feito

uma segunda pele. Aquele tecido

sugere coisas, e não são coisas de

policiaL.

—

Não

estou

brincando,

Stéphanie. Ontem, com o seu
marido, as coisas não correram bem.

Ela sorri.

– Percebi isso um pouco, à noite.

– Ele é um suspeito. O negócio é
sério.

– Vocês estão enganados.

Os dedos dele deslizam pela
seda contra a sua vontade, como se
ele estivesse lhe acariciando os
braços. Ele não se atreve a apertar
mais. Esforça-se para preservar a
lucidez.

– Pare de brincar comigo,

Stéphanie.

Ontem,

durante

o

interrogatório, seu marido disse que na manhã do crime estava na cama, na sua companhia. Três dias atrás, a senhora me garantiu outra coisa. Um de vocês dois está mentindo, portanto. Ou o seu marido ou...

– Quantas vezes vou ter de repetir? Eu não era amante de Jérôme Morval. Nem mesmo amiga íntima. Meu marido não tinha motivo algum para matar Morval! Conheço os clássicos, inspetor. Não é preciso álibi quando não se tem motivo para um crime.

Ela dá uma deliciosa risada, se desvencilha qual uma enguia e continua:

– O senhor gosta de uma encenação, Laurenç. Depois da famosa operação de coleta de todas

as botas de Giverny, vai perguntar a todos os casais do vilarejo se eles estavam fazendo amor na cama na manhã do crime?

– Isso não é brincadeira, Stéphanie.

A voz dela assume, de repente, um tom de professora ríspida:

– Eu sei, Laurenç. Então pare de me importunar com esse crime, com essa investigação sórdida.

O importante não é isso. O senhor está estragando tudo.

Ela se solta e se afasta, parecendo deslizar pelas lajotas cor de tijolo e de palha. Quando se vira, está sorrindo outra vez. Anjo e

demônio.

– A cozinha!

Dessa vez, o que salta aos olhos de Laurenç Sérénac é o azul. O azul das paredes, da louça, em todos os matizes, do azul-celeste ao turquesa.

Stéphanie adota um tom de charlatã de feira:

– As donas de casa apreciarão

particularmente

o

imenso

equipamento de cozinha: cobres, porcelana de Rouen...

– Stéphanie.

A professora para em frente à lareira. Antes de Sérénac poder reagir, ela segura com as duas mãos as abas da sua jaqueta de couro.

– Inspetor, vamos ser claros.

Vamos colocar os pingos nos is de
uma vez por todas. Meu marido me
ama. Meu marido não quer me
perder. Meu marido é incapaz de
fazer mal a quem quer que seja.

Procure outro culpado!

– E a senhora?

Surpresa, ela afrouxa um pouco
a pressão.

– Como assim? Se sou capaz de
fazer mal a alguém, é isso que está
perguntando?

Os olhos lilases adquirem uma
nuance que ele ainda não tinha visto.

Perturbado, Sérénac gagueja:

– N-não. Que ideia. O que eu
quis dizer foi: e a senhora, ama o
seu marido?

–

O

senhor

está

ficando

indiscreto, inspetor.

Ela solta o couro da jaqueta e torna a desaparecer na sala de jantar, no salão, na despensa.

Laurenç a segue de longe, sem saber

mais

que

atitude

adotar.

Da

despensa, sobe-se para o primeiro andar por uma escada de madeira. O vestido de Stéphanie desliza como se a estivesse encerando.

Logo antes de sumir escada acima, a professora lhe lança duas palavras, só duas:

– Que pergunta!

38

SYLVIO BÉNAVIDES ESTÁ EM pé na praça da catedral de Rouen. Fazia tempo que não ia a Rouen, quase um ano. Com seu guia na mão, pensa que deve estar parecendo um turista. Pouco importa. Tem um encontro marcado para dali a meia hora com o curador do Museu de Belas-Artes, um tal Achille Guillotin, mas fez questão de chegar antes, como se quisesse se preparar psicologicamente e mergulhar na atmosfera impressionista da Rouen antiga. Vira-se para o centro de atendimento ao turista e consulta o

papel que tem nas mãos: foi do primeiro andar daquela construção que Claude Monet pintou a maioria de suas catedrais de Rouen, 28 quadros no total, todos diferentes dependendo da hora e do tempo. Na época de Monet, o centro de atendimento ao turista era uma loja de roupas, e bem antes disso o primeiro monumento renascentista de Rouen: o departamento de finanças da cidade. Sylvio examina o guia. Claude Monet também pintou a catedral sob outros ângulos, vista de várias casas da praça, entre as quais algumas foram destruídas durante a guerra, na Rue Grand-Pont ou na Rue du Gros-Horloge. O inspetor sorri ao imaginar Claude Monet chegando com seu

cavalete de madrugada à casa de
pessoas adormecidas ou passando o
dia inteiro, durante meses, diante de
cada uma das janelas de um
provador feminino, tudo para pintar
quase trinta vezes a mesma coisa. As

pessoas

deveriam

achá-lo

um

louco...

No fundo, as pessoas admiram

os loucos.

Sylvio se vira para a catedral.

Sim, as pessoas admiram a loucura.

A simples existência da catedral e o

fato de admirá-la significam no

fundo reconhecer que ele tinha

razão, o sujeito que um dia imaginou

construir

aquele

monumento

inverossímil, ainda que fosse levar
quinhentos anos; aquele maluco que
sem dúvida deve ter insistido para
que a flecha da sua catedral fosse a
mais alta da França, mesmo que para
isso

alguns

milhares

de

trabalhadores

a

mais

tenham

sucumbido. Na época, uma obra
dessas devia ser uma carnificina,
mas as pessoas esquecem. Sempre
acabam esquecendo. Esquecem a
carnificina, a barbárie, e admiram a

loucura.

O inspetor consulta seu relógio de pulso. Se não quiser chegar atrasado é melhor ir andando; conservou esse reflexo juvenil de chegar sempre na hora. Sai da praça da catedral e passa debaixo dos arcos das grandes lojas de departamentos. "Rue des Carmes", lê. Pelo que entendeu, o museu fica à esquerda. Ele vira numa ruazinha estreita margeada por casas de enxaimel. Sempre teve dificuldade para se localizar no centro medieval de Rouen. A cidade lhe dá a impressão de ser uma espécie de

labirinto imaginado por algum indivíduo atormentado. Sim, quem sabe o mesmo que desejou que a sua catedral fosse a mais alta. Para dificultar mais ainda, Sylvio não está muito concentrado no caminho.

Desde que chegou, não para de pensar que alguma coisa não está certa nesse caso Morval. Como se alguém

estivesse

puxando

as

cordinhas da história toda, um Pequeno Polegar maquiavélico que estivesse deixando indícios na sua frente para conduzi-los aonde quer.

Mas quem?

Sylvio chega à Place du 19-

Avril-1944. Hesita um segundo,

então vira bruscamente à direita,
bem na hora em que um carrinho
conduzido por uma enérgica mãe
cruza o seu caminho. A mãe passa
com a roda em cima do seu pé sem
diminuir a velocidade, enquanto o
inspetor balbucia umas desculpas
sem interromper o raciocínio.

Quem?

Jacques

Dupain?

Amadou

Kandy? Stéphanie Dupain? Patricia

Morval?

Giverny é um vilarejo pequeno,
como os moradores não param de
repetir: todo mundo se conhece. E se
todos estivessem protegendo um
segredo? Aquele tal acidente, por
exemplo, o menino que morreu

afogado

em

1937?

Bénavides

começa a imaginar as hipóteses mais loucas. Chega até a se perguntar se o chefe está sendo cem por cento sincero com ele. Laurenç Sérénac às vezes tem um jeito estranho de tratar todas aquelas histórias de pintura.

Sylvio não gosta muito dessa coincidência, nem do fato de o seu chefe apreciar tanto a pintura a ponto de pendurar quadros na sua sala, de ter investigado casos de tráfico de arte antes de ser transferido

para

Vernon

e,

coincidentalmente, ter de solucionar
o assassinato de um colecionador...
em Giverny! Para não falar na
obsessão de querer pôr a culpa toda
em Jacques Dupain ao mesmo tempo
que
paquera
a
esposa
dele.

Bénavides conversou sobre isso
com Béatrice, mas sua mulher, sabe-
se lá por quê, adora Laurenc.

Embora os dois só tenham se visto
uma vez, e por pouco tempo.

Sylvio distingue na sua frente
uma praça fechada contígua a uma
praça
cinza
monumental.

Uma

dezena de pessoas aguarda diante da escada. Ele reconhece a entrada do Museu de Belas-Artes. Apressa o passo sem parar de pensar. Sim, Béatrice não para de lhe dizer que Laurenç é um cara encantador, interessante, divertido. Chegou a acrescentar algo como “Para um policial, ele tem uma sensibilidade surpreendente, como uma espécie de intuição feminina”. Talvez daí suas reservas em relação ao chefe, pensa Sylvio.

Como

Béatrice

pode

apreciar um sujeito como Sérénac, tão diferente dele próprio? Um sujeito que só se interessa pela

pintura e pelas mulheres que Morval levava para a cama. Ou queria levar. Bénavides sobe os degraus do Museu de Belas-Artes e, sem saber por quê, uma pergunta ressurgiu e se incrusta no seu cérebro feito uma litania insistente: por que as pessoas no fundo admiram os loucos? Principalmente as mulheres? O inspetor Sylvio Bénavides já está aguardando há alguns minutos no hall do Museu de Belas-Artes de Rouen. Sente-se um pouco esmagado pelo pé-direito, pela profundidade do recinto, pelo brilho dos afrescos imensos. De repente, surgido de um alçapão no mármore, um homem baixinho e careca usando um jaleco que desce quase até os tornozelos vem na sua direção e lhe estende a

mão.

– Inspetor Bénavides? Achille

Guillotin. Curador aqui do museu.

Bom, vamos lá. Infelizmente só posso lhe dedicar pouco tempo, ainda mais porque não entendi nada do que o senhor quer.

Um pensamento engraçado passa pela cabeça de Sylvio. Guillotin o faz pensar em Jean Bardon, seu professor de desenho no ensino fundamental. Um professor que, com 25 anos, já parecia ter 40. Os dois têm a mesma altura, o mesmo jaleco, o mesmo jeito de falar com ele.

Estranhamente, ao longo de toda a sua trajetória escolar, Sylvio sempre foi

o

bode

expiatório

dos

professores, sobretudo daqueles que não tinham autoridade. Pensa que Achille Guillotin deve pertencer à mesma casta, a dos pequenos chefes obsequiosos diante da autoridade e tirânicos assim que encontram alguém mais fraco.

Guillotín já está longe e sobe a escada qual um camundongo cinza.

A cada degrau, Sylvio tem a impressão de que vai pisar no jaleco excessivamente comprido e rolar escada abaixo.

– Bem, vamos? Que história é essa de assassinato?

Bénavides sai trotando atrás do jaleco cinza.

–

Um

cara

bem

rico.

Oftalmologista

em

Giverny.

Colecionava quadros, entre outras

coisas.

Interessava-se

particularmente por Monet e pelas

Ninfeias. Talvez esse seja até o

motivo do crime.

– E daí?

–

E

daí

que

gostaria

simplesmente

de

me

informar

melhor.

– E não há ninguém competente

na polícia?

– Há, sim. O inspetor que está

coordenando a investigação formou-

se na polícia de arte, mas...

Guillotin o escuta como se ele

houvesse acabado de proferir a pior

das heresias.

– Mas?

– Mas queria formar a minha

própria opinião.

Difícil distinguir se Guillotin

suspira ou bufa ao chegar ao alto da

escada.

– Se é isso que o senhor quer...

O que deseja saber?

–

Podemos

começar

pelas

Ninfeias, se o senhor quiser.

Gostaria de saber quantas delas

Monet

pintou.

Vinte?

Trinta?

Cinquenta?

– Cinquenta?!

Achille Guillotin combinou um

grito de horror com uma risada

sardônica, um som que só as hienas

devem ser capazes de produzir. Se

tivesse uma régua de ferro nas mãos,

seria para castigar os dedos do

inspetor ignorante. Todos os severos

retratos

da

sala

renascentista

parecem se virar na direção de

Sylvio para cobri-lo com uma

vergonha suprema. Sem conseguir se

controlar, ele abaixa o rosto

enquanto Achille Guillotin dá de

ombros num gesto de desprezo. O

inspetor Bénavides repara nesse

momento que o curador está usando

estranhas meias cor de laranja.

– Está gozando da cara do

mundo,

inspetor?

Cinquenta

Ninfeias!

Pois

saiba

que

os

especialistas

identificaram

nada

menos do que 272 *Ninfeias* pintadas

por Claude Monet!

Sylvio

revira

os

olhos,

estupefato.

– Podemos também contabilizá-

las em metros, se for mais fácil para

o senhor entender. Monet pintou

mais

ou

menos

200

metros

quadrados de *Ninfeias* para uma

encomenda nacional, ao fim da Primeira Guerra Mundial, que estão expostos no Orangerie. No entanto, se somarmos todas as obras que Monet não selecionou, as que ele pintou já meio cego ou afetado pela catarata, os especialistas chegam a mais de 140 metros quadrados de *Ninfeias* "a mais", que estão expostas nos quatro cantos do mundo:

Nova

York,

Zurique,

Londres,

Tóquio,

Munique,

Canberra, São Francisco... A lista é

longa, acredite. Sem falar em pelo

menos cem *Ninfeias* que integram

coleções particulares.

Sylvio

evita

qualquer

comentário. Pensa que deve estar com a mesma cara idiota de uma criança ao descobrir que, atrás da onda que vem lambe seus pés na praia, existe o oceano. Guillotin continua a percorrer os corredores.

Toda vez que entra numa nova sala, os vigias sonolentos têm um sobressalto

de

pânico

e

se

imobilizam numa postura de atenção.

Depois do século XVII, vem a

Europa barroca.

– *As Ninfeias* são uma coleção

muito

estranha,

sem

nada

equivalente no mundo – continua

Achille Guillotin sem respirar. –

Durante seus últimos 27 anos de vida, Claude Monet só pintou isso.

Seu

laguinho

de

nenúfares!

Progressivamente, foi eliminando qualquer outro elemento em volta: a ponte japonesa, os galhos de chorão, o céu, para se concentrar apenas nas folhas, na água e na luz. A depuração mais absoluta possível.

As últimas telas, alguns meses antes

de sua morte, são quase abstratas. Apenas manchas. Tachismo, dizem os especialistas. Ninguém jamais tinha visto coisa igual. Ninguém entendeu, na época. Todo mundo achou que fosse um capricho de velho. Depois de sua morte, todo mundo esquece as *Ninfeias* do velho Monet, sobretudo as últimas. Puro delírio, todos acham.

Sylvio não tem tempo de perguntar o que Guillotin quer dizer com “esquecer”. O curador continua, sem trégua:

– Só que, uma geração mais tarde, são essas últimas telas que darão origem, nos Estados Unidos, ao que todos vão passar a chamar de arte abstrata. É esse o testamento do pai do Impressionismo: a invenção

da modernidade! O senhor conhece Jackson Pollock?

Sylvio não se atreve a dizer que não. Tampouco se atreve a dizer que sim. Guillotin dá um suspiro de professor entediado.

– Pior para o senhor. É um artista abstrato. Pollock e os outros buscaram inspiração nas *Ninfeias* de Monet. Todos eles. O mesmo aconteceu na França, espero que o senhor se lembre do que eu disse. As maiores *Ninfeias* estão expostas no Museu Orangerie, a Capela Sistina do Impressionismo. Foram doadas por Monet ao Estado em homenagem ao armistício de 1918. E não é só isso: quando se pensa nos lugares em que as *Ninfeias* estão expostas, há outra coisa fabulosa...

– É mesmo?

Sylvio não encontra nada de inteligente a dizer. Guillotin nem liga.

– As *Ninfeias* estão dispostas ao longo do eixo triunfal! O eixo principal, que passa por Notre-Dame, pelo Louvre, pelas Tuileries, pela Place de la Concorde, pelo arco de La Défense... As *Ninfeias* atrás das paredes do Orangerie estão alinhadas exatamente segundo esse eixo que simboliza toda a história da França e vai de leste a oeste seguindo o curso do sol. E, coincidentemente, Monet pintou o laguinho de ninfeias em diferentes momentos do dia, da manhã até a noite, expondo assim, ele também, o percurso eterno do sol. A corrida

dos astros, a história triunfal da
França,
a
evolução
da
arte
moderna... O senhor há de entender
agora por que cada centímetro
quadrado desses nenúfares vale uma
fortuna. Eles foram o divisor de
águas
da
arte
moderna.

Na
Normandia, a alguns quilômetros de
Vernon, em um minúsculo laguinho
de nada. O tema único do trabalho
obsessivo de quase trinta anos do
maior gênio da pintura.

Nos quadros do século XVII, as vestes de santas, rainhas e duquesas parecem voar, como agitadas pelo lirismo do curador.

– Quando o senhor diz uma fortuna, está se referindo a quanto exatamente?

Como se não houvesse escutado, Guillotin avança pelo recinto e abre a janela. Bénavides não sai do lugar.

– Bom, o senhor vem?

Sylvio entende que deve seguir o curador pela sala.

– Vou lhe dar uma ideia de quanto vale um *Ninfeias*, a tirar pelas últimas vendas em leilões de

Londres

ou

Nova York.

Por

exemplo, está vendo os prédios
haussmanianos bem aqui em frente,
na
Rue
Jeanne-d'Arc?
Então,
digamos que um *Ninfeias* de Monet,
de proporção normal, um metro
quadrado
mais
ou
menos,
corresponderia,
vamos
lá,
no
mínimo,
a
uns
bons

cem

apartamentos. Com quatro andares por prédio, isso já representa boa parte da rua.

– Cem apartamentos? Está de brincadeira!

– Não. Acho que poderia ter dito duzentos, e não teria sido exagero.

Ainda está vendo a Rue Jeanne-

d’Arc? Está vendo os carros

parados no sinal? Também posso

fazer uma estimativa desse jeito.

Uma tela poderia valer, digamos, de

acordo com as últimas vendas, entre

mil e 2 mil carros. Novos,

naturalmente. Ou ainda, sei lá, mais

ou menos a totalidade do que contêm

as lojas da Rue du Gros-Horloge,

Rue Jeanne-d’Arc e Rue de la

République somadas. Um valor

inestimável, na verdade, é isso que
desejo que o senhor compreenda.

Está vendo do que estamos falando?

Um único quadro das *Ninfeias*!

– O senhor está gozando com a
minha cara...

– O último Monet leiloado pela
Christie's de Londres deve ter sido
vendido por 25 milhões de libras...
e era uma obra de juventude! Vinte e
cinco milhões de libras. Vamos lá,
converta isso em apartamentos ou
carros.

Sylvio não tem nem tempo de se
recuperar antes de o curador subir
mais um andar e chegar às salas
impressionistas.

Pissarro,

Sisley,

Renoir,

Caillebotte... e Monet, claro. A famosa Rue Saint-Denis sob uma chuva de bandeiras tricolores, a catedral de Rouen num dia nublado.

Bénavides gagueja:

– E... e sobrou algum *Ninfeias* no mercado?

– Como assim, “no mercado”?

– Ué, por aí – precisa o inspetor com uma voz tímida.

– “Por aí”? O que significa “por aí”?

Vocês

da

polícia

não

conseguem ser mais precisos do que isso? Está me perguntando se poderia haver um quadro de Monet em algum lugar, é isso? Esquecido?

Num sótão ou porão qualquer de Giverny? Está pensando que sem dúvida alguma seria possível matar por uma descoberta dessas, por uma fortuna dessas? Então, inspetor, escute bem o que vou dizer...

39

OS DEGRAUS DA ESCADA da despensa da casa de Claude Monet rangem sob os pés do inspetor Laurenç Sérénac.

Ele tenta expulsar da mente os pensamentos parasitas, a voz interior de uma espécie de anjo guardião que murmura para seu instinto de policial que ele está galgando um a um os degraus de uma arapuca grosseira, que aquela escada conduz aos quartos de dormir de Monet, que ele não tem nada que estar ali,

seguindo aquela mulher, que ele não controla mais nada. No fundo, não é difícil fazer calar dentro de si esse anjo sensato. Basta pensar no segundo anterior, no riso de Stéphanie se espalhando pelo ar, em suas pernas apertadas naquele vestido de gueixa que mesmo assim saltam rumo ao andar superior feito dois animais brincalhões, naquele convite à indiscrição.

Quando Laurenç chega lá em cima, Stéphanie está em pé no vão da porta, no corredor, entre o quarto e o banheiro. Ereta como uma guia severa. Com seu vestido vermelho de cintura marcada, mais preciosa e frágil do que um vaso de porcelana.

– Os aposentos particulares dos Monet. Mais clássicos, reconheço.

Mais íntimos. Laurenç, o senhor não parece muito à vontade.

Ela entra no quarto primeiro e se senta sobre a cama. O imenso edredom de plumas a devora das coxas até o busto.

– Então chegou a hora do interrogatório? Estou à sua mercê, inspetor.

O olhar aflito de Laurenç

Sérénac

abarca

as

cores

do

apartamento, o tecido creme esticado junto ao teto, o amarelo envelhecido da roupa de cama, o preto marmorizado da lareira, o dourado dos castiçais, o acaju da cabeceira.

–

Vamos,
inspetor,
relaxe.

Parece que o senhor estava mais loquaz com meu marido ontem à noite.

Laurenç deixa passar. Os dois permanecem em silêncio por algum tempo. Sérénac não chega perto da cama. As alegres lamparinas dos olhos de Stéphanie se transformam aos poucos em um farol de melancolia. Ela se levanta em meio a uma onda de plumas.

– Então vou começar. Inspetor, o senhor conhece a história de Louise, a catadora de dentes-de-leão de Giverny?

Sérénac a observa, espantado,

curioso.

– Não, é claro que não – emenda Stéphanie. – Mas é uma história bonita. Louise é como se fosse a nossa Cinderela de Giverny. Pelo que se conta, ela era uma linda filha de camponeses. A mais bonita do vilarejo. Jovem. Cheia de frescor. Inocente. Por volta de 1900, posava para artistas nas campinas. Em especial para Radinsky, pintor tcheco promissor que viera se juntar a Monet e aos artistas americanos. O belo Radinsky era também um pianista de renome. Dirigia um carro inacreditável para a época, um 222 Z. Apaixonou-se pela pequena catadora de dentes-de-leão, casou-se com ela e levou-a para casa. Radinsky é hoje o pintor tcheco mais

famoso do seu país. Louise, a
camponesa, virou uma princesa da
Boêmia. É, aliás, Claude Monet
quem vai comprar o carro deles já
obsoleto, o 222 Z, para o filho,
Michel, que alguns meses mais tarde
baterá numa árvore na Avenue
Thiers, em Vernon. Tirando o fim
lamentável do pobre carro, é uma
história bonita, não?

Laurenç

Sérénac

resiste

à

vontade de chegar mais perto, de se
deixar devorar ele também pelo
edredom.

Sente

as

têmporas

queimarem.

– Por que está me contando tudo
isso, Stéphanie?

– Adivinhe.

Ela se levanta devagar sobre o
edredom, como se estivesse nadando
num banho de plumas.

– Vou lhe fazer uma confidência,
inspetor. Uma confidência estranha.

Faz muito tempo que não fico
sozinha num recinto com outro
homem que não meu marido. Faz
tempo que não rio numa escada na
frente de um homem. Faz tempo que
não falo de paisagens, de pintura, de
poemas de Aragon com um homem
de mais de 11 anos capaz de me
escutar.

Sérénac pensa em Morval.

Contém-se para não interromper

Stéphanie.

– Faz muito, muito tempo que esperava este momento, inspetor.

Minha vida inteira, eu diria.

Um silêncio.

– Que esperava alguém chegar.

Olhe para qualquer coisa, pensa Sérénac depressa. Para as velas derretidas, para o quadro lascado na parede, para qualquer outra coisa que não os olhos de Stéphanie.

– Não obrigatoriamente um pintor tcheco... apenas alguém – acrescenta ela.

Até mesmo a sua voz tem a cor lilás.

– Se alguém tivesse me dito que seria um policial...

Ela se levanta com um pulo e, ao passar por ele, agarra um de seus

braços pendentes.

– Venha. Preciso vigiar um pouco meus alunos.

Stéphanie o arrasta até a janela.

A professora estende a mão na direção de uma dezena de crianças que correm pelo jardim.

– Olhe para esse jardim, inspetor, as rosas, as estufas, o laguinho. Vou lhe revelar outro segredo. Giverny é uma armadilha!

Um

cenário

maravilhoso,

sem

dúvida alguma. Quem poderia sonhar em viver em outro lugar? Um vilarejo tão bonito. Mas vou lhe confessar: o cenário está paralisado.

Petrificado. É proibido mudar a

decoreção de qualquer casa, pintar
uma parede, colher uma mísera flor.
Dez leis proíbem tudo isso. Nós
aqui vivemos dentro de um quadro.
Estamos emparedados! Achamos
que estamos no centro do mundo,
que valem a viagem, como se diz.
Mas o que acaba escorrendo em nós
é a paisagem, o cenário. Uma
espécie de verniz que nos cola ao
cenário. Um verniz diário de
resignação. De renúncia... Louise, a
catadora de dentes-de-leão de
Giverny transformada em princesa
da Boêmia; ela é uma lenda,
Laurenç. Esse tipo de coisa não
acontece. Não mais.
De repente, ela grita para três
crianças que estão pisando num
canteiro de flores:

– Deem a volta!

Laurenç Sérénac, febril, busca

uma

distração

para

conter

a

melancolia de Stéphanie, para lutar

contra o próprio desejo de tomá-la

nos braços ali mesmo, agora, onde

estão. Seu olhar encara a profusão

de flores do jardim. A harmonia das

cores. Ele está subjugado pelo

charme

inacreditável

daquele

jardim.

– É verdade o que Aragon conta

no livro? – pergunta de repente. –

Que Monet não suportava ver uma

flor murcha e que os jardineiros
trocavam as flores durante a noite,
uma cor nova a cada manhã, como se
o jardim inteiro tivesse recebido
uma demão de tinta?

A manobra parece surtir efeito.

Stéphanie sorri.

– Não, não, é um exagero
enorme de Aragon. Mas quer dizer
que o senhor leu *Aureliano*?

– Claro. Li e entendi, acho. O

grande

romance

sobre

a

impossibilidade de ser um casal!

Não existe amor feliz... É isso? É

essa a mensagem?

– Assim pensava Aragon quando
escreveu. Definitivamente, na época,

devia pensar que não havia amor
feliz. No entanto, depois disso
viveria a mais bela, a mais longa, a
mais eterna história de amor que um
poeta jamais viveu. O senhor sabe
isso. O louco por Elsa!

Laurenç se vira. Os lábios claros
de

Stéphanie

permanecem

entreabertos. Ele luta contra a
vontade de alisar com os dedos
aquela boca trêmula, de acariciar
aquele delicado perfil de porcelana.

– A senhora é uma mulher
estranha, Stéphanie.

– E o senhor, inspetor, tem o
dom de provocar confidências. Vou
lhe confessar, em matéria de
interrogatório, é bem mais sutil do

que meu marido quis me contar.

Não, inspetor, vou decepcioná-lo.

Não tenho nada de estranho. Muito pelo contrário, sou tão banal que chega a dar nervoso.

A professora espera, hesita, então sai falando numa enxurrada, como quem se atira pela janela:

– Banal, isso mesmo. Gostaria de criar uma criança, um filho, mas acho que meu marido não pode me dar um. Será por isso que não o amo mais? Não, não acho isso. O que acho é que, até onde minha memória alcança, nunca o amei. Ele estava lá. Não era pior do que outro qualquer. Estava disponível. Era carinhoso. Não foi tão ruim assim. Está vendo, inspetor, sou uma mulher banal. Encurralada. Como tantas outras. O

fato de ser bonita, acho, de ter nascido em Giverny e de adorar as crianças da minha turma não muda nada.

Laurenç Sérénac põe a mão sobre a de Stéphanie. Eles enroscam seus dedos em torno do corrimão de ferro forjado verde.

– Por que me confessar isso?

Por que a mim?

Stéphanie olha para ele e ri.

Será que não tem consciência de que pelo menos os seus olhos, somente os seus olhos, são únicos?

– Não se iluda de modo algum, inspetor. Não vá tirar conclusão nenhuma. Se contei tudo isso, não é por causa do seu sorriso de malandro, nem por causa da sua camisa um pouco aberta demais,

nem dos seus olhos castanho-claros
que traem todos os seus sentimentos.

Não vá pensar que acho o senhor
charmoso, inspetor. É só que...

A mão dela escapa na direção
do horizonte. Stéphanie deixa o
suspense durar.

– Assim como a catadora de
dentes-de-leão Louise sucumbiu ao
charme da 222 Z, só me apaixonei
por causa da sua Tiger Triumph!

Ela ri.

– E talvez também pelo seu jeito
de parar para fazer carinho em
Netuno.

Stéphanie se aproxima ainda
mais.

– Uma última coisa, inspetor.

Uma

coisa

importante!

Uma

confidência. Não é porque não amo
mais meu marido que isso faz dele

um assassino. Muito pelo contrário.

Sérénac não responde. Só agora

percebe que, 50 metros mais à

frente, os passageiros dos carros que

passam pelo Chemin du Roy viram

sistematicamente

a

cabeça

na

direção da casa de Monet e veem os

dois na sacada feito um casal de

amantes.

Será que eles estão loucos?

Será que ele está louco?

– Acho que está na hora de eu ir

cuidar das crianças – diz Stéphanie.

Sérénac fica sozinho escutando os passos da professora se afastarem. Seu coração bate furioso, como se quisesse escapar da camisa aberta, e os pensamentos fazem explodir sua caixa craniana.

Quem é Stéphanie?

Mulher fatal?

Moça de má reputação?

40

NA SALA DOS IMPRESSIONISTAS do Museu de Belas-Artes de Rouen, o inspetor Sylvio Bénavides abre uns olhos de coruja. Achille Guillotin mudou de lugar outra vez. O curador sacou um lenço e está limpando uma marca de poeira invisível na lateral de um quadro de Sisley. *Inundação em Port-Marly*, indica a plaquinha sob a obra. Bem na hora em que

Sylvio se pergunta se Guillotin
esqueceu sua pergunta, o curador se
vira. Bate com a ponta do lenço na
testa e declama, com uma voz de
pregador:

– Telas de Monet desaparecidas
ou desconhecidas mas que poderiam
reaparecer, é essa mesmo a sua
pergunta,
inspetor?

Se
quiser
mesmo, vamos lá, posso entrar com
o senhor nesse jogo de suposições.
O lenço enxuga suas têmporas.

– Sabemos que os ateliês de
Claude
Monet
em
Giverny

continham dezenas de quadros, entre

os

quais

esboços,

obras

de

juventude,

grandes

painéis

inacabados

de *Ninfeias*... Sem

contar as doações de amigos:

Cézanne, Renoir, Pissarro, Boudin,

Manet, mais de trinta telas ao todo.

Sabe o que é isso? Essa fortuna

toda, essa fortuna colossal, mais

preciosa do que a coleção de

qualquer museu do mundo, guardada

no máximo por um velho de 80 anos

e seu jardineiro, protegida apenas

por uma porta que mal devia fechar,
vidraças que bastaria empurrar,
paredes rachadas. Qualquer um
poderia ter cometido um roubo.
Qualquer morador de Giverny um
pouquinho esperto teria ganhado
mais em um simples furto do que
assaltando vinte bancos.

O lenço enxuga uma última vez
seu rosto e acaba embolado na
palma da sua mão.

– Uma fortuna dessas ao alcance
da mão... Não consigo pensar em
outro exemplo de tamanha tentação.

Sylvio começa a entender.

Observa à sua volta a dezena de
telas penduradas nas paredes. O
museu de Rouen, apresentado como
a mais bela coleção impressionista
da França fora de Paris, não tem um

quarto dos quadros que há nos
ateliês de Monet. Ele insiste:

– Será que ainda poderia restar
alguma obra-prima nos ateliês de
Monet em Giverny?

Achille Guillotin hesita algum
tempo antes de responder:

– Ora, Claude Monet morreu em
1926. Michel Monet, seu filho e
herdeiro, sem dúvida tratou há muito
de reunir e guardar todas as telas do
pai que não doou a museus. Assim,
para responder à sua pergunta,
digamos que é muito pouco provável
descobrirmos hoje novas telas
originais na casa rosa de Giverny.

Mas, enfim, nunca se sabe...

– E, sem chegar a falar em
roubo, Monet poderia ter distribuído
quadros ou dado algum de presente?

– continua o inspetor, com um pouco mais de segurança.

– A imprensa local registrou a doação de um quadro para uma rifa em benefício do hospital de Vernon.

Alguém deve ter ganhado esse quadro em troca de 50 centavos na época. Quanto ao resto, temos de nos contentar com suposições.

Sabemos que os moradores de Giverny não tornaram a vida fácil para Claude Monet. Ele precisou negociar cada pedacinho da sua paixão, para comprar a propriedade, para conservar as paisagens do

modo

como

as

pintava

e,

principalmente, para desviar a água do regato para seu laguinho de ninfeias. Monet pagou para o vilarejo, pagou muito. Pagou ainda para que uma fábrica de amido de milho não fosse aberta bem em frente ao seu jardim. Pagou para congelar todo o seu cantinho de natureza ao abrigo de qualquer progresso. Nesse caso também, algum espertinho, um conselheiro municipal ou camponês astuto, poderia muito bem ter negociado um quadro do mestre em troca de uma esmola de 500 francos. Tenho consciência de que os especialistas em geral não acreditam nesse tipo de arranjo entre artistas e moradores locais, mas será que podemos mesmo excluir a possibilidade de

que, dentre todos os moradores de Giverny, um tenha sido capaz de se interessar por pintura ou pelo menos por seu valor mercantil? Monet teria cedido, claro. Não tinha escolha.

Veja, por exemplo, aquele estranho moinho ao lado de seus jardins, o moinho de Chennevières. Penso nele toda vez que vou a Giverny por causa da tela de Theodore Robinson, a célebre *Pai Trognon*. Pois bem, os camponeses do moinho tinham tudo para chantagear Monet. O regato passava pelo seu terreno. Sem acordo com eles, nada de ninfeias! Sylvio Bénavides não tem tempo para anotar tudo e tenta memorizar o fluxo de informações.

– Está falando sério?

– Por acaso tenho cara de

fanfarrão, rapaz? Vou lhe dizer uma

coisa:

existem

uns

cretinos

caçadores de tesouros que dão a

volta ao mundo atrás de três moedas

de ouro. Se eles fossem só um

pouquinho mais espertos, visitariam

os sótãos das casas de Giverny e

dos vilarejos em volta. Sei muito

bem o que dizem por aí. Claude

Monet destruía os quadros com os

quais não ficava satisfeito ou suas

obras de juventude. Tinha tanto

medo de que, após a sua morte, os

antiquários se jogassem em cima de

suas telas inacabadas ou seus

esboços que em 1921 incendiou no

ateliê todas as obras das quais não

gostava. No entanto, apesar de todas as precauções do mestre, seria bem pouco provável não existir em algum lugar uma tela de Monet. Só uma velha tela esquecida. O bastante para comprar uma ilha no Pacífico! O curador muda outra vez de sala e lança um olhar sombrio para uma vigia que parece mais entretida com a cor de seu esmalte de unha do que com a das vestes do cardeal que interroga Joana d'Arc na tela de Delaroche.

– Mais uma coisa – diz o inspetor. – O senhor mencionou o pintor impressionista Theodore Robinson, amigo de Claude Monet. O que acha da fundação criada por

seus herdeiros?

Guillotin

franze

uns

olhos

espantados.

– Por que a pergunta?

– Essa fundação tem aparecido

com

frequência

na

nossa

investigação. Estranhamente, muita

gente no nosso caso parece estar

ligada a ela, nem que seja

indiretamente.

– E o que o senhor gostaria de

saber?

– Não faço ideia. O que o senhor

acha da fundação, só isso.

O curador hesita, como quem procura as palavras certas.

– Como dizer, inspetor... Uma fundação

é

algo

complicado.

Oficialmente,

esse

tipo

de

associação é o mais desinteressada possível. Vou tentar encontrar uma imagem.

Sim,

imagine

uma

associação que cuide dos pobres.

Pois bem, o paradoxo é que, se o número de pobres diminui, a razão

de ser da associação também
diminui. Em outras palavras, quanto
melhor for o seu trabalho, mais ela
se sabota. O mesmo vale para uma
fundação que milite contra a guerra.
Para ela, a paz significaria a morte.

– Como um médico que cuidasse
tão bem de seus pacientes que
acabasse ficando desempregado?

– Exato, inspetor.

– Entendo. Mas qual a relação
disso com a Fundação Robinson?

– Acho que eles têm um lema.

Os

três

“pro”,

como

dizem.

Prospecção, proteção e promoção.

Que incrível, funciona tão bem em

inglês quanto em francês. Mais precisamente, significa que eles buscam telas no mundo todo, que compram e vendem, mas também que investem em pintores jovens, muito jovens até: investem neles, compram suas obras e as revendem.

– E daí?

– Um talento exclui outro, inspetor. Uma tela não é como um disco ou um livro; não é pela maior quantidade de vendas que se mede a fortuna de um pintor. Muito pelo contrário, e é disso que depende todo o sistema. Uma tela custa caro porque as outras custam menos ou nada. Se o jogo for livre, se houver concorrência entre críticos, escolas, galerias, tudo até corre bem. Mas se uma fundação estiver em situação de

monopólio

ou

quase...

Está

entendendo?

– Não muito.

Guillotin não disfarça certa

irritação.

– Pois bem, em caso de

monopólio, em outras palavras,

quanto mais novos talentos essa

fundação descobrir, mais ela renova

a arte, o “pro” da prospecção, por

assim dizer, e mais sabota o valor

mercantil de suas outras telas, o

“pro” da proteção... Entendeu?

– Para ser sincero, mais ou

menos.

Bénavides coça a cabeça.

– Vou lhe fazer uma pergunta

mais concreta. Se um quadro de

Monet

tivesse

se

perdido,

a

Fundação Robinson teria como

encontrá-lo?

A resposta é certa:

– Sem dúvida. Muito mais do que qualquer outra pessoa! E com certeza dispondo de qualquer meio.

– Bom, tenho uma última pergunta – continua Bénavides, que agora adotou em definitivo aquela cara de cachorro triste que parece agradar ao curador. – Talvez ela o surpreenda... Existe alguma tela desconhecida de Monet? Telas particularmente raras, não sei, ou

escandalosas, qualquer coisa que pudesse ter ligação com uma questão de sangue?

Achille Guillotin exhibe um sorriso sádico, como se já estivesse esperando essa última pergunta. A apoteose da conversa.

– Venha cá – sussurra, em tom de conspirador.

Ele conduz o policial até perto da parede oposta, na direção de uma imagem torturada na qual quatro homens nus, visivelmente escravos romanos, tentam domar um cavalo louco.

– Observe esses corpos pintados por Géricault, isso mesmo, o famoso Théodore Géricault. O maior pintor jamais nascido em Rouen! Observe esses corpos. Seu movimento. Os

pintores têm uma relação muito
estranha com a morte, inspetor.
Sabemos que, para compor com
realismo o seu *A balsa da Medusa*,
Théodore Géricault foi buscar em
hospitais braços e pés amputados,
cabeças decapitadas. Seu ateliê
fedia a cadáver! No fim da vida,
para curar a própria loucura, ele vai
pintar no hospital da Salpêtrière dez
retratos de loucos, dez vítimas de
transtornos mentais que representam
todos os tormentos da alma humana.
Sylvio teme que o curador esteja
se perdendo numa nova digressão.
– Mas Monet não era louco...
nem pintava cadáveres!
O semblante dissimulado de
Achille Guillotin parece se revelar.
Seus raros cabelos se eriçam sobre

o crânio lunar, qual cornos satânicos
atrofiados.

A décima primeira vítima de
transtornos mentais?

– Venha ver, inspetor.

Guillotin desce correndo os dois
andares da escada, se precipita loja
do museu adentro, pega um livro
enorme

e

rasga

o

plástico

transparente com os dentes.

Vai virando as páginas como se
estivesse possuído.

– Monet não pintou a morte!

Monet não pintava cadáveres, só a
natureza! Ha, ha... Olhe aqui,
inspetor. Olhe aqui!

Bénavides não consegue conter
um movimento de recuo.

Um espectro. De página inteira.

O quadro é um retrato de mulher.

De olhos fechados. Ela parece
envolta num sudário de gelo, um
turbilhão de pinceladas gélidas,
como se estivesse prisioneira de
uma teia de aranha branca que
devora o rosto pálido da modelo.

A morte.

– Apresento-lhe Camille Monet

– explica a voz fria de Guillotin. – A
primeira mulher dele. Seu mais belo
modelo. A donzela da sombrinha no
meio das papoulas, a companheira
radiosa dos domingos no campo.

Morta aos 32 anos! Monet pintou
este quadro maldito na cabeceira do
seu leito de morte; passou toda a

existência arrependido de não ter conseguido resistir à tentação de fixar na tela as cores da vida que se esvai, de ter tratado seu amor agonizante como um objeto de estudo vulgar. Como Géricault e seu fascínio por corpos esquartejados. Como se o pintor houvesse possuído o amante desesperado. Monet contou que, diante do cadáver recente da mulher, foi tomado por uma espécie de pintura automática, como alguém hipnotizado. O que acha, inspetor? Sylvio Bénavides nunca sentiu tamanha emoção diante de um quadro.

– Existe... existe alguma outra obra desse tipo? Alguma tela de Monet, melhor dizendo.

O rosto redondo de Achille

Guillotin enrubesce outra vez, como se um diabo adormecido acordasse dentro dele.

– O que pode ser mais fascinante do que pintar a morte da própria mulher, inspetor? Já pensou nisso?

Nada, claro.

O rubor sobe até as têmporas.

– Nada, senão poder pintar a própria morte! Em seus últimos meses de vida, Monet pintou

Ninfeias

inacabadas,

como

as

partituras do *Réquiem* de Mozart, se

é que o senhor me entende.

Pinceladas apressadas, uma corrida

contra a morte, o cansaço e a

cegueira.

Telas

herméticas,

dolorosas, torturadas, como se ele

houvesse mergulhado dentro do

próprio cérebro. Foram descobertas

ninfeias de todas as cores pintadas

com

urgência

sobre

a

tela:

vermelho-fogo, azul monocromático,

verde

cadavérico...

Sonhos

e

pesadelos misturados. Só faltou uma

única cor.

Sylvio

quer

gaguejar

uma

resposta. Nada sai. Sente que a
investigação patina, lhe escapa.

– A cor que Monet havia banido
para todo o sempre de suas telas. A
que ele se recusava a usar. A
ausência de cor, mas também a união
de todas as cores.

Silêncio. Sylvio desiste de tentar
responder e rabisca furiosamente a
página de seu bloquinho.

– O preto, inspetor. O preto!
Dizem que nos últimos dias antes de
morrer, em dezembro de 1926,
quando entendeu que era chegada a
hora, ele a pintou.

– O... o quê? – gagueja
Bénavides.

– Entende o que estou lhe

dizendo, inspetor? Monet observou a
própria morte no reflexo das
ninfeias e o imortalizou na tela. As
Ninfeias. Em negro!

A

caneta

de

Sylvio

fica

pendurada na ponta de seus dedos,
junto à perna. Ele já não consegue
anotar mais nada.

– O que me diz, inspetor? –

indaga o curador, cuja exaltação já
arrefeceu. – *Ninfeias* negras. Como
a dália...

– Essa... essa história de

“*Ninfeias*” negras é uma certeza?

– Não. Claro que não. Ninguém
jamais encontrou essa tela, claro,

essas famosas *Ninfeias* negras. É

uma lenda, ora, só uma lenda.

Sylvio não sabe mais o que

dizer. Faz a primeira pergunta que

lhe vem à cabeça:

– E crianças? Monet pintou

alguma criança?

41

OBSERVO STÉPHANIE À JANELA da

casa rosa de Monet. Parece a patroa

de uma residência colonial vigiando

um enxame de empregados.

Laurenç Sérénac já desceu.

Que loucos! Desta vez vocês vão

concordar, vão pensar a mesma

coisa que eu. Que idiotas! Exibir-se

dessa forma! Na sacada da casa de

Monet, em frente ao jardim, em

frente ao Chemin du Roy, para todo

mundo ver. No final das contas, vão

ter merecido!

Escuto o barulho da Tiger Triumph dando a partida. Stéphanie também escuta, mas não tem coragem de virar a cabeça. Permanece pensativa enquanto

observa

as

crianças

brincando no jardim. É verdade que a professorinha é linda. É verdade que sabe fazer uso disso, com seu traje de gueixa a acentuar a cintura de vespa e aquele olhar líquido.

Podem confiar em mim: ela tem todos os predicados para virar a cabeça de qualquer rapaz que passe perto demais, seja ele policial ou médico, casado ou não. Bonita feito uma boneca!

Aproveite, minha linda. Não vai durar.

Crianças correm entre as flores.

A professora as repreende com uma voz macia.

Está com a cabeça em outro lugar.

Está perdida, hein, minha linda?

Entendeu que aquele é o momento em que sua vida pode virar de cabeça para baixo, pelas mãos do mais improvável dos salvadores.

Um policial. Sedutor. Divertido.

Culto. Disposto a tudo, inclusive a soltar você dos seus grilhões. Do seu marido.

Agora é a hora. O que a está segurando, então?

Nada?

Ah,

se

pelo

menos

só

dependesse de você... se pelo

menos a morte não a estivesse

rondando tanto; é como se você a

atraísse, querida. Como se, no fim

das

contas,

estivesse

apenas

colhendo o que plantou.

Risos de crianças penetram minhas

ideias más. Meninos perseguem

meninas.

Clássico.

Aproveitem

vocês

também,

pequenos. Aproveitem. Pisoteiem os gramados e as flores. Arranquem as rosas. Atirem pedras e galhos no laguinho.

Furem

as

ninfeias.

Profanem o templo do romantismo.

Não nutram falsas esperanças.

Afinal, é só um jardim. Não é porque uns crentes imbecis vêm do outro lado do mundo rezar aqui que este lugar é outra coisa que não uma água estagnada!

Sou má, eu sei. Me perdoem.

Aqueles dois me irritaram hoje de manhã, Stéphanie Dupain e seu policial, aqueles dois idiotas. É preciso me entender, também. Não me importo de fazer o papel de

testemunha muda, de ratinho preto invisível, mas nem sempre é tão simples ficar indiferente. Não estão mais me entendendo? Ainda estão se perguntando que papel desempenho nesta história toda? Asseguro a vocês que não tenho nenhuma antena sofisticada para captar através das paredes da casa de Monet a conversa daqueles dois imbecis, todos os detalhes do seu cortejo amoroso. Ah, não. É bem mais simples do que isso. Dramático de tão simples.

Viro-me na direção da margem direita do Chemin du Roy, em direção ao jardim aquático. Rente à rua, algumas pranchas da barreira foram afastadas, sem dúvida por

turistas indelicados com pressa de fotografar as ninfeias e cansados da espera em frente ao guichê. O espaço liberado propicia uma vista inédita do laguinho.

Observo

Fanette, um pouco afastada dos colegas de turma, entre os chorões e os choupos. Ela instalou seu cavalete

na

ponte

japonesa,

equilibrado sobre as glicínias. Está pintando, calma e concentrada, apesar da balbúrdia em torno.

Atravesso o Chemin du Roy,

chego perto para ver melhor, quase encosto na sebe.

Não deveria ter feito isso. Um dos pirralhos me viu.

– Madame, madame, a senhora poderia tirar uma foto minha com meus amigos?

Ele enfia na minha mão uma câmera de última geração. Não sei como funciona, ele me explica, não escuto nada. Enquanto o fotografo, tento olhar com o rabo de olho o laguinho de ninfeias e Fanette que pinta.

42

– VENHA, FANETTE.

Vincent insiste:

– Venha, Fanette. Venha brincar!

– Não! Não está vendo que estou pintando?

Fanette

tenta

concentrar

a

atenção em um nenúfar. Um nenúfar solitário, a flutuar longe dos outros, com a folha quase no formato de um coração e uma pequena flor cor-de-rosa que acabou de nascer. O pincel desliza sobre a tela. Fanette tem dificuldade para se concentrar.

Alguém está choramingando atrás de mim. Parece que até o chorão encontrou alguém mais chorão do que ele: Mary! Queria que ela calasse a boca, com sua vozinha aguda, que calasse a boca!

– Vocês trapacearam, para mim chega, mais do que chega. Vou voltar!

Não há apenas choro atrás de mim, há também Vincent ali parado, sem fazer nada, olhando por cima do meu ombro.

– Vai lá brincar com a Mary.

– Ela não tem graça. Só vive chorando...

– E eu, que só vivo pintando, por acaso tenho mais graça?

Ele não vai sair. Vincent não vai sair. Pode passar horas aí.

Talvez ele tivesse sido um ótimo pintor.

Observar

é

a

sua

especialidade. Mas acho que não tem nenhuma imaginação.

Os outros continuam a correr em

volta de Fanette, a gritar, rir e
brincar. A menina faz força para se
manter concentrada. Egoísta, como
disse James.

Camille aparece e para na ponte
japonesa. Ofegante.

*Mas isso não para nunca! Só
faltava ele!*

O garoto encolhe o barrigão
coberto pela camisa.

– Estou exausto, vou parar um
pouco.

Ele olha para Fanette, entretida
pintando.

– Ah, Vincent, Fanette, que bom,
tenho uma adivinhação sobre os
nenúfares. Sabiam que ao que
parece eles dobram de área de um
dia para outro? Então, escutem, se a
gente disser, por exemplo, que os

nenúfares levam cem dias para
cobrir um laguinho inteiro, quantos
dias levarão os mesmos nenúfares
para cobrir metade do laguinho?

– Cinquenta, ora – responde

Vincent na hora. – Que adivinhação
mais boba.

– E você, Fanette, o que acha?

Não estou nem aí para isso,

Camille. Se você soubesse como

não estou nem aí...

– Sei lá. Cinquenta. Igual ao

Vincent.

Camille adquire um ar triunfal.

Se um dia ele virar professor,

tenho certeza de que vai ser o mais

pentelho do planeta.

– Tinha certeza de que vocês

iriam cair na armadilha! A resposta

não é cinquenta, claro, é 99.

– Por quê? – indaga Vincent.

– Nem tente entender – retruca

Camille em tom de desdém. – E

ocê, Fanette, entendeu?

Que saco!

– Estou pintando.

Camille saltita de uma perna

para outra na ponte japonesa.

Grandes manchas de suor marcam

sua camisa nas axilas.

– Tá, tá bom. Já entendi, você

está pintando. Só uma última

adivinhação, mais uma, depois deixo

você em paz. Sabem qual é o nome

em latim das ninfeias?

Chato! Chato! Chato!

– Não têm a menor ideia?

Nem

Vincent

nem

Fanette

respondem. Camille não se perturba,
muito pelo contrário. Arranca uma
flor de glicínia e joga no laguinho.

– Bom, é *nymphaea*, bobão. Mas
antes vinha do grego *numphaia*. Em
francês é *nénuphar*. E em inglês,
como é, vocês sabem?

Será que ele não acaba nunca?

Camille

nem

espera

uma

resposta. Finge se pendurar no galho
de glicínia mais próximo, mas um
estalo o dissuade.

– *Waterlily!* – declama.

E além do mais está contente.

Que irritação, como esse menino

me irrita, mesmo que seja preciso reconhecer que

waterlily é um

nome bem bonito, muito mais do

que

nenúfar...

Mas

prefiro

"ninfeia".

Camille se inclina em direção à

tela

de

Fanette.

Recende

a

transpiração.

– O que está fazendo, Fanette?

Copiando as *Ninfeias* de Monet?

– Não!

– Está, sim! Dá para ver.

Camille vive falando de ciência,

mas o problema é que ele sabe

tudo, mas não entende nada.

– Não, seu idiota, não! Não é porque estou pintando a mesma coisa que Monet pintou que o que estou fazendo é igual ao que ele fez.

Camille dá de ombros.

– Monet pintou vários. O seu obrigatoriamente vai ficar parecido com algum! Ele pintou até um *tondo*.

Sabe o que é um *tondo*?

Vou enfiar meu pincel na cara dele. Só assim ele vai entender quanto é chato. Além do mais, vive com isso de perguntas e respostas.

– Um *tondo* é uma tela redonda, como aquela exposta no...

Paf!

– Vamos, meninos? – grita, de repente, a voz de Mary, que parece ter parado de chorar.

Camille suspira. Vincent ri.

– Acho que vou empurrá-la no laguinho. Você poderia pintar isso, não é, Fanette? Seria original! *Mary in the Waterlilies.*

Vincent ri enquanto empurra delicadamente Camille para fora da ponte.

– Bom, Fanette, vamos deixar você trabalhar – diz Vincent. – Vamos, Camille, vem.

Às vezes, Vincent me entende.

Às vezes, não; às vezes, sim. Como agora...

Fanette enfim fica sozinha. Examina com atenção o reflexo dos chorões no laguinho tomado pelas folhas de nenúfar. Pensa no que James lhe ensinou nesses últimos dias. As linhas de fuga!

Se bem me lembro, toda a

originalidade das

Ninfeias de

Claude Monet é que a composição dos quadros está baseada em duas linhas de fuga que se opõem. Há a linha de fuga das folhas e flores de nenúfar, que corresponde grosso modo à superfície da água. James chamou isso de linha horizontal. Se ele prefere assim... Mas há também a dos reflexos na água: as flores de glicínia nas margens, os galhos de chorão, a luz do sol, as sombras das nuvens. Para resumir, segundo James, linhas verticais invertidas, como em um espelho. É esse o segredo das Ninfeias, explicou-me ele. Tá, tudo bem, não é muito complexo esse segredo. Não é

*preciso se chamar James nem
Claude Monet para entender isso.
Basta olhar para o laguinho. Dá
para ver como um nariz no meio da
cara as duas linhas que fogem uma
da outra. Enfim, fogem... Isso é um
baita exagero. Afinal, o laguinho,
as folhas coladas por cima, tudo
isso
permanece
absolutamente
imóvel. Não se mexe, quero dizer.
Não há movimento, nada. Uma
ilusão de movimento, no máximo,
pode até ser.
Que droga! Agora que estou
sozinha tenho quase vontade de ir
me juntar aos outros e correr com
eles em volta do laguinho. Mas
não! James disse que tenho de ser*

*egoísta. Pensar no meu talento, no
concurso da Fundação Robinson.*

Vou me juntar a eles daqui a pouco.

Fanette se inclina sobre a paleta
e mistura as cores com cuidado.

De repente, tudo para. Preto! Só
sobrou o preto.

Fanette está a ponto de gritar
quando reconhece Paul pelo cheiro
de grama cortada.

– Oi!

– Paul! Onde você estava?

– Jogamos seis partidas de pique
no jardim. Agora chega. Cansei!

Ele se curva em direção ao
quadro.

– Caramba, Fanette, que incrível
isso que você está pintando!

– Tomara. É para o concurso da
Fundação Robinson. Acho que vou

ser a única a entregar alguma coisa para a professora.

– Até parece... Você vai ganhar!

Vai ganhar com certeza. Seu jeito de pintar é muito legal.

– Que nada! Mas tenho uma ideia. Foi James quem me sugeriu.

– Seu famoso pintor americano?

– É, vou me encontrar com ele logo depois da escola. Ele ainda deve estar fazendo a sesta no trigal desde ontem. Vou mostrar minha tela para ele. Com os conselhos de James, talvez tenha uma chance. É verdade que ele se cansa depressa e dorme mais do que pinta. Mas enfim...

– Que engraçado. Essa sua tela não parece com as *Ninfeias*.

Fanette dá um beijo na face de

Paul.

Já Paul eu adoooooro!

– Você é o máximo! Era exatamente o que eu queria. Vou explicar minha ideia em poucas palavras. Quando você olha uma das *Ninfeias* de Monet, a impressão que tem, como dizer, é de afundar, entrar no quadro, atravessá-lo, sei lá, como dentro de um poço ou sobre a areia, sabe? Era isso que Monet queria, uma água adormecida, a impressão de ver desfilarem uma vida inteira... Já eu quero fazer o contrário, quero que diante das minhas *Ninfeias* se tenha a impressão de flutuar sobre a água, entende, de poder pular em cima dela, quicar, sair voando. Uma água-viva! Quero pintar minhas *Ninfeias* como Monet teria pintado se tivesse

11 anos. *Ninfeias* cor de arco-íris!

Paul a contempla com uma
ternura infinita.

– Não entendo tudo o que você
está dizendo, Fanette.

– Não tem problema, Paul. Nada
disso é sério. Olhe, sabe o que
Monet fazia com os grandes quadros

d a s *Ninfeias*

que

não

lhe

agradavam?

– Não.

– Dava de presente para as
crianças da sua casa rosa! Quando
elas tinham a nossa idade. As telas
rejeitadas

serviam

para

fazer

canoas! Pode ser que no fundo do Epte e do Sena, em meio à lama, ainda haja telas de *Ninfeias*. Você acredita nisso?

– Acredito em você, Fanette.

Paul deixa passar algum tempo.

– E tudo isso é sério, sim. Sei muito bem que você vem de um planeta diferente do nosso, que um dia vai embora para muito longe. Que vai ficar famosa e coisa e tal. Mas, entende, o genial é que por toda a minha vida eu vou poder dizer que conheci você, aqui, nesta ponte japonesa. E até que...

– Até que o quê?

– Até que beijei você.

Que bobo, esse Paul. Bobo

demais. Quando ele diz essas

coisas fico tremendo toda.

Os nenúfares flutuam lentamente no laguinho. Fanette estremece e fecha os olhos. Paul encosta delicadamente os lábios nos seus.

– E vai poder contar até que eu prometi que viveríamos juntos, casados, numa casa bem grande com filhos – murmura Fanette. – E até que é isso que vai acontecer.

– Você é...

As glicínias se agitam.

Vincent surge entre os cipós retorcidos com a mesma selvageria de uma fera que sai do meio da mata. Encara Paul e Fanette com uma insistência estranha, um olhar vazio inquietante, como se os estivesse espionando há muito tempo.

*Ele me dá medo. Vincent me dá
cada vez mais medo.*

– O que vocês estão fazendo? –
pergunta a voz sem entonação de
Vincent.

43

SEM PARAR DE NAVEGAR no site Au
Bon Coin, em busca de um
hipotético banquinho de madeira
com cinco degraus, de segunda mão,
para colocar vasos de plantas, a
agente Liliane Lelièvre vira o olho
para o relógio de pulso, um elegante
Longines prateado: 18h45. Mais
quinze minutos e vai poder fechar a
recepção da delegacia de Vernon.
Ultimamente, o movimento é fraco à
noite.
Não reconhece na hora a silhueta
que sobe devagar os degraus da

delegacia. Por outro lado, assim que
o velho adentra o recinto, vira o
rosto
na
sua
direção
e
a
cumprimenta, um fogo de artifício de
lembranças explode bem na sua
cara.

– Oi, Liliane!

– Delegado Laurentin!

Meu Deus! Fazia anos que não o
via. O delegado Laurentin se
aposentou tem o quê, mais de vinte
anos? No início da década de 1990,
logo após solucionar o roubo dos
quadros de Monet do Museu
Marmottan. Na época em que dirigia

a delegacia de Vernon, Laurentin era reconhecido como um dos melhores especialistas em questões de tráfico de arte. O Escritório Central de Combate ao Tráfico de Bens Culturais recorria a ele sistematicamente.

Antes disso, Liliane e ele tinham trabalhado juntos por mais de quinze anos.

O delegado Laurentin. Uma lenda viva. A história inteira da polícia da região de Vernon resumida na sua pessoa!

– Nossa, delegado! Que prazer revê-lo!

Liliane está sendo sincera.

Laurentin

era

um

investigador

brilhante, sensível, atento. Uma

personalidade como não se faz mais.

Eles

passam

muito tempo

conversando. Liliane não consegue

resistir

à

curiosidade

que

a

atormenta:

– O que o traz aqui, depois de

tanto tempo?

– Shh... Estou em missão

especial.

Espere,

Liliane,

vou

demorar alguns minutos e já volto.

Laurentin penetra nos corredores

tão familiares para ele. Liliane não

se atreve a insistir. Um sujeito que

dirigiu aquilo ali durante 36 anos!

O velho policial pensa com seus

botões que a tinta da parede do

corredor continua lascada como

sempre. Nada muda! Sala 33. O ex-

delegado tira uma chave do bolso.

Vai abrir? Não vai abrir? Faz vinte

anos que aquela chave não entra na

fechadura daquela sala.

Abre-te, Sésamo.

A porta se abre! Portanto,

ninguém trocou a fechadura da sala

desde... 1989. No fim das contas, parece lógico, pensa Laurentin. Por que trocar a chave da porta de uma sala em uma delegacia? Enquanto empurra a porta, pensa que seu último sucessor deve ser um jovem ambicioso da polícia judiciária, craque em informática e tecnologias de ponta, todos esses avanços técnicos que recheiam as séries policiais da TV e dos quais ele não entende nada há muito tempo.

Para

bruscamente

junto

à

escrivania e examina a decoração.

As paredes estão cobertas de

quadros impressionistas! Pissarro.

Gauguin. Renoir. Sisley. Toulouse-

Lautrec. Sorri consigo mesmo. No fim das contas, seu sucessor poderia até surpreendê-lo caso o encontrasse. Bom gosto ele tem! A sala está mais parecida com o que ele esperava: abarrotada com um computador, uma impressora, um scanner. O delegado aposentado se demora ali. Decepcionado com a visita, hesita. Percebe que, em 2010, a sala de um policial que faz seu trabalho direito é uma sala vazia! Tudo cabe no disco rígido de um computador. Ele não vai invadir a estação de trabalho pessoal de seu sucessor, que por sinal deve estar protegida por várias senhas. Além

do mais, não entende nada de informática. Seria ridículo insistir.

Não

teve

oportunidade

de

acompanhar os últimos avanços da polícia de arte. Isso virou questão para os peritos. Disseram-lhe que a polícia de arte agora trabalha a partir de uma gigantesca base de dados internacional, a "coleção de pesquisa eletrônica e de imagens de cunho artístico". A base TREIMA, na sigla em francês, contém mais de 60 mil obras desaparecidas, compartilhadas com o Art Crime

Team dos Estados Unidos e com o
Antiques Intelligence Focus Desk da
polícia metropolitana de Londres.

Laurentin suspira.

Nova época, novos métodos.

Sai da sala e volta para junto de
Liliane na recepção.

– Liliane, o arquivo ainda fica lá
embaixo? Na porta vermelha?

– Exatamente como vinte anos
atrás, delegado! Pelo menos no
arquivo nada mudou!

Mais uma vez, sua chave antiga
lhe permite passar pela porta. Pelo
visto, qualquer um poderia entrar
ali. Enfim, não, ele não é qualquer
um. Um policial, apenas um policial.
Foi sem dúvida por isso que Patricia
Morval recorreu a ele. Nem tão
louca assim, a viúva.

Liliane tinha razão: nada mudou.

As pastas continuam classificadas por ordem alfabética. As gerações se sucedem, mas sempre haverá policiais meticolosos para guardar direitinho as caixas-arquivo na letra correta na prateleira certa, mesmo na época de discos rígidos e pen-drives.

M de Morval.

A grande pasta vermelha está ali. Não é muito grossa.

Laurentin hesita outra vez. Sabe que não tem o menor direito de violar o sigilo daquela investigação sem mandado, sem autorização, sem motivo algum a não ser sua curiosidade pessoal. Por que abrir aquela pasta? Um formigamento de animação que ele não sentia há anos

deixa sua pele arrepiada. Por que foi até ali senão para abrir a pasta?

Toma cuidado para fechar a porta atrás de si, para deixar a chave virada no cilindro e então põe a caixa-arquivo em cima da mesa.

Abre-a e inspeciona lentamente os elementos

do

dossiê,

tomando

cuidado para depois recolocá-los no lugar exato.

Seu olhar recai sucessivamente em diferentes

fotografias

de

um

cadáver, Jérôme Morval, na margem de um regato. Os indícios desfilam

entre seus dedos: outras fotos da
cena do crime, a da impressão de
uma sola em gesso; análises
criminalísticas
de
impressões
digitais, sangue, lama. Avança um
pouco mais depressa e se detém ao
encontrar outras imagens: cinco
fotografias de casais, do mais
platônico ao mais escabroso. Único
ponto em comum: Jérôme Morval, o
morto, está presente em todas elas.
O delegado Laurentin levanta a
cabeça, atento, tentando detectar
através da porta vermelha o mais
leve ruído de passos na escada.
Nada, tudo calmo. Examina em
seguida os maços de papéis: uma
lista de alunos da escola de Giverny;

a biografia mais ou menos detalhada
de indivíduos ligados ao caso,
Jérôme e Patricia Morval, Jacques e
Stéphanie Dupain, Amadou Kandy,
outros comerciantes de Giverny,
alguns vizinhos, críticos de arte,
coleccionadores;
anotações
manuscritas, muitas, praticamente
todas assinadas pelo inspetor Sylvio
Bénavides.

Agora

quase

todos

os

documentos estão dispostos em cima
da mesa. O formigamento que
eletriza a epiderme de Laurentin fica
ainda mais intenso. Só lhe resta um
indício a examinar: um relatório

amarelado da Polícia Militar de
Pacy-sur-Eure sobre um acidente –
um menino afogado em 1937, um tal
Albert Rosalba. As mãos do
delegado Laurentin começam a
tremer. Ele fica muito tempo naquela
sala
escura
tentando
entender,
tentando não esquecer nenhum
detalhe,
tentando
formar
uma
opinião sem prejulgamento. Mais
simples seria levar logo tudo ou
então tirar cópias.
O que é inconcebível.
Não é muito grave. Ele se dá

conta, não sem algum orgulho, que ainda tem boa memória.

Só retorna à recepção mais de meia hora depois. Parabéns, Liliane! Ela o esperou.

–

Achou

o

que

estava

procurando, delegado?

– Achei, sim. Obrigado, Liliane.

O delegado Laurentin a observa com afeto. Lembra-se do dia em que ela foi transferida para a delegacia de Vernon, mais de trinta anos antes.

Ele a recebeu na sua sala, a 33.

Liliane ainda não havia completado 25 anos. Já tinha aquele tipo de elegância bastante raro nas policiais

do sexo feminino.

– Que tal o novo chefe, Liliane?

– Razoável. Pior do que o
senhor.

Elegância.

– Liliane, posso lhe pedir um
favor? Não entendo nada de
informática. Você com certeza deve
ser mais experiente do que eu,
agora.

– Não sei. Que favor?

–

Uma

espécie

de...

de

contrainvestigação, eu diria. Imagino
que você saiba usar a internet.

Liliane sorri com segurança. O

delegado continua:

– Eu não. Me aposentei cedo demais. E não tenho nem filhos nem netos para me manter atualizado. Preciso consultar um site, espere, anotei em algum lugar...

O delegado Laurentin vasculha os bolsos até encontrar um Post-it amarelo rabiscado com uma caligrafia tosca.

– Aqui está. Um site chamado Copains d’Avant. Estou procurando uma foto de Giverny. Uma foto escolar. Do ano letivo 1936-1937.

44

– JAMES! JAMES!
Fanette passa perto do lavadouro e atravessa o campo de trigo em que

James pinta todos os dias. Traz consigo, envolto em um grande papel pardo, o quadro do laguinho de nenúfares que começou a fazer observando-o da ponte japonesa.

– James!

Fanette não vê ninguém na campina, nem mesmo um cavalete, nem mesmo um chapéu de palha.

Nenhum sinal de James. Gostaria de fazer

uma

surpresa

para

o

americano, de lhe mostrar o seu

Ninfeias com as cores do arco-íris,

de ouvir seus conselhos, de lhe

explicar sua maneira de pintar as

linhas de fuga. Hesita. Olha em

volta, procura por alguns segundos,
em seguida esconde o quadro atrás
do lavadouro, em um espacinho que
identificou debaixo do cimento.

Bem escondidinho.

Levanta-se; gotas de suor brotam
no seu pescoço. Corre para chegar,
para encontrar quanto antes aquele
James, aquele preguiçoso. Torna a
atravessar a ponte.

– James! James!

Netuno, que dormia à sombra da
cerejeira no pátio do moinho da
bruxa, escutou seu chamado. Passa
pela entrada e vem trotando na sua
direção.

– Netuno, você viu o James?

Sem ligar para a pergunta, o cão
se afasta para farejar as samambaias
ali perto.

*Esse cachorro às vezes me
irrita.*

– James!

Fanette tenta se situar pela
posição do sol. James sempre segue
o sol, feito um grande lagarto, menos
por causa da luminosidade da
paisagem e mais pelo conforto da
sesta.

*O preguiçoso deve ter pegado
no sono na campina.*

– James, acorde, é Fanette.

Tenho uma surpresa.

Ela anda, segue andando. O trigo
a fustiga até a cintura.

Meu Deus!

Suas pernas perdem a força e
desabam.

O trigo à sua frente está
vermelho! Não só vermelho. Verde,

azul, laranja. As espigas coloridas
estão deitadas, como se alguém
houvesse brigado ali, como se
alguém houvesse deixado cair uma
paleta de tintas e rasgado os tubos.

O que terá acontecido?

*Preciso pensar. Sei que os
moradores do vilarejo não gostam
muito de pintores sem-teto, mas daí
a brigar com James... Um artista
idoso e inofensivo.*

Um imenso calafrio atravessa
Fanette. Ela se detém, paralisada. À
sua frente se estende uma trilha de
trigo
amassado,
de
espigas
avermelhadas, como um rastro
ensanguentado. Como se alguém

houvesse rastejado por ali.

James.

Os pensamentos de Fanette ficam confusos.

James sofreu um acidente, está ferido, está esperando a minha ajuda em algum lugar da pradaria.

A trilha curva no trigal acaba bruscamente, em plena plantação.

Fanette continua a avançar a esmo, afasta as espigas, grita, para. A pradaria é imensa.

– Netuno. Me ajude, me ajude a procurar...

O pastor-alemão hesita, como em dúvida do que se espera dele.

Então, de repente, sai correndo pelo espaço plano. Em linha reta. Fanette tenta segui-lo; não é fácil: as espigas se agarram em seus braços, em suas

coxas.

– Me espere, Netuno!

Obediente, o cachorro para 100 metros adiante, quase no meio da plantação. Fanette avança.

De repente, seu coração para de bater.

Atrás do pastor-alemão, o trigo está amassado num retângulo de 1 metro por 2, o espaço exato para comportar um corpo deitado.

Um caixão de palha. É a primeira imagem que me vem à cabeça.

James

está

ali.

Não

está

dormindo.

Está morto! Tem um talho
ensanguentado aberto entre o peito e
a garganta. Fanette cai ajoelhada.
Uma bile horrível sobe e inunda sua
boca. Ela se limpa com um gesto
canhestro usando um pedaço da
blusa.

*James está morto. Alguém o
matou!*

Moscas zumbem em volta da
ferida aberta. O zumbido é medonho.
Fanette sente vontade de gritar, mas
não consegue. A bile ácida queima
sua garganta e ela vomita um líquido
viscoso em cima da calça e dos
sapatos. Não tem coragem de limpá-
los. Não tem mais coragem para
nada. Torce as mãos. Um enxame de
moscas lambe seus pés. Ela precisa
de ajuda. Levanta-se e sai correndo

feito uma louca. O trigo morde seus tornozelos e joelhos. Sua barriga a tortura. Ela tosse, cospe. Um filete de baba escorre por seu queixo, ela continua correndo e se limpa com as costas da mão. Passa pelo regato, pelo moinho, pelo Chemin du Roy, sem diminuir a velocidade. Um carro para bem na sua frente.

Babaca!

Fanette atravessa a rua e chega ao vilarejo.

– Mãe!

Ela sobe a Rue du Château-d'Eau. Agora está urrando:

– Mãe!

Fanette empurra com violência a porta, que bate no gancho de casacos preso à parede. Entra em casa.

Como sempre, sua mãe está em pé

na cozinha, atrás da bancada. De
jaleco azul. Com os cabelos presos
para trás. Larga tudo sem pensar:
faca, legumes.

–

Minha
pequena,
minha
pequeninha...

Sua
mãe
não
entende.

Instintivamente, abre os braços,
estende as mãos. Fanette só segura
uma delas.

E puxa.

– Mãe, você tem de vir...

rápido!

Sua mãe não sai do lugar.

– Por favor, mãe...

– O que houve, Fanette?

Acalme-se e me explique.

– Mãe, ele está... está...

– Calma, Fanette. De quem você está falando?

Fanette tosse, engasga. Sente a náusea voltar. Não pode perder o controle. Sua mãe lhe estende um pano de prato. A garota se limpa e começa a chorar.

– Calma, Fanette, calma. Me diga o que está acontecendo.

Ela afaga as mãos da filha e encosta seu ombro na própria têmpora, como um bebê que estivesse tentando fazer dormir.

Fanette engasga outra vez, então consegue articular:

– É o James, mãe. James, o

pintor, ele morreu. Lá na plantação!

– Que história é essa?

– Venha. Venha!

Fanette se empertiga de repente

e puxa a mão de volta.

– Venha! Rápido!

Me escute, mãe, pelo menos

desta vez, por favor.

Sua mãe hesita. A menina repete

a ordem cada vez mais alto:

– Venha! Venha!

Ela soa quase histérica. Algumas cortinas da Rue du Château-d’Eau se abrem. As vizinhas devem achar que é um chique da menina. Uma pirraça! Sua mãe não tem outra escolha.

– Estou indo, Fanette, estou indo.

As duas atravessam a ponte do regato. Netuno voltou calmamente a

dormir debaixo da cerejeira, no
pátio do moinho. Fanette puxa a mãe
pela mão.

Mais rápido, mãe.

Elas avançam pela pradaria.

– Ali!

Fanette caminha pela plantação.

Lembra-se do caminho, mesmo sem
Netuno; reconhece o trigo amassado.

Avança mais um pouco e chega ao
ponto exato em que James está
deitado, tem certeza de que é ali.

– É aqui, mãe, exatamente aqui.

A mão que sua mãe está
segurando cai, inerte. Fanette tem a
sensação de ficar tonta. Arregala os
olhos, sem acreditar.

Não há ninguém diante delas.

Nenhum corpo.

Devo

ter

confundido,

me

enganado por uns poucos metros.

– Era aqui, mãe. Ou bem perto
daqui.

A mãe de Fanette olha para a
filha com uma expressão estranha.

Mesmo assim, continua se deixando
guiar pela mão que a puxa. Fanette
procura mais um pouco, passa um
tempão andando pela plantação, fica
irritada consigo mesma, com tudo.

– Era aqui, ele estava aqui.

Sua mãe não fala nada e a segue
com
calma.

Uma

vozinha

dissimulada se insinua na mente de

Fanette, um minúsculo verme dentro
de uma fruta.

*Ela acha que sou louca. Mamãe
está achando que sou louca.*

– Era...

De repente, sua mãe para de
andar.

– Chega, Fanette!

– Ele estava aqui, mãe. Tinha um
ferimento profundo entre o coração e
o pescoço...

– Seu pintor americano?

– É, o James.

– Fanette, nunca vi esse seu
pintor americano. Ninguém nunca o
viu.

Nunca o viu. Como assim?

*Vincent viu, Paul também o
conhece... Todo mundo.*

– A gente precisa chamar a

polícia, mãe. Ele estava morto.

Alguém o matou. Alguém levou o

corpo dele e pôs em outro lugar.

Não me olhe assim, mãe. Não

estou louca. Não estou louca.

Acredite em mim, você tem de

acreditar em mim...

– Fanette, ninguém vai chamar a polícia. Não houve crime, não tem cadáver nenhum. Não existe pintor nenhum. Você tem muita imaginação, minha pequena Fanette. Imaginação demais.

Que conversa é essa? O que ela

está querendo dizer?

Fanette berra:

– Não! Você não tem o direito

de...

Sua

mãe

se

abaixa

com

delicadeza até ficar com os olhos na mesma altura dos da filha.

– Tá, Fanette. Retiro o que disse.

Estou disposta a acreditar em você, a confiar em você mais uma vez.

Mas se o seu pintor existe, se ele morreu e foi assassinado, alguém vai perceber. Alguém vai procurar por ele e encontrá-lo. Alguém vai avisar a polícia.

– Mas...

– Uma menina de 11 anos não tem nada a ver com isso, Fanette. A polícia tem mais o que fazer agora, acredite. Eles já estão tendo de lidar com um cadáver, um cadáver de verdade, que todo mundo viu, e

nenhum assassino. E nós já temos problemas suficientes sem precisar chamar ainda mais atenção.

Eu não estou louca!

– Eu não estou louca, mãe.

– Claro, Fanette. Ninguém disse isso. Agora já está tarde, é hora de voltar para casa.

Fanette chora. Sem forças, vai seguindo a mão que a guia.

Ele estava aqui.

James estava aqui. É impossível eu ter inventado tudo isso! É claro que James existe. James existe.

E os cavaletes, berra uma voz dentro da sua cabeça? Os quatro cavaletes? E a bela caixa de tintas?

E as telas? As facas de pintor?

Onde foi parar tudo isso?

Ninguém

desaparece

desse

jeito!

Eu não estou louca!

A sopa estava com um gosto ruim.

É claro que sua mãe apagara as perguntas que Fanette tinha escrito no quadro-negro e as substituirá por uma lista de compras. Legumes, como sempre. Uma esponja. Leite. Ovos. Fósforos.

A casa está escura.

Fanette sobe para o quarto.

Nessa noite, não consegue dormir.

Pensa se deveria desobedecer à mãe e ir contar tudo à polícia apesar do que ela falou. Amanhã.

Eu não estou louca... Mas, se

for procurar a polícia sozinha,

mamãe nunca vai me perdoar. A

primeira coisa que a polícia vai

fazer é vir contar tudo a ela.

Mamãe não quer se envolver com a

polícia. Deve ser por causa das

faxinas. Se os burgueses souberem

que ela se meteu com a polícia, vão

hesitar antes de contratá-la. Só

pode ser isso.

Mas também não posso ficar

sem fazer nada! Está difícil

raciocinar, o pobre do meu cérebro

mais parece uma geleia.

Preciso

investigar.

Preciso

entender o que aconteceu. Preciso

encontrar as provas e mostrar para

mamãe, para a polícia, para todo

mundo.

Para isso, preciso que alguém

me ajude!

Vou começar amanhã mesmo a fazer a investigação. Não, amanhã fico na escola o dia todo, vai ser demorado, muito demorado esperar trancada lá dentro. Mas assim que sair da escola, amanhã à tarde, vou investigar.

Com Paul. Vou contar tudo a Paul. Ele vai entender.

Eu não estou louca.

45

LAURENÇ SÉRÉNAC ATENDE O telefone com uma pontinha de preocupação. É raro alguém ligar à uma e meia, em plena madrugada, principalmente para seu número pessoal. A voz do outro lado não o tranquiliza: começa a sussurrar coisas ininteligíveis. Tudo o que ele

consegue entender são as palavras

“maternidade” e “Estados Unidos”.

– Quem está falando, porra?

A voz se torna um pouco mais

audível:

– É o Sylvio, chefe. Seu

assistente.

– Sylvio? Puta que pariu, é uma

da manhã... Fale mais alto, pelo

amor de Deus, não estou entendendo

nada.

A

intensidade

do

timbre

aumenta:

– Estou na maternidade. Béatrice

está dormindo no quarto, aproveitei

e saí para o corredor... Tenho

novidades!

– É hoje o grande dia, então?

Queria que o seu chefe preferido fosse o primeiro a saber? Dê meus parabéns a Béatr...

– Não, não – interrompe Sylvio.

– Não estou falando do bebê, chefe, estou

ligando

por

causa

da

investigação. É aí que temos

novidades. Em relação ao bebê e a

Béatrice, o negócio é *wait and see*.

Vimos desabalados para cá faz

pouco, para a maternidade do

hospital de Vernon. Ela achou que

estivesse

tendo

contrações.

Esperamos duas horas no setor que supostamente é o pronto-socorro.

Para nada! Só para ouvir que o parto não ia ser agora, que o neném estava tranquilo, bem calmo, no quentinho, que estava tudo bem. No fim das contas, Béa insistiu tanto que eles acabaram lhe dando um quarto. Ah, aliás, chefe, Béatrice está mandando um oi.

– Eu também. Deseje a ela boa sorte.

Sérénac boceja.

– Bom, Sylvio, pode falar então.

Que novidade é essa?

– A propósito, e o seu dia, a casa e os jardins de Claude Monet, como foi tudo? – retruca Bénavides como se não tivesse ouvido nada.

Laurenç Sérénac hesita e busca a

palavra certa:

– Perturbador! E você, no Belas-Artes de Rouen?

É a vez de Bénavidés hesitar.

– Instrutivo.

– E foi por isso que você me ligou?

–

Não.

Consegui

muitas

informações novas lá, mas elas complicam um pouco mais tudo o que nós já sabíamos, vai ser preciso peneirar.

Um barulho de passos ecoa no telefone e por alguns segundos as palavras do assistente se tornam inaudíveis.

– Peraí, chefe, estão trazendo

uma menina numa maca, e tenho a
impressão de que a maca é maior do
que o elevador.

Sérénac aguarda um pouco,
então despeja sua irritação:

– Já acabou? Mas e a sua
informação? Fale logo!

– Que divertido isto aqui...

Sérénac suspira.

– Acabaram aí com a maca?

– Sim, acabou passando... na
vertical.

– Pelo visto você está se
divertindo, Sylvio.

– Estou tentando me adaptar,
chefe.

– Bem, muito bem. Mas então,

vamos

continuar

brincando

de

adivinhação até de manhã?

– Encontrei Aline Malétras.

Laurenç

Sérénac

abafa

um

palavrão.

– Está falando da gata de salto

alto? A amante de Morval, a que

trabalha para as galerias de arte de

Boston?

– É, essa mesma. Por causa da

diferença de fuso, não estava

conseguindo falar com ela durante o

dia.

Impossível.

Mas

acabei

encurralando a moça faz uns quinze

minutos, entre um drinque e outro.

Devem ser mais ou menos oito da noite na Costa Leste dos Estados Unidos.

– E aí? Ela deu alguma informação?

– Sobre o assassinato de Morval, não. Ela parece ter um álibi indestrutível:

na

manhã

do

assassinato, estava saindo de uma boate num subúrbio de Nova York, espere aí...

Ele lê:

– Chamada Krazy Baldhead.

Tem uma penca de testemunhas. Vai ser preciso checar, mas...

– Vamos checar, Sylvio, mas a

verdade é que ela não parece o tipo de gata que volta sozinha para a toca. E em relação a trabalho, pintura, galeria e coleções, deu para ver alguma ligação com Morval?

– Segundo ela, mais nenhuma.

Faz quase dez anos que não tem mais nenhuma

notícia

do

nosso

oftalmologista.

– E o que você acha disso?

– Ela estava com pressa.

Abreviou a conversa. Lembrava-se apenas que ele era louco pelos quadros de Claude Monet e que, na época, ela achava isso, como dizer, meio “comum”, foi uma palavra assim que ela usou.

– E ela ainda trabalha para a
Fundação Robinson?

– Trabalha. Segundo ela, é
responsável

pelas

colaborações

entre França e Estados Unidos.

Exposições, recepção de artistas de
um lado e outro do Atlântico, trocas
de quadros...

– Em que nível?

– Ela praticamente deu a
entender que tinha uma relação
estreita com todos os pintores da
moda de ambos os continentes e que
ia buscar pessoalmente seus quadros
nos ateliês e os carregava debaixo
do braço, mas pode ser que se
contente
em

Ihes

oferecer

champanhe nos vernissages, quartos escuros e o seu decote atrás de uma toalha branca.

– Sei... Precisamos saber mais sobre essa porra de Fundação Robinson.

Sérénac dá outro bocejo.

– Olhe, Sylvio, sem querer ofender, a bela Aline não lhe contou grande coisa. Valia a pena me ligar no meio da noite por tão pouco?

A voz de Sylvio recomeça a sussurrar:

– Tem mais uma coisa, chefe.

– Ah...

Sérénac apura os ouvidos sem interromper o assistente.

– Segundo Aline Malétras, ela

saiu com Jérôme Morval umas
quinze vezes, entre as quais a vez da
foto, que deve ter sido no clube Zed,
na
Rue
des Anglais,
no
arrondissement V de Paris. Isso faz
uns dez anos. Aline Malétras tinha
22 na época. Era uma moça
dádívosa, Morval tinha dinheiro,
tudo estava indo bem até...

– Fale mais alto, porra.

–

Até

Aline

Malétras

engravidar!

– O quê?

– É isso mesmo que eu disse.

- E... ela teve o Morvalzinho?
- Não.
- Como assim, “não”?
- Não. Ela fez um aborto.
- Tem certeza ou foi isso que ela lhe disse?
- Foi o que ela me disse. Mas, com 22 anos, ela na certa não era o tipo de garota que sonhava com uma vida de mãe solteira.
- E Morval ficou sabendo?
- Ficou. Segundo ela, ele mexeu seus pauzinhos na área médica e pagou tudo.
- Voltamos ao ponto de partida, então. Em relação ao motivo do crime, não fizemos progresso algum. Um novo barulho de passos ecoa pelo corredor do hospital. Ao longe, a sirene de uma ambulância ressoa.

Bénavides aguarda um pouco antes
de continuar:

– Mas essa criança estaria hoje
com 10 ou 11 anos.

– Não existe criança, ela
abortou.

– Sim, mas e se...

– Sylvio, não existe criança.

– Ela pode ter mentido.

– Nesse caso, por que contar que
engravidou?

Um longo silêncio. A voz de
Bénavides sobe um tom:

– Talvez ela não tenha sido a
única.

– A única o quê?

– A única a ter engravidado de
Jérôme Morval!

Outro longo silêncio. Então

Bénavides prossegue, falando ainda

mais alto que antes:

– Estou pensando, por exemplo,
na quinta amante, chefe, a da
brincadeira na sala da casa dele, a
moça de jaleco azul que até agora
não conseguimos identificar. Talvez
se

conseguíssemos

decifrar

o

código, aquelas porras de números
no verso das fotos...

Pelo telefone, Sérénac ouve
passos se aproximarem, como se a
enfermeira estivesse atravessando o
corredor para avisar ao inspetor
Bénavides que aquela confusão
precisava acabar.

– Puta que pariu, Sylvio, você
está me deixando doido com essas

suas hipóteses sem pé nem cabeça e
essas três colunas de merda.

Sérénac suspira.

– Vamos tentar dormir um
pouco, isso sim. Amanhã acordamos
cedo para tomar banho no rio de
Giverny. Não esqueça a caçapa.

DÉCIMO DIA

22 de maio de 2010, Moinho de
Chennevières

Sedimento

46

ANTIGAMENTE, QUEM CONSTRUIU O
moinho, sobretudo a torre de
menagem no centro, já devia ter essa
ideia no fundo da mente, só pode
ser: ser capaz de vigiar o vilarejo
todo da janela do quarto andar.
Podem chamar como quiserem essa
torre situada logo acima das copas

das árvores, mirante, torre de vigia
ou portaria, mas uma coisa é certa:
junto talvez com o campanário da
igreja, é o melhor ponto de
observação de Giverny.

Uma vista indevassável de todo
o vilarejo, acreditem, da pradaria
quase até a ilha das Urtigas, do
regato até os jardins de Monet, e,
como vocês podem imaginar, antes
de mais nada o melhor e mais
discreto camarote para o local do
crime. O de Jérôme Morval, digo.
Vejam: agora mesmo, nas águas
do
regato,
com
suas
calças
arregaçadas, os policiais parecem

uns bobos. Descalços. Sem botas.
Devem ter ficado traumatizados. Até
o assistente, Sylvio Bénavides,
chapinha dentro d'água. O inspetor
Sérénac é o único que ficou na
margem, entretido em uma conversa
com um sujeito curioso, de óculos,
que enfia instrumentos estranhos na
água do regato e faz escorrer a areia
por objetos que parecem funis e que
se encaixam uns nos outros.
Netuno também está lá, claro;
vocês acham que ele perde alguma
coisa? Passa de uma samambaia a
outra farejando não sei o quê.
Contanto que haja animação, esse
cachorro está feliz. Além do mais,
acho que ele agora entendeu que o
inspetor Sérénac gosta dele e não é
avarento em matéria de afagos.

Olhem só, estou pouco ligando para isso, mas a ideia dos policiais de dragar o rio não é tão idiota assim. Só que eles deveriam ter pensado nisso antes. Vocês vão deduzir que os policiais do interior da França não são lá muito rápidos, ou alguma outra crítica fácil desse tipo. Não esqueçam, porém, que o belo inspetor que dirige os trabalhos passou os últimos dias com os pensamentos entretidos com outra coisa. Se eu me atrevesse, diria que a primeira coisa em que ele decidiu investir sua atenção não foi o rio. Mas, enfim, vocês entendem, quando se é uma bruxa velha que não fala mais com ninguém, não faz sentido ficar fazendo joguinhos de palavras para si mesma. Assim sendo,

contento-me

em

espionar

em

silêncio por trás da minha cortina.

47

TRÊS AGENTES DA DELEGACIA de
Vernon vasculham o leito do regato.

Cada centímetro quadrado. Não

parecem lá muito convictos. O

prefeito de Giverny lhes disse que o

rio era limpo mensalmente pela

equipe de meio ambiente.

– É o mínimo – acrescentou ele.

– Esse regato minúsculo carrega o

título de primeiro rio impressionista

da França! Isso merece algumas

mordomias.

O prefeito não estava mentindo.

Os

agentes

pescadores

só

conseguem encontrar poucos detritos

no fundo lamacento. Alguns papéis

engordurados, anéis de latinhas,

ossos de frango.

E pensar que essa merda toda

vai ser examinada pelos peritos de

criminalística...

Sylvio

Bénavides

está

com

dificuldade para manter os olhos

abertos. Pensa que, se continuar

assim, vai pegar no sono ali mesmo,

dentro d'água. Pensa que essas

coisas

acontecem

depressa. A
pessoa adormece. Basta um pouco
de falta de sorte para bater com a
cabeça numa pedra e sofrer um
ferimento
sem
gravidade,
mas
suficiente
para
deixá-lo
desacordado, o que basta para fazer
sua cabeça escorregar para dentro
d'água, para debaixo d'água, e
acabar
fazendo
você
morrer
afogado.
Sylvio está com pensamentos

sombrios nessa manhã. Na véspera,
após terminar o telefonema com
Laurenç Sérénac, não conseguiu
pegar no sono. As enfermeiras
queriam que ele voltasse para casa,
mas isso estava fora de cogitação!
Ser policial tem alguns privilégios.
Passou a noite vendo Béatrice
dormir e cochilando em cima de
duas cadeiras na sala de espera, em
frente aos cartazes que denunciavam
os malefícios do tabagismo e do
álcool para as gestantes. Teve tempo
de pensar e repensar nas porras das
suas três colunas, ainda totalmente
estanques.

Amantes, *Ninfeias*, crianças.

Ficou

recapitulando

esses

mistérios que se acumulavam havia alguns dias. O que pensar da tal lenda sobre as *Ninfeias* negras? Amadou Kandy devia saber disso, claro. Morval também. E o que tem a ver com essa história toda o acidente do tal menino em 1937, Albert Rosalba, no mesmo local, ou o postal de uma criança de 11 anos ilustrado com uma reprodução das *Ninfeias* e uma citação de Aragon? E por que Aragon? Por que aquela citação, "O crime de sonhar eu consinto que seja instaurado"? Qual pode ser o seu significado? Por que aqueles números no verso das fotos das amantes de Morval? No entanto, ele adivinha, pressente que todas aquelas peças se encaixam, que não se deve descartar nenhuma, que

todas têm a sua importância.

Observa Sérénac. Não é fácil

determinar

se

o

chefe

está

particularmente concentrado nos

métodos

de

datação

do

sedimentologista

ou

se

aquela

operação toda não lhe interessa. O

problema é que a técnica do quebra-

cabeça não é o método preferido por

ele. Diante de um nó, a tendência de

Sérénac seria mais querer puxar apenas um dos fios, e com força, muita força. Sylvio tem a impressão de que essa não é a solução, de que isso vai apenas emaranhar tudo mais ainda e que o único risco que Sérénac corre é que o fio lhe arrebente entre os dedos. E ele não terá avançado em nada.

Sylvio repara que Louvel acabou de limpar a areia de sua terceira garrafa

pet.

Se

dragada

em

profundidade, a via fluvial real do

Impressionismo não é tão imaculada

assim. O sedimentologista analisa

todas as peças exumadas de maneira

sistemática e profissional, só para

confirmar

que,

se

elas

não

conheceram Claude Monet em vida,

tampouco cruzaram o caminho do

cadáver de Jérôme Morval.

Sylvio torna a pensar em

Sérénac. Não foi por falta de ele ter

tentado explicar as coisas para o

chefe. Sérénac concorda, concorda

com tudo, com as colunas, com os

mistérios, com toda a confusão. O

que não o impede de se fechar na

própria intuição: para ele, tudo gira

em torno de Stéphanie Dupain. A

professora está correndo perigo. O

perigo tem um nome: Jacques

Dupain. Sérénac não sai disso.

Objetivamente, examinando os fatos, Sylvio pensa que a professora tem tanto o perfil de uma suspeita quanto o de uma vítima em potencial. Disse isso ao chefe, mas o teimoso albigense parece preferir seguir o próprio instinto a fatos objetivos. O que ele pode fazer?

Pensou muito nisso durante a noite. Sylvio é como Béatrice, no fundo gosta de Sérénac.

Paradoxalmente, ainda que os dois sejam diferentes, gosta de trabalhar em parceria com ele. Questão de complementaridade, talvez.

No

entanto, tem a leve impressão de que

Sérénac não vai durar muito na

delegacia de Vernon. Aquilo está

com

cheiro

de

transferência

relâmpago! Ali no Norte as intuições

não são um método muito prezado.

Principalmente quando influenciadas

menos pelo que se trama no cérebro

de um policial do que pelo que

acontece dentro da sua brag...

– Acho que encontrei alguma

coisa!

Quem gritou foi o agente Louvel.

Na mesma hora, todos os policiais

se aproximam.

Louvel mergulha duas mãos na

areia e traz à tona um objeto

retangular

bastante

plano.

O

sedimentologista estende uma caixa

plástica para que a areia possa

escorrer. Aos poucos, dá para

distinguir o que o policial está

segurando. Em pouco tempo, não

restam mais dúvidas.

O agente Louvel encontrou uma

caixa de tintas de madeira.

Sylvio dá um suspiro. Mais um

esforço por nada, pensa. Sem dúvida

foi algum pintor que deixou a caixa

cair, depois de chegar perto demais

querendo pintar o regato. Em todo

caso,

não

foi

Morval,

que

coleccionava quadros, mas não

pintava.

Louvel pousa seu achado em

uma das margens enquanto o

sedimentologista despeja a areia que

cobria a caixa de tintas dentro de

seus funis e peneiras. A areia

escorre.

– Quanto tempo faz que ela está

aí dentro? – indaga o agente Maury,

que se interessa por esse tipo de

coisa.

O sedimentologista examina uma

seção do menor dos funis.

– Menos de dois dias, no

máximo. Essa caixa caiu no regato

ontem, no mínimo, e no máximo no

dia do assassinato de Morval,
digamos. Estou me baseando na
chuva que caiu no dia 17 de maio.

As aluviões deslocadas durante o
temporal são típicas. Elas vêm de
cima, e desde então não choveu.

Calculo uma margem de cinco dias
antes e cinco depois.

Sylvio chega mais perto da
margem. A descoberta agora o
intriga. A caixa de tintas está
portanto enterrada na areia do regato
há no máximo dez dias. A data
poderia

corresponder

ao

assassinato. Sérénac também se
adiantou. Ambos estão a menos de 1
metro da caixa de madeira.

– Por favor, Sylvio – diz

Sérénac. – Queira ter a honra...

Você merece ser o primeiro a abrir este tesouro – acrescenta, com uma piscadela para o assistente. – Mas vamos dividir os despojos em cinco partes iguais.

– Feito os piratas?

– Isso mesmo.

Atrás deles, Ludovic Maury acha graça. O inspetor Bénavides não espera o chefe insistir e ergue a caixa

de

tintas

até

poucos

centímetros dos olhos. A madeira é antiga, laqueada e está curiosamente muito pouco danificada apesar do tempo

passado

dentro

d'água.

Apenas as dobradiças de ferro

parecem

enferrujadas.

Sylvio

decifra, um pouco apagada, algo que

lhe parece uma marca, *WINSOR &*

NEWTON, inscrita em maiúsculas

abaixo de um logo que representa

uma espécie de dragão alado. Em

letras

menores,

um

subtítulo

e s p e c i f i c a *The World's Finest*

Artists' Materials . Bénavides não

entende nada daquilo, mas imagina

que aquele seja um belo objeto,

prestigioso, americano, antigo; será
preciso checar.

– Então, vai abrir seu cofre ou
não?

–

pergunta

Sérénac,

impaciente. – Queremos saber o que
encontramos. Moedas de ouro, joias,
um mapa do Eldorado...

Ludovic

Maury

dá

outra

gargalhada. Não é fácil saber se o
agente aprecia de fato o humor do
chefe ou se está exagerando. Sylvio,
sem pressa, aciona as dobradiças
enferrujadas. A caixa se abre como
se fosse nova, como se houvesse

sido usada na véspera mesmo.

Sylvio imagina encontrar pincéis,

tubos de tinta encharcados, uma

paleta,

uma

esponja.

Nada

especial...

Meu Deus do céu!

O inspetor Bénavides quase

larga a caixa dentro do regato. Meu

Deus...

Seus

pensamentos

se

entrechocam. E se ele estivesse

enganado desde o início e quem

tivesse razão fosse Sérénac?

Ele retesa os dedos sobre a

madeira e grita:

– Pelo amor de Deus, chefe,
venha ver isto! Rápido, venha ver
isto!

Sérénac dá um passo mais para
perto. Maury e Louvel fazem o
mesmo. O estupor do inspetor
Bénavides os pegou de surpresa.
Sylvio Bénavides segura a caixa
aberta para todos verem. Os
policiais encaram as folhas de
madeira com o respeito temeroso de
cristãos ortodoxos diante de um
ícone bizantino.

Todos leem a mesma frase,
gravada a faca na madeira clara da
caixa: *Ela é minha aqui, agora e
para sempre.*

O texto gravado é seguido por
dois entalhes cruzados. Uma cruz.
Uma ameaça de morte.

– Puta que pariu! – berra o inspetor Sérénac. – Alguém jogou esta caixa no regato menos de dez dias atrás! Talvez no mesmo dia em que Morval foi assassinado!

Limpa com a manga o suor que lhe brota na testa e prossegue:

– Sylvio, vá arrumar agora

mesmo

um

especialista

em

grafologia e compare esta frase

gravada na madeira com a caligrafia

de todos os cornos de Giverny. E

ponha Jacques Dupain no alto da

lista!

Sérénac olha para o relógio de

pulso. São onze e meia da manhã.

– E quero isso antes de hoje à

noite!

Encara longamente o lavadouro bem à sua frente. Deixa a animação arrefecer, em seguida lança um sorriso sincero para os quatro homens em volta.

– Muito bem, rapazes! Vamos terminar depressa a busca aqui no regato e liberar o local. Acho que já pescamos o maior peixe escondido aí dentro.

Ele ergue um dos polegares na direção do agente Maury.

– Que ideia incrível essa sua, Ludo. Dragar o regato. Nós temos uma prova, rapazes. Até que enfim!

Maury não se aguenta mais.

Sorri como uma criança que tirou uma nota boa. Por sua vez, Sylvio Bénavides, por força do hábito,

desconfia

dos

entusiasmos

excessivamente precipitados. Para seu chefe, o "ela" da frase "Ela é minha aqui, agora e para sempre" só pode estar se referindo a uma única mulher,

e

a

ameaça

foi

obrigatoriamente redigida por um marido ciumento... de preferência Jacques Dupain. No entanto, para Sylvio, o "ela" da frase poderia, pelo contrário, se referir a qualquer coisa,

a

qualquer

um.

Não

necessariamente a uma mulher. “Ela é minha” poderia também fazer referência a uma criança de 11 anos ou ainda a qualquer objeto do gênero feminino. Uma pintura, por exemplo.

Os policiais prosseguem a busca metódica do regato com cada vez menos convicção. Tudo o que desenterram agora são uns raros detritos. Aos poucos, o sol vai girando e a sombra da torre de menagem do moinho de Chennevières encobre a cena do crime que os policiais começam a

abandonar. Antes de ir embora,
Sylvio Bénavides ergue diversas
vezes os olhos em direção à torre;
poderia jurar ter visto uma cortina
se agitar lá em cima, no quarto
andar. No instante seguinte, já
esqueceu. Tem muito mais coisas
com que se preocupar.

48

– CLAUDE MONET TEM algum
herdeiro? Vivo, quero dizer?

A

pergunta

do

delegado

Laurentin deixa Achille Guillotin
espantado. O delegado aposentado
não fez nenhum rodeio, segundo lhe
contou a secretária do Museu de
Belas-Artes de Rouen. Ligou para o

museu e pediu para falar com o melhor especialista em Claude Monet. Em outras palavras, com ele, Achille Guillotin! A secretária o contatou com urgência, pelo celular. Ele estava em uma reunião com o departamento cultural do conselho geral sobre a operação "Normandia impressionista". Mais uma reunião interminável. Foi quase com prazer que saiu para o corredor.

– Claude Monet, herdeiros...

Bem, delegado, é difícil dizer.

– Como assim, "difícil"?

– Bom... vou tentar ser o mais

claro possível: Claude Monet teve

dois filhos com a primeira mulher,

Camille Doncieux: Jean e Michel.

Jean se casou com Blanche, filha da

segunda esposa, Alice Hoschedé.

Ele morreu em 1914 e Blanche em 1947; o casal não teve filhos.

Michel Monet, o último herdeiro de Claude, morreu em 1966. Alguns anos antes, em testamento, havia nomeado

como

seu

legatário

universal o Museu Marmottan, ou seja, a Academia de Belas-Artes.

Esse museu de Paris até hoje abriga a coleção Monet e Seus Amigos, que contém mais de 120 telas. A mais importante coleção de...

– Não sobrou nenhum herdeiro, portanto – interrompe Laurentin. – A descendência de Claude Monet se extinguiu em uma única geração.

– Não exatamente – precisa

Guillotín com um júbilo evidente.

Laurentín tosse no fone.

– Como é?

Guillotín deixa perdurar um
curto suspense, então diz:

– Michel Monet teve uma filha
ilegítima com a amante, Gabrielle
Bonaventure, mulher lindíssima que
exercia a profissão de manequim.

Acabou oficializando a relação e se
casando com ela em Paris, em 1931,
depois da morte do pai.

O delegado Laurentín explode ao
telefone:

– Nesse caso, então a última
herdeira é essa filha ilegítima! Ela é
neta de Claude Monet.

– Não – responde Guillotín com
calma. – Não. Curiosamente, Michel
Monet jamais reconheceu a filha

ilegítima, nem depois do casamento.

Portanto, ela nunca recebeu um só centavo da fabulosa herança do avô.

A voz do delegado Laurentin se torna fria:

– E como se chamava essa filha ilegítima?

Guillotin suspira.

– Qualquer livro sobre Monet

cita

o

nome

dela.

Henriette.

Henriette Bonaventure. Aliás, não

sei por que estou falando no

passado. Ainda deve estar viva,

pelo menos acho que sim.

49

16H31. EM PONTO.

Ao sair da escola, Fanette não perde um segundo. Desce correndo a Rue Blanche-Hoschedé-Monet e corre direto para o Hotel Baudy. Sabe que é lá que dormiam os pintores americanos na época de Monet: Robinson, Butler, Stanton Young. Conhece a história, sua professora lhe contou. Com certeza é lá que um pintor americano deve dormir hoje em dia. Lança um olhar rápido para as mesas e cadeiras verdes na varanda em frente, do outro lado da rua, em seguida entra desabalada no hotel-restaurant. As paredes estão cobertas de pinturas, telas e desenhos. Parece um museu! Fanette se dá conta de que é a primeira vez que entra no Hotel Baudy. Gostaria de ter um

pouco mais de tempo para examinar

em

detalhe

as

prestigiosas

assinaturas no canto dos cartazes,

mas um garçom a espia de trás do

seu balcão. Fanette se aproxima. É

um balcão de carvalho claro bem

alto e Fanette precisa ficar na ponta

dos pés para que sua cabeça o

ultrapasse. Ela se suspende em

frente ao garçom usando as duas

mãos. Ele tem uma barba preta

comprida, um pouco parecida com

os retratos de Renoir pintados por

Monet.

Ele não parece nada divertido!

Fanette fala depressa, se enrola,

gagueja, mas Renoir parece acabar

entendendo que a menina está em busca de um pintor americano, “James”, e não, ela não sabe o sobrenome. Um velho, de barba branca. Com quatro cavaletes. Renoir adota um ar de quem lamenta.

– Não, senhorita. Não estamos hospedando ninguém que se pareça com o seu James.

A barba esconde sua boca; não é fácil distinguir se ele está se divertindo ou se está irritado.

– Já faz muito tempo que não se veem tantos americanos quanto na época de Monet, sabe, senhorita?

Babaca! Renoir, você não passa de um babaca!

Fanette torna a sair para a Rue Claude-Monet.

Paul

a

está

esperando lá fora; ela lhe contou tudo durante o recreio.

– E aí?

– Nada, ninguém!

– O que você vai fazer? Tentar nos outros hotéis?

– Não sei. De toda forma, não sei nem o sobrenome dele. Além do mais, tenho a impressão de que James dormia ao ar livre na maior parte do tempo.

– A gente poderia falar com os outros. Vincent, Camille, Mary. Se todo mundo procurar, a gente pode...

– Não!

Fanette quase gritou. Alguns

clientes

do

Hotel

Baudy,

acomodados na varanda em frente,

chegaram a se virar.

– Não, Paul. Já faz muitos dias
que não suporto Vincent, com aquela

cara de sonso dele... E se você

contar para Camille, ele vai citar

todos os pintores americanos que

vieram para Giverny desde a pré-

história. Não vai adiantar nada.

Paul ri.

– E Mary é pior ainda: primeiro,

vai chorar, depois, vai correr para

contar tudo à polícia. Você quer que

a minha mãe arranque os meus

olhos?

– Então o que a gente vai fazer?

Fanette observa o parque em frente ao Hotel Baudy, que vai até o Chemin du Roy: os rolos de feno a lançar um pouco de sombra sobre o gramado cortado rente, a pradaria a se estender mais atrás até a confluência do Epte com o Sena, a famosa ilha das Urtigas.

São as paisagens que fazem

James sonhar... Foi por causa das paisagens que ele abandonou tudo.

Seu Connecticut natal, a mulher e os filhos. Ele me contou.

– Não sei, Paul. Você acha que estou louca, não é?

– Não.

– Ele estava morto, eu juro.

– Onde, exatamente?

–

No

trigal,
depois
do
lavadouro, depois do moinho da
bruxa.

– Vamos.

Eles descem a Rue des Grands-
Jardins. A altura dos muros de pedra
das fachadas das casas parece ter
sido calculada exatamente para que
um máximo de sombra inunde a
ruela. O frescor teria quase bastado
para fazer Fanette tremer.

Paul tenta reconfortar a amiga:

– Você disse que James montava
quatro cavaletes para pintar. E tinha
também todos os seus instrumentos,
paletas, facas, sua caixa de tintas.

Com certeza ficou algum rastro, com
certeza ainda tem algum rastro por

lá.

Fanette e Paul passam mais de uma hora no trigal. Tudo o que encontram são as espigas de trigo amassadas, como se alguém houvesse morrido ali.

Pelo menos com esse caixão de palha eu não sonhei.

Ou então, segundo Paul, como se alguém tivesse se deitado ali por alguns minutos. Como saber qual dos dois?

Paul e Fanette acabam também identificando espigas manchadas de tinta. Algumas estão pintadas de vermelho, talvez seja sangue, eles não sabem. Como diferenciar uma gota de sangue de uma gota de tinta vermelha? Há também pedaços de tubos de tinta amassados. Só que

isso não prova nada, nada mesmo. A
não ser que alguém pintava aqui com
frequência. Mas isso Fanette já sabe.

Eu não estou louca.

– Quem mais poderia ter visto o
seu pintor? – indaga Paul.

– Não sei. Vincent?

– E sem ser Vincent? Algum
adulto?

Fanette olha na direção do
moinho.

– Sei lá, algum vizinho... A
bruxa do moinho, talvez. Ela deve
ver tudo do alto daquela sua torre!

– Vamos lá!

*Me dê a mão, Paul. Me dê a
mão!*

50

NÃO TENHO COMO NÃO as ver.

Reparo quando elas se aproximam,

as duas crianças! Elas passam pela ponte do regato e dão apenas uma olhada na direção das margens. No lugar exato em que os policiais acabaram de recolher a caixa de tintas coberta de areia.

Agora não resta mais um só policial, nenhuma fita amarela, nenhum cara de óculos com seus funis. Restam apenas o Ru, os choupos e o trival. Como se nada fosse, como se a natureza não estivesse nem aí.

E aquelas duas crianças que vão chegando perto sem desconfiar de nada. Inocentes. Se soubessem o perigo que correm, pobres loucas. Cheguem mais perto, crianças, cheguem mais perto, não tenham medo, atrevam-se a entrar na casa da

bruxa. Como nas histórias infantis,
como em *Branca de Neve*. Mas
desconfiem mesmo assim: não é a
minha maçã que está envenenada.
São as cerejas.

Questão de gosto.

Afasto-me da janela devagar. Já vi o
suficiente.

De fora, ninguém consegue me
ver, ninguém consegue saber se
estou aqui ou não. Se meu moinho
está deserto ou habitado. Nenhuma
luz me denuncia. A escuridão não
me incomoda, muito pelo contrário.

Viro-me para minhas *Ninfeias*
negras. Agora, gosto cada vez mais
de observá-las assim, no escuro.

Com a penumbra do recinto, a água
representada na tela parece quase
desaparecer. Os raros reflexos na

superfície do laguinho se apagam e tudo o que podemos distinguir são as flores amarelas dos nenúfares na noite, como estrelas perdidas numa galáxia distante.

51

– NÃO TEM NINGUÉM, estou falando
– diz Fanette.

A menina observa com atenção o pátio do moinho. Pás de madeira apodrecida mergulham na água do regato. No peitoril do poço de pedra está pousado um balde enferrujado, corroído pelo musgo. A sombra da grande cerejeira paira sobre quase todo o pátio.

Paul insiste:

– É o que a gente vai descobrir.

Ele bate na pesada porta de madeira. Por sua vez, demora-se

olhando para as sombras que
dançam no pátio de terra batida,
como se os objetos, as paredes e as
pedras houvessem sido abandonados
ali, ao sol, para secar por toda a
eternidade.

– Tem razão, este moinho dá
medo – diz.

– Na verdade, não – responde
Fanette. – Na verdade, acho que
adoraria morar num lugar assim
mais tarde. Deve ser muito legal
morar numa casa diferente das
outras.

*Às vezes, Paul deve me achar
esquisita.*

Paul contorna o moinho e tenta
olhar por uma das janelas do
primeiro andar. Ergue os olhos na
direção da torre de menagem, em

seguida torna a se virar para Fanette e imita com gestos canhestros uma boca torta e dedos curvos feito garras.

– Tenho certeeeeeza de que aqui mora uma bruuuuxa, Faneette... e ela deteeesssta pintura, e vai pegar a geeeente para...

– Pare com isso!

Ele está com medo. Dá para ver. Está bancando o valente, mas está apavorado!

De repente, um cão começa a latir do outro lado do moinho.

– Merda, vamos embora!

Paul segura Fanette pela mão, mas a menina dá uma gargalhada.

– Seu idiota! É Netuno, ele dorme sempre aqui, à sombra da cerejeira.

Fanette tem razão. Segundos
depois, Netuno chega mais perto,
late uma última vez e começa a se
esfregar nas suas pernas. Ela se
abaixa na direção do pastor-alemão.

– Você conhecia bem o James,
não é, Netuno? Você o viu ontem na
plantação.

Foi

você

quem

o

encontrou. Sentiu que ele estava lá.

Onde ele foi parar agora?

Pelo menos você sabe, Netuno,

que eu não estou louca!

Netuno se senta. Passa um tempo
observando Fanette. Seu olhar
acompanha por alguns segundos uma
borboleta que passa e então, com

uma espécie de preguiça igual à de um lagarto sobre uma parede de pedra, ele se arrasta até a sombra da cerejeira. Fanette o segue com os olhos. Percebe, estupefata, que Paul trepou na árvore.

– Ficou maluco, Paul? O que está fazendo?

Ele não responde.

Fanette insiste:

– Essas cerejas não estão maduras. Você está louco!

– Não, não é isso – sussurra

Paul.

No instante seguinte, o menino já desceu. Na sua mão direita, brilham duas fitas prateadas.

*Paul às vezes é mesmo um
idiota. Se acha que precisa bancar
o Tarzan para eu gostar dele...*

– É... – começa a explicar Paul
enquanto tenta recuperar o fôlego. –
É para afastar os passarinhos que
ficam rondando os frutos muito
bonitos!

Ele pula sobre os dois pés e
levanta uma nuvem de poeira, então
avança, leva um dos joelhos ao chão
e estica os braços, numa pose de
cavaleiro medieval.

– Para você, minha princesa,
prata para fazer seus cabelos
brilharem, para protegê-la sempre
dos abutres maus quando você ficar
famosa e for embora para longe,
para o outro lado do mundo.

Fanette tenta conter as lágrimas.

Impossível! É demais, aquilo é
demais para uma menina como ela: o
sumiço de James, as brigas com a
mãe por causa da pintura, do seu
pai, aquele concurso da Fundação
Robinson,
as
suas *Ninfeias* e,
principalmente, Paul, aquele idiota,
e suas ideias românticas esquisitas.
*Você é bobo demais, Paul! Bobo
demais, mesmo!*

Fanette

desenrola

as

fitas

prateadas dentro da mão e, com a
outra, acaricia o rosto de Paul.

– Levante, seu bobo.

Mas é ela quem se abaixa até a

boca dele e ali deposita um beijo.

Um beijo demorado, demorado.

Como se fosse para sempre.

Ela agora está chorando sem se conter.

– Bobo. Três vezes bobo. Agora vai ter de suportar estas fitas prateadas nos meus cabelos a vida inteira. Já disse que a gente ia se casar!

Paul se levanta devagar e envolve Fanette nos braços.

– Venha, vamos embora daqui.

Nós estamos malucos. Ontem uma p e s s o a morreu. E tem também aquele outro, o cara que foi assassinado uns dias atrás. Melhor deixar a polícia cuidar disso. É perigoso, a gente não deve ficar aqui.

– E James? Tenho de...

– Aqui não, ele não está aqui...

aqui não tem ninguém. Fanette, se
você tem certeza, acho que é melhor
avisar a polícia! Nunca se sabe.

Talvez a morte de James tenha
alguma relação com o outro cara que
encontraram assassinado, entende o
que estou dizendo? O assassinato de
que todo mundo no vilarejo está
falando.

A

resposta

de

Fanette

é

categórica:

– Não!

Não! Não! Não venha pôr

dúvidas na minha cabeça, Paul.

Não!

– Mas então quem vai acreditar em você, Fanette? Ninguém! James vivia como um mendigo. Ninguém prestava atenção nele.

Eles param um instante diante do Chemin du Roy, esperam a estrada se liberar e atravessam. Algumas raras nuvens começam a se prender ao cume das encostas às margens do Sena. Os dois vão subindo sem pressa em direção a Giverny. De repente, Paul para.

– E a professora? Por que não falar com a professora? Ela gosta de pintura. Foi ela quem deu a ideia do concurso de jovens pintores, aquele da Fundação Robinson sei lá o quê. Talvez ela tenha visto James... Em todo caso, ela vai entender. Vai

saber o que fazer.

– Você acha?

Vários pedestres ultrapassam as duas crianças na rua. Paul se vira para trás.

– Tenho certeza! É a melhor ideia.

Ele se inclina para junto de Fanette como quem vai fazer uma confidência.

– Vou lhe contar um segredo, Fanette. Reparei que a professora também usa fitas prateadas nos cabelos. Na verdade, acho que é assim que as princesas se reconhecem nas ruas de Giverny.

Fanette segura sua mão.

Queria que o tempo parasse.

Que Paul e eu não saíssemos mais

do lugar, que só o cenário

desfilasse à nossa volta, sem parar,

como no cinema.

– Você tem de me prometer uma
coisa, Fanette.

As mãos deles se torcem como
cipós.

– Precisa terminar seu quadro.

Aconteça o que acontecer, você tem
de

ganhar

esse

concurso

da

Fundação Robinson! Isso é o mais
importante.

– Não sei...

– É o que James teria dito,
Fanette, e você sabe. É o que ele
teria querido.

52

AS CRIANÇAS VÃO VIRAR na Rue du
Château-d'Eau, vou perdê-las de
vista. Pela cortina aberta, as
silhuetas já estão meio embaçadas.
Netuno, por sua vez, não liga para
nada disso. Está dormindo debaixo
da cerejeira.

Essa pobre menina acha que vai
conseguir escapar. Faz-me rir! Acha
que está pintando uma obra-prima,
aquela que escondeu debaixo do
lavadouro, e acha que pode voar
acima do laguinho de Monet. Acima
de Giverny. Desafiar a gravidade
com o simples poder da sua arte, do
geniozinho que os outros vivem

repetindo que é.

Ninfeias

cor

de

arco-íris!

Coitadinha da Fanette.

Que ridículo!

Viro-me para as minhas *Ninfeias*

negras. As corolas amarelas reluzem

entre os tons de luto depositados

pelo

pincel

de

um

pintor

desesperado.

Quanta vaidade!

Uma queda livre no laguinho, é

só isso que aguarda a pequena

Fanette. Afogada, presa sob a

superfície
de
nenúfares
como
debaixo da camada de gelo da água
de um lago no inverno.

Em breve, muito em breve agora.

Um de cada vez.

DÉCIMO PRIMEIRO

DIA

23 de maio de 2010, Moinho de

Chennevières

Insistência

53

DESTA VEZ, NÃO ESTOU na janela
espionando. Isso mostra, vejam
vocês, que, apesar das aparências,
não passo o dia só vigiando o
entorno. Enfim, não só.

Hoje de manhã, aliás, o barulho

das motosserras do lado de fora
estava insuportável. Fiquei sabendo
disso há pouco tempo. Ao que
parece, decidiram serrar 14 hectares
de choupos. Sim, abater os choupos!
Aqui, em Giverny! Pelo que entendi,
essas árvores foram plantadas no
início da década de 1980, umas
arvorezinhas de nada na época, sem
dúvida para tornar a paisagem ainda
mais impressionista. Só que os
especialistas, outros especialistas
decerto,
explicaram
que
esses
choupos não existiam na época de
Monet, que a paisagem da pradaria
que o pintor admirava da janela de
casa era aberta e que, quanto mais

os choupos crescem, mais sua
sombra cobre o jardim, o laguinho,
os nenúfares. E menos o fundo que
aparece nos quadros de Monet pode
ser reconhecido no horizonte pelos
turistas. Portanto, ao que parece,
ficou decidido que, depois de serem
plantados, agora os choupos vão ser
cortados! Por que não, afinal, se isso
os diverte? Alguns moradores de
Giverny reclamam, outros aplaudem.
Hoje, não estou nem aí, vou lhes
dizer.

Tenho muitas outras coisas para
cuidar. Hoje de manhã, estou
guardando
antigas
recordações,
coisas de antes da guerra, fotos em
preto e branco, esse tipo de relíquia

que só interessa aos velhos como eu.

Vocês

entenderam:

acabei

resolvendo esvaziar minha garagem

para encontrar a tal caixa de papelão

amassada e fechada por um barbante

de linho. Ela estava escondida

debaixo de três camadas de fitas

VHS, uma camada de vinis e 10

centímetros de extratos bancários do

Crédit Agricole. Dobrei a toalha de

mesa em quatro e espalhei as fotos

em cima.

Após

os

motores

das

motosserras, uma hora atrás, desta

vez o que me trouxe de volta

bruscamente à realidade foi a sirene,
como o toque de um despertador que

dispersa

os

sonhos

matinais,

entendem?

A sirene da polícia, esgoelando-
se pelo Chemin du Roy.

No segundo anterior, eu estava
molhando com minhas lágrimas a
única fotografia importante, no
fundo, uma fotografia de escola.

Giverny. Ano escolar 1936-1937.

Admito que a foto é bem antiga!

Estava examinando o retrato de uns
vinte alunos, todos com a bunda
obedientemente pousada sobre os
três níveis de uma arquibancada de
madeira. Os nomes das crianças

estão escritos no verso, mas não
precisei virar a foto.

No banco, Albert Rosalba está
sentado ao meu lado. Claro.

Passei muito tempo olhando para
o rosto de Albert. A foto deve ter
sido tirada pouco depois da volta às
aulas, no feriado de Finados, ou nas
semanas em torno.

Antes do drama.

Foi nessa hora que a sirene da
polícia me arrombou os ouvidos.
Levantei-me, claro. Como se um
vigia de prisão, mesmo distraído,
não corresse para a janela do seu
mirante quando soa o alarme! Corri
para minha janela, portanto. Enfim,
"corri" é modo de dizer. Peguei
minha bengala e, com dificuldade,
fui em direção à vidraça e afastei

discretamente a cortina com o auxílio do objeto.

Não perdi nadinha. Impossível não ver os policiais! Toda a cavalaria estava lá. Três viaturas. Sirenes e giroscópios.

Não se pode negar que o inspetor Sérénac faz as coisas com vontade!

54

SYLVIO BÉNAVIDES ERGUE OS olhos em direção à torre do moinho, que desfila na velocidade máxima à sua direita.

– Então – diz ele entre dois suspiros. – Passei lá no moinho, sabe, chefe? O senhor tinha me dito para não descartar

nenhuma

testemunha,

principalmente

os

vizinhos.

– E?

– É estranho. O moinho parece deserto. Abandonado, se preferir.

– Tem certeza? O jardim tem um aspecto cuidado, a fachada também.

Em

várias

ocasiões,

quando

estávamos na cena do crime junto ao

regato,

pensei

ter

visto

um

movimento lá, principalmente no alto, no último andar da torre. Uma cortina se mexendo na janela, algo assim.

– Também tive a mesma impressão, chefe. Eu também. Só que ninguém me atendeu e os vizinhos afirmam que ninguém mora lá há meses.

– Que estranho... Não venha me falar outra vez numa *omertà* do vilarejo, numa mentira coletiva de todos os moradores, como naquela história da criança de 11 anos.

– Não.

Sylvio hesita um instante.

– Para dizer a verdade, os moradores apelidaram esse lugar de moinho da bruxa.

Sérénac sorri enquanto vê o

reflexo da torre sumir no seu retrovisor.

– No caso, estaria mais para moinho do fantasma, não? Vamos, Sylvio, deixe isso para lá. Por enquanto temos outros assuntos urgentes.

Sérénac acelera ainda mais. Os jardins de Monet desfilam à sua esquerda em meio segundo. Jamais um passageiro terá uma visão tão impressionista assim do lugar.

– Aliás – acrescenta Laurencç –, falando em *omertà* do vilarejo...

Sabe o que Stéphanie Dupain me contou ontem sobre a casa de Monet e os ateliês?

– Não.

– Que procurando um pouco seria possível encontrar, quase sem

estar escondidas, dezenas de telas
de
mestres.

Renoir,

Sisley,

Pissarro... além, é claro, de
Ninfeias inéditas de Monet.

– O senhor as viu?

– Um pastel de Renoir. Quem
sabe se...

– Ela estava tirando sarro com a
sua cara, chefe.

– Claro. Mas por que me contar
uma história assim? Ela disse
inclusive que isso era uma espécie
de segredo conhecido por todos de
Giverny.

Sylvio torna a pensar por um
breve instante na conversa que teve
com Achille Guillotin sobre as telas

perdidas de Monet. Uma tela perdida e encontrada por um desconhecido, por que não? Como as famosas *Ninfeias* negras. Mas dezenas delas, nossa!

– Ela está brincando com o senhor, chefe. Isso é história para boi dormir. Estou falando isso desde o começo... E tenho a impressão de que ela não é a única neste vilarejo a estar fazendo isso.

Sérénac

deixa

passar

o

comentário e se concentra outra vez na estrada, sem desacelerar. Sylvio debruça o rosto lívido pela janela aberta. Suas narinas tentam aspirar arremedos de ar fresco.

– Tudo bem, Sylvio? – pergunta

Sérénac, preocupado.

– Mais ou menos... Tive de

tomar uns dez cafés durante a noite

para aguentar. Hoje de manhã, por

outro lado, os médicos decidiram

manter Béatrice no hospital até

chegar a hora.

– Achei que você só tomasse chá

sem açúcar.

– Eu também achava.

– O que está fazendo aqui, então,

se a sua mulher está na maternidade?

– Eles vão me ligar se houver

alguma novidade. O obstetra ainda

vai passar lá. O neném continua no

quentinho dentro do seu casulo,

quietinho. Segundo eles, pode ser

que ainda demore dias.

– E então você passou a noite

inteira no caso outra vez?

– Isso... Preciso cuidar do caso,
afinal, não? Béatrice, por sua vez,
ficou o resto da noite no quarto
roncando feito uma porquinha.

Sérénac faz uma curva fechada
em direção à parte alta de Giverny,
pela Rue Blanche-Hoschedé-Monet.

Sylvio dá uma olhada no retrovisor.

Os dois carros de polícia estão atrás
deles. Maury e Louvel seguram
firme.

Sylvio

reprime

com

dificuldade uma golfada.

– Não se preocupe – continua

Sérénac. – O caso Morval agora
será resolvido em menos de meia
hora. Você vai poder armar uma

cama de campanha no hospital! Dia e noite. Os especialistas em grafologia foram bem claros: aquela porra de mensagem gravada na caixa de pintura, "Ela é minha aqui, agora e para sempre", corresponde à caligrafia de Jacques Dupain.

Admita que eu estava certo, Sylvio.

Era óbvio!

Sylvio sorve o ar de fora em longas inspirações.

A

estrada

Hoschedé-Monet sobe serpenteando pela encosta e Sérénac continua a dirigir feito um louco. Bénavides se

pergunta se vai conseguir aguentar a subida toda. Obriga-se a ficar vários segundos sem respirar, depois volta com a cabeça para dentro do carro.

– Só dois especialistas em três, chefe. E as conclusões deles são mais do que nuançadas. Pelo que disseram,

com

certeza

há

semelhanças entre as palavras

gravadas na madeira e a caligrafia

de Dupain, mas há também muitos

critérios

divergentes.

Minha

impressão

é

mais

que

os

especialistas não estão entendendo
bulhufas.

Os dedos de Sérénac tamborilam
o volante, nervosos.

– Escute, Sylvio. Assim como
você, eu também sei ler os
relatórios. Existe uma semelhança
com a caligrafia de Dupain, é esse o
parecer dos peritos, não é? Quanto
ao resto, as divergências, acho só
que gravar na madeira com uma
lâmina é um pouco diferente de
assinar um cheque. Está tudo
encadeado, Sylvio, não adianta
complicar as coisas. Dupain é um
ciumento
louco
desvairado.

Primeiro ameaça Morval com o texto do postal, a citação de Aragon tirada do poema "Ninfeu": "O crime de sonhar eu consinto que seja instaurado"; segundo, confirma as ameaças pela mensagem da caixa de tintas; terceiro, mata o rival.

A

estrada

Hoschedé-Monet

agora se reduz a uma faixa de asfalto

com 2 metros de largura que

continua a virar antes de dar no

platô do Vexin. Sylvio hesita

novamente em contradizer Sérénac,

em

precisar

que,

diante

das

incoerências da perícia grafológica,
Pelissier, o perito do tribunal de
Rouen, evocou a possibilidade de
uma tentativa canhestra de imitação.

Uma
curva
breve
para
a
esquerda.

Sérénac, que estava dirigindo no
meio da estrada, evita por um triz
um trator que vem descendo no outro
sentido. O agricultor apavorado
freia precipitadamente e vai parar
no acostamento. Faz bem. Sem
acreditar, vê mais dois bólidos azuis
infringirem sua prioridade.

– Pelo amor de Deus! – berra

Sylvio, olhando no retrovisor com

os olhos vesgos.

Ele inspira longamente, em seguida se vira para Laurenc Sérénac.

– Mas, chefe, o que a caixa de tintas tem a ver com esta história toda? Segundo as análises, essa caixa tem pelo menos oitenta anos.  uma peça de colecionador! Uma *Winsor & Newton*, a marca mais conhecida do mundo, ao que parece, que abastece os pintores há mais de 150 anos. A quem essa porra de caixa poderia ter pertencido?

Sérénac

continua

prestando

atenção nas curvas estreitas. As

ovelhas distraídas na grama da

encosta mal viram a cabeça ao ver

passar os veículos ruidosos.

– Morval era um colecionador –
diz Sérénac. – Gostava de objetos
bonitos.

– Ninguém jamais o viu com a
tal caixa de tintas! Patricia Morval,
a viúva, foi categórica. Sem
esquecer que a ligação com o crime
não foi estabelecida. Essa caixa de
tintas pode ter sido jogada no rio
por qualquer um, inclusive vários
dias depois do assassinato de
Morval.

– Encontraram sangue na caixa.

– Ainda é muito cedo, chefe!

Não temos resultado nenhum das
análises. Nenhuma certeza de que se
trate do sangue de Morval. Me
desculpe, mas acho que o senhor
está se precipitando.

Como em resposta, o inspetor Sérénac desliga por fim a sirene e para usando o freio de mão em um pequeno estacionamento de terra batida.

– Escute, Sylvio. Tenho uma motivação, uma ameaça à vítima escrita na caligrafia de Dupain, que não tem álibi e, muito pelo contrário, nos contou uma história grotesca de botas roubadas. Para mim isso basta! Quando as peças do seu quebra-cabeça se encaixarem de outra forma, aquelas suas porras de três colunas, é só me avisar. Além do mais, mesmo que você não concorde, temos contra Dupain a minha mais íntima convicção!

Sérénac desce do carro sem esperar resposta. Quando Sylvio

coloca por sua vez o pé para fora,
sente o chão girar ao seu redor.

Pensa que decididamente o café,
assim como os excessos em geral,
não lhe cai muito bem e que seria
capaz de ir vomitar atrás dos
pinheiros

no

final

do

estacionamento.

Só que isso não seria muito
discreto. Três vans da Polícia

Militar estão estacionadas em cada
um dos cantos do estacionamento e
uma dezena de agentes desce delas

se

espreguiçando.

No

instante

seguinte, Louvel e Maury se acham eles também obrigados a travar as rodas dianteiras e derrapar no cascalho.

Babacas!

O chefe trouxe artilharia pesada.

No mínimo uns quinze homens, boa parte da delegacia de Vernon, além dos policiais militares de Pacy-sur-Eure e Ecos. Ele se esmerou mesmo, pensa Sylvio, mascando o chiclete de clorofila que Louvel acaba de lhe oferecer. E está demonstrando um gosto pela encenação talvez um pouco supérfluo.

Tudo isso por causa de um homem só.

Tudo bem, decerto armado!

Mas que não temos sequer certeza de ser culpado.

O coelho ruivo sai correndo
desesperado em zigue-zagues pelo
gramado calcário, como se alguém
tivesse
lhe
ensinado
que
os
compridos tubos de aço empunhados
pelos três homens na sua frente
tivessem a capacidade de lhe tirar a
vida em meio a uma explosão
branca.

– Aquele dali é seu, Jacques.

Jacques Dupain nem levanta a
arma. Titou o observa, espantado,
antes de mirar o próprio fuzil. Tarde
demais. A lebre já sumiu entre dois
arbustos.

Cada um com sua magia.

Resta na sua frente apenas a
grama nua onde pastam os rebanhos
de
ovelhas
recentemente
reintroduzidos. Eles continuam a
descer na direção de Giverny pela
trilha da Astragale.

– Porra, Jacques, você não está
em boa forma – comenta Patrick. –
Acho que você não acertaria nem
uma ovelha.

Titou,

o

terceiro

caçador,

meneia a cabeça para confirmar.

Titou é um atirador bastante bom. Se
não tivesse deixado a lebre para

Jacques, esta não teria andado nem 2

metros. Fino de mira, como dizem com frequência os amigos. Porque em relação ao resto ele não é nada fino.

– É por causa da investigação do assassinato de Morval, não é? –

comenta

ele,

virando-se

para

Jacques Dupain. – Está com medo de o policial meter você em cana só para roubar Stéphanie?

Titou começa a rir sozinho.

Jacques Dupain olha para ele com

uma

irritação

contida.

Patrick

suspira. Titou insiste:

– É bem verdade que você não dá sorte com Stéphanie. Logo depois de Morval, agora é um policial que está correndo atrás dela...

Seus pés deslocam o cascalho da trilha da Astragale. Mais atrás, no gramado da encosta, surgem duas orelhas brancas e pretas.

Quando Titou começa...

– Vou dizer uma coisa: se você não fosse meu amigo, Sté...

... a voz de Patrick troveja no silêncio:

– Cale essa boca, Titou!

Titou deixa o final da frase morrer na boca. Eles continuam a descer a trilha; mais derrapam do que caminham. Titou parece ruminar alguma coisa na cabeça, então começa a rir antes mesmo de dizer:

– Falando nisso, Jacques, minhas botas não estão machucando seus pés?

Titou não consegue se conter. Ri desbragadamente e chega a ficar com os olhos molhados. Patrick o observa com incredulidade. Jacques Dupain não esboça uma reação sequer. Titou seca as pálpebras com a manga da roupa.

– Estou de sacanagem, gente.

Jacques,

é

sério,

estou

de

sacanagem. Sei muito bem que você não apagou Morval!

– Puta que pariu, Titou, pare com...

Dessa vez, é o fim da frase de Patrick que se perde no fundo da sua garganta.

À sua frente, o estacionamento onde eles haviam deixado seu furgão se transformou no Forte Álamo. Eles contam seis carros com giroscópios e quase duas dezenas de policiais.

Agentes civis e militares os encaram posicionados em um semicírculo, com a mão no quadril e os dedos no coldre de couro branco do revólver.

O inspetor Sérénac está parado logo à frente dos caçadores. Por instinto, Patrick dá um passo de lado. Sua mão se fecha em volta do tubo frio do cano do fuzil de Jacques Dupain.

– Calma, Jacques. Calma.

O inspetor Sérénac avança.

– Jacques Dupain, o senhor está preso pelo assassinato de Jérôme Morval. Queira vir conosco sem resistir.

Titou morde os lábios, joga o fuzil no chão e ergue duas mãos trêmulas. Como viu no cinema.

– Calma, Jacques – repete Patrick. – Não faça nenhuma besteira.

Patrick conhece bem o amigo. Faz anos que eles saem, caminham e caçam juntos. Não está gostando, não está gostando nada mesmo daquele semblante de mármore, daquela ausência de expressão, quase como se

Jacques

não

respirasse mais.

Sérénac avança mais um pouco.

Sozinho. Desarmado.

Dois metros.

– Não! – grita Sylvio Bénavides.

O inspetor rompe o semicírculo
de policiais e se posta quase ao lado

de Sérénac. Talvez seja algo

simbólico, mas Bénavides tem a

impressão de quebrar com isso uma

espécie de simetria; como se, ao

atravessar a rua na hora errada,

esperasse perturbar a mecânica

implacável de um duelo de faroeste.

Jacques Dupain leva a mão ao pulso

de Patrick. Sem dizer nada. Patrick

entende: não tem outra escolha senão

largar o cano de aço.

Espera não se arrepender disso.

Por toda a vida.

Com temor, vê a mão de Jacques se retesar no gatilho e o cano do fuzil se erguer de leve.

Em condições normais, a mira de Jacques é ainda melhor do que a de Titou.

– Laurenç, pare – murmura

Sylvio, pálido.

– Jacques, não vá fazer besteira

– sussurra Patrick.

Sérénac avança mais um passo.

Menos de 10 metros o separam de Jacques Dupain. O inspetor ergue a mão devagar e encara o suspeito.

Sylvio Bénavides observa com temor um sorriso de desafio surgir no canto dos lábios de seu chefe.

– Jacques Dupain, o senhor...

O cano do fuzil de Jacques Dupain está agora apontado para Sérénac. Um silêncio impressionante tomou conta da trilha da Astragale. Titou, Patrick, os agentes Louvel e Maury, o inspetor Sylvio Bénavides, os quinze policiais, até mesmo os menos inteligentes, até mesmo os menos hábeis para adivinhar o que pode se esconder atrás de um cérebro... todos leem a mesma coisa no olhar frio de Jacques Dupain. Ódio.

55

A MOÇA ATRÁS DO guichê do arquivo da prefeitura de Evreux começa sempre suas frases com as mesmas palavras: "O senhor checou direito se...". Ela imita com aplicação a atitude da funcionária

soterrada de trabalho atrás da tela
dupla do computador e dos óculos
dourados, depois acaba olhando
para o velho, que agora está lhe
solicitando exemplares do saudoso
Républicain de Vernon, semanário
da região que, depois da Segunda
Guerra
Mundial,
virou
o *Le*
Démocrate. Todos os números,
entre janeiro e setembro de 1937.

– O senhor checkou direito se
eles não tinham arquivos lá em
Vernon, na sede do *Le Démocrate*?

O delegado Laurentin mantém a
calma. Faz duas horas que está ali,
assombrando
aquele

arquivo,
tentando simular com humildade a
atitude do velhinho encantador,
atencioso com mulheres bem mais
jovens do que ele. Em geral, dá
certo.

Mas ali não.

A moça atrás do guichê não está
nem aí para suas gracinhas. É bem
verdade que, em volta das mesas de
madeira da sala de consulta do
arquivo, os dez presentes são todos
homens com mais de 60 anos,
historiadores
amadores
septuagenários
ou
então
genealogistas
arqueólogos

pesquisando as próprias raízes... e todos usam a mesma estratégia do delegado

Laurentin:

um

cavalheirismo um pouco fora de moda. Laurentin suspira. Tudo era mais simples quando ele podia simplesmente colar seu distintivo da polícia no nariz de um funcionário entediado. É claro que a moça atrás do guichê não tem como saber que está lidando com um delegado de polícia.

– Já chequei, senhorita – esclarece o delegado Laurentin com um sorriso forçado. – Eles não têm nada anterior a 1960 no arquivo da sede do *Le Démocrate*.

A moça recita sua litania de

sempre:

– O senhor checkou direito no
arquivo municipal de Vernon?

Checkou direito o anexo das revistas
em Versalhes, no Arquivo Nacional?

Checkou se...

Será que essa menina recebe
dinheiro dos concorrentes?

O delegado Laurentin se refugia

na

resignação

paciente

do

aposentado que dispõe de todo o
tempo do mundo.

– Chequei, sim! Sim! Sim!

Por enquanto, suas pesquisas
relacionadas

a

Henriette

Bonaventure,

misteriosa

última

herdeira em potencial de Claude

Monet, não tiveram absolutamente

nenhum resultado. Isso não tem

muita importância. O que ele quer

seguir é outra pista, uma pista em

princípio sem qualquer relação.

Para isso, sabe que basta aguentar

até a hora em que a moça do guichê

entenderá que vai perder mais tempo

tentando se livrar daquele velhinho

teimoso do que acatando o seu

pedido.

Sua tenacidade acaba rendendo

frutos. Mais de meia hora depois, o

delegado Laurentin está com o

semanário na sua frente.

Le Républicain de Vernon.

Um velho número amarelado que
ele deve ser a primeira pessoa a
exumar: edição de sábado, 5 de
junho de 1937. Ele se demora alguns
instantes
nas
manchetes
da
publicação, que misturam notícias
nacionais com outras da região. Lê
na diagonal um editorial comovente
sobre
a
Europa
em
chamas:
Mussolini comemora seu pacto com
Hitler, os bens dos judeus são
confiscados
na

Alemanha,
os
franquistas derrotam os republicanos
na Catalunha. Abaixo do editorial
dramático
explodem
em
uma
fotografia fora de foco o penteado
louro-platinado e os lábios negros
de Jean Harlow, estrela norte-
americana falecida dias antes, aos
26 anos. A parte inferior da primeira
página é dedicada a assuntos mais
regionais: a inauguração próxima, a
menos de 100 quilômetros de
Vernon, do aeroporto de Bourget; a
morte de um trabalhador agrícola
espanhol encontrado pela manhã,
com a garganta cortada, numa balsa

atracada em Port-Villez, quase em frente a Giverny.

O delegado Laurentin abre por fim a página 2. A matéria que está procurando ocupa meia página:

“Acidente mortal em Giverny”.

O jornalista anônimo detalha em uma dezena de linhas, dispostas em

duas

colunas,

as

trágicas

circunstâncias

da

morte

por

afogamento de um menino de 11

anos, Albert Rosalba, na localidade

conhecida como La Prairie, perto do

lavadouro doado por Claude Monet

e do moinho de Chennevières, no canal secundário escavado a partir do rio Epte. O menino estava sozinho. A Polícia Militar concluiu que foi um acidente: a criança teria escorregado e batido com a cabeça em uma pedra na margem.

Inconsciente, Albert Rosalba, por sinal exímio nadador, afogou-se em 20 centímetros de água. A matéria cita a seguir a dor da família Rosalba e dos coleguinhas de turma do pequeno Albert. Inclui até mesmo algumas linhas sobre a polêmica que não cessa de aumentar: já faz mais de dez anos que Claude Monet

morreu, não seria melhor cortar
aquele braço de rio artificial e secar
aquele
laguinho
de
nenúfares
insalubre
e
praticamente
abandonado?

Uma fotografia fora de foco
acompanha a notícia. Albert Rosalba
está posando com uma camisa preta
abotoada até o pescoço, os cabelos
cortados curtos, sorrindo atrás da
sua carteira na escola. Uma imagem
comovente
de
menino
bem-

comportado.

É ele mesmo, pensa o delegado

Laurentin.

Pega uma foto da turma na sacola junto a seus pés. Data e local estão indicados em um quadro-negro pendurado em uma árvore no pátio da escola: "Escola Municipal de Giverny – 1936-1937".

Foi Liliane Lelièvre que, em três cliques, desencavou aquela imagem de arquivo no site Copains d'Avant, exatamente como Patricia Morval tinha lhe dito ao telefone. De acordo com o que Liliane lhe falou, trata-se de um site onde é possível visitar as turmas das quais você fez parte desde o maternal, encontrar os rostos de pessoas com quem se conviveu a vida inteira, e não só nas

carteiras escolares: todos aqueles com quem se frequentou uma fábrica, um regimento, uma colônia de férias, uma academia esportiva, uma escola de música... ou então de pintura.

Chega a ser surrealista, pensa o delegado Laurentin. É como se não houvesse mais necessidade de a pessoa se lembrar sozinha. Adeus, Alzheimer. É como se a vida inteira ficasse

arquivada,

classificada,

desvendada, e até disponível para ser compartilhada... Enfim, quase.

A maioria das fotos do site é de dez anos atrás; vinte ou trinta no máximo. Estranhamente, aquela foto escolar de 1936-1937 é de longe a

mais antiga.

Estranho.

Como se Patricia Morval a tivesse posto na internet justamente para ele encontrar. O delegado Laurentin torna a se concentrar nas imagens.

Sim, é ele mesmo.

A foto do *Le Républicain de Vernon* corresponde perfeitamente àquele menininho na foto escolar, sentado no meio da segunda fileira.

Albert Rosalba.

Por outro lado, não há nenhum nome de criança na fotografia escolar tirada do site Copains d'Avant. Os nomes deviam estar anotados no verso do original...

Paciência. Laurentin fecha o *Le Républicain de Vernon* de 5 de

junho de 1937 e abre os números seguintes. Demora-se lendo as páginas de notícias locais, examinando os detalhes. Na edição de 12 de junho de 1937 há uma notícia sobre o velório de Albert Rosalba na igreja de Sainte-Radegonde, em Giverny. Sobre a dor de seus familiares.

A notícia tem três linhas.

Laurentin continua a abrir e fechar as publicações, que vão se acumulando em uma pilha sob o olhar preocupado da moça do guichê.

15 de agosto de 1937.

O delegado Laurentin encontra

enfim o que estava procurando. Uma matéria pequena, quase nada, umas poucas linhas, sem fotografia, mas cujo título não deixa margem para dúvidas:

A FAMÍLIA ROSALBA SE MUDA DE GIVERNY.

ELA NUNCA ACREDITOU NA TESE DO ACIDENTE.

Hugues e Louise Rosalba, operários há mais de quinze anos nas fundições de Vernon, tomaram a decisão de se mudar do vilarejo de Giverny. Lembremos que eles foram atingidos, dois meses atrás, por um acontecimento trágico: após uma queda inexplicável, seu filho único, Albert, afogou-se acidentalmente no Ru, que margeia o Chemin du Roy. O afogamento

provocou uma breve polêmica no conselho municipal em relação a secar esse braço do Epte e os jardins de Monet. Para explicar sua partida, o casal Rosalba mencionou a impossibilidade de seguir morando no cenário em que seu filho encontrou a morte. Mas o detalhe mais estranho é que Louise Rosalba afirma que o que a motiva em primeiro lugar a se mudar é o silêncio perturbador dos moradores. Segundo ela, seu filho Albert nunca passeava sozinho pelo vilarejo. Assim como afirmou diversas vezes à polícia, ela me reiterou: na sua opinião, "Albert não estava sozinho na beira do

regato.

Com

certeza

há

testemunhas.

Com

certeza

há

peessoas que sabem". Ainda de acordo com Louise Rosalba: "Esse acidente convém a todo mundo. Ninguém quer um escândalo em Giverny. Ninguém quer encarar a realidade."

Comovente convicção de uma mãe ferida... Vamos desejar boa sorte ao casal Rosalba para reconstruir sua vida longe dessas lembranças macabras.

O delegado Laurentin relê várias

vezes a matéria, fecha a publicação,
em seguida examina longamente
todos os outros números do *Le
Républicain de Vernon* do ano de
1937, mas não encontra nenhum
artigo dedicado ao caso Rosalba.
Permanece um bom tempo parado.
Por um segundo, pergunta-se o que
está fazendo ali. Será que sua
existência ficou vazia a tal ponto
para que passe os dias a perseguir a
primeira quimera que aparece? Seu
olhar abarca a sala e a dezena de
outros amadores de arquivos, todos
concentrados
nas
pilhas
de
documentos amarelados. Cada qual
com a sua busca. A caneta do

delegado desliza pelo bloco de anotações. *2010 - 1937 = 73.*

Ele faz um cálculo rápido. O pequeno Albert tinha 11 anos em 1937, tendo portanto nascido em 1925 ou 1926. O casal Rosalba poderia ter hoje pouco mais de 100 anos. Uma centelha passa diante dos olhos do delegado Laurentin.

Talvez eles ainda estejam vivos.

A moça atrás do guichê observa o delegado se aproximar com a expressão do funcionário que vê um cliente surgir bem na hora de fechar. Só que são mais ou menos onze da manhã e o arquivo fica aberto o dia inteiro. O delegado Laurentin arrisca um número de charme à moda dos velhos atores da era de ouro de Hollywood,

daqueles

que

não

saberíamos dizer se ainda estão

vivos ou não. Um misto de Tony

Curtis e Henry Fonda.

– A senhorita teria uma lista

telefônica virtual? Estou procurando

um endereço, é bastante urgente...

A moça leva uma eternidade

para levantar a cabeça e soltar:

– O senhor checkou direito se...

O

delegado

explode,

literalmente, colando sua identidade

sob o nariz dela:

–

Delegado

Laurentin!

Da

delegacia de Vernon! Aposentado,
admito, mas isso não me impede de
continuar fazendo o meu trabalho.

Então, mocinha, se desse para
acelerar um pouco as coisas...

A moça suspira. Sem pânico ou
raiva aparentes. Como se estivesse
acostumada com as excentricidades
dos anciãos que vêm vasculhar o
arquivo e que de vez em quando,
sabe-se lá por quê, dão um chilique.

Mesmo

assim,

acelera

ostensivamente o ritmo dos dedos
sobre o teclado.

– Qual nome está procurando?

– Hugues e Louise Rosalba.

A moça digita. *Allegro*.

– Quer um endereço? – indaga
ele.

– No caso de Hugues Rosalba
não vai ser preciso – diz a moça em
tom sóbrio. – Sempre checo antes de
mobilizar a Interpol. Questão de
hábito! Hugues Rosalba morreu em
1981, em Vascoeil.

Laurentin absorve o golpe. Não
há nada a dizer. A moça do guichê é
mesmo organizada.

– E a mulher dele, Louise?

A moça torna a digitar.

– Nenhuma menção de óbito.

Nenhum

endereço

conhecido

tampouco.

Beco sem saída!

Laurentin examina o cômodo

branco em volta à procura de uma
ideia. Só para ver o que acontece,
tenta lançar para a moça um olhar de
cachorro carente *à la* Sean Connery.

A resposta é um suspiro de
exasperação do outro lado do
guichê.

– Em geral, para encontrar
pessoas a partir de uma certa idade,
melhor do que a lista telefônica é
procurar entre os residentes das
casas de repouso – diz a moça com
uma voz cansada. – Tem um montão
delas aqui no Eure, mas, se a sua

Louise

morava

em

Vascoeil,

podemos

começar

pelas

mais

próximas de lá.

Sean Connery torna a sorrir. Por pouco, a moça poderia achar que é Ursula Andress. Ela agora metralha o teclado com os dedos. Os minutos passam.

– Consultei os estabelecimentos pelo Google Maps – diz ela por fim.

– O mais próximo de Vascoeil, sem dúvida nenhuma, é o Les Jardins, em Lyons-la-Forêt. Deve ser possível encontrar informações sobre os residentes. Qual nome o senhor disse mesmo?

– Louise Rosalba.

As teclas crepitam.

– Eles devem ter um site, afinal... Ah, achei.

Laurentin

torce

o

pescoço

tentando espiar uma parte da tela do computador. Mais alguns minutos passam. A moça levanta a cabeça, triunfante.

– Bingo! Consegui a lista

completa de residentes. Viu, não foi tão complicado assim. Achei a tal pessoa

que

o

senhor

está

procurando. Louise Rosalba. Entrou há quinze anos na casa de repouso de Lyons-la-Forêt e, pelo visto, continua lá... Tem 102 anos! Vou

logo

avisando,

delegado:

não

garanto a assistência técnica.

Laurentin sente o coração se
acelerar perigosamente. Repouso,
repouso, não para de lhe repetir seu
cardiologista. Meu Deus! Será
possível? Será que ainda existe uma
testemunha?

Uma última testemunha?

E viva?!

56

AS TRÊS VIATURAS DA Polícia

Militar descem a estrada Hoschedé-

Monet com todas as sirenes aos

berros. Não se dão sequer ao

trabalho de contornar o vilarejo e

cortam pelo caminho mais curto:

Rue Blanche-Hoschedé-Monet, Rue

Claude Monet, Chemin du Roy.

Giverny desfila.

A prefeitura.

A escola.

Ao ouvir as sirenes, todas as crianças da turma viram a cabeça e têm uma só vontade: correr até a janela. Stéphanie Dupain as contém com um gesto calmo. Nenhuma das crianças reparou como ela está abalada. Para manter o equilíbrio, a professora põe a mão sobre a mesa.

– Crianças... crianças... Calma!

Vamos voltar para a lição.

Ela pigarreia para limpar a voz.

As sirenes da polícia continuam a ecoar dentro da sua cabeça.

– Então, crianças, eu estava

falando

sobre

o

Desafio

Internacional

Jovens

Pintores,

organizado pela Fundação Robinson.

Lembro a vocês que só faltam mais

dois dias para entregar seus

quadros. Espero que este ano muitos

de vocês aproveitem essa chance.

Stéphanie não consegue afastar a

imagem do marido lhe sorrindo

naquela manhã, quando ela ainda

estava na cama, dando-lhe um beijo

e pousando uma das mãos no seu

ombro: "Bom dia para você, meu

amor."

Continua a recitar uma lição

tantas vezes repetida:

– Sei muito bem que nenhuma
criança de Giverny jamais ganhou o
concurso, mas tenho certeza também
de que, quando o júri internacional
vir que uma das candidaturas veio
da escola de Giverny, isso vai ser
uma tremenda vantagem para vocês!

Stéphanie

revê

Jacques

colocando a cartucheira... Jacques
soltando da parede o fuzil de caça...

– Crianças, Giverny é um nome
que faz sonhar pintores do mundo
inteiro.

Mais

dois

bólios

azuis

atravessam o vilarejo. Sem querer,

Stéphanie se sobressalta, em pânico.

Impotente.

Os

carros

sequer

diminuíram

a

velocidade

para

atravessar o vilarejo, por assim

dizer.

Laurenç?

Ela tenta se concentrar outra vez.

Olha para os alunos e passa em

revista um a um os rostos à sua

frente. Sabe que, entre aqueles

alunos, alguns são particularmente

talentosos.

– Observei que entre vocês

existem alguns e algumas com muito

talento.

Fanette baixa os olhos. Não gosta muito quando a professora olha para ela desse jeito. Fica encabulada.

Sinto que ela vai falar de mim.

– Estou pensando em você,

Fanette.

Estou

pensando

particularmente em você. Conto com você!

O que foi que eu disse?

A menina fica vermelha até as orelhas. No instante seguinte, a professora se vira para o quadro-negro. No fundo da sala, Paul pisca o olho para Fanette. O menino se estica sobre a carteira em frente a Vincent, sentado ao seu lado, e

estica o pescoço para se aproximar
um pouco mais da menina.

– A professora tem razão,
Fanette! É você quem vai ganhar
esse
concurso.

Você

e

mais

ninguém!

Mary está sentada logo na frente
deles, dividindo a carteira com
Camille. Vira-se para eles.

– Shh...

Todas as cabeças se imobilizam
de repente.

Alguém bate à porta.

Stéphanie vai abrir, nervosa.

Depara

com

o

semblante

transtornado de Patricia Morval.

– Stéphanie... Preciso falar com
você. É... é importante.

– C-crianças, me esperem aqui.

Mais uma vez, a professora tenta
fazer com que nenhum de seus gestos
traia, na frente das crianças, o
terrível pânico que a domina.

– Vou demorar só um instante.

Stéphanie sai. Fecha a porta
atrás de si e avança até o pátio da
prefeitura,

debaixo

das

tílias.

Patricia Morval não disfarça a
agitação.

Veste

uma

jaqueta

amarrotada que não combina com a

saia

verde-garrafa.

Stéphanie

observa que o coque da mulher, em

geral impecável, foi feito às pressas.

Por pouco ela não saiu para a rua de

roupão.

– Foram Titou e Patrick que me

avisaram – sai falando Patricia de

uma vez só. – Jacques foi preso ao

pé da trilha da Astragale quando

eles estavam voltando da caça.

Stéphanie leva a mão ao tronco

da

tília

mais

próxima.

Não

compreende.

– O quê? Que história é essa?

– O inspetor Sérénac... ele
prende Jacques. Ele o acusa de ter
assassinado Jérôme!

– Lau... Laurenç...

Patricia

Morval

encara

Stéphanie com um ar estranho.

– Sim, Laurenç Sérénac. Aquele
policial.

– Meu Deus.. E Jacques não...

– Não, não, fique tranquila, seu
marido não teve nada. Pelo que me
disseram, ainda bem que Patrick
estava lá. O assistente de Sérénac
também, o inspetor Bénavides. Eles
impediram por um triz que a coisa

não virasse uma carnificina. Dá para acreditar numa coisa dessas, Stéphanie? Sérénac, aquele louco, acha que foi Jacques quem matou meu Jérôme.

Stéphanie sente que as pernas têm dificuldade para sustentá-la e deixa o corpo desabar contra o tronco claro da árvore. Precisa respirar. Precisa pensar com calma. Precisa voltar para sua turma; seus alunos estão esperando. Precisa correr até a delegacia. Precisa...

As mãos de Patricia Morval torcem a gola de sua jaqueta amarrotada.

– Foi um acidente, Stéphanie.

Desde o começo quis acreditar que foi um acidente. Mas e se eu estiver errada? Se estiver errada e alguém tiver de fato matado Jérôme? Diga para mim, Stéphanie: não pode ser Jacques? Me diga que não pode ser Jacques...

Stéphanie

encara

Patricia

Morval com seu olhar de ninfeias.

Olhos assim não podem mentir.

– É claro que não, Patricia. É claro que não.

57

ESTOU

ESPIONANDO

AS

DUAS

mulheres. Enfim, espionar é uma

palavra meio forte. Estou apenas sentada em frente, do outro lado da rua, a poucos metros da Art Gallery Academy, sem nem por isso ficar muito perto da escola. Não totalmente invisível, apenas discreta. Apenas no lugar certo para não perder nada da cena. Tenho bastante talento para isso, acho que vocês já perceberam. Na verdade, não é muito difícil. Patricia e Stéphanie estão falando alto. Netuno está deitado a meus pés. Como todos os dias, espera as crianças saírem.

Esse cachorro tem umas manias... E eu, como uma velha gagá, cedo ao desejo dele e venho até aqui quase todos os dias, esperar junto com ele o fim das aulas.

Enquanto isso, Netuno precisa se contentar com uma saída de escola que lhe dá muito menos vontade de abanar o rabo: a saída dos pintores da Art Gallery Academy. Uma quinzena de artistas tão promissores quanto uma bancada de senadores. É claro que todos puxam seus carrinhos de pintura e exibem seus crachás vermelhos para não se perderem. É o fim das aulas da

terceira idade! Turma internacional:
canadenses, americanos, japoneses.

Tento me concentrar na conversa
entre Stéphanie Dupain e Patricia
Morval. Não falta muito para o
desfecho, em breve teremos o último
ato da antiga tragédia. O sacrifício
sublime.

Você não tem mais escolha,
minha pobre Stéphanie.

Vai ter de...

Não acredito!

Um pintor estaca bem na minha
frente: um octogenário americano
típico, com o boné de Yale enfiado
na cabeça e meias por dentro das
sandálias de couro.

O que ele quer comigo?

– Mil perdões, *miss*.

Ele pronuncia todas as palavras

com um sotaque sulista. Deixa um intervalo de três segundos entre cada sílaba, o que significa menos de uma frase por minuto.

– Com certeza é daqui, não, *miss*? Com certeza conhece algum lugar original para pintar.

Sou quase grosseira:

– Ali em cima, a 50 metros, tem uma placa! Um mapa com todas as trilhas e todas as vistas.

Dez segundos por frase, bati o recorde! Praticamente o mandei pastar, mas o americano continua a sorrir.

– Muito obrigado, *miss*. Tenha um ótimo dia.

Ele se afasta. Fico reclamando sozinha daquela maldita invasão. O texano me fez perder o desenrolar da

cena. Patricia Morval está agora
sozinha na praça da prefeitura;
Stéphanie já voltou para dentro da
sala de aula. Com certeza muito
abalada. Obviamente dilacerada
pelo maior dos dilemas.

Seu dedicado marido preso pelo
seu belo inspetor.

Minha pobre querida, se você
soubesse... se soubesse que na
verdade está escorregando em uma
prancha que já foi ensaboada para
você. Inexoravelmente.

Mais uma vez, hesito. Não vou

lhes

esconder:

também

estou

dilacerada pelo dilema. Calar-me ou
pegar o ônibus e ir contar tudo na

delegacia de Vernon?

Se não decidir agora, depois não vou ter mais coragem. Estou consciente disso. A polícia está empacada.

Não

interrogou

as

testemunhas certas, não desenterrou os cadáveres certos. Nunca vão descobrir a verdade se continuarem a agir sozinhos. Nunca vão sequer desconfiar da verdade. Não se iludam: nenhum policial, por mais genial que fosse, poderia agora impedir o funcionamento dessa engrenagem maldita.

Os americanos se dispersam pelo vilarejo

como

representantes

comerciais em um condomínio. Sem rancor algum, o boné de Yale chega a me dar um leve aceno. Patricia Morval passa um longo tempo pensativa na praça da prefeitura, em seguida torna a descer em direção à sua casa.

É claro que passa na minha frente.

Que cara feia!

Patricia tem o semblante fechado da mulher resignada a nunca mais conhecer outro amor a não ser aquele que acaba de lhe ser tirado. Com certeza deve pensar na nossa conversa de alguns dias atrás. Nas minhas confidências. No nome do assassino do seu marido. O que terá feito?

Será

que

pelo

menos

acreditou em mim? Uma coisa é

certa: não falou com a polícia.

Nesse caso, eu já saberia.

Forço-me a lhe dizer alguma

coisa. Não sou mais de falar muito,

vocês devem ter reparado, nem

quando os americanos me paqueram.

– Tudo bem, Patricia?

– Tudo, tudo bem... Tudo bem,

sim.

A viúva Morval também não é

de falar muito.

58

– ONDE ESTÁ MEU marido?

– Detido na prisão de Evreux –

responde Sylvio Bénavides. – Não

se preocupe, madame Dupain. É só
uma acusação. O juiz vai rever o
caso todo.

Stéphanie Dupain encara um de
cada vez os dois homens na sua
frente,

os

inspetores

Sylvio

Bénavides e Laurenç Sérénac. Mais
do que falar, ela grita:

– Vocês não têm o direito!

Sérénac ergue os olhos para as
paredes da sala e se demora
observando as telhas penduradas:
seu olhar se perde nos meandros dos
jogos de luz das costas nuas da ruiva
pintada por Toulouse-Lautrec. Ele
deixa

Sylvio responder.

Seu

assistente fará isso melhor ainda
devido ao fato de que vai tentar
convencer a si mesmo.

– Madame Dupain. É preciso
encarar a realidade de frente. A
acumulação

de

indícios

convergentes que acusam o seu
marido. Primeiro o par de botas
desaparecido...

– Elas foram roubadas!

– A caixa de tintas encontrada na
cena do crime – continua Bénavides,
impassível.

–

Com

ameaças

gravadas

dentro,
redigidas

na

caligrafia do seu marido, fato

confirmado

pela

maioria

dos

peritos...

Esse argumento deixa Stéphanie

Dupain abalada. Pelo visto, é a

primeira vez que ouve falar naquela

história de caixa de tintas e parece

mergulhar nas sombras da própria

memória. Ela também vira a cabeça

e examina os cartazes pregados na

parede. Imobiliza-se por vários

segundos

na

reprodução

do

Arlequim de Cézanne, com seu chapéu de lua na cabeça, como quem procura naquele rosto sem lábios a força para se recusar a ceder.

– Devo ter passeado com Jérôme Morval duas vezes. Três, talvez. Nós conversamos, só isso. O gesto mais ousado que ele tentou foi segurar a minha mão. Esclareci a situação e nunca mais estive com ele a sós. Além do mais, Patricia Morval, que é minha amiga de infância, pode confirmar isso.

Inspetores, tudo isso é ridículo, os senhores não têm motivo...

– E o seu marido não tem álibi!

Dessa vez, quem respondeu foi
Laurenç Sérénac. Uma resposta
direta, que passa na frente das
longas explicações de Sylvio.
Stéphanie hesita por vários
segundos. Desde o início do
encontro, Laurenç evita cruzar
olhares com ela. Ela tosse, contrai
as duas mãos sobre o tecido da saia,
em seguida diz, com uma voz miúda:
– Meu marido não pode ter
assassinado Jérôme Morval. Ele
estava dormindo comigo naquele dia
de manhã.

Os inspetores Bénavides e
Sérénac se imobilizam na mesma
atitude embasbacada. Bénavides
mantém uma das mãos no ar, a que
segura a caneta. Sérénac mantém o
cotovelo em cima da mesa e a palma

aberta, a sustentar o peso de um
queixo mal barbeado e de uma
cabeça subitamente pesada. Um
silêncio de museu toma conta da sala

33. Stéphanie decide aproveitar
ainda mais sua vantagem:

– Se quiserem mais detalhes,
inspetores, Jacques e eu fizemos
amor

nesse dia de manhã. Por
iniciativa minha. Quero ter um filho.
Na manhã em que Jérôme Morval foi
assassinado,
nós
estávamos
transando.

É
materialmente
impossível meu marido ser culpado.
Sérénac se levanta. A resposta

estala como um chicote:

– Stéphanie, alguns dias atrás a senhora me disse outra coisa. Me afirmou que seu marido tinha ido caçar, como toda terça de manhã.

– Pensei bem desde então. Eu... eu estava abalada na ocasião. Me enganei de dia.

Sylvio Bénavides se levanta por sua vez e toma a iniciativa de apoiar o chefe:

– Sua declaração diferente não muda nada, madame Dupain. O testemunho de uma mulher a favor do marido não é válido.

Stéphanie Dupain levanta a voz:

– Que babaquice! Qualquer advogado...

Por sua vez, o timbre da voz de Sérénac se acalma:

– Sylvio, deixe-nos a sós.

Bénavides

demonstra

ostensivamente sua decepção, mas sabe que não tem escolha. Ajeita um maço de papéis, coloca-o debaixo do braço e sai da sala 33 fechando a porta atrás de si.

– O senhor... o senhor está

estragando

tudo!

–

explode

Stéphanie Dupain na mesma hora.

Laurenç Sérénac mantém a calma. Está sentado na cadeira de rodinhas e se deixa rolar lentamente com os pés esticados.

– Por que está fazendo isso?

– Isso o quê?

—

Prestando

esse

falso

testemunho.

Stéphanie não responde. Seus

olhos

erguidos

escorregam

de

Cézanne para as costas nuas da

mulher ruiva.

—

Detesto

Toulouse-Lautrec.

Detesto essa espécie de voyeurismo

hipócrita.

Ela baixa os olhos. Pela

primeira vez ali na sala, seu olhar

cruza com o de Laurenç Sérénac.

– E o senhor, por que está fazendo isso?

– Isso o quê?

– Se concentrando nessa única pista. Perseguindo meu marido como se ele fosse um assassino. Ele não é culpado, eu sei disso. Solte o meu marido!

– E as provas?

– Jacques não tinha motivo. É ridículo! Quantas vezes vou precisar dizer? Nunca fui para a cama com Morval. Nenhum motivo, e, por outro lado, ele tem um álibi. Eu...

– Não acredito na senhora, Stéphanie.

O tempo na sala 33 para.

– Então o que vamos fazer?

Stéphanie anda pelo recinto com passinhos nervosos. Laurenc a

observa adotando de novo sua
postura falsamente descontraída,
com a cabeça inclinada e o queixo
sustentado
pela
mão
aberta.

Stéphanie sorve uma inspiração
profunda, como se estivesse se
perdendo na espiral do coque ruivo
nas costas da modelo pintada por
Toulouse-Lautrec, então se vira de
repente.

– Inspetor, que escolha resta a
uma mulher desesperada? Até onde
ela pode ir para salvar o marido?
De quanto tempo precisa para
entender o recado? O senhor
conhece aqueles romances policiais
americanos, inspetor, com aqueles

policiais capazes de acusar um pobre sujeito só para lhe roubar a mulher?

– Não, Stéphanie.

Stéphanie Dupain caminha em direção à mesa. Lentamente, remove as duas fitas prateadas que prendem seus longos cabelos castanhos.

Despenteia-os com delicadeza ao mesmo tempo que se senta sobre a mesa do inspetor. Está a menos de 1 metro dele, mas ele permanece sentado e precisa erguer os olhos para encará-la.

– Era isto que o senhor estava esperando, não é, inspetor? Não sou tão boba assim, sabe? Se me entregar ao senhor, vai estar tudo terminado, é isso?

– Pare, Stéphanie.

– Qual é o problema, inspetor?

Está com medo de dar o último

passo?

Não

fique

pensando

demais...

O

senhor

conseguiu

capturar a mulher fatal na sua rede.

Ela está presa, o marido está atrás

das grades, ela está encurralada. Ela

lhe pertence...

Stéphanie

ergue

as

pernas

devagar, de modo a fazer a saia

descer por sua pele nua. Um dos

botões da blusa branca desaparece

entre

seus

dedos. As

sardas

explodem no início da curva do

busto até o algodão da parte

superior do sutiã agora exposto.

– Stéph...

– A menos que seja ela, a mulher

fatal, quem esteja puxando as

cordinhas desde o início. Por que

não, afinal?

Os olhos de Stéphanie se

estreitam.

Laurenç

Sérénac

se

surpreende ao detectar ali o mistério

oriental de um sol nascente azul-

escuro. Precisa se recompor. Não tem tempo de continuar o raciocínio, pois a professora segue falando:

– Ou então os dois. O marido e a mulher, cúmplices. Dois diabólicos.

O casal infernal. O senhor seria apenas o joguete, inspetor...

Ainda sentada, Stéphanie agora está com os dois pés em cima da mesa, e a saia de sarja bege escorrega e se embola em volta da cintura. Um segundo botão da blusa se abre. É possível adivinhar os mamilos dos seios da professora sob a renda fina de sua roupa de baixo. Gotas de suor escorrem para dentro do seu decote.

Gotas

de

medo?

Ou
de
excitação?

– Pare, Stéphanie. Pare com esse
joguinho ridículo. Vou tomar o seu
depoimento.

Ele se levanta e vai buscar uma
folha de papel. Bem devagar,
Stéphanie Dupain reabotoa a blusa,
alisa a saia, que torna a lhe cobrir as
pernas, e as cruza.

– Vou logo avisando, inspetor,
não vou mudar de opinião. Não vou
modificar sequer uma linha do que
já afirmei. Naquela manhã, na manhã
em
que
Jérôme
Morval
foi

assassinado, Jacques estava na cama
comigo.

O inspetor vai escrevendo
devagar.

– Estou anotando, Stéphanie.

Mesmo que não acredite.

– Quer outros detalhes, inspetor?

Quer testar a credibilidade das
minhas informações? Quer saber se
nós transamos? Em que posição? Se
eu gozei?

– O juiz com certeza vai lhe
perguntar essas coisas.

– Então anote. Anote aí, Laurenç.

Não, eu não gozei. Foi uma transa
rápida. Eu fiquei por cima. Quero
ter um filho. Parece que ajoelhada
por cima do homem é uma das
melhores posições para conceber.

O inspetor continua com os

olhos baixos, anotando em silêncio.

– Quer mais algum detalhe,
inspetor? Sinto muito, não tenho
nenhuma foto, nenhuma prova, mas
posso descrever.

Laurenç Sérénac se levanta
devagar.

– A senhora está mentindo,
Stéphanie.

O inspetor contorna a mesa, abre
a primeira gaveta e pega um livro de
capa mole. *Aureliano*.

– Estou convencido de que está
mentindo.

Ele abre o livro em uma página
com o canto dobrado.

– Lembre-se de que foi a
senhora quem me pediu para ler este
livro de Aragon por causa daquela
frase estranha encontrada no bolso

de Jérôme Morval. A que começa com "O crime de sonhar"... Posso refrescar sua memória, Stéphanie?

Capítulo 64. Aureliano encontra Bérénice nos jardins de Monet e ela foge por uma trilha baixa de Giverny, como se quisesse escapar ao próprio destino. Aureliano a persegue e a encontra, ofegante, apoiada na sebe. Perdoe-me, acho que não consigo me lembrar do texto todo, vou ler a cena para a senhora. Dessa vez, quase a primeira, Laurenç Sérénac sustenta o olhar púrpura de Stéphanie.

– "Aureliano avançava na sua direção, via seu peito erguido, a cabeça caída para trás com os cabelos louros esparramados todos para o mesmo lado. Pálpebras

abaixadas, olheiras que tornavam os olhos ainda mais perturbadores e aquela boca trêmula, os dentes bem juntinhos, felinos, tão brancos...”

O inspetor avança. Está agora em pé diante de Stéphanie. Ela não pode recuar; está presa contra a mesa. Laurenç avança mais ainda; o joelho da professora agora toca o tecido de seu jeans. Ela sente o quadril do inspetor exatamente na altura do baixo-ventre. Bastaria ela descruzar as pernas...

Sérénac continua a ler:

– “Aureliano parou. Estava na frente dela, muito perto, dominava-a.

Nunca a tinha visto assim...”

Ele solta o livro por um instante.

– É a senhora quem está estragando tudo, Stéphanie.

Laurenç pousa uma das mãos no joelho nu dela. A carne estremece; Stéphanie não consegue se conter. Não consegue impedir o tremor das duas pernas enroscadas como um pé de glicínia em uma estaca. Sua voz já não está tão firme:

– O senhor é um homem engraçado, inspetor. Um policial. Amante da pintura. Amante da poesia.

Sérénac não responde. Vira algumas páginas com a mão.

– Ainda o famoso capítulo 64, algumas linhas mais adiante, está lembrada? “Vou levá-la para um lugar onde ninguém a conheça, nem mesmo os motoqueiros... Onde você terá liberdade para escolher... Onde nós vamos decidir nossa vida...”

O livro cai ao mesmo tempo que seu braço, junto à cintura, como se pesasse uma tonelada. Ele deixa a outra mão pousada sobre a pele lisa da parte inferior da coxa que ainda treme, por muito tempo, como quem tenta acalmar o coração disparado de um bebê.

Eles permanecem assim, em silêncio.

Sérénac é o primeiro a quebrar o feitiço. Recua. Fecha a mão em torno da folha onde anotou o depoimento da professora.

– Sinto muito, Stéphanie. Foi a senhora quem me pediu para ler este romance.

Stéphanie Dupain passa a mão diante dos olhos, entre lágrimas, emoção e cansaço.

– Não confunda as coisas todas.

Também li Aragon. Estou livre para escolher, já entendi. Fique tranquilo, vou decidir minha vida. Se quiser mesmo saber, Laurenç, já lhe disse. Não, não amo meu marido. Vou até lhe dar outro furo de reportagem: acho que vou deixá-lo. Isso traçou seu caminho dentro de mim, como um rio comprido, como se as ondas desses últimos dias só pudessem ser o prenúncio de uma cascata. Entende o que quero dizer? Mas isso não muda nada o fato de ele ser inocente. Uma mulher não abandona um homem na prisão. Uma mulher só abandona um homem livre. Entende isso, Laurenç? Não retiro nada do meu depoimento. Naquela manhã, eu estava fazendo sexo com meu

marido. Meu marido não matou

Jérôme Morval.

Sem dizer nada, Laurenç Sérénac
lhe estende a folha de papel e uma
caneta. Ela assina sem reler. Então
sai da sala. Sérénac desvia os olhos
para as últimas linhas do capítulo 64
de *Aureliano*.

*“Ele a observou fugir. Seus
ombros estavam curvados, ela
fingia não andar depressa... Ele
ficou
imobilizado
com
essa
inacreditável confissão. Ela estava
mentindo, ora! Não. Ela não estava
mentindo.”*

Quanto tempo transcorre antes de
Sylvio Bénavides bater à porta?

Longos minutos? Uma hora?

– Pode entrar, Sylvio.

– E aí?

– Ela mantém sua versão. Está protegendo o marido.

Sylvio Bénavides morde os lábios.

– Talvez seja melhor assim, no fim das contas...

Ele desliza por cima da mesa um maço de papéis.

– Acabou de chegar. Pellissier, o grafologista de Rouen, modificou seu parecer. Depois de aprofundar a análise, chegou à conclusão de que a frase gravada na caixa de tintas encontrada no regato não pode ter sido escrita por Dupain.

Um

suspense

exasperador

perdura por um tempo, e então:

– Prepare-se, chefe. De acordo

com ele, a frase foi gravada por uma

criança! Uma criança de uns 10

anos! Ele foi categórico.

– Puta que pariu – murmura

Sérénac. – Que porra é essa agora?

Seu cérebro parece se recusar a

refletir. Mas Bénavides ainda não

terminou:

– E não é só isso, chefe.

Recebemos também as primeiras

análises do sangue encontrado na

caixa de tintas. Segundo elas, uma

coisa é certa: não é nem o sangue de

Morval nem o de Jacques Dupain.

Eles ainda estão pesquisando.

Sérénac se levanta e titubeia.

– Outro assassinato, é isso que

está tentando me dizer?

– Não sabemos, chefe. Na verdade, não estamos entendendo mais nada.

Laurenç Sérénac dá voltas pela sala.

– Tá, tá bom. Já entendi o recado, Sylvio. Não tenho outra escolha

senão

liberar

Jacques

Dupain. O juiz vai protestar...

menos de cinco horas detido.

– Ele vai preferir isso a um erro judicial.

– Não, Sylvio. Não. Estou vendo muito bem o que você está pensando, que me enganei de cabo a rabo, que fiz aquela presepada toda

no final da trilha da Astragale para
prender um cara e, no fim das
contas, nossas provas escorrem por
entre nossos dedos poucas horas
mais tarde. Precisamos soltá-lo.

Mas isso não muda em nada a minha
convicção.

Em

nada!

Jacques

Dupain é culpado!

Sylvio Bénavides não responde.

Entende agora que, no terreno
minado das intuições de seu chefe,
não é possível ter nenhuma conversa
sensata. Bénavides, porém, torna a
pensar na soma de elementos
contraditórios que se acumulam nas
colunas da folha dobrada que não
sai mais do seu bolso. Impossível

haver uma resposta simples para todos esses indícios delirantes e contraditórios, impossível. Quanto mais a investigação progride, mais Sylvio tem a impressão de que alguém está brincando com eles, puxando as cordinhas, divertindo-se ao multiplicar falsas pistas para tirá-los do caminho, para poder prosseguir, com toda a impunidade, seu plano perfeitamente orquestrado.

– Entre.

Laurenç Sérénac ergue os olhos, surpreso por estarem batendo à porta da sua sala a uma hora tão avançada. Pensava estar sozinho na

delegacia, ou quase. A porta da sala não está fechada. Sylvio está parado na soleira; seus olhos exibem uma expressão estranha. Não é apenas cansaço; tem alguma outra coisa.

– Sylvio, você ainda está aqui?

Sérénac consulta o relógio de parede da sala.

– Já passa das seis! Porra, você

deveria

estar

na

maternidade

segurando a mão da sua Béatrice. E

deveria dormir também...

– Consegui, chefe!

– Conseguiu o quê?

Sérénac tem quase a impressão

de que até os personagens dos

quadros se viraram: o arlequim de

Cézanne, a ruiva de Toulouse-Lautrec.

– Consegui, chefe. Caramba, consegui.

59

O SOL ACABA DE se esconder atrás da última cortina de choupos. Para qualquer pintor, a penumbra que passa a dominar tudo significaria que está na hora de fechar seu cavalete, colocá-lo debaixo do braço e ir para casa. Paul avança pela ponte e observa Fanette pintar com frenesi, como se a sua vida inteira dependesse daqueles últimos minutos de luminosidade.

– Sabia que iria encontrar você aqui.

Fanette o cumprimenta com um gesto, sem parar de pintar.

– Posso ver?

– Pode. Estou com pressa. Com
as aulas que não acabam nunca,
minha mãe que não para de encher
meu saco e o sol que some cedo

demais,

nunca

vou

conseguir

terminar

meu

quadro.

Preciso

entregar depois de amanhã.

Paul tenta ser o mais discreto

possível, como se o próprio ar que

respira

pudesse

perturbar

o

equilíbrio

da

composição.

No

entanto, teria mil perguntas para

fazer a Fanette.

Sem se virar para o menino, ela

antecipa suas interrogações:

– Eu sei, Paul, que não há

ninfeias no regato... Mas não estou

nem aí para a realidade. Já pintei as

Ninfeias outro dia, nos jardins de Monet. Quanto ao resto, impossível;

não estava chegando a lugar nenhum

com aquela água parada. Precisava

colocar meus nenúfares num rio,

numa água viva, algo que dançasse.

Uma linha de fuga de verdade, sabe?

Algo que se mexesse.

Paul está fascinado.

– Como você consegue, Fanette?

Como é capaz de transmitir a impressão de que o seu quadro está vivo, de que a água está correndo, e até mesmo o vento agitando as flores? Desse jeito, apenas com tinta sobre uma tela...

Gosto quando Paul me elogia.

– É mais forte do que eu, sabe?

Como dizia Monet, não sou eu, é só o meu olho. Eu me contento em reproduzir na tela o que meu olho vê.

– Você é incr...

– Cale a boca, bobo! Vou lhe dizer uma coisa: na minha idade, Claude Monet já era um pintor conhecido na cidade de Le Havre por causa das caricaturas que fazia dos passantes. Além do mais, não

chego a ser... Por exemplo, olhe aquela árvore ali em frente, o choupo. Sabe o que Monet pediu a um camponês um dia?

– Não.

– Ele tinha começado a pintar uma árvore no inverno, um carvalho velho. Quando voltou, três meses depois, ela estava coberta de folhas. Então ele pagou o dono da árvore, um camponês, para tirar todas elas, uma por uma.

– Você conta cada história...

– Não! Foi preciso dois homens durante um dia inteiro para despir o modelo! E Monet escreveu para a mulher que estava muito orgulhoso de poder pintar uma paisagem invernal em pleno mês de maio! Paul se contenta em encarar as

folhas que dançam ao vento.

– Eu faria isso por você, Fanette.

Mudaria a cor das árvores. Se você me pedisse, faria isso por você.

Eu sei, Paul. Eu sei.

Fanette ainda passa vários minutos pintando. Paul fica parado atrás dela, em silêncio. A claridade diminui mais ainda. A menina acaba desistindo.

– Não adianta mais nada.

Amanhã eu termino. Espero que...

Paul avança até a beira do regato e observa a água que corre a seus pés.

– Ainda sem notícias de James?

A voz de Fanette parece se fissurar. Paul tem a impressão de que pintar tinha lhe permitido esquecer e de que agora a realidade

a alcançou outra vez. Pensa que é um idiota, que não deveria ter feito aquela pergunta.

– Não – murmura Fanette. –

Nenhuma notícia. É como se James nunca tivesse existido! Acho que estou ficando louca, Paul. Até Vincent me disse que não se lembra dele. Apesar de ter nos visto, de ter nos espiado todas as tardes. Não foi um sonho!

– Vincent é esquisito.

Paul procura o sorriso mais reconfortante do seu repertório.

– Garanto, se de vocês dois houver um que não bate bem da bola, você é que não é! Tentou falar sobre James com a professora?

Fanette se aproxima da sua tela para ver se está seca.

– Não, ainda não. Não é fácil,
entende? Vou tentar amanhã.

– E por que não fala com outros
pintores do vilarejo?

– Não sei, não tenho coragem.

James andava sempre sozinho.

Tenho a impressão de que, tirando
eu, não gostava de muita gente.

*Sabe, Paul, sinto um pouco de
vergonha. Muita, na verdade. Às
vezes penso que deveria esquecer
James, fingir que ele nunca existiu.*

Fanette segura com firmeza sua
tela, quase maior do que ela, e a
pousa sobre uma grande folha de
papel pardo que usa para protegê-la.

Seus olhos se voltam para o moinho
de Chennevières. A torre do moinho
se destaca num céu que vai ficando
rosa-alaranjado. A visão é ao

mesmo tempo bela e assustadora.

Fanette se arrepende na mesma hora de ter guardado seu material.

– Sabe o que penso às vezes, Paul?

A menina está curvada sobre a folha de papel pardo que vai dobrando com delicadeza.

– Não.

– Acho que inventei James. Que ele não existia de verdade. Que ele é , como dizer, uma espécie de personagem de um quadro. Que eu o imaginei. É, James na verdade é o pai Trognon do quadro de Theodore Robinson. Desceu do seu cavalo para falar comigo, para me contar sobre Monet, me dar vontade de pintar, dizer que eu tinha talento, e depois voltou para o lugar de onde

tinha vindo, dentro do seu quadro,
em cima do seu cavalo, no regato, ao
pé do moinho.

Você me acha louca, não é?

Paul se inclina por sua vez e
ajuda Fanette a carregar a tela.

– Você não pode ficar com essas
ideias na cabeça, Fanette. Não pode.
Não mesmo. Para onde vamos levar
sua obra-prima?

– Espere, vou lhe mostrar meu
esconderijo secreto. Não a levo para
casa porque minha mãe me acha uma
louca por causa do James e não quer
mais nem ouvir falar em pintura,
menos ainda nesse tal concurso...

Toda vez é um drama!

Fanette escala a ponte e pula
para trás do lavadouro.

– Só é preciso cuidado para não

escorregar nos degraus e cair na
água. Dê aqui o quadro.

A tela passa de uma mão a outra.

– Olhe, o meu esconderijo fica
ali, debaixo do lavadouro. Tem um
oco, um espaço exato, como se
tivesse sido inventado para esconder
um quadro!

Fanette vasculha os arredores
com ar de conspiradora: a pradaria
que se estende à sua frente, o
contorno do moinho que vai se
apagando aos poucos no céu.

– Você é o único a saber, Paul.

Além de mim.

Paul

sorri.

Adora

essa

cumplicidade, a confiança que

Fanette deposita nele. De repente, as duas crianças se sobressaltam.

Alguém está andando, correndo perto delas. Com um pulo, Fanette torna a atravessar a ponte. Uma sombra indistinta avança.

Por um instante, pensei que fosse James.

– Seu idiota, você assustou a gente! – grita Fanette.

Netuno começa a se esfregar nas suas pernas.

O

pastor-alemão

ronrona feito um gato grande.

– Uma correção, Paul. São só dois a conhecer meu esconderijo: Netuno e você!

SÉRÉNAC

LANÇA

UM

OLHAR

espantado

para

seu

assistente.

Sylvio tem os olhos brilhantes de cansaço, como um cão que houvesse atravessado o país para encontrar seus donos.

– O que foi que você descobriu, porra?

Sylvio avança, puxa uma cadeira de rodinhas e se deixa cair nela. Põe uma folha de papel debaixo do nariz do chefe.

– Olhe. São os números no verso das fotos das amantes de Morval.

Sérénac abaixa a cabeça e lê.

23-02. Fabienne Gonçalves, no consultório de oftalmologia de Morval.

15-03. Aline Malétras, no clube Zed, na Rue des Anglais.

21-02. Alysson Murer, na praia de Sark.

17-03. A desconhecida de jaleco azul, na sala de Morval.

03-01. Stéphanie Dupain, na trilha da Astragale, acima de Giverny.

– A coisa me veio assim, de uma vez, quando estava passando minhas anotações a limpo. Lembra-se do que Stéphanie Dupain nos disse mais cedo sobre Morval?

– Ela disse várias coisas.

Sérénac morde a língua. Seu

assistente brande uma folha na qual sem dúvida alguma anotou as palavras de Stéphanie.

– Vou ler para o senhor exatamente o que ela disse: “Devo ter passeado com Jérôme Morval duas vezes. Três, talvez. Nós conversamos, só isso. O gesto mais ousado que ele tentou foi segurar a minha mão. Esclareci a situação e nunca mais estive com ele a sós.”

– E daí?

– Tá. Agora, chefe, lembra-se do que eu disse anteontem à noite, quando liguei lá do hospital? Sobre Aline Malétras, a garota de Boston?

– Em relação a quê?

– Em relação a Morval!

– Que ela engravidou.

– E antes disso?

– Que quando ela saía com Morval tinha 22 anos e muitos predicanos, e Morval dez a mais e muito dinheiro.

Sylvio Bénavides crava em Sérénac uns olhos de sonâmbulo despertado no susto.

– Isso, exatamente, mas ela especificou também que tinha saído com Morval umas quinze vezes! Sérénac encara as linhas que se embaçam em cima da sua mesa.

15-03. Aline Malétras no clube

Zed, na Rue des Anglais.

03-01. Stéphanie Dupain na

trilha da Astragale, acima de

Giverny.

Seu assistente não lhe dá tempo para respirar:

– Então agora o senhor entendeu.

Stéphanie

Dupain,

03;

Aline

Malétras, 15. É o código mais idiota que pode haver: o número de vezes que o casal adúltero se encontrou está anotado no verso de cada foto.

O

detetive

particular,

ou

o

paparazzo, deve ter escolhido a imagem mais representativa da relação dentre todas aquelas de que dispunha.

Laurenç Sérénac observa seu assistente com admiração genuína.

– E imagino que, se você veio

me procurar, é porque já verificou o caso das outras moças.

– Exato – responde Bénavides. –

Acabo de falar ao telefone com Fabienne Gonçalves. Ela não sabe me dizer exatamente quantas vezes saiu com o patrão, mas insisti tanto que ela acabou me dando uma ordem de grandeza, entre vinte e trinta.

Sérénac dá um assobio.

– E Alysson Murer?

– Nossa inglesinha corajosa anota tudo numa pequena agenda e guarda todas as suas pequenas agendas dos anos anteriores dentro de uma gaveta. Ela contou junto comigo ao telefone, porque nunca tinha pensado nisso.

– E o resultado?

– Bingo: ela contou exatamente

21 encontros!

– Incrível! Adoro as pessoas meticolosas que anotam tudo.

Sérénac lança uma piscadela cúmplice para seu assistente. Sylvio não dá atenção à indireta e continua:

– Estamos, portanto, diante de um detetive particular igualmente meticoloso. Para ser capaz de contabilizar cada encontro...

– Mais ou menos. Com exceção de Alysson Murer, nada indica que se trate do número exato. É uma ordem de grandeza. Imagino que seja isso que se perguntaria a um detetive particular que estivesse investigando as infidelidades do marido: uma faixa aproximada do número de ocorrências fora do leito conjugal.

Para resumir, Sylvio, a boa notícia é

que não vamos mais perder tempo com esse código. A má notícia é que ele não nos informa absolutamente nada.

– Só que ainda tem os segundos números: 01, 02, 03.

Sérénac franze o cenho.

– Você tem alguma ideia em relação a isso?

Bénavides dá uma de modesto.

– Quanto se puxa um fio, o resto vem naturalmente. Sabemos que o primeiro algarismo não é uma data, mas que diz respeito à natureza do relacionamento entre Morval e suas amantes. É uma informação que o fotógrafo está dando ao seu cliente. Além do número de encontros, que outro detalhe

poderia

ser

interessante fornecer?

– Puta merda! – explode

Sérénac. – Mas claro! A natureza da relação. Morval transava com essas moças ou não? Sylvio, você é...

Sylvio Bénavides interrompe o chefe para ter o privilégio de concluir sua demonstração:

– Aline Malétras engravidou de Morval. O fotógrafo anotou 15-03.

Podemos

portanto

supor,

sem

grandes riscos, que 03 significa que a moça em questão fazia sexo com Jérôme Morval.

Um grande sorriso se estampa no

rosto de Laurenç Sérénac.

– E o que lhe responderam agora

há pouco Fabienne Gonçalves e

Alysson

Murer?

Porque

ocê

perguntou, claro. Ambas levam a

indicação “02”.

Sylvio Bénavides enrubesce de

leve.

– Fiz o que pude, chefe. Insistir

com uma garota em relação a esse

tipo de coisa não faz muito o meu

estilo. Enfim, nossa inglesinha

Alysson Murer me jurou pela cabeça

da rainha da Inglaterra que nunca fez

sexo

com

seu

belo

amigo

oftalmologista. A coitada devia acreditar num casamento em Notre-Dame ou Canterbury... Quanto a Fabienne Gonçalves, ela quase desligou na minha cara, ainda mais que dava para ouvir os filhos gritando ao fundo, mas, para que eu a deixasse em paz, acabou me confirmando que ela também sempre se recusou a fazer sexo. Segundo ela, foram só uns beijos e carícias com o patrão – diz Sylvio, agitando a folha de papel diante do nariz como se fosse um leque. –

Resumindo,

então,

o

último

algarismo do código é portanto, em certo sentido, a escala Richter das relações sexuais de Morval: 03 é o máximo, ele faz sexo; 02, ele flerta; 01... podemos deduzir que nada acontece. Ele corteja as moças, mas, por mais que o detetive particular espione com sua zoom, nada! Nenhum adultério.

– Tá bom, Sylvio, estamos de acordo então. Trata-se de um sujeito encarregado de espionar Morval e de prestar contas sobre suas aventuras extraconjugais.

A frequência das relações, a natureza das relações e, para provar, fotos. Podemos além disso pensar que esses números no verso na verdade

não são um código destinado a nos enganar, mas apenas uma espécie de abreviação

usada

por

um

profissional. Mas vou refazer a pergunta: em que isso nos ajuda?

A folha de papel se retorce entre os dedos de Sylvio.

– Já pensei nisso tudo, chefe.

Para mim, esse código, contanto que confiemos nele, claro, nos dá duas informações importantes. A primeira é que Stéphanie Dupain não está mentindo: ela não era amante de Jérôme Morval. E a pessoa que encomendou essas fotos para um detetive particular sabia disso!

– Patricia Morval?

– Pode ser. Ou Jacques Dupain,
por que não?

– Já entendi, Sylvio, já entendi.

Estou começando a decorar esse
refrão. Não temos o motivo! E, se
Jacques Dupain não tem motivo, ele
não precisa de um álibi.

– Só que ele tem um álibi –
interrompe Sylvio.

Sérénac suspira.

– Que saco isso tudo. Já entendi.

Já liguei para o juiz duas horas atrás
para mandar soltá-lo da prisão de
Evreux. Hoje à noite Jacques Dupain
vai dormir na casa dele em Giverny.

Antes de Sérénac se aventurar
pelo terreno de suas convicções
íntimas,

Sylvio

Bénavides

se

apressa em continuar:

– Mas o código nos dá uma

segunda

informação

importante,

chefe. Segundo ele, das cinco

mulheres fotografadas, só duas

foram para a cama com Morval:

Aline Malétras e a famosa moça não

identificada, a de jaleco azul na

sala. 17-03.

– Concordo – confirma Sérénac.

– Dezesete encontros, e Morval

trepava com essa garota ajoelhada

na sua frente. Aonde você quer

chegar?

– Se partirmos da hipótese de

que Jérôme Morval teve um filho há,

digamos, uns dez anos, bom, essa

moça é a única entre as amantes dele
que poderia ser a mãe.

61

A VARANDA DO RESTAURANTE

L'Esquisse

Normande,

aninhada

entre valerianas, campânulas e
peônias, proporciona uma bela vista
do vilarejo de Giverny. Quando a
noite cai, os postes posicionados
com harmonia entre as plantas em
flor reforçam mais ainda o efeito de
oásis impressionista.

Jacques não tocou na entrada, um
carpaccio de *foie gras* com flor de
sal. Stéphanie pediu a mesma coisa
e prova a comida com parcimônia,
ajustando o apetite ao do marido.
Jacques chegou faz mais ou menos

uma hora, devia ser pouco mais de nove da noite, ladeado por dois agentes da Polícia Militar que o deixaram lá, na Rue Blanche-Hoschedé-Monet, entre a escola e sua casa.

Ele não disse nada, nenhuma palavra sequer. Assinou o papel da soltura sem olhar, pegou Stéphanie pela mão e apertou com força.

Desde então não a largou mais, ou quase. Só para jantar. Sozinha sobre a toalha, sua mão treme, órfã, e se entretém mexendo nas migalhas.

– Vai ficar tudo bem –
tranquiliza Stéphanie.

Ela havia reservado uma mesa no L'Esquisse Normande, sem deixar escolha para o marido. Teria sido uma boa ideia, pensa agora?

Será que ainda existem boas ou más ideias? Não, apenas a sensação de que é assim que se deve fazer as coisas, assim e nesse momento. A sensação de que, no L'Esquisse Normande, seria melhor do que em casa. De que o cenário ajudaria. De que era necessária uma espécie de protocolo. A esperança de que na varanda, em público, Jacques não fosse fazer escândalo nem desabar e se mantivesse digno e entendesse.

– Acabou, senhor?

O garçom leva embora o *carpaccio*. Jacques não disse uma só palavra. Stéphanie conversa pelos dois, fala das crianças da escola, de sua turma, do concurso da Fundação Robinson, dos quadros a serem entregues dali a dois dias. Jacques

escuta com o mesmo olhar suave de
sempre.

Stéphanie

se

sente

compreendida. Sempre se sentiu
compreendida por Jacques. Sempre
teve a impressão de que ele a
conhecia feito a palma da própria
mão. Exatamente isso. Sempre
gostou de que ela falasse das
crianças da escola. Como se fosse
uma evasão que ele tolerasse... Os
carcereiros

devem

mesmo

se

refestelar quando os prisioneiros
lhes falem sobre os pássaros no céu.

O garçom põe diante deles dois

pratos de escalope de *magret* de
pato ao molho de cinco pimentas.
Jacques abre um sorriso e prova.
Faz algumas perguntas evasivas
sobre a escola. Interessa-se pelos
alunos, seus temperamentos, seus
gostos. Com exceção daquela prisão
ridícula, Stéphanie é obrigada a
reconhecer que a vida com Jacques
é
simples.
Tão
calma.
Tão
reconfortante.
O que não muda nada.
Sua decisão está tomada.
Mesmo
que
Jacques

a

compreenda melhor do que ninguém,
mesmo que a proteja e que seja
incapaz de lhe fazer mal, mesmo que
Jacques a ame mais do que tudo e
que ela jamais tenha duvidado desse
amor um único segundo de sua
vida...

Sua decisão está tomada.

Ela precisa ir embora.

Jacques serve vinho para a
esposa e, em seguida, meia taça para
si. Um Bourgogne, pensa ela. Lê o
nome na etiqueta: um Mersault. Não
sabe grande coisa sobre vinhos;
Jacques tampouco: nunca foi de
beber, ou quase. É praticamente o
único entre seus amigos caçadores.
Agora está comendo. Curiosamente,
isso tranquiliza um pouco Stéphanie.

Ela tem a impressão de se preocupar com o marido como alguém poderia se preocupar com a saúde de um parente. Por afeto.

Jacques se descontraí um pouco, fala de uma casa que encontrou nos arredores, um bom negócio, segundo ele. Stéphanie sabe que Jacques trabalha muito, demais até, que carrega sua agência nas costas, que até agora não teve muita sorte e não conseguiu fazer nenhum grande negócio, mas a sorte de uma pessoa pode mudar, a sorte obrigatoriamente vai mudar um dia.

Jacques

é

obstinado.

Jacques

merece. No fundo, para ela, tudo aquilo é totalmente indiferente.

Mudar de casa. Viver com um homem mais rico.

A mão de Jacques rasteja pelo algodão branco bordado e busca mais uma vez os dedos de Stéphanie.

A professora hesita. Seria tão mais fácil fazê-lo entender tudo sem dizer nada, com uma simples acumulação

de

gestos

sem

importância, a mão que ninguém segura, a carícia não retribuída, o olhar que se desvia. Mas sabe que Jacques não iria entender. Ou

melhor, iria, sim, mas isso nada mudaria. Ele a amaria mesmo assim.

Mais, até.

Os dedos de Stéphanie fogem, perdem-se em meio aos cabelos, estalam ao tocar uma fita prateada.

O corpo inteiro da professora estremece. Ela se sente ridícula.

Por quê?

Por que está sentindo aquela

necessidade

insuportável

de

abandonar tudo?

Stéphanie esvazia a taça de vinho e sorri para si mesma. Jacques continua a falar naquela casa às margens do Eure, nos vendedores de antiguidades do vale que seria preciso visitar para mobiliá-la.

Stéphanie escuta, distraída. Por que fugir?

A

resposta

para

suas

perguntas é tão banal. Tão antiga

quanto o mundo. A doença das

moças que sonham em ser outra

pessoa: a mesma sede de amor da

Bérénice de Aragon. O tédio

insuportável

da

mulher

que,

entretanto, nada tem a reclamar do

homem que vive ao seu lado.

Nenhuma desculpa, nenhum álibi.

Apenas o tédio, essa certeza de que

a vida está em outro lugar. De que

alhores existe uma cumplicidade
perfeita. De que, sim, essas fantasias
não são detalhes, mas o essencial...

De que tudo o que importa é poder
compartilhar a mesma emoção
diante de um quadro de Monet ou
dos versos de Aragon.

O garçom leva embora seus pratos
com uma discrição profissional.

– Não – diz Jacques. – Não
vamos querer mais vinho. Só as
sobremesas.

A mão de Stéphanie acaba indo
parar em cima da mesa e, na mesma
hora, é interceptada pela de Jacques.

As moças sempre se conformam,
pensa a professora, sempre ficam e
seguem vivendo mesmo assim,
felizes sem dúvida, ou não; tornam-
se progressivamente incapazes de

perceber a diferença. No fim das
contas, claro, é mais simples assim.

Renunciar.

E no entanto... no entanto...

aquela sensação se incrusta em
Stéphanie, muito tenaz, insistente: a
sensação de que o que ela sente é
único. Inédito. Diferente.

Duas taças de sorvete de frutas
cremoso decoradas com folhas de
hortelã aterrissam na sua frente.

Jacques se cala outra vez. Stéphanie
decidiu que vai falar depois da
sobremesa. Pensando bem, ir jantar
no L'Esquisse Normande não foi
uma boa ideia. Aquela espera

sinistra

parece

se

estender

longamente, como que filmada em
câmera lenta. Jacques deve estar
pensando em outra coisa, na
detenção, na prisão, no inspetor
Sérénac. Deve estar ruminando sua
vergonha. E com razão.

Será que ele desconfia? Sim,
deve desconfiar. Jacques a conhece
muito bem.

Stéphanie devora o sorvete de maçã
com ruibarbo. Precisa de força. De
muita força. Será ela um monstro tão
grande que não é sequer capaz de
esperar outra noite?

Jacques acabou de sair da
prisão, está abalado, humilhado
como nunca.

Por que lhe dizer nesta noite?

Para mergulhar na sua brecha;

para

se

esgueirar,

meio

envergonhada, até o campo de

batalha,

entre

os

cadáveres;

aproveitar que a casa está pegando

fogo para salvar a própria pele. Será

ela a esposa mais sádica que existe?

Precisa de força.

Seus pensamentos se voltam

para Laurenç, claro. A cumplicidade

perfeita tão esperada. Será aquilo

um engodo, aquela certeza quase

instantânea de que aquele que está

na sua frente era quem você

precisava encontrar, que vai ser

feliz com ele e com mais ninguém,

que somente os seus braços podem
protegê-la, somente a sua voz pode
fazê-la vibrar, somente o seu riso
pode fazê-la esquecer tudo, somente
o seu sexo pode fazê-la gozar tanto
assim?

Será essa certeza mais uma das
armadilhas da vida?

Não.

Ela sabe que não.

Ela se atira.

O mergulho no vazio.

O desconhecido.

A queda sem fim, como em
Alice, de Lewis Carroll. Fechar os
olhos e acreditar no país das
maravilhas.

– Jacques, vou deixar você.

DÉCIMO SEGUNDO

DIA

24 de maio de 2010, Museu de
Vernon

Desvario

62

AS RIQUEZAS DO MUSEU de Vernon são muito subestimadas, sem dúvida alguma devido à sombra sufocante das de Giverny. A inauguração do Museu dos Impressionistas, em 2009, não ajudou em nada. Por minha parte, prefiro de longe a calma desta suntuosa construção normanda situada no cais do Sena, em Vernon, ao tumulto dos museus da Rue Claude-Monet. Questão de idade, dirão vocês. Depois de atravessar com dificuldade o pátio calçado de pedras, ofego no corredor e chego à entrada curvada sobre a bengala.

Ergo os olhos. O famoso *tondo* de Claude Monet reina no hall de entrada. Foi posicionado deste modo evidente na ocasião da operação “Normandia impressionista”: é um *Ninfeias*, um quadro redondo com quase 1 metro de diâmetro. Com sua moldura dourada um pouco *démodé*, é como se fosse um espelho de vovó. Parece que é um dos três *tondi* de Monet expostos no mundo! Foi doado ao Museu de Vernon pelo próprio artista em 1925, um ano antes de morrer.

Uma classe absurda, não?

Imaginem! Vernon não cabe em si de tanto orgulho. É o único museu do Eure a possuir uma tela de Monet, e não qualquer tela. Ainda que a moldura do *tondo* seja meio *kitsch*, desafio qualquer um a não

ser atraído por seus matizes claros
de leite e giz, como uma escotilha a
se abrir para um Éden em tons
pastel. Quando penso nos turistas se
extasiando feito ovelhas no vilarejo
ao lado e se exibindo diante de
reproduções...

Enfim,

não

vou

ficar

reclamando.

Se

as

multidões

resolvessem vir também para cá,
para Vernon, seria a primeira a ficar
contrariada. Avanço alguns passos
pelas lajotas de terracota do
corredor. Pascal Poussin passa por

mim depressa; reconheço na mesma hora o diretor do museu. Dizem que é um dos maiores especialistas da França em Monet e nas *Ninfeias*, ao lado do eterno Achille Guillotin, o cara do Museu de Rouen. Li em algum lugar que é um dos pilares da operação

“Normandia

impressionista”. Um dos grandes... literalmente. Mas, enfim, vocês não são obrigados a sorrir.

Poussin me cumprimenta sem diminuir o passo. Sem dúvida se lembra vagamente do meu rosto; caso se concentrasse, faria a ligação entre essa velha com quem cruza agora e aquela que em tempos idos vinha conversar com ele sobre as *Ninfeias*.

Faz muito tempo.

– Não quero ser incomodado! –

lança

Pascal

Poussin

para

a

secretária na recepção. – Tenho

reunião com dois policiais da

delegacia de Vernon. Não vou

demorar muito.

O diretor para e inspeciona o

corredor de seu museu como se

fosse um autômato. No chão,

joaninhas pintadas indicam o trajeto

pelas salas. Ao pé da escada,

esculturas disformes se amontoam

por falta de outro espaço. Pascal

Poussin franze a testa, irritado, em

seguida fecha atrás de si a porta de

sua sala. Pelo vidro da entrada,
observo em frente ao museu a Tiger
Triumph T100 do inspetor Sérénac.

A moto está estacionada nas pedras
do calçamento do pátio interno.

Decididamente,

o

mundo

das

Ninfeias é pequeno, do tamanho de
um laguinho.

Suspiro. Vou fazer como os
outros: vou seguir as joaninhas do
chão. A arqueologia da região, tema
de todo o andar térreo do museu, me
entedia. Observo a escada que
conduz aos andares superiores, onde
estão expostas as coleções dos
paisagistas

e

dos

artistas

contemporâneos.

A

escadaria

monumental é outro orgulho do

museu; é preciso dizer que não falta

nenhum elemento. Esculturas de

mármore do tipo cavalos empinados

e arqueiros de tiro armado estão

dispostas aleatoriamente, a cada

quatro degraus, abaixo de imensos

retratos

de

arquidukes,

condestáveis e príncipes esquecidos

que ninguém iria querer ter em casa.

Fico preocupada. Eles têm tanto

orgulho daquela escada naquele

museu do esquecimento que talvez o

elevador nem funcione.

63

ENQUANTO

PASCAL

POUSSIN

EXAMINA com atenção cada ângulo da caixa de tintas Winsor & Newton, Sérénac e Bénavides espiam seus mínimos gestos. Tendo em vista o ponto morto em que se encontram na investição, estão mobilizando todos os especialistas possíveis. Pascal Poussin lhes foi apresentado como o outro especialista obrigatório de tudo o que diz respeito à pintura impressionista, em

especial na Normandia. O diretor do
museu fez o tipo homem ocupado,
mas mesmo assim aceitou dedicar
alguns
minutos
à
polícia.

O
personagem
na
sua
frente
corresponde exatamente ao perfil
que Bénavides tinha imaginado ao
telefone: alto, esbelto, terno cinza e
gravata em tom pastel; o tipo de
executivo da arte que vai acabar
diretor do Louvre... Nada menos
que isso!

– Um belo objeto, senhores. Uma

peça bem conservada, mas que tem uma boa centena de anos. Não vale nenhuma fortuna, longe disso, mas poderia interessar colecionadores.

Corresponde ao modelo que deviam usar os pintores americanos no início do século, mas desde então Winsor & Newton, a marca do dragão,

tornou-se referência

mundial. Qualquer pintor um pouco esnobe ou nostálgico sonha em guardar seus pincéis numa delas.

Bénavides e Sérénac estão acomodados em duas poltronas de época estofadas de veludo

vermelho, menos confortáveis do
que seu brilho poderia fazer
imaginar. Os pés de madeira
laqueada de preto ameaçam ceder ao
mais leve movimento em falso.

– Monsieur Poussin, o senhor
acha que ainda poderia haver telas
de Monet no mercado? – pergunta
Laurenç Sérénac. – Alguma *Ninfeia*,
em especial?

O diretor do museu já largou a
caixa.

– O que está querendo dizer
exatamente, inspetor?

– Bem, por exemplo, seria
possível imaginar que um morador
da região de Vernon pode ter sido
beneficiário de um quadro doado
por Monet? Por que não uma das

272 *Ninfeias*?

A resposta é rápida:

– Quando Claude Monet foi morar em Giverny, já era um pintor célebre. Todas as suas obras já pertenciam ao patrimônio nacional. Monet raramente doava quadros, que valiam uma pequena fortuna.

Com todos os seus dentes brancos, especifica:

– Ele abriu uma raríssima exceção no caso do Museu de Vernon. Aliás, é por isso que o *no s s o tondo* tem um valor tão excepcional.

A resposta parece satisfazer Sérénac. Mas não Sylvio Bénavides, que torna a pensar nos comentários exaltados do curador do Museu de Belas-Artes de Rouen.

– Me desculpe insistir, mas

Monet
teve
de
negociar
constantemente com seus vizinhos
moradores de Giverny para construir
seu
laguinho
e
conservar
as
paisagens da forma como queria
pintá-las. Seria impossível pensar
que ele possa ter comprado o acordo
de algum deles... em troca da
promessa de uma tela?

Poussin não esconde a irritação.

Consulta o relógio de pulso de modo
ostensivo.

– Escute, inspetor. O período

impressionista não é a pré-história!

No início do século havia jornais,
registros em cartório, prestações de
contas dos conselhos municipais...

Todos esses documentos foram
examinados

por

dezenas

de

historiadores da arte. Nenhuma,
absolutamente nenhuma troca desse
tipo jamais foi descoberta. Dito
isso, cada um sempre pode pensar o
que quiser!

O diretor faz menção de se
levantar. Essa pressa para abreviar
a conversa quase poderia acabar
irritando Bénavides. Ele aguarda em
vão ser socorrido por Laurenç
Sérénac.

– E um roubo? – indaga.

Pascal Poussin dá um suspiro.

– Não estou entendendo aonde o senhor quer chegar. Claude Monet foi um homem organizado e lúcido até o fim da vida. Seus quadros eram identificados, classificados, anotados. Depois que ele morreu, seu filho Michel nunca declarou a falta de uma tela sequer.

Os dedos do diretor do museu fazem uma dancinha nervosa sobre a caixa de tintas.

– Inspetor, se os senhores não são capazes de solucionar um crime ocorrido há uma semana, duvido que consigam encontrar a explicação para um roubo hipotético que teria acontecido antes de 1926.

Gancho de direita. Bénavides

absorve o golpe. É a vez de Sérénac

subir ao ringue:

– Monsieur Poussin... Imagino

que o senhor já tenha ouvido falar na

Fundação Theodore Robinson.

O diretor do museu parece

desconcertado por um instante pela

chegada desse reforço. Torce o nó

da gravata.

– Claro. É uma das três ou

quatro principais fundações de

promoção da arte no mundo.

– E qual é sua opinião a

respeito?

– Como assim, minha opinião?

– O senhor já lidou com essa

fundação?

– É claro que sim. Que pergunta!

A Fundação Robinson é uma parada

obrigatória para tudo o que tenha a ver com o Impressionismo. Os três “pro”, como diz o seu slogan: prospecção, proteção, promoção.

Bénavides meneia a cabeça.

Poussin continua:

– Um bom terço das telas que um dia foram expostas mundo afora deve ter passado por essa fundação.

Uma instituição dessas não dá importância alguma para o Museu de Vernon, como os senhores podem imaginar, apenas para operações de maior envergadura. Por exemplo, quinze dias atrás estive em Tóquio para a exposição internacional “Montanhas e trilhas sagradas”.

Quem era o principal patrocinador?

– A Fundação Robinson – diz Sérénac, como quem responde à

pergunta de um quiz na TV. – Essa
fundação é meio um polvo, não?
O diretor do museu sufoca com a
gravata.

– Como assim, “polvo”?

Quem prossegue é Bénavides:

– Bom, alguém que não entende
muito de pintura pode ter a
impressão de que essa fundação,
pela qual passam milhões, se
interessa
mais
pelos
negócios
lucrativos do que pela defesa nobre
e desinteressada da arte.

Bénavides se empertiga e sorri
com uma expressão fingida de
ingenuidade. Constata com prazer
que a parceria que forma com

Sérénac está ficando mais afiada,
como parceiros no tênis que
adquirem mais experiência. Vencer
pela insistência. Pascal Poussin
começa a perder a tranquilidade.
Olha de relance para o relógio e
responde com irritação:

– Bom, para alguém como eu,
que entende de pintura, a Fundação

Theodore

Robinson

é

uma

instituição antiga e respeitável que

não apenas soube se adaptar de

modo

notável

ao

mercado

internacional de arte, como também

sempre conservou sua ambição original, ou seja, a prospecção de novos talentos, e isso desde a mais tenra idade.

– Está se referindo ao Desafio

Jovens Pintores? – interrompe

Sérénac.

– Entre outras coisas. O senhor não faz ideia de quantos talentos hoje em dia reconhecidos no mundo foram descobertos pela fundação!

– E assim o círculo se fecha –

conclui Sérénac. – Para resumir, a Fundação Robinson domina tanto

sua

poupança

quanto

seus

investimentos.

– Exato, inspetor. Algum mal

nisso?

Sérénac e Bénavides aquiescem em um movimento de sincronia perfeita. Poussin torna a consultar o relógio e se levanta.

– Bem – diz ele, e estende a caixa de tintas. – Como disse, inspetores, não pude fornecer grande coisa que os senhores já não soubessem.

É agora! Sylvio Bénavides tenta disparar sua última flecha:

–

Uma
última
pergunta.

Monsieur Poussin, o senhor poderia nos falar sobre as *Ninfeias* negras?

O último quadro que Monet teria pintado poucos dias antes de morrer.

Que refletia as cores da sua própria

morte.

Pascal Poussin o encara com
uma expressão desolada, como quem
escuta uma criança contar que viu
duendes no jardim.

– Inspetor, a arte não é uma
questão de contos e lendas. A arte se
tornou um negócio, simples assim.

Esse boato sobre um autorretrato

fúnebre

não

tem

o

menor

fundamento, não existe um indício

sequer que ateste a sua existência, a

não ser a imaginação de alguns

fanáticos que também acreditam no

fantasma

que

assombra

os

corredores do Louvre ou que a

verdadeira

Mona

Lisa

está

escondida na Agulha Oca de Étretat!

Em cheio no queixo! Bénavides

fica tonto. Sérénac hesita por um

segundo quanto a ficar quieto atrás

das cordas. Paciência, acaba se

lançando no ringue:

– Imagino que a presença nos

ateliês e na casa de Monet de várias

dezenas de telas de grandes mestres,

adormecidas em meio à poeira dos

sótãos ou dos armários, também seja

uma lenda de vilarejo.

Os olhos de Pascal Poussin

adquirem um brilho estranho, como se Sérénac houvesse profanado um segredo perigoso.

– Quem lhe contou isso?

– O senhor não respondeu à minha pergunta, monsieur Poussin.

– Não, é verdade. A casa e os

ateliês

de

Monet

são

locais

privados. Ainda que os tenha

visitado

muitas

vezes

como

especialista, o senhor há de entender

facilmente que uma resposta à sua

pergunta entra no âmbito do sigilo

profissional.

Por

outro

lado,

permita-me insistir também: quem

lhe contou uma coisa dessas?

Sérénac sorri com todos os

dentes.

– Monsieur Poussin, o senhor há

de entender facilmente que isso

também pertence ao âmbito do sigilo

profissional.

Um silêncio pesado se abate

sobre o recinto por alguns segundos.

Os dois inspetores acabam se

levantando e as poltronas de época

gemem

de alívio. O diretor do

museu os acompanha até a porta com

uma atenção apressada e a fecha

depois que eles saem.

– O diretor não é de falar muito –
comenta Bénavides no corredor,
erguendo os olhos para o *tondo* das
Ninfeias.

– Mais para apressado, eu
acrescentaria. Ora, Sylvio, não me
leve a mal pelo que vou dizer, mas
você parece ter evoluído bastante
em relação aos conhecimentos
artísticos... Parece que seus focos
de interesse não se resumem mais
apenas às churrasqueiras.

Bénavides opta por considerar
isso um elogio.

– Estou me documentando, chefe.

Tentando

cruzar

minhas

informações, obtidas das melhores

fontes. Mas nem por isso a situação está mais clara. Pelo contrário!

Eles saem e vão andando pelo
pátio de pedras do museu. Diante
deles, algumas balsas sobem o Sena.

Na margem direita, a estranha casa
da Ponte Velha, equilibrada há
séculos acima do rio entre dois
pilares abandonados, parece prestes
a desabar na água cinzenta.

– Você ainda tem aquele seu
papel com as três colunas? –
pergunta Sérénac.

Sylvio enrubesce e tira do bolso
uma folha.

– Ahn, chefe, ontem à noite tentei
outra coisa, outro jeito de encadear todos os indícios. É só um
rascunho,

mas...

– Me mostre isso aí! – ordena
Sérénac.

O inspetor mal dá tempo de o assistente desdobrar o papel antes de arrancá-lo das suas mãos. Baixa os olhos e descobre um triângulo rabiscado com diferentes nomes.

Perplexo, passa a mão pelos cabelos.

– Que diabo é isto, Sylvio? Esta porra de pirâmide?

– Eu... não sei – gagueja

Bénavides. – Só outro jeito de pensar o caso, talvez. Desde o início desta história toda, estamos diante de três séries de indícios que seguem em três direções diferentes: as *Ninfeias*, as amantes de Morval e as crianças. É um método, digamos, diferente para formalizar tudo. Por que não imaginar que quanto mais nos aproximamos do centro do

triângulo, maior o índice de culpa...

Sérénac se apoia no pedestal da
estátua que domina a entrada do
museu. Um cavalo de bronze.

– Formalizar tudo. Que loucura.

Você

acha

mesmo

que

vai

solucionar este caso com esta porra
de método cartesiano?

Sérénac pousa a mão suada na
anca de bronze do cavalo.

– Se entendi direito, então, no
centro você poria a Fundação

Theodore Robinson e aquela moça
de Boston, Aline Malétras. Tá... O

único problema é que o diretor do
museu acaba de esfriar seriamente a

pista de um caso no mundo da arte envolvendo *Ninfeias* ou qualquer outro quadro de Monet, mesmo pintado *ante mortem*.

– Eu sei. Apesar de tudo, achei aquela história de sigilo profissional meio esquisita.

– Eu também. Mas tenho ainda mais dificuldade para acreditar nessa história surrealista de dezenas de quadros impressionistas esquecidos desde a morte de Monet nos sótãos da casa rosa.

– Entendo. Em todo caso, o casal Dupain em princípio não tem nada a ver com as crianças nem com o tráfico de

obras

de

arte,

principalmente o marido. Pus os

dois num ponto cego. Assim como

Amadou Kandy.

Sérénac continua a observar o

desenho

com

espanto.

Sylvio

Bénavides expira aliviado com

discrição. Numa versão anterior do

triângulo, havia escrito o nome de

Laurenç Sérénac a meio caminho

entre o vértice "Amantes" e o

vértice "Ninfeias".

Sérénac levanta a cabeça de

repente e o encara de um jeito

estranho. Sylvio leva um dedo ao

seu triângulo.

– Resta a moça de jaleco azul, a que não foi identificada. No meu triângulo, eu a situo em algum lugar entre as amantes e as crianças.

– Essa sua história de criança está virando uma obsessão. Você é mesmo perseverante, Sylvio. Isso não se pode negar.

– Do que mais o senhor precisa, chefe? Um postal de aniversário escrito para uma criança de 11 anos com uma estranha citação de Aragon... E agora uma caligrafia de criança na caixa de tintas. Uma criança de 11 anos morta em 1937 segundo

o

mesmo

ritual

que

Morval...

Várias

amantes

de

Morval,

das

quais

uma,

não

identificada, poderia, por que não?,

ter tido com ele um filho de cerca de

10 anos, não reconhecido pelo pai...

– É... Em todo caso, não foi uma

criança de 11 anos que levantou a

pedra de 20 quilos que esmagou o

crânio de Morval. E o que você faz

com todos esses indícios?

– Não sei. Não consigo tirar da

cabeça que uma criança de Giverny

e s t á correndo perigo. Sei que é ridículo, não podemos isolar todas as crianças da cidade, mas...

Laurenç Sérénac lhe dá um tapinha afetuoso nas costas.

– Já falamos sobre isso: é a síndrome do homem “papai ou quase”. Aliás, nada ainda lá na maternidade?

– Nadinha. Estamos chegando ao final da gestação. Tenho tentado passar lá com a maior frequência possível, com uma pilha de revistas que Béatrice invariavelmente joga na minha cara. “Está tudo bem, é preciso aguardar, o colo não dilatou, está cedo demais para uma cesárea, é o bebê quem decide, o que mais vocês querem que eu diga?”: é esse o refrão das parteiras o dia inteiro.

– Vai voltar para lá agora?

– Vou, ora.

– Não tenho dúvida, Sylvio.

Todos os outros homens gastariam suas últimas noites de celibato com álcool, haxixe ou pôquer. Mas você não! Diga a Béatrice que mandei um beijo. Ela é uma moça legal, você a merece.

Passa a mão no ombro do assistente.

– Posso garantir que você é um dos últimos sábios deste planeta. Quanto a mim, vou voltar para o inferno.

Laurenç Sérénac confere o relógio: 16h25.

Põe o capacete e sobe na Triumph.

– Cada um com sua linha de

fuga...

Sylvio Bénavides observa seu

superior se afastar. Na hora em que a Triumph desaparece após a esquina das casas na beira do Sena, pensa se, no fim das contas, teve razão em riscar o nome de Laurenc Sérénac da lista de suspeitos.

64

NO PRIMEIRO ANDAR DO Museu de Vernon, a janela da sala 6 parece mais um quadro. A encosta da margem direita do Sena, que se pode adivinhar através da vidraça, prolonga de modo admirável as paisagens emolduradas de Pourville, o pôr do sol em Veules-les-Roses, o castelo Gaillard, a praça de Petit-

Andelys, o Sena em Rolleboise.

Quando a Tiger Triumph do inspetor Sérénac atravessa o quadro, confesso que isso destoa um pouco do cenário impressionista. Vejo a moto passar de uma margem a outra pela ponte de Vernon, dobrar à direita e margear o Sena em direção a Giverny, bem no ponto em que o meandro desaparece.

O inspetor idiota está voando em direção à sua bela, claro.

Imprudente. Inconsciente.

Entro em outra sala, a que tem as paredes revestidas de madeira: o gabinete de desenhos. Confesso que é a minha preferida! Com o tempo, quase acabei preferindo os desenhos de Steinlen aos quadros dos grandes mestres. Adoro essas caricaturas,

esses retratos de operários ou mendigos feitos de uma sarjeta, essas cenas de vida banais de gente anônima capturadas em pastel em poucos instantes. Não me apresso, demoro-me muito tempo em cada esboço, degusto cada traço de lápis como uma bala que se deixa derreter na língua. Como é a última vez, minha derradeira visita, meu adeus a Steinlen, mais vale saborear cada detalhe.

Depois que meu olhar se detém com emoção em cada desenho exposto, de acordo com um ritual de velha doida, coisa que sou há mais de cinquenta anos, sempre que subo ao primeiro andar do Museu de Vernon, paro em frente a *O Beijo*.

É claro que não estou me

referindo àquele abraço cheio de
paetês de Klimt, aquela espécie de
cartaz de perfume inebriante. Não.
Estou me referindo a *O Beijo*, de
Steinlen.

Trata-se de um simples esboço a
carvão, apenas alguns traços: um
homem, de costas, vestido com uma
roupa justa, músculos salientes,
estreita contra o peito uma mulher
completamente entregue. Ela está na
ponta dos pés e tem o rosto virado e
encostado no ombro dele; seu braço
tímido não se atreve a enlaçar a
cintura grossa.

Ele a quer. Ela se entrega,
incapaz de resistir.

Os

amantes

se

mostram

indiferentes às sombras que se agigantam ao fundo, como um sem-fim de ameaças.

É o desenho mais bonito de Steinlen. Podem acreditar. É essa a verdadeira obra-prima do Museu de Vernon.

65

NA RUE CLAUDE-MLAUDE-MONET,

NA hora do fim das aulas, a Tiger Triumph provoca um furor entre as crianças. As que estão correndo diminuem o passo ao ver a moto e viram a cabeça, impressionadas.

Têm entre 5 e 12 anos de idade. É o que diria Laurenç Sérénac. Não pode evitar pensar nas hipóteses de Sylvio Bénavides, naquela história de criança em perigo. Os rostos

desfilam diante dele. Uma dezena,

vinte

talvez.

Sorridentes.

Descontraídos.

Qual

daquelas

crianças seria preciso interrogar?

Qual

dos

meninos,

qual

das

meninas? Para perguntar o quê? Para

revelar um bem guardado segredo de

família?

Para

procurar

uma

semelhança, um ponto em comum

com Jérôme Morval? Por onde
começar?

O

inspetor

Laurenç

Sérénac

estaciona sua Tiger Triumph T100
debaixo da tília que oferece mais
sombra. Netuno dorme ao pé da
árvore, como se a vigiasse. Levanta-
se com preguiça para pedir um
carinho, que o inspetor não recusa.

Quando Laurenç entra na sala,
Stéphanie está de costas para ele.

Está levemente curvada, ocupada
arrumando papéis em caixas de
madeira. Sérénac não diz nada.

Hesita. Sua respiração se acelera.

Será que ela o escutou? Será que
está bancando a indiferente? Ele

avança mais um pouco e leva as
mãos aos quadris da professora.

Stéphanie estremece. Não diz
nada. Nem seu corpo nem sua
cabeça se viram. Ela não precisa
disso; já o reconheceu.

Pelo barulho do motor?

Pelo simples cheiro?

Contenta-se em pousar as mãos
espalmadas sobre o púlpito de
madeira à sua frente. As mãos do
inspetor seguram com mais força a
cintura fina da professora. Seu corpo
chega ainda mais perto; ele sente o
hálito da jovem. Não consegue
desgrudar os olhos das finas gotas
de suor que brotam entre a orelha e
o pescoço.

Suas mãos vão subindo. Uma
delas desliza pelas costas curvadas,

enquanto a outra se aventura,
espalmada,
pela
barriga
de
Stéphanie,
acompanhando
sua
respiração curta. As duas mãos
sobem mais. Quase se juntam ao
tocarem os seios da jovem. Os
dedos passam vários segundos
alisando aquelas formas pesadas,
como se quisessem memorizar seu
contorno, antes de se fechar em
torno delas.

O rosto de Laurenç vai se colar
ao perfil úmido da professora. Uma
orelha e uma nuca, ambas úmidas.
Os dois agora formam uma coisa só.

O jeans do inspetor está colado ao vestido de linho de Stéphanie.

Esticado de desejo. Ela está sem ar.

Os dois passam muito tempo desse jeito. Apenas as mãos dele estão vivas e, sem se darem sequer ao trabalho de se introduzir entre o tecido e a pele, continuam a massagear o busto dela.

Stéphanie inclina a cabeça, só um pouco, o suficiente para a de Laurent deslizar até sua boca. E murmura, sussurra mais do que diz:

– Estou livre, Laurenç. Estou livre. Me leve embora.

Devagar, as mãos do inspetor tornam a descer, se abrem, se estendem como que para não esquecer nenhum milímetro de pele.

Chegam à cintura, mas não se detêm,

e continuam a descer.

Por um segundo, um segundo apenas, o corpo curvado de Laurenc se afasta do de Stéphanie. Apenas tempo suficiente para as duas mãos ávidas segurarem a saia do vestido e a levantarem até a cintura, antes de o seu quadril esmagar outra vez a base das costas da professora, prendendo o pano amarfanhado entre os dois corpos e dando às mãos de Laurenc total desenvoltura para acariciar as coxas nuas e afastá-las delicadamente.

– Me leve embora, Laurenc – murmura de novo a voz trêmula de Stéphanie. – Estou livre. Me leve

embora.

– E aí? – pergunta Paul a Fanette. –

O que ela disse?

Fanette fecha atrás de si a porta da sala na escola. Tem o semblante lívido. Paul imagina que isso não seja bom sinal.

– Ué, nem demorou. O que foi

que

a

professora

disse?

Ela

acreditou quando você falou de James? Não deu bronca em você, deu?

Nenhuma resposta.

Paul nunca tinha visto tamanha aflição no rosto de Fanette. De repente, sem nem mesmo lhe dirigir

a palavra, ela foge correndo. Netuno se levanta bruscamente de baixo de sua tília e sai galopando ao lado dela.

Paul hesita em fazer o mesmo.

Antes de Fanette desaparecer, ele grita:

– Você falou com ela?

– Nãããão...

É a única palavra pronunciada pela menina, em meio a uma enxurrada de lágrimas que bastaria para inundar o declive da Rue Blanche-Hoschedé-Monet.

66

O ÔNIBUS DO CONSELHO geral deixa o delegado Laurentin na praça central de Lyons-la-Forêt. Durante todo o trajeto, o para-brisa do veículo proporcionou ao delegado

uma vista panorâmica da fascinante floresta que cerca a cidade, depois da sequência de casas normandas de enxaimel que conferem ao lugar uma nostalgia de século passado, como se o vilarejo só tivesse sido conservado daquele jeito para servir de locação às adaptações das novelas de Maupassant ou dos romances de Flaubert.

O olhar do comissário Laurentin se detém por um instante no chafariz da praça central, bem ao lado do imponente mercado. O belo chafariz de pedra não parece ter a idade que tem. E com razão: foi inteiramente construído uns vinte anos antes para as filmagens do longa de Chabrol sobre Emma Bovary.

O chafariz é falso! De mentira!

Mesmo assim, o delegado não pode evitar fazer a associação entre o destino trágico de Emma Bovary, aquele sentimento de tédio banal, aquela impressão de outra vida possível que lhe estaria sendo negada, e todas as informações que recolheu nos últimos dias sobre Stéphanie Dupain. Enquanto se afasta da praça central do vilarejo, o delegado Laurentin chama a si mesmo de volta à realidade. Essa comparação é ridícula; ele já passou da idade das elucubrações românticas. O delegado Laurentin avança a bom ritmo. A casa de repouso Les Jardins fica um pouco

acima de Lyons, e chega-se até lá
por um aclive acentuado que
margeia a floresta.

O linóleo azul do hall de entrada
brilha como se fosse escovado a
cada hora. A maioria dos internos
passa o fim de tarde, e sem dúvida o
resto do tempo, em uma grande sala
à sua esquerda. Uma imensa tela de
plasma parece ligada dia e noite
diante de uns trinta residentes
imóveis.

Adormecidos. Perdidos
nos próprios pensamentos. Os mais
ativos mastigam sem energia os
biscoitos de um lanche servido há
uma hora, antes da refeição da noite.

Uma ode à lentidão.

Uma enfermeira meio gordinha
atravessa o recinto com a mesma

elasticidade de um gerente de loja
de porcelana e vem na sua direção.

– Pois não?

– Delegado Laurentin. Liguei
hoje de manhã. Gostaria de falar
com Louise Rosalba.

A enfermeira sorri. Um pequeno
broche dourado informa seu nome:
Sophie.

– Sim, estou lembrada. Louise
Rosalba já foi avisada. Está
esperando o senhor. Faz alguns anos
que Louise tem muita dificuldade
para se expressar, mas não se deixe
enganar: ainda tem uma cabeça
ótima e entende perfeitamente tudo o
que se pergunta. Quarto 117. Não
seja muito brusco, delegado...

Louise tem 102 anos e faz muito
tempo que não recebe uma visita.

O delegado empurra a porta do quarto 117. Louise Rosalba está virada de perfil, observando o estacionamento de sua janela.

Observando fixamente. Um Audi 80 para, um casal salta do carro. A mulher traz na mão um buquê de flores e duas crianças pequenas tagarelam enquanto fecham a porta. Laurentin tem a impressão de que o fluxo de visitas para os outros internos dita o ritmo do cotidiano da centenária.

– Louise Rosalba?

A velha mulher vira o rosto enrugado. Laurentin sorri.

– Sou o delegado Laurentin. A

enfermeira Sophie deve ter lhe
falado sobre a minha visita hoje de
manhã. Eu... eu sinto muito, vim
recorrer
às
suas
lembranças.

Lembranças muito antigas, e sem
dúvida nada agradáveis. Vim lhe
falar sobre a morte de seu filho, seu
filho único Albert. Foi em... 1937.

As mãos que parecem uma renda
tremem entre as dobras da manta
pousada sobre os joelhos de Louise.

Os olhos claros ficam úmidos. Ela
abre a boca, mas nenhum som sai.

Nas paredes não há nenhum
crucifixo pendurado, nenhuma foto
de netos em traje de batismo ou de
primeira comunhão, nenhum cortejo

matrimonial. As paredes nuas estão decoradas apenas com a bela reprodução de uma tela de Monet, *Senhorita com sombrinha*: uma elegante mãe de família passeia com o filho num campo onde explode o vermelho de uma chuva de papoulas, em algum lugar nos arredores de Argenteuil.

– Eu... – continua o delegado

Laurentin

–...

tenho

perguntas

específicas a lhe fazer. Não se

afobe, vou... vou ajudar sua

memória.

O delegado se abaixa e tira da

bolsa uma fotografia escolar em

preto e branco: "Escola de Giverny

– 1936-1937”.

Ele deposita a imagem sobre os joelhos de Louise. Os olhos da centenária parecem fascinados pela reprodução.

– Este era Albert? – pergunta o delegado, apontando para o menino sentado na segunda fileira. – Era este aqui mesmo?

Louise confirma com um meneio de cabeça.

Algumas lágrimas

pingam na fotografia, como se houvesse começado a chover no pátio da escola, mas as crianças, obedientes, não se atrevessem a mexer nem o dedo mindinho, pacientes diante da lente de um

fotógrafo meticoloso.

– A senhora nunca acreditou que tivesse sido acidente? É isso mesmo?

– N... não – articula Louise.

Ela

engole

em

seco

demoradamente.

– Ele não... não estava sozinho.

Não estava sozinho... perto do... do rio.

O delegado tenta controlar a agitação interna. Torna a pensar nos conselhos da enfermeira: não forçar Louise!

– A senhora sabe quem estava com o seu filho?

Louise aquiesce suavemente.

Uma
tensão
extrema
parece
preencher o espaço do minúsculo
quarto, como se abrir o baú
daquelas
velhas
lembranças
liberasse um gás inflamável capaz
de fazer o cômodo explodir ao
primeiro descuido. A voz do
delegado se faz mais hesitante:
– Foi... foi essa pessoa, a que
estava com Albert perto do regato,
foi ela quem matou seu filho?
Louise se concentra nas palavras
pronunciadas
pelo
delegado

e

aquiesce outra vez. Um movimento lento do pescoço, inequívoco.

– Por que a senhora não disse nada? Por que não a acusou na época?

Agora chove a cântaros no pátio da escola de Giverny. O papel começa a se envergar. As crianças da turma, ainda obedientes como santinhos, não se movem.

–

Nin...

ninguém...

ac...

acreditava em mim... nem... nem o meu mar... marido.

A centenária parece ter feito um esforço desmedido para pronunciar essas poucas palavras. A pele

flácida que pende abaixo do seu
pescoço treme feito o papo de uma
ave
doméstica.

O
delegado
Laurentin
entende
que
precisa
poupá-la, fazer as perguntas e
sugerir as respostas, para que ela só
precise confirmar ou negar as
hipóteses que ele lhe apresentar,
com um gesto ou uma sílaba.

– E depois disso vocês se
mudaram? Não dava mais para ficar
lá... Depois seu marido morreu. A
senhora ficou sozinha?

Louise move a cabeça devagar

para dizer sim. O delegado se
inclina em direção à centenária, tira
um lenço do bolso e enxuga com
delicadeza a fotografia escolar.

– E depois? – prossegue

Laurentin com uma voz que a duras
penas

consegue

disfarçar

sua

emoção. – Essa pessoa, a que estava
com seu filho na beira do rio... Essa
pessoa depois cometeu outro crime,
foi isso? Ou vários, talvez? Essa
pessoa tornou a matar? Vai matar
outra vez?

De repente, Louise Rosalba

parece respirar melhor, como se o
delegado houvesse acabado de lhe
tirar um peso que lhe comprimia o

peito havia uma eternidade.

Ela faz que sim com a cabeça.

Meu Deus...

Arrepios percorrem os braços
do delegado Laurentin. Para ele

tampouco

aquelas

bruscas

acelerações

cardíacas

são

recomendadas, mas no presente
momento não está nem aí para os
conselhos do cardiologista. Tudo o
que importa são aquelas revelações
estorrecedoras

enterradas

na

memória de uma mulher há quase 75
anos. Ele aproxima a foto um pouco

mais dos dedos de Louise.

– Essa... essa pessoa de quem estamos falando, ela também está sentada nos bancos da escola, não é?

A senhora poderia... poderia me mostrar quem é?

Os dedos de Louise tremem ainda mais. Laurentin pousa com delicadeza a palma da mão no pulso da centenária, tomando cuidado para não acentuar a pressão, para não a dirigir nem para um lado nem para outro. Os dedos enrugados se deslocam sobre a foto escolar e então, lentamente, seu indicador encosta em um rosto.

O delegado sente o coração se acelerar.

Meu Deus, meu Deus...

Uma imensa onda de calor o

envolve. Aperta com mais força
ainda a mão de Louise. Seu coração
desembesta, ele precisa se acalmar.

– Obrigado. Obrigado.

Laurentin respira devagar e a
empolgação arrefece um pouco. O
delegado se deixa invadir por um
sentimento estranho: a contradição
entre a dimensão irracional daquela
revelação,
daquele
testemunho,
daquela acusação, e sua lógica no
entanto implacável. Ele agora sabe
quem assassinou o pequeno Albert
Rosalba. Consequentemente, sabe
também quem matou Jérôme Morval.
Quem e por quê.
Seu coração retoma aos poucos
o ritmo normal, mas ele não

consegue afastar aquela satisfação
derrisória, aquele orgulho inútil de
ter enfim a prova de que não estava
errado, de que não se deixou
enganar.

De ter razão antes dos outros.

Seu olhar se perde pela janela,
para além do estacionamento, na
direção da floresta escura da qual se
distingue o limiar.

O que fazer agora?

Voltar para Giverny?

Voltar

para

Giverny

e

reencontrar

Stéphanie

Dupain?

Antes que seja tarde demais?

Basta esse último pensamento
para seu coração recomeçar a bater
feito um louco. Seu cardiologista
ficaria uma fera.

67

22H53. ESTOU OLHANDO PARA a lua.

Vista da janela da torre do
moinho de Chennevières, ela parece
imensa, quase ao alcance da mão.
Podem ficar tranquilos, não
estou maluca. Não se trata de uma
ilusão de ótica. Falaram sobre isso
na rádio France Bleu Haute-
Normandie e até na televisão
regional; explicaram que a lua cheia
de hoje é a maior do ano. Que está
no perigeu, foi o que disseram. Ou
seja, pelo que entendi, hoje à noite a
Lua está no ponto mais próximo da
Terra. De tudo o que foi explicado,

absorvi que a Lua não tem uma órbita circular em volta da Terra, mas sim elíptica. Existe, portanto, um dia em que a Lua está mais distante do nosso planeta e um dia em que está mais próxima.

É hoje à noite! Segundo eles, a olho nu, vista da Terra, a Lua fica maior. É o que afirmaram logo depois da previsão do tempo, quando estavam falando sobre o santo do dia. O perigeu. Uma vez por ano.

A claridade da noite banha os telhados de Giverny com uma atmosfera estranha. Um artista motivado quase poderia montar seu cavalete e passar a noite inteira pintando, sem luz artificial. Quantos somos, neste mesmo instante, a

observar o mesmo luar? Quantos
escutaram o rádio, assistiram à TV e
obedeceram? Um espetáculo que não
se deve perder, pelo que disseram.

Milhares de pessoas, dezenas de
milhares, decerto.

Decididamente, estou bastante
nostálgica hoje. Depois da minha
peregrinação ao Museu de Vernon,
eis que passo a noite debaixo da
minha janela. Neste ritmo, não vou
aguentar muito tempo.

Dito isso, não é essa minha
intenção.

Acreditem,

é

um

verdadeiro privilégio poder saber a
data do fim, e poder assim saborear
as últimas horas, a última noite, a

última lua.

Amanhã

vai

estar

tudo

terminado.

Já está decidido. Falta apenas

escolher o método.

Veneno? Arma branca? Arma de

fogo? Afogamento? Asfixia?

Possibilidades não faltam.

Nem

coragem.

Tampouco

determinação. Ou motivação.

Continuo observando o vilarejo

adormecido. Os postes e as últimas

janelas iluminadas, em meio à noite

pálida, me lembram as flores

amarelas

das

minhas *Ninfeias*

negras, como inúmeros faróis frágeis
perdidos em um oceano de trevas.

A

polícia

fracassou,

não

entendeu nada. Pior para eles.

Amanhã à noite tudo vai acabar
com um último cadáver, como um
parêntese que se fecha de forma
definitiva.

Ponto final.

É a primeira vez que Fanette
contempla uma lua tão grande assim.

Parece um planeta ou uma espécie
de disco voador que vai pousar ali,
no meio das árvores, na encosta do
morro. Sua professora tinha razão

quando lhes disse para ficarem acordados até tarde. Ela explicou a elipse, o perigeu, fez desenhos complicados no quadro, com flechas e números.

Fanette não sabe as horas, mas parece-lhe que devem ser pelo menos onze da noite. Vincent voltou para casa faz uma hora mais ou menos, pelos seus cálculos.

Achei que fosse passar a noite debaixo da minha janela, me escutando, sem querer largar a minha mão.

Foi embora, finalmente.

Ufa!

Fanette queria ficar sozinha, sozinha com aquela lua gigante, como se fosse uma irmã mais velha.

Uma irmã mais velha que mora

longe e que vai convidá-la para uma visita à sua casa.

Nesta noite, Fanette acabou de pintar seu quadro. Em geral, não gosta de se gabar, no fundo não acredita muito quando todo mundo lhe diz que o que ela desenha é genial, mas desta vez... Sim, sim, para a lua ela pode dizer: está orgulhosa das cores que depositou na tela, daquele movimento da água do regato atravessando o quadro, das linhas de fuga que seguem em vários sentidos. Tinha tudo na cabeça havia muito tempo, mas jamais teria se achado capaz de traduzir isso em pintura. Escondeu o quadro debaixo do lavadouro. No dia seguinte Paul vai buscá-lo e entregá-lo para a professora.

Posso confiar em Paul. Só em Paul. De jeito nenhum nos outros, no pretensioso Camille, na deduro Mary, nem em Vincent...

Vincent. O cachorrinho que não larga do meu pé.

De jeito nenhum em mamãe, tampouco. Ela anda me vigiando ultimamente, me leva à escola de manhã e me deixa em frente à grade antes de subir para o casarão dos parisienses. Mesma coisa na saída. Como se estivesse me espionando! Acho isso estranho, às vezes. Como se mamãe tivesse medo de eu contar minha história para todo mundo.

James. Desaparecido. Morto.

Morto lá na plantação.

Como se tivesse medo de as

peessoas acharem sua filha louca.

James...

Fanette estende a mão. Tem a impressão de que, debruçando-se mais um pouco no peitoril da janela, poderia tocar as crateras da Lua, passar os dedos nos sulcos.

James...

Será que o inventei?

*Será que simplesmente não
encontrei lá na plantação alguns
pincéis esquecidos por um pintor,
algumas gotas de tinta na margem
do rio... Minha imaginação cuidou
do resto. Mamãe sempre diz que
vivo num mundo imaginário, que
invento
coisas,
deformo
a*

*realidade. Para torná-la como eu
gostaria que fosse.*

*Agora, quanto mais penso no
assunto, mais me parece que James
nunca existiu. Eu o inventei porque
precisava*

dele,

precisava

de

*alguém para me dizer que tinha
talento para a pintura, que devia
perseverar, que era um gênio, que
devia pensar em mim e seguir*

trabalhando,

trabalhando,

trabalhando nos meus quadros.

Ser egoísta.

*Mamãe nunca diz isso. James
falou tudo o que um pai deveria ter
me aconselhado, tudo o que eu*

queria que meu pai me dissesse.

Um pai artista. Um pai pintor.

Um pai que tivesse orgulho de mim.

Um pai que, um dia, do outro lado

do mundo, vai ler meu nome no

canto de um quadro exposto na

mais extraordinária das galerias e

que vai pensar apenas: "Eu a

reconheço, é minha filha. Minha

filhinha. A mais talentosa de

todas."

Fanette observa as fachadas das

casas escuras.

Não! Não! Não! Meu pai não é

um cara do vilarejo na casa de

quem minha mãe faz faxina. Um

gordo, feio e velho, que fede e sua.

Impossível.

Além do mais, não estou nem aí.

Não tenho pai. Inventei James

*no lugar do meu pai. Graças a ele,
pintei meu quadro, as minhas
Ninfeias. E amanhã elas vão ser
despachadas para o concurso. São
a minha garrafa lançada ao mar.
Amanhã.*

Fanette sorri.

Aquela lua imensa talvez seja
mais um bom presságio.

Amanhã é meu aniversário!

À luz da lua, o pátio da escola de Giverny adquire um tom prateado.

Uma lua desmedida. Stéphanie
tentou explicar esse fenômeno do
perigeu da elipse da Lua para as
crianças da turma com a ajuda de
alguns
desenhos
simples.

Recomendou

que

ficassem

acordadas até um pouco mais tarde do que o normal, para aproveitar o espetáculo. Anotou tudo no quadro, uma lua catorze por cento maior e trinta por cento mais luminosa.

A lua tem o mesmo formato

circular da janelinha redonda do seu quarto no forro, como se um pedaço

de janela tivesse se soltado e saído voando pelo céu. A Rue Blanche-Hoschedé-Monet está deserta. As

folhas das tílias na praça da

prefeitura dançam suavemente ao vento. Parece que uma chuva de prata caiu sobre o vilarejo.

Jacques está deitado ao seu lado

na cama. Sem precisar se virar,

Stéphanie sente que ele não está

dormindo. Sente que a observa, que não vai dizer nada, que vai respeitar

seu silêncio. A intimidade com Jacques se tornou para ela cada vez mais insuportável. Ele não mudou nenhum de seus hábitos. Os dois continuam a dormir juntos, nus e quase encostados, mesmo que

Jacques não tenha tentado tocá-la nem tentado reconquistá-la. Pelo menos não fisicamente.

Na véspera, os dois passaram horas conversando.

Com calma.

Jacques diz que entendeu, que vai tentar mudar.

Mudar o quê?

Stéphanie não o condena por nada. Ou simplesmente, talvez, por

ele não ser outro homem.

Jacques diz que vai virar outro
homem.

Ninguém vira outra pessoa.

Stéphanie sabe muito bem que essas
conversas não levam a nada. Sua
decisão está tomada. Ela vai deixá-
lo. Vai embora.

Jacques

é

um

homem

equilibrado. Com certeza acha que
ter paciência é o método certo para
fazer Stéphanie duvidar de si
mesma. Deixar a tempestade passar.

Esperar, ficar parado de guarda-
chuva na mão. Nunca se sabe...

Pronto para estender aquele grande
guarda-chuva para dois assim que

ela voltar.

Ele está enganado.

Stéphanie observa por muito tempo o pátio daquela escola onde leciona há anos, as amarelinhas desenhadas no asfalto do chão, o trepa-trepa. Na sua cabeça ecoam os gritos das crianças durante o recreio.

Stéphanie marcou um encontro com Laurenç no dia seguinte à tarde. Não no vilarejo, claro, não em frente à escola nem no regato. Mais longe, num lugar mais discreto. A ideia foi sua: a ilha das Urtigas, famosa campina na confluência do Epte com o Sena comprada por Claude Monet, onde ele guardava suas telas, onde atracava seu ateliê-barco. Um belo lugar isolado a pouco mais de 1

quilômetro de Giverny. Quanto mais ela pensa, mais se convence de que a ilha das Urtigas é uma boa ideia.

Laurenç vai saber apreciar a escolha. Laurenç tem um instinto surpreendente para tudo o que diz respeito à arte. Na casa de Monet, ele não sentiu na hora que o quadro de

Renoir, *A moça de chapéu*

branco, não era uma reprodução?

Mesmo que a razão o pressionasse a não admitir tal coisa, Laurenç pressentiu que aquilo era uma obra-prima autêntica. Como as dezenas de outras esquecidas na casa de Monet: Renoir, Pissarro, Sisley, Boudin... e *Ninfeias* desconhecidas também.

Meu Deus, se eles tivessem tempo, se fossem livres, Stéphanie gostaria

tanto de mostrá-las a Laurenç.

Compartilhar com ele uma emoção

dessas...

Jacques apagou a luz e virou de

lado, como se estivesse dormindo. O

lunar empresta ao quarto ares de gruta

feérica. Os olhos de Stéphanie

recaem sobre o criado-mudo, sobre

o livro que ali repousa.

Está no mesmo lugar.

Aureliano.

Louis Aragon.

Invariavelmente, aquela frase volta

para

assombrá-la. *O crime de*

sonhar eu consinto que seja

instaurado. A mensagem do postal

de aniversário encontrado no bolso

de Jérôme Morval.

O crime de sonhar...

Como se a frase houvesse sido
escrita para ela.

O crime de sonhar...

Todos aqueles que não leram os
versos seguintes, todos os que não
conhecem a continuação daquele
longo poema de Aragon, "Ninfeu",
estão errados. Não, é claro que
Aragon não condena os sonhos.

Que contrassenso!

Muito

pelo

contrário,

evidentemente o que o poeta está
exprimindo é a ideia oposta.

Ela recita baixinho aqueles
versos que ensina todos os anos às
crianças do vilarejo.

*O crime de sonhar eu consinto que
seja instaurado.*

*Se eu sonho, é com aquilo que
me proíbem.*

Vou me declarar culpado.

Gosto de estar errado.

*Aos olhos da razão o sonho é
um bandido.*

Stéphanie repete em silêncio os
quatro versos da estrofe, com o
mesmo fervor de uma prece profana
indecente.

*Se sonho, é com aquilo que me
proíbem...*

Sim, o sonho é algo fora da lei.

Sim, ser uma mulher cruel
agrada a Stéphanie.

Não, ela não tem remorso algum.

Sim, aos olhos da razão, seu
sonho é um crime.

Que amanhã Laurenç Sérénac a
tome nos braços, que eles façam

amor na ilha das Urtigas e que ele a leve embora, que a leve embora...

Amanhã.

DÉCIMO TERCEIRO

DIA

25 de maio de 2010, Caminho da ilha das Urtigas

Desfecho

68

CAMINHO

LENTAMENTE

PELA

TRILHA de terra que, logo atrás do moinho de Chennevières, parte em linha reta na direção das campinas da pradaria: uma trilha em mau estado em que as rodas dos tratores escavam sulcos ano após ano.

O inspetor Sérénac não deve ter se divertido muito com sua Tiger

Triumph mais cedo. Não preciso entrar em detalhes; não acho que a antiguidade da moto seja muito adaptada ao motocross. Vi-o passar faz alguns minutos, virar atrás do moinho, em seguida mergulhar nas plantações em meio a uma nuvem de terra seca.

Há várias trilhas para sair de Giverny e entrar na pradaria, mas todas acabam dando num mesmo beco sem saída: a ilha das Urtigas. Em frente, logo em frente, não há nada além dos rios Epte e Sena. A trilha conduz diretamente para lá e chega a parar alguns metros antes da confluência, nas margens do Epte, ao pé de um pequeno bosque de choupos que Monet conheceu; essas árvores são tão protegidas pelos

fanáticos

pelo

Impressionismo

quanto as pirâmides do Egito.

Quem quiser chegar ao Sena

precisa prosseguir a pé.

Netuno galopa na minha frente.

Conhece aquele caminho de cor e

agora já não espera por mim.

Entendeu que percorro cada vez

mais

devagar

aquele

pequeno

quilômetro que separa o moinho de

Chennevières da ilha das Urtigas.

Esses sulcos são um inferno. Mesmo

com a ajuda da bengala, quase caio

pelo menos uma vez a cada 3

metros.

Felizmente, é a última vez que vou lá, a essa maldita ilha das Urtigas. Este tipo de caminhada por trilhas rurais não é coisa para a minha idade. Para completar, um calor feroz nos sufoca nesta tarde. É o dia mais bonito de maio e não há um ponto de sombra do meu moinho até o Epte, a não ser talvez, no meio do caminho, junto às paredes de telha corrugada onde se capta a água potável. Pelo menos, meu lenço me protege do sol. Exposta na planície amarelada, tenho a impressão de caminhar feito uma mulher árabe no deserto.

Meu Deus, vocês não imaginam a eternidade que vou levar para chegar a essa confluência do Epte com o Sena, a essa porcaria de ilha

das Urtigas.

Quando penso que Netuno já
deve estar lá!

69

16H17. A T IGER TRIUMPH T100 de
Laurenç Sérénac está encostada ao
pé de um choupo. O inspetor chegou
um pouco antes da hora à ilha das
Urtigas; sabe que Stéphanie só
termina as aulas às quatro e meia.
Depois disso, precisa percorrer um
bom quilômetro para encontrá-lo.
Laurenç avança por baixo das
árvores. A paisagem é estranha: o
Epte, cercado por aquelas árvores
retas
enfileiradas
como
um
regimento

em

posição

de

continência, mais parece um canal

do que um rio natural. A confluência

dele com o Sena reforça mais ainda

essa impressão: o imenso leito do

rio corre com calma, sem ligar a

mínima para o ridículo fluxo trazido

por aquele braço d'água. Enquanto

as margens do Epte parecem

imobilizadas em uma eternidade

imutável, na direção do Sena, pelo

contrário, pode-se adivinhar uma

profusão de vida, a cidade, as

fábricas, as balsas, a via férrea, os

comércios. Como se o Sena fosse

uma

autoestrada

ruidosa

que
atravessa a zona rural, e o Epte, um
itinerário
alternativo
por
uma
estrada secundária esquecida, que se
perde.

Alguém está andando atrás dele.

Stéphanie, já?

Ele se vira, sorri.

É Netuno! O pastor-alemão
reconhece o inspetor e começa a se
esfregar nele.

– Netuno! Quanta gentileza vir
me fazer companhia... Mas, sabe,
grandão, isto aqui é um encontro
amoroso, um encontro discreto,
entende? Você vai ter de nos deixar
a sós.

Um galho se parte atrás dele. Folhas
são amassadas.

Netuno não está sozinho!

Laurenç Sérénac percebe o
perigo no mesmo instante, sem nem
ao menos raciocinar. O instinto do
policiaL.

Ergue os olhos.

O cano do fuzil está apontado
para ele.

Por um segundo, pensa que vai
acabar tudo assim, sem nenhuma
outra explicação. Que vai morrer
abatido como uma presa vulgar, que
uma bala vai explodir seu coração e
que seu cadáver vai flutuar pelo
Epte, depois pelo Sena, antes de dar
na margem bem mais adiante, mais
abaixo no vale.

Os dedos não puxam o gatilho.

Uma
suspensão
de
pena?

Sérénac

mergulha

na

brecha,

aparentando segurança:

– O que o senhor está fazendo
aqui?

Jacques Dupain abaixa a arma
ostensivamente.

– Era eu quem deveria lhe
perguntar isso... não acha?

A raiva que aumenta nele faz

Laurenç Sérénac mudar de atitude:

– Como o senhor sabia?

Netuno sentou a poucos metros
deles, debaixo de um raio de sol que

atravessa os choupos, e parece não se interessar pela conversa. O fuzil de Jacques Dupain está agora apontado para o chão. Dupain exhibe um esgar de desprezo.

– Você é burro mesmo, Sérénac.

Assim que o vi chegar no vilarejo, com essa cara de salvador, essa jaqueta de couro e a moto, entendi. Você é tão previsível...

–

Ninguém

podia

saber.

Ninguém, a não ser Stéphanie. Ela não pode ter lhe confessado nada.

Você me seguiu, foi isso?

Dupain se vira na direção da pradaria.

Ao

longe,
pode-se
discernir o vilarejo de Giverny em
meio a uma bruma de calor que
deforma o horizonte. Dupain ri antes
de responder:

– Você não consegue entender.

Há coisas que ultrapassam a sua
compreensão. Nasci aqui, Sérénac.

Assim

como

Stéphanie.

Neste

vilarejo.

Ninguém

conhece

Stéphanie melhor do que eu. Desde
que você começou a virar a cabeça
dela, percebi. Um mínimo detalhe,

um livro que falta numa estante, um olhar dela em direção ao céu,
um

silêncio... Aprendi a interpretar

todos esses sinais. Uma dobra numa

blusa, uma saia amarrotada, uma

roupa de baixo que ela em geral não

usa, uma ínfima nuance no jeito de

se maquiar, uma simples expressão

do seu rosto que muda. Se Stéphanie

marcasse um encontro com você,

Sérénac,

eu

saberia.

Saberia

quando... e saberia onde.

Laurenç Sérénac exibe uma

espécie de cansaço irritado e se vira

para o Epte. No fim das contas, o

longo monólogo de Dupain o

reconforta. Está diante de um marido

ciumento. Já era de esperar, afinal.

É o preço a pagar. O preço da liberdade de Stéphanie. O preço do seu amor.

– Bom – diz o inspetor. – O que vai acontecer agora? Vamos esperar Stéphanie chegar e conversar nós três?

Outra

careta

de

desprezo

deforma o rosto de Jacques Dupain.

Como se uma certeza o habitasse.

– Acho que não. O senhor teve razão de chegar cedo, Sérénac. Eis o que vai fazer. Vai escrever uma carta curta, um bilhete de despedida, o senhor deve saber como fazer isso, deve ter bastante talento. Caso

contrário, posso ajudar. Vai deixar
essa carta no pé de uma árvore, bem
à vista, vai subir na sua moto e
sumir.

– Está brincando?

– Inspetor... O senhor já
conseguiu o que queria. Stéphanie se
entregou ao senhor ontem, na sala de
aula de Giverny. Seu objetivo foi
alcançado. Tiro meu chapéu. Muitos
sonhavam com isso, e o senhor foi o
primeiro. Vamos parar por aqui!

Agora vai desaparecer da nossa
vida. Não vou fazer escândalo
nenhum nem chamar um advogado
para
dizer
que
o
inspetor

encarregado do caso Morval está transando com a esposa de um suspeito, de um suspeito que ele até se deu ao trabalho de jogar na prisão na véspera. Em outras palavras, não vou ferrar a sua carreira. Estamos quites. Sou bom jogador, não acha, para um sujeito conhecido em Giverny como um louco ciumento? Sérénac explode de tanto rir. O vento agita em cadência as folhas dos choupos, aveleiras e castanheiras.

– Acho que o senhor não entendeu nada, Dupain. Não se trata nem de mim nem da minha carreira. Não se trata tampouco do senhor

nem do seu orgulho de marido
corno. Trata-se de Stéphanie. Ela é
livre. Entende isso? Nem o senhor
nem eu temos nada a conversar. Não
temos nada a decidir por ela.

Entendeu? Ela é livre. É ela quem
decide.

Dupain contrai as duas mãos em
volta do fuzil.

– Não vim aqui para conversar,
Sérénac. O senhor está perdendo um
tempo precioso. As palavras de
adeus que vai escolher talvez sejam
importantes para Stéphanie, que
depois vai ter de viver com elas.

Laurenç percebe uma irritação
profunda brotar dentro dele. Essa
situação lhe desagrada. Esse sujeito
lhe dá nojo.

Atrás dele, os campos de urtigas

se estendem até a confluência dos rios. O lugar está deserto. Ninguém vai aparecer, ninguém a não ser Stéphanie. É preciso acabar com isso.

– Escute, Dupain, não me brigue a ser cruel.

– O senhor continua perdendo tempo, eu já...

– O senhor é um medíocre,
Dupain

–

interrompe

Laurenç

Sérénac. – Abra os olhos! Não merece Stéphanie. Ela merece coisa muito melhor do que um cotidiano ao seu lado. Ela vai embora, Dupain, mais cedo ou mais tarde. Comigo ou com outro.

Jacques Dupain se contenta em dar de ombros. O ataque de Laurenc Sérénac parece escorregar sobre ele como gotas de chuva sobre um telhado de ardósia.

– Inspetor, foi com esse tipo de clichê grotesco que o senhor virou a cabeça dela?

Sérénac dá um passo à frente. É mais alto do que Jacques Dupain pelo menos 20 centímetros. De repente, ele sobe o tom:

– Vamos parar com esse joguinho, Dupain. Agora mesmo.

Vou ser bem claro: não vou escrever bilhete nenhum. Não estou nem aí para essa sua chantagem mesquinha ou para o que o senhor pode dizer para o seu advogado em relação à minha suposta carreira.

Pela primeira vez, Jacques Dupain hesita e observa Sérénac com uma atenção renovada. O inspetor desvia os olhos e percebe, ao longe, o campanário da igreja de Sainte-Radegonde, com os telhados das casas de Giverny a toda volta, como no vilarejo idealizado de uma maquete de trenzinho de brinquedo.

– *Mea culpa*, inspetor –

prosegue Dupain. – Será que o subestimei? Será que, do seu jeito, o senhor é sincero?

O rosto do homem se contrai em sulcos enrugados.

– O senhor não me deixa escolha: vou ter de recorrer a argumentos mais convincentes.

Bem devagar, Dupain levanta o cano do fuzil em direção à testa do

i n s p e t o r . Laurenc

Sérénac

permanece parado, o olhar fixo. O suor escorre por seus cabelos. Com uma voz de serpente, ele sibila:

– Até que enfim, Dupain. A máscara caiu. O verdadeiro rosto se revela. O do assassino de Morval.

O cano do fuzil desce até a altura dos olhos. Impossível não ficar vesgo olhando para o orifício escuro do tubo de metal.

– Isso não tem nada a ver com a história, inspetor! – grita Dupain. –

Pelo menos desta vez, não misture tudo! Estamos aqui para resolver

uma

questão

entre

nós

três:

Stéphanie, o senhor e eu. Morval

não tem nada a ver com isso.

Com a empolgação, o eixo do
cano se deslocou de leve em direção

à orelha do policial. Sérénac sabe

que é preciso parlamentar, ganhar
tempo, encontrar a brecha.

– Então o que o senhor vai

fazer? Me matar, é isso? Aqui,

debaixo dos choupos? Não vai ser

difícil encontrar o atirador... Um

fuzil de caça. O amante da sua

mulher abatido à queima-roupa. Um

encontro marcado na ilha das

Urtigas. Todo mundo me viu

atravessar o vilarejo na Tiger

Triumph. Acabar a vida na prisão,

mesmo tendo me eliminado, não vai

ser o melhor jeito de manter

Stéphanie ao seu lado.

O fuzil se aproxima um pouco mais, o cano se abaixa até a altura da boca. Sérénac hesita em tentar alguma coisa. Seria mais simples intervir agora, arrancar aquela arma e acabar com aquilo. Ele é mais forte, mais ágil do que Dupain. É a hora certa. Apesar disso, o inspetor aguarda.

– O senhor é um espertinho – responde Dupain com um esgar. – Nesse ponto tem razão. Só nesse. Não seria muito inteligente da minha parte matá-lo aqui friamente. O crime estaria assinado. Mas o tempo está passando, então agora vamos acelerar: escreva logo essa carta de adeus.

O fuzil desce até o pescoço do

inspetor. Sérénac sobe com uma lentidão infinita a mão direita pela cintura e então, de repente, a estende.

Sua mão se fecha no vazio.

Atento, Jacques Dupain recuou, ainda com o fuzil apontado.

– Nada de bancar o caubói, inspetor. Está desperdiçando seu tempo. Quantas vezes vou ter de repetir? Redija uma bela carta de despedida para mim.

Sérénac dá de ombros com uma atitude desdenhosa.

– Não conte com isso, Dupain.

Já chega desse circo.

– O que foi que o senhor disse?

– Que já chega desse circo!

– Circo?

Dupain encara Sérénac com os

olhos

esbugalhados.

Todo

o

cinismo,

todo

o

desdém

desapareceram da sua expressão

facial.

– Circo? Foi isso mesmo que o senhor disse? Será que não entendeu nada? Não quer encarar a realidade?

Tem um... um detalhe do qual o senhor não faz a menor ideia.

O cano frio da arma de caça encosta no coração do inspetor. Pela primeira vez, Laurenç Sérénac não consegue articular uma resposta.

– O senhor não pode nem

imaginar quanto sou apegado a Stéphanie. Quanto sou capaz de tudo por ela. Pode ser que o senhor ame Stéphanie, Sérénac, talvez até de modo sincero... mas acho que não se dá conta a que ponto o afeto ridículo que tem por ela não chega aos pés da minha...

Sérénac engole em seco, com repulsa. Dupain continua:

– Da minha... Pode chamar como quiser, Sérénac. Loucura, obsessão... amor absoluto.

O dedo se curva no gatilho.

– Mas o senhor vai redigir esse bilhete de adeus, inspetor, e desaparecer para sempre!

70

STÉPHANIE DUPAIN NÃO CONSEGUE evitar lançar um olhar para o relógio

de parede acima do quadro-negro.

16h20.

Dez minutos ainda! Dali a dez minutos, vai deixar as crianças em Giverny e correr ao encontro de Laurenç. A ilha das Urtigas. Sente a mesma

excitação

de

uma

adolescente cujo namorado cheio de espinhas a aguarda na saída da escola, no ponto de ônibus.

Sente-se um pouco ridícula, também. Sim, claro. Mas há quanto tempo não tinha coragem de escutar o chamado de seu coração, de erguer os olhos para aquele céu azul que não a faz pensar em outra coisa senão uma felicidade sem nuvens, de

deixar crescer dentro de si aquela vontade de largar as crianças ali, naquele instante, dar em cada uma delas um grande beijo na bochecha e dizer que vai embora, dar a volta ao mundo, que, quando voltar, elas estarão todas crescidas.

De gargalhar diante da cara assustada dos pais dos alunos.

Ridícula, sim. Deliciosamente ridícula. Aliás, não está com disposição para dar aula e ri feito uma boba de cada besteira dos alunos. Sequer encheu seus ouvidos com lições de moral quando nenhum deles entregou um quadro para o concurso da Fundação Robinson.

Nem mesmo os mais talentosos. Em outro dia, teria dado um grande sermão sobre a oportunidade que

não se deve deixar passar, sobre os pequenos brotos de talento que é preciso cultivar, os desejos que não se pode deixar morrer, as cinzas que não se deve deixar se apagar, todos aqueles conselhos que passa o ano inteiro repetindo e que, na verdade, se destinavam apenas a ela mesma.

Ela ouviu os próprios conselhos!

Faltam nove minutos agora para sua fuga!

As crianças precisam resolver um problema de matemática. Para variar um pouco de Aragon e da pintura.

Alguns pais de alunos acham que ela não ensina problemas suficientes, matemática, ciências.

O crime de sonhar...

O olhar de ninfeias de Stéphanie se perde pela janela da sala, bem

longe, acima dos choupos de Monet.

– Você não entregou seu quadro? –

murmura Paul virando-se para

Fanette.

A menina não ouve nada. A

professora está olhando para outra

coisa.

Vou lá!

Ela se esgueira até a carteira de

Paul.

– O quê?

– Seu quadro, para o concurso?

Vincent os observa com um ar

estranho. Mary parece estar com a

mão coçando, como se fosse

levantar o dedo e chamar a

professora assim que esta virasse a

cabeça.

– Hoje de manhã não consegui, é

minha mãe quem está me trazendo à

escola agora. Ela teria dado outro chique! Venha me buscar daqui a pouco, na saída.

Fanette verifica com o rabo do olho que a professora não está olhando na sua direção. Com o outro, vigia Mary. A menina faz justamente menção de se levantar.

No mesmo instante, como se houvesse previsto o movimento, Camille se inclina em direção ao caderno de Mary para lhe explicar o exercício.

O gordo Camille está sendo legal comigo nisso, como se tivesse entendido tudo. Mary não tem mesmo o menor talento para a matemática. Não tem o menor talento para nada. Já Camille é o oposto: seu jeito de paquerar é

bancando o pretensioso. Com

Mary, vai acabar dando certo.

Fanette se agacha em frente à carteira de Paul.

– Paul – sussurra –, você pode ir buscar meu quadro? No nosso esconderijo, sabe? E trazer para a professora logo depois da escola?

– Pode contar comigo. É só o tempo de ir e voltar. Se correr, levo menos de cinco minutos.

Fanette torna a deslizar entre as carteiras para voltar ao seu lugar e se senta. Discreta. Só que aquele idiota do Pierre deixou a mochila no chão outra vez. Fanette tropeça nela e a chuta no pé da cadeira. Alguma coisa estranha de ferro lá dentro retine pela sala como se fosse um sino.

Que idiota!

Stéphanie Dupain se vira para os alunos.

– Fanette – diz a professora –, o que está fazendo em pé? Volte agora mesmo para o seu lugar!

71

O CANO DO FUZIL apontado por Jacques Dupain continua encostado na jaqueta de couro do inspetor Laurenç Sérénac. Exatamente sobre o coração. A clareira parece um templo antigo; seus choupos enfileirados, as colunas. Silencioso e sagrado. Por trás da cortina de árvores, dá para adivinhar a efervescência do corredor do Sena,

como um eco distante.

Sérénac tenta raciocinar depressa.

Com método. Quem é aquele indivíduo na sua frente? Aquele cara com o fuzil apontado para ele? Será Jacques Dupain o assassino de Jérôme Morval? Se for, trata-se então de um criminoso meticuloso, organizado e calculista. Um cara desses não atiraria em um policial assim, em plena luz do dia. Ele está blefando.

O rosto de Jacques Dupain não lhe revela indício algum. Sua expressão é a mesma que se estivesse apontando a arma para um coelho ou uma perdiz na encosta da

Astragale:

concentrado,

cenho

franzido, mãos levemente trêmulas e úmidas. A postura de qualquer caçador que tem na mira do fuzil uma presa um pouco maior do que de costume. Sérénac se obriga a inverter seu raciocínio. Talvez, no fundo, Jacques Dupain seja apenas um marido ciumento, enganado, humilhado. Nesse caso, é só um pobre coitado, que não vai abater um homem a sangue-frio.

É óbvio. Criminoso ou não, Dupain está blefando!

Sérénac se esforça para adotar uma voz firme:

– O senhor está blefando. Louco ou não, não vai atirar.

Jacques Dupain empalidece ainda mais, como se as batidas do seu coração houvessem se tornado tão

lentas que não irrigam mais as
artérias acima do pescoço. Uma das
mãos se contrai em volta do cano de
aço, a outra no gatilho.

– Não brinque com isso,

Sérénac, não tente bancar o herói.

Pare com esses cálculos de merda.

Ainda não entendeu? Quer uma

carnificina

pesando

na

sua

consciência, é isso? Prefere uma

carnificina a ceder...

Tudo começa a se confundir na

cabeça de Sérénac. O inspetor tem

consciência de que precisa avaliar a

situação em alguns segundos. Reagir

com o instinto. Gostaria, porém, de

ter mais tempo, de pensar melhor, de

poder conversar sobre todos os
detalhes com Sylvio Bénavides e
suas famosas três colunas, de
procurar a relação entre Jérôme
Morval

e

todos

os

fatores

desconhecidos daquele caso, as
Ninfeias, a pintura, as crianças, o
ritual, 1937... A cada respiração,
sente o tubo gelado da arma se
afundar na própria carne.

Meio metro os separa. O

comprimento de um fuzil.

– O senhor é louco – murmura

Sérénac. – Um louco perigoso. Vou
indiciá-lo ou algum outro o fará.

Netuno se sacode debaixo do

choupo, como se as vozes altas dos
dois homens o tivessem acordado.

Indiferente à sua loucura, ergue uns
olhos sonhadores. Empina as orelhas
ao escutar o grito de Jacques

Dupain:

– Sérénac, pelo amor de Deus,
vai me ouvir ou não? O senhor não
pode fazer nada. Não vou deixar
Stéphanie ir embora. Se a polícia
chegar perto, se o senhor tentar
qualquer coisa que seja, se me
encurrular, juro que a mato e depois
me mato. O senhor diz que ama
Stéphanie, então prove. Desista
dela. Ela vai viver feliz, o senhor
também, vai ficar tudo bem.

– Que chantagem mais ridícula,

Dupain.

O outro urra ainda mais alto:

– Não é chantagem, Sérénac.

Não estou negociando nada! Estou só dizendo o que vai acontecer se o senhor não der o fora daqui. Se eu não tiver mais nada a perder, sou capaz de explodir tudo, incluindo eu mesmo. Entendeu? Pode chamar todos os policiais do mundo, mas não vai conseguir impedir um banho de sangue.

O cano pressiona seu coração com mais força ainda. Sérénac tem consciência de que agora é tarde demais para esboçar qualquer gesto. Dupain está alerta; seu dedo no gatilho seria mais veloz. Palavras são tudo o que resta ao inspetor para convencer seu agressor:

– Se atirar em mim, vai perder Stéphanie. De toda forma.

Jacques Dupain o encara por um momento. Recua a passos lentos, sem deixar de apontar a arma para o inspetor.

– Vamos. Já desperdiçamos muito tempo. Vou pedir pela última vez, inspetor: rabisque três palavras em uma folha e suma daqui. Não é tão difícil. Esqueça tudo. Não volte nunca mais. Só o senhor ainda tem o poder de impedir a carnificina.

De repente, os lábios de Jacques Dupain se retorcem e deixam escapar um assobio. Netuno corre até ele, alegre.

– Pense, Sérénac. Rápido.

Sérénac não diz nada. Sua mão se move por instinto para a pelagem sedosa do cachorro que se esfrega nele.

– Suponho que o senhor conheça
Netuno, inspetor. Todo mundo
conhece Netuno em Giverny. Esse
cachorro alegre que corre atrás das
crianças. Quem não adora Netuno?
Quem não adoraria esse cão
inocente? Eu também o adoro, sou o
primeiro, ele já me acompanhou cem
vezes na caça...

Em um lampejo, o cano do fuzil
se abaixa até a altura dos joelhos do
inspetor Sérénac, a 20 centímetros
da cara de Netuno. Pela última vez,
o cachorro observa os dois adultos
com uma confiança cega. Um bebê a
sorrir para os pais.

O tiro rasga o silêncio sob os
choupos.

À queima-roupa.

A cara de Netuno explode,

estraçalhada.

O cão desaba como uma massa fulminada. A mão de Sérénac se fecha em torno de uma bola de pelos grudenta de sangue pegajoso. Pelo punho da manga e pela barra de sua calça escorrem farrapos de pele, vísceras, restos de um olho e de uma orelha.

Ele sente crescer dentro de si um pânico intenso que aniquila qualquer tentativa de reflexão lúcida. O cano do fuzil que Dupain segura se levantou em uma fração de segundo e encosta outra vez no torso do inspetor.

Esmaga um coração que nunca bateu tão depressa.

– Pense, Sérénac. Rápido.

COM UM SOL DE maio desses, a
escola é uma prisão.

16h29.

As crianças saem da sala aos
gritos. Como numa brincadeira de
pique, algumas são interceptadas em
pleno voo por pais reunidos na
praça da prefeitura, enquanto a
maioria se esgueira entre as mãos
estendidas e as tílias e desce
correndo a Rue Blanche-Hoschedé-
Monet.

Stéphanie atravessa a porta da
sala poucos segundos depois de a
última criança sair, não mais do que
isso. Tomara que nenhuma delas
tenha perguntas a lhe fazer. Tomara
que nenhum pai, justamente hoje, a
detenha para conversar.

Mais alguns minutos e vai poder

se abandonar aos braços de Laurenç.

Ele já deve ter chegado à ilha das Urtigas. Apenas algumas centenas de

metros os separam. No corredor, ela

hesita um segundo em pegar seu

casaco preso no cabide. Por fim, sai

sem ele. Nessa manhã, pôs o vestido

leve de algodão que estava usando

na primeira vez em que encontrou

Laurenç, dez dias antes.

Na praça da prefeitura, um sol

travesso devora com delícia seus

braços e coxas nus.

Como se brilhasse só para mim.

Stéphanie se surpreende ao se

embriagar com esses pensamentos

de garota, com esse romantismo

vagabundo.

A janela da prefeitura lhe

devolve a imagem da própria

silhueta. Ela se espanta também ao se achar bonita, sensual, com aquele vestidinho de nada que Laurenc vai jogar longe em meio às urtigas da ilha. Resiste à vontade de descer a Rue

Blanche-Hoschedé-Monet

correndo feito as crianças. Pelo contrário, dá três passos em direção à vidraça para observar o próprio rosto, para desalinhar os cabelos e torná-los menos comportados, para esticar as fitas prateadas e fazê-las desafiar o sol. Pensa até que poderia perder mais alguns segundos, voltar para a sala de aula ou passar em casa, despir o vestido, tirar as roupas íntimas e tornar a pôr o vestido sobre a pele inteiramente nua. E atravessar Giverny assim.

Nunca sequer imaginou uma coisa dessas... Por que não? Ela hesita. O desejo de reencontrar Laurenç quanto antes leva a melhor. Ela pisca os grandes olhos lilases no reflexo indistinto da vidraça. Nessa manhã, enfeitou as pálpebras com uma leve camada de maquiagem. Justo a quantidade necessária. Sim, se ela pedir para Laurenç com aqueles olhos que tanto brilham, que ao mesmo tempo imploram, riem e despem... Sim, vai ser salva. Laurenç vai levá-la embora. Não, sua vida nunca mais será a mesma. Stéphanie acelera o passo, desce quase trotando a Rue Blanche-Hoschedé-Monet. Chegando

ao

Chemin

du

Roy,

decide

não

contornar o moinho de Chennevières

pela trilha e prefere cortar caminho

e seguir reto pelo milharal à sua

frente, como fazem as crianças.

Para as crianças, um milharal,

com tantos corredores entre as

espigas,

é

como

um

imenso

labirinto. Ela nem liga; não tem

medo de se perder ali. Vai pegar o

caminho mais curto. Segue reto.

Sempre reto agora.

73

PAUL PASSA COM PRECAUÇÃO por cima da ponte do Ru. Sem saber por quê, está desconfiado. Talvez por causa dos mistérios que Fanette esconde, aquele jeito de lhe dizer que só ele conhece o esconderijo do fabuloso quadro das ninfas que ela pintou. Fanette gosta disso, de segredos e promessas, de coisas estranhas. Talvez esteja desconfiado também por causa daquela história do pintor assassinado, James, o tal americano.

Será que Fanette viu mesmo o cadáver dele na plantação? Será que inventou aquilo tudo? E tem também a polícia, claro, a polícia que interroga todo mundo no vilarejo por

causa do assassinato daquele outro
sujeito há alguns dias.

Tudo isso mete medo em Paul.

Ele não diz nada na frente de
Fanette, banca um pouco o corajoso,
brinca de ser cavalheiro, mas na
verdade tudo aquilo o amedronta,
como aquele moinho ali ao lado,
com a roda dentro d'água e a torre
alta que parece a de um castelo
assombrado.

Ele ouve um barulho atrás de si.

Vira-se bruscamente. Não vê
nada.

Precisa prestar atenção. Fanette
o incumbiu de uma missão. Ele e
mais ninguém. Ele é o único em
quem ela confia. Bom, verdade que
é uma missão bem simples: pegar o
quadro debaixo do lavadouro, levá-

lo para a professora, explicar que é
para o concurso da Fundação
Robinson. Uma missão de nada;
mesmo andando, o lavadouro fica a
cinco minutos da escola. Dez
minutos para ir e voltar.

Paul examina mais uma vez os
arredores. Verifica que não há
ninguém na ponte, no pátio do
moinho, no trigal mais atrás, em
seguida se abaixa junto aos degraus
do lavadouro e enfia a mão dentro
do espaço.

De repente, sente medo.

Sua mão tateia no escuro. Ele
entra em pânico quando não encontra
nada. Nada a não ser o vazio.

As ideias se confundem no seu
cérebro. Alguém esteve ali. Alguém
roubou o quadro. Alguém quis se

vingar, fazer mal a Fanette. Ou então
alguém adivinhou o verdadeiro
valor da primeira pintura dela, pois
é certo que um dia os quadros de
Fanette vão valer dinheiro, muito
dinheiro, tanto quanto um Monet.
É por isso, com certeza. Sua mão
agarra teias de aranha, se fecha em
torno do ar. Não é possível! Onde o
quadro pode ter ido parar? Ele viu
Fanette guardá-lo ali na véspera.
Alguma coisa se mexe atrás
dele!

Agora é certo: alguém está
andando pelo caminho. Paul tenta se
acalmar.

Decerto

é

alguém

passando; muita gente passa pela

ponte o tempo todo, não é nada de mais. Paul não consegue se virar, não ainda. O mais importante é achar o quadro. Ele se contorce de bruços no chão. Enfia ainda mais longe o segundo braço no buraco estreito debaixo do lavadouro. Agita as mãos, vasculha.

Um calor imenso o domina. Ele não vai fracassar assim, de um jeito tão bobo. Não vai voltar para procurar Fanette e dizer, feito um idiota, que o quadro não estava mais lá. Paul percebe que agora já não ouve nenhum passo no caminho. Como se alguém tivesse parado. Está quente demais. Paul sente calor demais.

De repente, seus braços ficam eletrizados como se ele tivesse

tocado fios desencapados. Bem lá no fundo, no escuro, seus dedos se fecharam em volta de uma cartolina. Paul puxa. Suas mãos exploram mais um pouco, acompanhando às cegas o contorno do embrulho chato, os ângulos retos.

Não há dúvida. É o quadro!

Ele sente o coração explodir de alegria. O quadro está ali, só um pouco mais para o fundo. Como ele é bobo! Ficou com medo por nada.

Quem poderia ter roubado aquela pintura? O menino se ajoelha e puxa mais o embrulho. Por fim, este sai para a luz do dia.

É mesmo o quadro, Paul o reconhece. O mesmo formato de aproximadamente

por

60

centímetros, a mesma cor marrom do papel que o protege. Vai abri-lo para verificar, vai abri-lo para ver o quadro mais uma vez, para que as cores em cascata explodam na sua cara...

– O que está fazendo?

A voz congela seu sangue.

Alguém está parado atrás dele!

Alguém está falando com ele.

Uma voz que Paul conhece bem, bem demais até.

Uma voz tão fria que é como se houvesse visto a morte.

74

A SOMBRA DAS TELHAS corrugadas da captação de água me protege um pouco do sol. É uma espécie de

grande reservatório. Amaldiçoo a
mim mesma, amaldiçoo minhas
pobres
pernas.

Atravessar

a

pradaria do moinho até o Epte vem
se tornando tão difícil quanto cruzar
o círculo polar. Uma verdadeira
expedição.

Um

quilômetro

de

caminho, se tanto. Que lástima!

Quando penso que Netuno já está me
esperando lá há meia hora, na ilha
das Urtigas, à sombra dos choupos.

Vamos, preciso agilizar.

Descanso

por

mais

alguns

instantes e retomo a caminhada.

Não venham me dar lições de moral, sei muito bem que sou apenas uma velha teimosa. Mas preciso ir à ilha das Urtigas uma última vez.

Para uma última peregrinação. É lá, e em nenhum outro lugar, que vou escolher a arma.

É claro que, exatamente quando vou recomeçar a andar, Richard surge de trás das telhas corrugadas da captação de água. Eu deveria ter reconhecido sua 4L azul parada atrás

da

barreira.

Richard

Paternoster, o último agricultor de

Giverny, dono de três quartos da pradaria, camponês com cara e nome de padre que em trinta anos nunca esqueceu de me cumprimentar com um gesto, mesmo quando estava me asfixiando lá do alto do seu trator e enchendo nossos pulmões, os meus e os de Netuno, com todo tipo de inseticida ao dirigir seus equipamentos de tortura, imitando uma perseguição mortal a cada vez que eu atravessava a pradaria.

É lógico que ele me segura para me contar sua vida de dar dó e dividir comigo a miséria do mundo.

Como se eu fosse sentir pena dele, com seus 50 hectares classificados como monumento histórico nacional!

Impossível evitá-lo. Com o braço, ele me convida a entrar no

pátio para aproveitar um pouco a sombra das telhas corrugadas. Sem alternativa, avanço na sua direção. Tenho apenas tempo de perceber ao longe a nuvem de fumaça que se aproxima pelo caminho, como o rastro dos trens antigos nas planícies do Velho Oeste. A moto passa em frente à fazenda sem diminuir a velocidade. Mas não tão rápido para que eu não consiga reconhecê-la. Uma Tiger Triumph T100.

75

STÉPHANIE CHEGA OFEGANTE À ilha das Urtigas. Atravessou o milharal correndo, em linha reta, como uma adolescente incapaz de esperar. Como se cada segundo que a separasse do seu encontro amoroso

fosse da maior importância.

Laurenç está à sua espera, sabe disso.

Ela afasta as últimas folhas de mato na altura da cintura e adentra a clareira.

Sob os choupos da ilha das Urtigas reina o mesmo silêncio de uma catedral.

Laurenç não está ali.

Não está escondido, não está brincando com ela. Não está lá, simples assim. A moto estaria parada em algum lugar.

Ela não quis escutar quando estava atravessando o milharal, não quis olhar, mas ouviu distintamente o barulho daquele motor que tinha aprendido a reconhecer, o da Triumph de Laurenç. Viu a fumaça

se erguer ao longe. Quis acreditar
que estava enganada. Quis acreditar
que
Laurenç
estava
chegando,
mesmo que o som parecesse estar se
afastando, que era o vento, apenas o
vento o responsável por essa ilusão.

Impossível pensar que a Triumph
estava indo embora, que Laurenç
estava fugindo.

Por que ele teria fugido antes
mesmo de ela chegar?

Laurenç não está aqui.

Seus olhos não podem deixar de
ver a folha espetada à sua frente no
tronco do primeiro choupo. Uma
simples folha de papel branco na
qual estão rabiscadas algumas

palavras.

Ela chega mais perto. Já sabe
que não vai gostar do que vai ler,
que aquelas palavras vão ser como
um aviso de falecimento.

Stéphanie avança, sonâmbula.

Uma

caligrafia

picotada,

nervosa.

Quatro linhas.

Não existe amor feliz...

Exceto

aqueles

que

nossa

memória cultivada.

Eternamente, para sempre,

Laurenç

Stéphanie sente que as pernas já não

a sustentam. Suas mãos agarram
desesperadamente

a

casca

do

choupo, que se rompe sob os seus
dedos. Ela cai. Os troncos verticais
dançam à sua volta como gigantes
em uma ciranda satânica.

Não existe amor feliz...

Só Laurenç poderia ter escrito
aquelas palavras, ela sabe. Uma
lembrança. Uma bela lembrança: é
só isso, então, que o inspetor estava
procurando.

Seu vestido claro de algodão se
agarra em uma mistura de terra
úmida e pedrinhas. Seus braços e
pernas estão sujos. Stéphanie chora,
recusa a realidade.

Que boba!

Uma lembrança.

Eternamente, para sempre.

Vai ter de se contentar com uma lembrança. Por toda a vida. Voltar para Giverny, para a sala de aula, para casa. Retomar o curso das coisas como antes. Tornar a fechar ela própria a gaiola.

Que idiota!

O que ela pensou?

Agora está tremendo, tremendo de frio à sombra das árvores. Seu vestido está molhado. Por que molhado? Seus pensamentos se embaralham. Ela não entende; o mato da pradaria lhe parecia queimado pelo sol. Pouco importa. Sente-se tão suja... Passa a mão nos olhos e tenta desajeitadamente

enxugar as lágrimas que escorrem.

Meu Deus!

As

pupilas

nauseadas

de

Stéphanie

não

conseguem

se

desgrudar das duas palmas de suas

mãos: estão vermelhas. Vermelhas

de sangue.

Ela se sente desfalecer, não

entende mais nada. Levanta os

braços: eles também estão cobertos

de sangue. Baixa os olhos. Seu

vestido está cheio de manchas

púrpura que o algodão claro

absorveu.

Ela está mergulhada numa poça
de sangue!

Um sangue vermelho. Vivo.

Fresco.

De repente, as folhas das árvores
vibram atrás dela.

Alguém está chegando.

76

– O QUE VOCÊ está escondendo? O

que

está

escondendo

nesse

embrulho?

Paul se vira e solta um imenso

suspiro de alívio. É Vincent!

Deveria ter imaginado; aquele dali

vive a espioná-los. Mas, bom, é só

Vincent. Mesmo que seu amigo

esteja com uma voz esquisita e um

olhar estranho.

– Nada...

– Como assim, “nada”?

Fanette tem razão. Vincent é uma praga!

– Está bem, então, se quer saber.

Olhe!

Paul se curva em direção à tela embrulhada e abre o papel pardo.

Vincent chegou mais perto.

Prepare-se para um choque, seu curioso!

Paul afasta a embalagem. As cores

do *Ninfeias* pintado por

Fanette explodem à luz do sol. Na tela, as flores de nenúfar vibram com o movimento da água e flutuam como ilhas tropicais sem amarras.

Vincent não diz nada. Parece não

conseguir desgrudar os olhos da tela.

– Vamos lá, mexa-se – continua Paul com voz enérgica. – Me ajude a fechar a embalagem. Preciso levar a tela para a professora. É para o Desafio Jovens Pintores, como você pode imaginar.

Ele encara Vincent com olhos cheios de orgulho.

– O que achou? Ela é um gênio, nossa Fanette, não é? A mais talentosa de todas. Difícil para ela vai ser escolher. Tóquio, Nova York, Madri: todas as escolas de pintura do mundo vão brigar por ela.

Vincent se levanta. Titubeia como se estivesse embriagado.

Paul fica preocupado.

– Tudo bem com você?

– Vo... você não vai fazer isso,
vai? – balbucia o outro menino.

– Isso o quê?

Paul começa a dobrar de novo o
papel pardo em volta da tela.

– En... entregar esse quadro

para

a

professora.

Para

ser

despachado para o outro lado do
mundo. Para eles roubarem Fanette
da gente.

– Que história é essa? Venha, me
ajude aqui.

Vincent dá um passo à frente.

Sua sombra encobre a de Paul, ainda
agachado. De repente, a voz de

Vincent se torna autoritária, como

Paul nunca a escutou sair da boca do amigo:

– Jogue esse quadro no rio!

Paul levanta a cabeça e se pergunta, por um segundo apenas, se Vincent está falando sério ou não.

Então começa a rir.

– Não fale bobagem. Venha me ajudar, isso sim.

Vincent não responde. Fica imóvel por alguns instantes e então, de repente, avança mais um passo pelo asfalto, levanta o pé direito e empurra a tela apoiada nos degraus.

A tela escorrega. O regato está a apenas alguns centímetros.

A mão de Paul contém o embrulho. *In extremis*. Ele o segura com firmeza com uma das mãos e se levanta, furioso.

– Ficou maluco? Podia ter caído
na água...

Paul sabe que Vincent não é
páreo para ele. Ele é mais forte. Se
Vincent insistir, vai entender isso.

– Me dê licença. Saia daí. Vou
levar esta tela para a professora.
Depois a gente se acerta, nós dois.

Vincent recua 2 metros debaixo
do chorão cujos galhos descem até a
água do regato. Remexe no bolso da
calça.

– Não vou deixar, Paul. Não vou
deixar você tirar a Fanette da gente.

– Você está doido! Saia daí.

Paul começa a andar. Com um
pulo, Vincent corre até a sua frente.
Está segurando uma faca.

– O que é que...

A

surpresa

deixa

Paul

paralisado.

– Você vai me dar esse quadro,

Paul. Vou só estragar ele um pouco.

Só o suficiente...

Paul não está mais escutando os

delírios

de

Vincent.

Está

concentrado na faca brandida por

ele. Uma faca chata e larga. A

mesma que Fanette usa quando pinta.

A mesma que os pintores usam para

limpar a paleta.

Onde será que Vincent achou

essa ferramenta?

De que pintor será que ele a

roubou?

– Me dê esse quadro, Paul –
insiste Vincent. – Não estou
brincando.

Por instinto, Paul procura ajuda,
alguém que esteja passando, um
vizinho, qualquer um. Seus olhos se
viram para a janela da torre do
moinho de Chennevières. Ninguém.

Nenhum gato. Nenhum cachorro.

Nem mesmo Netuno.

O rio parece rodar à sua volta.

Um nome rodopia na sua cabeça,
irreal, surrealista.

James.

Paul continua a encarar a faca na
mão de Vincent. Uma faca suja. Um
pintor limparia sua faca.

Mas não Vincent.

A lâmina da sua faca está

vermelha.

Vermelho-sangue.

77

AS PERNAS NUAS DE Stéphanie

escorregam na terra misturada com sangue e buscam um apoio na lama púrpura.

Alguém está vindo.

Suas mãos tentam agarrar o tronco do choupo na sua frente, enlaçam-no como se fosse o corpo de um homem aos pés de quem ela estivesse deitada. Stéphanie se levanta com dificuldade. Tem a impressão de estar coberta de excrementos, de farrapos humanos, de ter sido jogada dentro de uma cova coletiva e ter de rastejar entre os cadáveres para sair.

Alguém está vindo.

Ela se agarra ao choupo, se esfrega nele, se contorce como se tentasse limpar a casca, como se quisesse absorver sua força.

Alguém está vindo.

Alguém margeia o Epte. Ela ouve distintamente um barulho de passos que fazem farfalhar as samambaias ao longo da confluência do Sena, passos que se aproximam. À contraluz, um corpo se destaca da cortina de choupos.

Laurenç?

Por um breve instante, Stéphanie pensa no amante. Não há mais poça de sangue. Não há mais imundície alguma. Ela vai rasgar aquele vestido sujo e se atirar nos braços de Laurenç.

Ele voltou. Vai levá-la embora.

Seu coração nunca bateu tão depressa.

– Eu... eu o encontrei assim.

Jacques. É a voz de Jacques.

Gélida.

As mãos de Stéphanie arranham a madeira. As unhas se quebram no tronco, uma por uma, dor após dor,

como

que

para

explodir

em

pedacinhos

aquele

sofrimento

insuportável.

A sombra avança sob o sol.

Jacques.

Seu marido.

Stéphanie não tem mais forças
sequer
para
pensar,
para
se
perguntar o que ele está fazendo ali,
na ilha das Urtigas, ou tentar
reordenar os acontecimentos que se
sucedem.

Contenta-se
em
se
submeter a eles, em andar feito uma
sonâmbula e se chocar naquela
sucessão de obstáculos que se
atiram em cima dela.

Os olhos de Stéphanie não
conseguem se desgrudar daquela
forma escura que Jacques vem

trazendo nos braços. Um cão, um
cão morto com metade da cara
arrancada e cujo sangue ainda
escorre pelas coxas de Jacques.

Netuno.

– Eu o encontrei assim –
murmura Jacques Dupain com uma
voz sem entonação. – Com certeza
um acidente de caça na planície.
Alguém o abateu. Uma bala perdida.
Ou um filho da mãe. Ele... ele não
sofreu, Stéphanie. Morreu na hora.
Stéphanie se deixa escorregar
devagarinho tronco abaixo. A casca
da árvore lacera seus braços e as
pernas. Ela não sente mais a dor.
Não sente mais dor nenhuma.
Jacques sorri. Jacques é forte.
Jacques está calmo.
Com delicadeza, ele deposita o

cadáver de Netuno sobre um leito
feito de mato.

– Vai ficar tudo bem, Stéphanie.

Ela sente qualquer resistência
dentro de si ceder. Felizmente,
Jacques está ali. O que seria dela
sem ele? O que faria ela sem ele?

Ele

sempre

esteve

ali.

Sem

reclamar, sem julgá-la, sem nada lhe
pedir. Apenas ali. Como aquele
choupo ao qual ela se agarra.

Jacques é uma árvore que foi
plantada ao seu lado, que não se
mexe quando ela se afasta, que sabe
que ela sempre vai voltar para se
proteger à sua sombra.

Jacques lhe estende a mão.

Stéphanie a segura.

Confia nele. Só nele. Ele é o único homem que nunca a traiu. Ela desaba contra o ombro dele, aos prantos.

– Venha, Stéphanie. Venha. Parei o carro um pouco mais adiante.

Vamos colocar Netuno no portamalas. Venha, Stéphanie, vamos para casa.

78

O INSPETOR LAURENÇ SÉRÉNAC apoia sua Triumph sem cuidado na parede branca da delegacia. Não levou nem cinco minutos para percorrer os 5 quilômetros que separam Giverny de Vernon. Entra pisando firme. Maury está na recepção, lidando com três garotas,

das quais uma, quase histórica,
repete que sua bolsa sumiu no
terraço da praça da estação. As duas
amigas aquiescem.

– Você viu Sylvio?

Maury levanta a cabeça.

– Lá embaixo. No arquivo.

Sérénac não diminui o passo. Desce
a escada correndo e empurra a porta
vermelha. Sylvio Bénavides está
curvado sobre um bloco de papel,
rabiscando
anotações.

Espalhou

sobre a mesa o conteúdo da caixa-
arquivo: as fotografias das amantes

de Jérôme Morval e da cena do

crime, a lista de crianças da escola de Giverny, a autópsia, as
perícias

grafológicas, as fotocópias das

Ninfeias, as anotações manuscritas.

– Chefe! Chegou bem na hora.

Acho que avancei aqui...

Sérénac não dá tempo de seu
assistente dizer mais nada:

– Deixe para lá, Sylvio. Vamos
desistir.

Bénavides o encara com espanto
e continua a falar:

– Então, como estava dizendo,
tenho novidades. Em primeiro lugar,
graças aos recibos de pagamento da
família Morval, encontrei finalmente
a quinta amante, a famosa garota de jaleco
azul.

Dei

dezenas

de

telefonemas. Ela se chama Jeanne

Thibaut. Estava mesmo transando

com Morval, segundo ela, para manter o emprego. Mas calculou mal: Patricia a mandou embora depois de dois meses. Desde então, ela se mudou para a região de Paris. Vive com um carteiro. Tem dois filhos, de 3 e 5 anos. Enfim, como o senhor pode ver, chefe, nada de suspeito. Em relação a isso estamos outra vez num beco sem saída. Sérénac encara seu assistente com um olhar sem emoção.

– Beco sem saída. Então estamos de acordo, é um...

– Exceto que... – interrompe Bénavides, cada vez mais animado.

– Exceto que dei um pulinho no arquivo da prefeitura de Evreux, passei um bom tempo lá... e acabei encontrando os exemplares do *Le*

Républicain de Vernon de 1937. As publicações evocam a morte do tal menino, Albert Rosalba. Tem até uma espécie de entrevista com a mãe do menino afogado, Louise Rosalba. Ela não acreditava que tivesse sido um acidente. Ela...

Sérénac sobe o tom:

– Sylvio, você não me entendeu.

Nós vamos desistir! Esta nossa investigação não tem pé nem cabeça, esta loucura toda em relação a *Ninfeias* esquecidas, escondidas nos sótãos de Giverny, ou ao acidente de um menino antes da guerra! Esta história de maridos cornos...

Estamos nos afogando no ridículo!

Bénavides levanta enfim a caneta do papel onde está anotando.

– Me desculpe, chefe, mas agora quem não está entendendo mais sou eu. O que significa exatamente “nós vamos desistir”?

Com as costas da mão, Sérénac faz voar pelos ares os papéis espalhados sobre a mesa e se senta onde eles antes estavam.

– Vou dizer de outra forma, Sylvio. Você tinha razão, de A a Z. Misturar investigação criminal com sentimentos pessoais nesta história foi a pior das loucuras. Entendi isso meio tarde, mas mesmo assim entendi.

– Está falando de Stéphanie Dupain?

– Em outras palavras.

Sylvio Bénavides abre um

sorriso

cúmplice

e

junta

pacientemente as folhas espalhadas.

– Quer dizer que Jacques Dupain

não é mais o inimigo público

número um?

– Parece que não.

– Mas e as...

Sérénac volta a subir o tom de

voz e insiste:

– Escute aqui, Sylvio. Vou ligar

para o juiz e explicar que não estou

conseguindo avançar nesta história,

que sou a pessoa mais incompetente

do planeta e que, se ele quiser, pode

passar a investigação para outro.

– Mas...

Sylvio Bénavides abarca com o olhar as provas espalhadas sobre a mesa e fita de relance as anotações que fez.

– Eu... eu entendo o senhor, chefe. Com certeza essa é até a decisão certa, mas...

Seus olhos recaem em Laurenç.

– Meu Deus do céu, o que aconteceu com o senhor?

– Como assim?

– Suas mangas, sua jaqueta! Por acaso carregou um cadáver?

Laurenç dá um suspiro.

– Depois eu explico... depois.

Esse seu “mas” queria sugerir o quê?

Sylvio hesita em insistir. Por fim, desvia os olhos das roupas sujas de sangue.

– Mas... mas quanto mais tento

ordenar todas as peças do quebra-cabeça, mais volto àquela história de uma criança em perigo, uma criança de 11 anos. Se desistirmos agora, corremos o risco de...

Sylvio Bénavides não tem tempo de concluir a frase. Depois de ter descido de quatro em quatro os degraus da escada, o agente Maury aparece na sala do arquivo.

—

Sylvio!

Ligaram

da

maternidade. É a sua mulher!

Chegou a hora, amigo... Acho que

entendi que a bolsa tinha estourado, mas a parteira não me deu mais

detalhes, só disse que o pai tinha de ir para lá quanto antes.

Bénavides se levanta com um pulo. Laurenç Sérénac lhe dá um tapinha simpático nas costas enquanto ele pega o paletó.

– Corra lá, Sylvio... Esqueça o resto.

– Bom... bem...

– Corra, seu idiota!

– Obrigado, Laur... Ahn, chefe...

Ahn, Laurenç, eu...

Ele hesita por um breve instante,

o

suficiente

para

enfiar

desajeitadamente os braços nas

mangas do paletó. Sérénac o

apressa:

– O que foi? Está esperando o

quê? Vá lá!

– Ahn, chefe, antes de ir eu só...

Será que posso chamá-lo de você só

esta vez?

– Já estava na hora, babaca.

Ambos sorriem. O inspetor

Bénavides lança um último olhar na

direção dos papéis sobre a mesa, em

especial da fotografia de Stéphanie

Dupain misturada às outras imagens,

então diz, ao sair:

– Pensando bem, acho que você

fez bem em desistir da investigação.

Laurenç Sérénac ouve o assistente

correr na escada. Os passos pesados

se distanciam, uma porta bate,

depois mais nada. Ele vai juntando

devagar todos os elementos do

dossiê na caixa-arquivo vermelha.
Fotos, relatórios, anotações. Corre
os olhos pela ordem alfabética das
letras na estante, em seguida guarda
a caixa vermelha no lugar.

M... M de Morval.

Sérénac recua. O caso Morval agora
não passa de um dossiê entre
algumas centenas de outros não
resolvidos. Mesmo sem querer, não
consegue deixar de pensar no último
comentário de Sylvio.

Uma criança em perigo.

Uma criança que morre. Outra
que nasce.

Sylvio vai esquecer.

Em um dos cantos da sala, Laurenc
Sérénac repara, e quase acha graça,
em algumas botas que seus donos de
Giverny nunca vieram buscar, sem

dúvida porque estavam velhas ou gastas demais. Mais acima, sobre uma mesa, a impressão da sola em gesso continua exposta.

Decididamente, aquela investigação não tinha sentido algum, ele se força a ironizar.

Seus pensamentos seguintes voam na direção de Stéphanie e do cadáver de Netuno.

Sim, ele tomou a decisão certa.

Já houve mortes suficientes.

Quanto ao resto, o olhar de ninfeias lilases de Stéphanie, sua pele de porcelana, os lábios de giz e as fitas prateadas nos cabelos...

Ele vai esquecer.

Pelo menos assim espera.

79

– ME DÊ ESSE quadro aqui – repete
Vincent.

A faca de pintor que o menino
segura lhe empresta uma postura
nova, como se ele tivesse alguns
anos a mais, a idade e a experiência
de um adolescente acostumado a
brigas de rua. Paul segura com mais
firmeza ainda contra a cintura a tela
de Fanette.

Está uma fera.

– Onde você arrumou essa faca,
Vincent?

– Eu achei! Foda-se onde
arrumei. Me dê o quadro. Você sabe
muito bem que tenho razão. Se gosta
mesmo de Fanette...

As pupilas de Vincent se dilatam.

Nervuras

vermelhas

aparecem no canto dos seus olhos.

Olhos de louco. Paul nunca o viu assim.

– Você não respondeu. Onde achou essa faca?

– Não mude de assunto!

– Por que tem sangue na sua faca?

O braço de Vincent agora treme um pouco. As nervuras vermelhas das íris aumentam de tamanho e se reúnem em círculo ao redor das pupilas.

– Vá cuidar da sua vida!

Paul tem a impressão de ver o amigo se metamorfosear diante dos

seus olhos, transformar-se em uma espécie de louco histérico capaz de qualquer coisa. Leva a mão à borda do lavadouro.

– Não foi... não foi... não me diga que foi você que...

– Ande logo, Paul. Me dê esse quadro. A gente está do mesmo lado! Se você gosta de Fanette, a gente está do mesmo lado.

A faca de pintor se agita no ar em movimentos desordenados. Paul recua.

– Puta que pariu... Você... você... Foi você quem matou o pintor americano. *James*. Uma facada no coração, Fanette me disse.

Foi... foi você?

– Cale a boca! Que importância

tem para você um pintor americano?

Quem importa é a Fanette, não é?

Escolha o seu lado, já falei! Me dê o

quadro ou então atire dentro

d'água... É a última vez que eu falo!

O braço de Vincent se retesa

como se ele estivesse segurando

uma espada e fosse atacar alguém.

– Pela última vez.

Paul esboça um sorriso e se

abaixa para depositar o embrulho

sobre o asfalto da borda do

lavadouro.

– Tá bom, Vincent. Vamos ficar

calmos.

Então, de repente, Paul se

levanta. Pego de surpresa, Vincent

não tem tempo de esboçar nenhum

gesto. A mão de Paul se fecha em

volta do seu pulso. E aperta, com

força, ao mesmo tempo que lhe torce o antebraço. Vincent é obrigado a se ajoelhar. Ele cospe palavrões, mas Paul aperta com mais força ainda.

Vincent não tem mais escolha. Seus olhos avermelhados ficam molhados de lágrimas. De dor. De humilhação.

Sua mão se abre. Quando a faca de pintor cai no chão, Paul, com um chute, a faz escorregar pelo mato até debaixo do chorão, a 3 metros de onde eles estão. Sua mão não alivia a torção: com uma rotação, ele força o braço de Vincent até as costas, em seguida levanta o pulso. O outro menino urra:

– Meu ombro, puta que pariu, você vai arrancar meu ombro!

Paul levanta ainda mais o braço de Vincent. Paul é o mais forte.

Sempre foi.

– Você é um doente, cara. Um doido. A gente vai mandar você para o hospício. O que está pensando?

Vou falar com seus pais, com a polícia, com todo mundo. Eu já desconfiava mesmo de que você não batia bem. Mas a esse ponto...

Vincent berra. Paul já brigou uma vez ou outra, no pátio durante o recreio, mas nunca foi tão longe assim. Por quanto tempo ainda pode massacrar aquele pulso? Até que altura pode torcer aquele braço antes que o ombro de Vincent se rasgue? Tem a impressão de ouvir as cartilagens se rompendo.

Vincent parou de gritar. Agora está chorando; seu corpo vai perdendo

progressivamente

a

resistência, como se todos os seus músculos relaxassem. Por fim, Paul abre a mão e dá um empurrão no outro menino, que rola pelo chão feito um trapo embolado.

Inerte. Domado.

– Estou de olho em você –
ameaça Paul.

Assegura-se com um olhar de que a faca de pintor está longe demais para o outro poder pegá-la.

Vincent continua prostrado em posição fetal. Sem parar de vigiá-lo, Paul se inclina na borda do lavadouro para pegar a tela. Sua mão toca o papel pardo.

Talvez desvie os olhos por meio segundo para se certificar de que

está segurando firme.

Nem isso.

Mas é muito tempo.

Vincent se levanta com um pulo e sai correndo em linha reta, com os cotovelos na frente do corpo. Paul tenta um gesto de lado, na direção do lavadouro. Mais uma vez é mais rápido do que Vincent e os cotovelos do outro batem no seu torso, mas quase sem tocá-lo, sem causar dor.

Vincent

desaba

pesadamente por cima das urtigas bem em frente.

Que doente!

Paul não tem tempo de pensar em outra coisa: no instante seguinte,

uma fina película de terra escorrega
sob seu pé. Ele sente que está
perdendo o equilíbrio na margem
instável. Sua perna se agita no vazio,
entre a margem e o regato. Sua mão
busca um apoio, qualquer coisa, o
teto do lavadouro, uma viga, um
galho...

Tarde demais.

Ele cai para trás. Encolhe-se por
instinto.

Suas costas batem primeiro na
parede de pedra do lavadouro. A
dor é brutal e intensa. Ele continua a
rolar e escorrega para o lado. Não
por muito tempo.

Sua têmpora bate na base da
viga. Seus olhos se abrem na
direção do céu. Um imenso flash,
como um relâmpago.

Ele escorrega mais e mais, vê
tudo, está consciente, é só seu corpo
que não reage mais, que não quer
mais obedecer.

A água fria toca seus cabelos.

Paul entende que está rolando
para dentro do regato, de pouco em
pouco. Seus olhos agora só veem o
céu sem nuvens lá em cima e alguns
galhos de chorão, como arranhões
feitos por garras em uma tela azul.

A água fria devora sua orelha,
seu pescoço, sua nuca.

Ele afunda.

O rosto de Vincent surge na tela
azul.

Paul lhe estende a mão; pelo
menos é o que pensa fazer, o que
gostaria de fazer. Não sabe se sua
mão se levanta, ele não a sente, não

a vê no quadro azul. Vincent sorri.

Paul se pergunta o que isso quer dizer. Que tudo aquilo era para rir?

Que era uma piada? Que Vincent vai tirá-lo dali e lhe dar um tapinha no ombro?

Ou então que Vincent é louco mesmo?

Vincent se aproxima.

Paul agora sabe a resposta. Não é um sorriso que deforma a boca de Vincent, é um esgar sádico. Paul finalmente vê uma mão, depois duas surgirem na tela azul e chegarem mais perto. Elas desaparecem, mas ele sente que lhe tocam os ombros.

E empurram.

Paul quer se debater, agitar os pés, virar-se, jogar longe aquele doente, é mais forte, mais forte do

que ele. Muito mais forte.
Qualquer gesto lhe é impossível.
Ele está paralisado. Entendeu isso.
As duas mãos empurram mais.
A água gelada lhe devora a
boca, as narinas, os olhos.
A última imagem de que Paul tem
consciência são as poças cor-de-
rosa lá em cima, na superfície,
debaixo da água agitada.
Elas o fazem pensar na tela de
Fanette.
É seu último pensamento.

80

CONTINUO

A

AVANÇAR

COM

dificuldade

pelo

caminho

que

conduz à ilha das Urtigas. Richard

Paternoster,

o

camponês

da

pradaria, acabou me deixando ir,

não sem antes ter me desfiado uma

litania de conselhos. "Na sua idade,

pobrezinha, não é mais razoável

fazer um passeio desses até o Epte.

Com um sol desses... O que vai

fazer lá, na confluência? Tem

certeza de que não quer que a leve?

Tome cuidado, hein? Mesmo na

estrada de terra muitas vezes tem

gente que dirige depressa demais.

Turistas perdidos, ou então nada

perdidos, fãs de Monet à procura da

famosa ilha das Urtigas. Veja só,
agora há pouco, a velocidade com
que aquela moto atravessou a
pradaria. Olhe, não estou mentindo,
veja aquele carro ali...”

Uma nuvem de terra ocre se
levantou no caminho.

Um Ford Break azul passou em
frente à fazenda.

É o Ford dos Dupain. No halo de
poeira que se forma, tenho tempo
apenas de distinguir os passageiros.

Jacques Dupain ao volante, com
o olhar vazio.

Stéphanie Dupain ao seu lado,
em prantos.

Está chorando, querida?

Pode chorar, minha linda, pode
chorar. Confie em mim, isso é só o
começo.

O maldito caminho me parece interminável. Sigo em frente no meu ritmo, tentando perceber os sulcos com a bengala; restam apenas algumas centenas de metros para chegar à ilha. Queria poder acelerar o passo. Estou com pressa para encontrar Netuno, não o vejo desde que saí do moinho. Sei que aquele cachorro idiota está acostumado a longas fugas na companhia das crianças do vilarejo, de passantes ou de coelhos da pradaria.

Mas aqui...

Uma angústia estúpida me sobe pela garganta.

– Netuno?

Chego enfim à ilha das Urtigas.

Curiosamente,

aquele

lugar

espremido entre dois rios sempre me fez pensar num fim de mundo. Não chega a ser uma ilha, sem exageros, por favor, mas é uma península, sim.

O vento agita as folhas dos choupos como se soprasse do mar aberto, como se aquele regato ridículo, o Epte, aquele fosso de menos de 2 metros, fosse mais intransponível do que um oceano. Em outras palavras, é como se aquele campo de urtigas banal na verdade se estendesse pela borda do mundo inteiro e apenas Monet houvesse entendido isso.

– Netuno!

Gosto de ficar aqui muito tempo, olhando lá para o outro lado da água. Gosto deste lugar. Vou sentir saudades.

– Netuno!

Grito mais alto agora. O

cachorro continua sem aparecer.

Minha angústia começa a se

transformar em medo de verdade.

Onde ele pode ter ido parar? Dou
um assobio. Ainda sei assobiar.
Netuno sempre vem quando assobio.

Espero.

Sozinha.

Nenhum ruído. Nenhum sinal.

Nenhum vestígio de Netuno.

Tento me acalmar; sei muito bem
que meus temores são ridículos.

Estou inventando coisas por causa
daquele lugar. Já faz muito tempo
que não acredito mais em maldições,
na história que se reproduz, nesse
tipo de baboseira. O acaso não
existe. Existe apenas...

Meu Deus... Esse cachorro que
não volta.

– Netuno!

Grito a ponto de rasgar a

garganta.

Repito sem parar, aos berros:

– Netuno! Netuno!

Os choupos parecem mudos por
toda a eternidade.

– Netuno!

Ah...

Eis que meu cão aparece do
nada, afastando a vegetação baixa à
minha direita, e vem se encostar no
meu vestido. Seus olhos travessos
brilham de malícia, como que para
se fazer perdoar por uma fuga um
pouco demorada demais.

– Vamos, Netuno. Vamos para
casa.

QUADRO DOIS

Exposição

DÉCIMO TERCEIRO

DIA

25 de maio de 2010, Pradaria de

Giverny

Renúncia

81

VOLTO DA ILHA DAS Urtigas. Desta

vez, depois da fazenda de Richard

Paternoster, em vez de voltar para o

moinho de Chennevières, dobro à

direita,

em

direção

aos

três

estacionamentos que parecem as

pétalas de uma flor. Netuno trota ao

meu redor. Os carros e ônibus

começam a liberar suas vagas.

Várias vezes, babacas que dão ré

sem olhar no retrovisor por pouco

não

me

derrubam.

Dou

uma

bengalada no para-choque do carro

ou então na parte inferior da

carroceria. Eles não se atrevem a

dizer nada para uma velha como eu.

Pedem desculpas, até.

Me perdoem, cada um se diverte

como pode.

– Venha, Netuno.

Esses babacas seriam capazes

de atropelar meu cachorro.

Chego finalmente ao Chemin du

Roy. Continuo por mais alguns

metros, até os jardins de Monet. Há

muita gente entre as rosas e as

ninfeias. Verdade que é um belo dia

de primavera e que falta menos de

uma hora para o jardim fechar. Os turistas querem fazer jus aos quilômetros percorridos e esperam pacientemente em fila indiana nos caminhos do jardim, com seus carrinhos de bebê uns ao lado dos outros. Giverny às cinco da tarde é isso. Movimentada como um trem de subúrbio.

Meu olhar se perde na multidão.

Em pouco tempo, não consigo ver nada além dela.

Fanette.

Está de costas para mim.

Sentada na borda do laguinho de ninfeias, em frente ao seu quadro posicionado sobre as glicínias.

Adivinho que está chorando.

– O que você quer com ela?

O gordo Camille está em pé na

outra ponta do laguinho de ninfeias,
na pequena ponte verde acima da
qual pendem os galhos do chorão.

Tem um ar meio idiota. Retorce nas
mãos uma folha de cartolina.

– O que você quer com Fanette?

– repete Vincent.

Constrangido, Camille gagueja:

– É... é que... para consolar

Fanette, pensei... em um postal de
aniversário pelos seus 11 anos.

Vincent arranca o postal das
mãos de Camille e o examina
rapidamente. É um cartão-postal
simples,

uma

reprodução

das

Ninfeias em lilás, a mais banal que
existe. No verso está escrito apenas:

ONZE ANOS. FELIZ ANIVERSÁRIO.

– Tá. Eu entrego para ela. Agora
deixe ela em paz. Fanette precisa ser
deixada em paz.

Os dois meninos observam, do
outro lado do laguinho, a menina
curvada sobre sua tela, ocupada em
manejar os pincéis com um furor
desordenado.

– Ela... Como ela está? –
articula Camille.

– O que você acha? – responde
Vincent. – Está como todos nós.
Atordoada. O afogamento de Paul. O
enterro debaixo da chuva. Mas vai
se recuperar, não é? Acidentes
acontecem. Acontecem. É a vida.
O gordo Camille começa a
chorar. Vincent nem se dá ao
trabalho de reconfortá-lo. Já está

margeando o laguinho e acrescenta apenas, enquanto se afasta:

– Fique tranquilo, eu entrego a ela o seu postal.

O caminho que rodeia o laguinho vira à esquerda e desaparece numa selva de glicínias. Assim que sai do campo de visão de Camille, Vincent enfia o postal no bolso. Segue em direção à ponte japonesa, afastando com as costas da mão as borboletas que

se

demoram

um

pouco

excessivamente no seu caminho.

Ali está Fanette, de costas; ela funga. Mergulha o pincel, o maior de todos, quase uma ferramenta de

pintor de parede, numa paleta em que misturou todas as cores mais escuras que existem.

Marrom intenso. Cinza antracita.

Roxo-escuro.

Preto.

Fanette cobre a tela cor de arco-íris com pinceladas anárquicas, sem tentar reproduzir nada além dos tormentos de seu espírito. Como se em poucos minutos as trevas fossem baixar sobre o laguinho, sobre a água agitada, sobre a luminosidade da tela. Fanette poupa apenas algumas ninfeias, que ilumina com um ponto amarelo-vivo usando um pincel mais fino.

Estrelas esparsas na noite.

Com voz suave, Vincent diz:

– Camille queria vir, mas falei

que você queria ficar sozinha. Ele...

ele mandou parabéns.

A mão do menino encosta no

bolso, mas não pega o postal que

guardou ali. Fanette não responde.

Esvazia sobre a paleta mais um tubo

de tinta cor de ébano.

– Por que está fazendo isso,

Fanette? É...

Por fim, ela se vira. Seus olhos

estão vermelhos de tanto chorar.

Sem dúvida, com o mesmo trapo que

lhe serve para pintar ela enxugou

apressadamente as faces. Estão sujas

de preto.

–

Acabou

tudo,

Vincent.

Acabaram as cores. Acabou a

pintura.

Vincent

permanece

calado.

Fanette explode:

– Acabou, Vincent! Você não entende? Paul morreu por minha causa, escorregou no degrau do lavadouro quando foi buscar esta maldita tela. Fui eu que o mandei lá, fui eu que disse para ele andar logo... Fui eu que... que... fui eu que o matei.

Vincent pousa com delicadeza a mão no ombro da menina.

– Não, Fanette. Foi um acidente e você sabe. Paul escorregou e se afogou no regato. Ninguém pode fazer nada...

Fanette funga.

– Bondade sua dizer isso,

Vincent.

Ela pousa o pincel sobre a paleta e inclina a cabeça até encostá-la no ombro do menino.

Começa a chorar.

– Todo mundo disse que eu era a mais talentosa. Que precisava ser egoísta. Que a pintura me daria tudo... Eles mentiram, Vincent, todo mundo mentiu. Todo mundo morreu.

James, Paul...

– Nem todo mundo, Fanette. Eu não morri. Além do mais, Paul...

– Shh.

Vincent entende que Fanette está pedindo silêncio. Não se atreve a dizer nada. Aguarda. Só as fungadas da menina perturbam a calma assustadora

das

margens

do

laguinho, bem como, de tempos em

tempos,

o

estalo muito

leve

provocado pelas folhas de chorão ou

de glicínia que caem dentro do

regato. Por fim, a voz trêmula de

Fanette se aproxima da orelha de

Vincent:

– Essa... essa brincadeira toda

acabou, também. Acabaram aqueles

apelidos de pintores impressionistas

que eu dava a todos vocês para me

fazer de interessante. Os nomes

falsos. Nada disso tem mais sentido.

– Se você preferir assim...

O braço de Vincent está agora em volta da menina e ele a aperta contra si. Ela poderia adormecer ali mesmo.

– Estou aqui – murmura Vincent.

– Vou sempre estar aqui, Fanette.

– Isso também acabou. Não me chamo mais Fanette. Ninguém mais vai me chamar de Fanette. Nem você nem ninguém. A menina que todo mundo chamava de Fanette, a menina com tanto talento para a pintura, a pequena gênio, essa menina também morreu lá perto do lavadouro, junto ao trigal. Fanette não existe mais.

O menino hesita. Sua mão sobe em direção ao ombro da menina, acaricia o alto do seu braço.

– Eu entendo... Sou o único a entender, você sabe disso, vou estar

sempre aqui... Fanet...

Vincent tosse. Sua mão sobe
mais um pouco pelo braço da
menina.

– Vou estar sempre aqui,
Stéphanie.

A pulseira no pulso do menino
desliza por seu braço. Ele não pode
evitar baixar os olhos para a joia.

Entendeu que a partir de agora
Stéphanie nunca mais vai chamá-lo
por aquele nome de pintor que tinha
escolhido para ele. *Vincent*.

Vai usar seu nome de verdade.

Seu nome de batismo, de
comunhão, o que está gravado em
prata na pulseira.

Jacques.

A água escorre pelo corpo nu de
Stéphanie.

Ela

se

esfrega

histericamente sob o jato de água
fervente. Seu vestido cor de palha
cheio de manchas vermelhas está
jogado sobre os azulejos ali ao lado,
todo embolado. A água cai sobre ela
em cascata há vários minutos, mas
ela ainda sente na pele a poça do
sangue de Netuno na qual se molhou.

O cheiro horrível. A sujeira.

Não existe amor feliz.

Não pode evitar pensar naqueles
instantes de loucura que acaba de
viver na ilha das Urtigas.

Seu cachorro, Netuno, abatido.

O bilhete de adeus de Laurenç.

Não existe amor feliz.

Jacques está sentado no cômodo

ao lado, na cama. No criado-mudo,
o rádio cospe um sucesso que gruda
na cabeça e não para de tocar, *Le
Temps de l'amour*, "tempo de
amar", de Françoise Hardy. Jacques
fala alto para Stéphanie escutá-lo
debaixo do chuveiro:

– Ninguém mais vai lhe fazer
mal, Stéphanie. Ninguém mais.

Vamos ficar aqui, nós dois. Ninguém
mais vai se intrometer.

Não existe amor feliz...

Exceto

aqueles

que

nossa

memória cultivada.

Stéphanie chora mais algumas gotas
sob o jato fervente.

Jacques continua seu monólogo

sentado na cama:

– Você vai ver, Stéphanie. Tudo vai mudar. Vou achar uma casa para você, outra casa, uma de verdade, uma casa da qual você vai gostar.

Jacques a conhece tão bem. Ele sempre encontra as palavras.

– Chore, querida. Chore, pode chorar, você tem razão. Amanhã nós vamos à fazenda de Autheuil adotar outro cachorrinho. Foi um acidente o que aconteceu com Netuno, um acidente

idiota,

essas

coisas

acontecem aqui no campo. Mas ele não sofreu. Nós vamos amanhã, Stéphanie. Amanhã tudo vai estar melhor.

O jato cessou. Stéphanie se enrolou numa grande toalha cor de lavanda. Entra no quarto no forro do telhado descalça, com água a escorrer dos cabelos. Linda, tão linda. Tão linda aos olhos de Jacques.

Será possível amar uma mulher tanto assim?

Jacques se levanta, abraça a mulher, se molha nela.

– Estou aqui, Stéphanie. Você sabe muito bem que vou estar sempre aqui, com você, nos momentos difíceis.

O corpo de Stéphanie se enrijece por um instante, um curto instante,

antes de se abandonar por completo.

Jacques beija a mulher no pescoço e murmura:

– Tudo vai recomeçar, minha linda. Amanhã vamos adotar outro filhote. Isso vai ajudar você a esquecer. Eu a conheço. Um novo filhote de cachorro para batizar!

A toalha molhada escorrega até o chão. Com uma pressão suave, Jacques faz sua mulher se deitar na cama de casal. Nua. Stéphanie não resiste.

Ela entendeu. Não luta mais. O destino decidiu por ela. Sabe que os anos que vão passar agora não vão contar, que ela vai envelhecer assim, presa numa armadilha, ao lado de um homem atencioso que não ama. A lembrança de sua tentativa de fuga

vai se apagar aos poucos, com o tempo.

Stéphanie se contenta em fechar os olhos, a única resistência da qual se sente capaz agora. Os últimos acordes de violão de *Le Temps de l'amour* no rádio se misturam aos gemidos roucos de Jacques.

Stéphanie gostaria também de tapar os ouvidos.

Após

uma

breve

identificação

radiofônica, a voz jovial de um

apresentador indica o santo a ser

comemorado no dia seguinte. Vai

fazer

tempo

bom,

um

calor

excepcional para a época. Será o dia de Santa Diana. O sol vai nascer às 5h49, alguns minutos a mais do que na véspera. Amanhã vai ser 9 de junho de 1963.

Não existe amor feliz...

Exceto

aqueles

que

nossa

memória cultivada.

Eternamente, para sempre.

Laurenç

Sacudo-me.

Vou

acabar

me

queimando com o sol de tanto ficar

parada na beira do Chemin du Roy,
perdida em meus pensamentos de
velha doida.

Preciso me mexer. Preciso
fechar o círculo. A única coisa que
falta aparecer nesta história é a
palavra "fim".

Belo romance, não? Espero que
tenham apreciado o final feliz.

Eles se casaram, ou pelo menos
continuaram casados, e não tiveram
filhos.

Ele foi feliz.

Ela acreditava que era. A pessoa
se acostuma.

Ela

teve

tempo...

quase

cinquenta anos. De 1963 a 2010,

mais exatamente. O tempo de uma vida, simplesmente.

Decido caminhar mais um pouco e margeio o Chemin du Roy até o moinho. Atravesso o Ru pela ponte e paro em frente ao portão. Na mesma hora, observo que minha caixa de correio está abarrotada de folhetos promocionais

idiotas

do

hipermercado mais próximo, no qual jamais pus os pés. Praguejo. Jogo os papéis na lixeira na entrada do pátio, que deixei ali de propósito.

Ela está longe de transbordar. De repente, solto um palavrão.

No meio dos folhetos há um envelope que, por pouco, não teve a mesma

sorte.

Um

envelope

endereçado a mim, pequeno, de cartolina. Viro-o para ler o endereço do remetente. "Dr. Berger. Rue Bourbon-Penthièvre, 13. Vernon."

O Dr. Berger.

Aquele comedor de carniça seria bem capaz de me mandar uma conta para me extorquir mais algum dinheiro. Avalio o tamanho do envelope. A menos que esteja me dando os pêsames com certo atraso. Afinal, foi quase o último a ver meu marido vivo. Isso faz... exatamente treze dias.

Meus dedos canhestros rasgam o envelope. Encontro lá dentro um pequeno

cartão

cinza-claro

escurecido por uma cruz preta no
canto esquerdo.

Berger

rabiscou

algumas

palavras quase ilegíveis.

Cara amiga,

Soube com tristeza do

falecimento do seu marido

no dia 15 de maio de 2010.

Como havia lhe anunciado

alguns dias antes de minha

última visita, esse desfecho

infelizmente era inevitável.

É óbvio que vocês dois

formavam um casal sólido e

unido. Desde sempre. Isso é

uma coisa rara e preciosa.

Com

meus

sinceros

pêssames,

Hervé Berger

Reviro com irritação o cartão

entre

os

dedos.

Sem

querer,

relembro a última consulta. Treze dias atrás. Uma eternidade. Outra vida. Mais uma vez, meu passado ressurgiu.

Foi no dia 13 de maio de 2010,

o dia em que tudo mudou, o dia em que um velho se confessou em seu

leito

de

morte.

Só

algumas

confissões antes de morrer.

Durou uma hora, nem isso. Uma hora para escutar, depois treze dias para recordar.

Resisto à vontade de rasgar o cartão.

Antes de me perder mais ainda no labirinto da minha memória, meus olhos recaem sobre o envelope.

Leio o endereço. Meu endereço.

Stéphanie Dupain

Moinho de Chennevières

Chemin du Roy

27620 Giverny

PRIMEIRO DIA

13 de maio de 2010, Moinho de Chennevières

Testamento

AGUARDO NA SALA DO moinho de Chennevières. O médico está no cômodo ao lado, o quarto, junto com Jacques. Chamei-o com urgência por volta das quatro da manhã. Jacques se contorcia de dor debaixo das cobertas, como se seu coração estivesse perdendo a força qual um motor sem combustível que engasga antes de parar, como se o sangue fosse deixar de circular. Quando acendi o abajur do quarto, seus braços estavam brancos, estriados de veias azul-claras. O Dr. Berger chegou alguns minutos depois. Ele pode fazer isso: abriu

seu

consultório em Vernon, na Rue Bourbon-Penthièvre, mas comprou um dos mais belos casarões às margens do Sena, um pouco depois de Giverny.

O Dr. Berger sai do quarto uma boa meia hora mais tarde. Estou sentada em uma cadeira. Sem fazer nada, só esperando. O Dr. Berger não é do tipo que doura a pílula. É um babaca que construiu sua varanda e cavou sua piscina à custa de todos os velhos das redondezas, mas sua franqueza pelo menos é uma qualidade que ninguém pode lhe tirar. É por isso que há anos ele é nosso médico de família. Ele ou outro qualquer, não faz diferença.

– É o fim. Jacques já entendeu.

Ele sabe que lhe restam... no máximo alguns dias. Apliquei uma injeção intravenosa. Ele vai se sentir melhor por algumas horas. Liguei para o hospital de Vernon e eles reservaram um quarto. Vão mandar uma ambulância.

Ele torna a pegar sua pequena maleta de couro e parece hesitar.

– Ele... ele pediu para falar com a senhora. Quis lhe dar alguma coisa para dormir, mas insistiu para falar com a senhora.

Devo estar com uma cara espantada. Mais espantada do que abalada.

Berger

se

considera

obrigado a acrescentar:

– E a senhora, tudo bem? Vai aguentar o tranco? Quer que lhe receite alguma coisa?

– Está tudo bem, tudo bem, obrigada.

Só tenho pressa de uma coisa agora: que ele vá embora. O médico torna a correr os olhos pelo recinto escuro, então põe um pé fora da casa. Vira-se uma última vez, com um ar afetado. Parece quase sincero. Talvez o fato de perder um bom cliente não o deixe muito feliz.

–

Sinto muito.

Coragem, Stéphanie.

Fui lentamente até o quarto de Jacques, sem imaginar por um

segundo o que me esperava: a
confissão de meu marido. A
verdade, depois de tantos anos.
A história, na verdade, era muito
simples.

Um único assassino, um único
motivo, um único lugar, um punhado
de testemunhas.

O assassino matou duas vezes,
em 1937 e em 1963. Seu único
objetivo era conservar seu bem, seu
tesouro: a vida de uma mulher, do
nascimento até a morte.

A minha vida.

Um único assassino. Jacques.

Jacques me deu todas as
explicações. Nada ficou por dizer.

Nesses

últimos

dias,

minhas

lembranças passaram de uma época

a outra da minha vida como um

caleidoscópio incompreensível. No

entanto, cada um desses detalhes era

apenas o dente de uma engrenagem

precisa,

de

um

destino

minuciosamente traçado por um

monstro.

Treze dias atrás.

Nesta manhã, empurrei a porta

do quarto de Jacques sem saber que

estava deixando do outro lado as

sombras do meu destino.

Para sempre.

– Venha cá, Stéphanie. Chegue mais

perto da cama.

O Dr. Berger colocara dois grandes travesseiros debaixo das costas de Jacques. Ele está mais sentado do que deitado. O sangue que lhe colore as faces contrasta com a palidez de seus braços.

– Chegue mais perto, Stéphanie.

Berger falou com você, imagino...

Vamos ter de nos separar. Em breve.

É... é que... preciso dizer uma coisa. Preciso falar com você enquanto ainda tenho forças. Pedi a Berger para me dar algo que me ajudasse a segurar as pontas até a ambulância chegar.

Sento-me na borda da cama. Ele faz deslizar a mão enrugada pelas dobras do lençol. No seu braço, 10 centímetros

dos

pelos

estão

raspados em volta de um grosso

curativo bege. Seguro sua mão.

– Lá na garagem, na despensa,

tem uma porção de objetos nos quais

não mexemos há anos. Meus

apetrechos de caça, por exemplo,

casacos velhos, uma bolsa, munição

molhada, minhas botas também.

Umas velharias mofadas. Você vai

pegar essas coisas. Vai tirar tudo de

lá. Em seguida, vai afastar com os

pés o cascalho do chão. Bem ali

debaixo, você vai ver, tem uma

espécie de alçapão, como um vão

debaixo do piso. Não dá para ver

sem tirar tudo o que está por cima.

Você vai abrir o alçapão. Não tem

como não ver. Dentro do vão vai

encontrar um pequeno cofre, um cofre de alumínio do tamanho de uma caixa de sapatos. Vai me trazer essa caixa, Stéphanie.

Jacques aperta minha mão com bastante força, em seguida solta.

Não entendo tudo, mas me levanto.

Acho aquilo estranho, os mistérios e os joguinhos de detetive não fazem o estilo de Jacques. Jacques é um homem simples, liso, sem surpresas. Pergunto-me até se o Dr. Berger não pegou um pouco pesado com os remédios.

Retorno alguns minutos mais tarde.

Todas as indicações do meu marido estavam rigorosamente exatas.

Encontrei o pequeno cofre de

alumínio. As dobradiças estão enferrujadas. O metal brilhante está quase todo salpicado de manchas escuras.

Ponho o cofre em cima da cama.

– Está... está fechado com um cadeado – digo.

– Sim... eu sei. Obrigado.

Stéphanie, preciso perguntar uma coisa. Uma coisa importante. Não sou muito bom com discursos, você me conhece, mas precisa me dizer. Durante todos esses anos, você foi feliz ao meu lado?

O que responder a uma pergunta dessas? O que responder a um homem a quem só restam alguns dias de vida? Um homem com quem você dividiu a vida por mais de cinquenta anos, talvez sessenta? O que

responder exceto “Sim... Sim,
Jacques, claro, fui feliz por todos
esses anos... ao seu lado”?

Isso não parece lhe bastar.

– Agora estamos no fim da
estrada, Stéphanie. Podemos dizer
tudo um ao outro. Você tem... como
dizer...

algum

arrependimento?

Acha, não sei, que a sua vida
poderia ter sido melhor se tivesse
sido diferente... em outro lugar...
com out...

Ele hesita, engole em seco.

– Com outra pessoa?

Tenho a estranha impressão de
que Jacques pensou e repensou essas
perguntas milhares de vezes, durante
anos, e que estava só esperando o

momento certo, o dia certo para
fazê-las. Eu não. Não que não tenha
me feito essas perguntas, meu Deus,
muito pelo contrário. Mas agora sou
uma velha. Não me preparei para
isso ao me levantar hoje de manhã.

A névoa agora se dispersa aos
poucos na minha mente cansada.

Também

tranquei

pacientemente

esse tipo de pergunta dentro de um
cofre e esforcei-me para nunca mais
abri-lo. Perdi a chave. Teria de
procurar. Ela está tão longe...

– Não sei – respondo. – Não sei,
Jacques. Não estou entendendo essa
sua conversa.

– Está, sim, Stéphanie. É claro
que está entendendo. Stéphanie,

você precisa me responder, é
 importante: você teria preferido
 outra vida?

Jacques me sorri. Um sangue
 rosado agora colore seu rosto inteiro
 até
 o
 alto
 dos
 braços.

Os
 comprimidos
 de
 Berger
 são

eficazes. E não só para a circulação
 sanguínea. Jacques nunca me fez
 esse tipo de pergunta em cinquenta
 anos. Que coisa mais sem pé nem
 cabeça. Não é a cara dele, não faz

sentido. Será um jeito de terminar a vida? Com mais de 80 anos de idade, perguntar ao outro, ao que fica, se toda a sua vida poderia ser jogada no lixo? Quem seria capaz de responder "sim" a essa pergunta, quem seria capaz de responder "sim" a um cônjuge à beira da morte, mesmo a resposta sendo sim, principalmente a resposta sendo sim? Pressinto a armadilha, mas ainda não sei por quê. Sinto que toda aquela encenação cheia a armadilha.

– Que outra vida, Jacques? De que outra vida você está falando?

– Você não me respondeu,

Stéphanie. Teria preferido...

Os

eflúvios

venenosos

da

armadilha se tornam ainda mais

evidentes, como um perfume distante

que retorna, um cheiro opressivo e

conhecido há muito desaparecido

mas jamais esquecido. Não tenho

outra escolha senão responder, com

uma ternura de enfermeira:

– Eu tive a vida que escolhi,

Jacques, se é isso que você quer

ouvir. A vida que mereci ter. Graças

a você, Jacques. Graças a você.

Jacques expira como se São

Pedro em pessoa tivesse acabado de

anunciar que o seu nome fazia parte

da lista dos que iriam adentrar o

paraíso. Como se, agora, ele
pudesse ter uma partida serena. Fico
preocupada com ele. Sua mão se
levanta e tateia sobre o criado-mudo
em busca de não sei qual objeto. Ele
esbarra no copo sobre a mesinha,
que cai no chão e se quebra. Um fino
filete de água escorre pelas tábuas
corridas.

Levanto-me para enxugá-la e
recolher os cacos de vidro quando a
mão dele torna a se erguer.

– Espere, Stéphanie. É só um
copo quebrado, nada grave. Me
ajude, olhe dentro da minha carteira,
ali, em cima do criado-mudo.

Dou alguns passos. Os cacos de
vidro estalam sob meus chinelos.

– Abra a carteira – insiste
Jacques. – Do lado do meu cartão da

previdência social tem uma foto sua,
está vendo? Passe o dedo embaixo
da foto...

Faz uma eternidade que não abro
a carteira de Jacques. Minha imagem
explode na minha cara. A fotografia
deve ter sido tirada pelo menos
quarenta anos atrás. Serei mesmo
eu? Aqueles imensos olhos lilases
eram meus? Aquele sorriso em
forma de coração? Aquela pele de
nácar sob o sol de um dia bonito em
Giverny? Terei me esquecido de
quanto era bonita? Será preciso
esperar ser uma octogenária cheia
de rugas para finalmente ousar dizer
isso a si mesma?

Meu

indicador

se

insinua

debaixo da foto. Faz escorregar uma
pequena chave chata.

—

Agora

estou

tranquilo,

Stéphanie. Posso morrer em paz.

Agora posso dizer: duvidei, duvidei

muito. Fiz o que pude, Stéphanie.

Pode abrir o cadeado do cofre com

a chave, essa chave que nunca saiu

de perto de mim durante todos esses

anos... Você... você vai entender,

acho. Mas espero poder aguentar

para lhe explicar eu mesmo.

Meus

dedos

agora

estão

tremendo, muito mais do que os de Jacques. Um sentimento terrível me oprime. Tenho dificuldade para inserir a chave no cadeado, para girá-la. Preciso de vários segundos antes de o cadeado e a chave caírem sobre o lençol da cama. Jacques pousa a mão suavemente no meu braço outra vez, como para indicar que eu espere mais um pouco.

– Você merecia um anjo da guarda, Stéphanie. Por acaso fui eu. Tentei fazer meu trabalho da melhor maneira possível. Nem sempre foi fácil, acredite. Às vezes tive medo de não conseguir. Mas, no fim das contas,

veja

só...

Você

me

tranquilizou. Não me saí tão mal
assim. Você... você se lembra,
minha Stéph...

Os olhos de Jacques se fecham
por um instante demorado.

– Minha Fanette... Depois de
todos esses anos, posso chamá-la de
Fanette uma última vez? Nunca me
atrevi, em mais de setenta anos...
desde 1937. Está vendo, me lembro
de tudo, fui um anjo da guarda
obediente, fiel, organizado.

Não respondo nada. Estou com
dificuldade para respirar. Minha
vontade é uma só: abrir aquele cofre
de alumínio e verificar que está
vazio, que todo aquele monólogo de
Jacques é só um delírio provocado
pelos remédios de Berger.

– Nós dois nascemos no mesmo ano – prossegue Jacques no mesmo tom. – Em 1926. Você, Fanette, no dia 4 de junho, seis meses antes da morte de Claude Monet.

Coincidentemente. E eu, em 7 de junho, três dias depois. Você, na Rue du Château-d’Eau; eu, na Rue du Colombier, a algumas casas de distância. Sempre soube que nossos destinos estavam entrelaçados. Que estava aqui nesta Terra para proteger você. Que estava aqui para, como dizer, afastar os galhos à sua volta, no seu caminho...

Afastar os galhos? Meu Deus, essas imagens não têm nada a ver

com Jacques. Sou eu quem vai enlouquecer. Não aguento mais, abro o cofre. Na mesma hora ele cai das minhas mãos, como se o alumínio estivesse incandescente. O conteúdo se espalha em cima da cama. Meu passado explode na minha cara. Estupefata, observo três facas de pintura da marca Winsor & Newton; reconheço o dragão alado no cabo, entre duas manchas vermelhas ressequidas pelo tempo. Meus olhos deslizam até pousarem em uma coletânea de poemas. *Em francês no texto*, de Louis Aragon. Meu exemplar nunca saiu da estante do meu quarto. Como poderia imaginar que Jacques tivesse um também? Outro exemplar desse livro cuja página 146 tantas vezes li para as

crianças na escola de Giverny, o poema "Ninfeu". Agarro-me ao livro como se fosse uma Bíblia, as páginas voam, paro na 146. O canto do papel está dobrado. Meus olhos descem até a parte inferior da página. *Está cortada*. Com toda a delicadeza, alguém cortou o papel, 1 centímetro apenas. Um único verso está faltando, o primeiro da décima segunda estrofe, um verso tantas vezes recitado...

O crime de sonhar eu consinto que seja instaurado

Não entendo, não entendo nada.

Não quero entender. Recuso-me a ordenar todos esses elementos.

A voz sem entonação de Jacques me faz gelar:

– Você se lembra de Albert

Rosalba? Sim, é claro que se lembra. Nós andávamos juntos quando éramos crianças, nós três. Você nos dava apelidos de pintores, dos seus pintores impressionistas preferidos. Ele era Paul; eu, Vincent. A mão de Jacques agarra o lençol. Meus olhos hipnotizados encaram as facas de pintura.

– Foi... foi um acidente. Ele queria levar seu quadro para a professora,

as

suas *Ninfeias*,

Fanette, o quadro que está lá no sótão, o que você nunca quis jogar fora. Está lembrada? Mas isso não tem importância. Paul escorregou, quero dizer, Paul não, Albert. Antes disso nós brigamos, sim, mas foi um

acidente, ele escorregou perto do
lavadouro e bateu com a cabeça na
pedra ao lado. Eu não o teria
matado, Fanette, não teria matado
Paul, mesmo que ele tivesse má
influência sobre você, mesmo que na
verdade
não
a
amasse.

Ele
escorregou... Foi tudo culpa da
pintura. Você entendeu muito bem,
depois, entendeu muito bem.

Meus dedos se fecham em torno
do cabo de uma das facas. A lâmina
é larga, usada para raspar a paleta.
Nunca mais tornei a pegar em um
pincel, nem uma vez desde 1937.

Isso faz parte das lembranças

enterradas que parecem afundar no imenso abismo aberto dentro da minha cabeça. Aperto o cabo. Tenho a impressão de que nenhum som é capaz de sair da minha boca.

– E... e James...

Minha voz sai tão fraca quanto a de uma menina de 11 anos.

– Aquele velho maluco? O pintor americano? É dele que você está falando, Fanette?

Se respondo alguma coisa, é inaudível.

– James... – repete Jacques. –

James, isso mesmo. Passei anos tentando lembrar o nome, mas era impossível, ele me fugia. Pensei até em perguntar a você.

Uma risada rouca sacode o corpo de Jacques. Suas costas

escorregam

um

pouco

nos

travesseiros.

– Estou brincando, Fanette. Sei muito bem que precisava deixar você de fora disso tudo. Impedir que você soubesse. Os anjos da guarda precisam se manter discretos, não é? Até o fim. É o primeiro princípio a ser respeitado. Em relação a James, não precisa sentir falta dele. Talvez se lembre de ele dizer que você precisava ser egoísta, que precisava abandonar sua família. Todo mundo. E ir embora. Ele enlouquecia você na época, você

ainda

era

influenciável,

não

tinha

nem

completado 11 anos, ele teria
conseguido alcançar seu objetivo.

Primeiro, o ameacei, gravei uma
mensagem na caixa de tintas
enquanto dormia; ele passava quase
o dia inteiro dormindo, feito um
imenso bicho-da-seda, mas não quis
me escutar. Continuou a torturar
você. Tóquio, Londres, Nova York.

Não tive outra escolha, Fanette,
você teria ido embora, naquela
época não escutava mais ninguém,
nem mesmo a sua mãe. Não tive
escolha, precisava salvar você.

Meus dedos se abrem. Minhas lembranças não param de cair uma depois da outra no monstruoso abismo. Aquela faca. Aquela faca em cima da cama. Aquela faca vermelha. É a faca de James.

Jacques a cravou no coração de James. Era um menino de 11 anos.

Ele continua sua abominável confissão:

– Eu... eu não tinha previsto que Netuno fosse encontrar o corpo daquele maldito pintor no trigal. Mudei o cadáver de lugar antes que você voltasse lá com a sua mãe. Só uns poucos metros, enfim, acho, já faz tanto tempo. Pensei que não fosse conseguir, sabe, jamais teria imaginado que

aquele

velho

esquelético pesasse tanto. Você não vai acreditar em mim, mas você e sua mãe passaram pertinho de onde eu estava. Era só você virar a cabeça e pronto. Só que você não virou. Acho que, na verdade, não queria saber. Você não me viu, nem a sua mãe. Foi um milagre, entende? Um sinal! A partir desse dia, entendi que nada mais poderia me acontecer. Que a minha missão devia se cumprir. Na noite seguinte, enterrei o cadáver no meio da pradaria. Um trabalho louco para um menino, acredite. Depois queimei todo o resto aos poucos: os cavaletes, as telas. Fiquei só com a caixa de tintas dele como prova, como prova do

que era capaz de fazer por sua causa. Eu não tinha nem 11 anos, Fanette, pense nisso! Seu anjo da guarda fez um ótimo trabalho, não é? Percebe isso agora?

Jacques não me dá tempo para responder. Tenta desesperadamente erguer as costas nos travesseiros, mas continua a escorregar, milímetro por milímetro.

– Estou brincando, Fanette. Na verdade, não foi muito difícil, nem mesmo para uma criança. O seu James era um velho impotente. Um estrangeiro. Um americano que tinha chegado dez anos atrasado para encontrar Monet. Um mendigo para quem ninguém ligava a mínima. Em 1937, as pessoas tinham outras preocupações. Além do mais, alguns

dias antes tinham encontrado um
trabalhador espanhol assassinado
numa balsa bem em frente a Giverny.

A Polícia Militar inteira estava
investigando o caso e só conseguiu
prender o assassino semanas depois,
era um marinheiro de Conflans.

A mão enrugada de Jacques
procura a minha e se fecha no vazio.

– Falar sobre tudo isso me faz
bem, sabe, Fanette? Depois disso
nós ficamos tranquilos, os dois.

Durante anos. Lembra? Crescemos
juntos, só fomos separados quando
você foi fazer o curso normal em
Evreux, depois você voltou para
Giverny como professora. Na nossa
escola! Nós nos casamos na igreja
de Sainte-Radegonde, em Giverny,
em 1953. Foi tudo perfeito. Seu anjo

da guarda estava tranquilo...

Jacques desata a rir outra vez.

Aquela risada que ouço ecoar pela
nossa casa quase todos os dias, em
frente a um programa de TV ou atrás
de um jornal. Aquela risada rouca.
Como não percebi que era o riso de
um monstro?

– Mas o diabo não prega o
olho... não é mesmo, Stéphanie? Foi
preciso que Jérôme Morval viesse
rondar
você.

Lembra?

Jérôme

Morval, nosso colega de turma do
primário, aquele que você apelidava
de Camille, o gordo Camille... o
melhor
aluno

da

turma!

O

pretensioso. Você não gostava dele na escola, Fanette, mas ele tinha mudado muito. De tanto insistir, tinha conseguido até levar Patricia, aquela dedo-duro, para a cama. A que você chamava de Mary, como Mary Cassatt... Só que, em pouco tempo, Patricia se tornou pouco para o gordo Camille. Ele tinha mudado muito, com certeza. O dinheiro muda um homem. Tinha comprado a casa mais bonita de Giverny, tinha ficado arrogante, sedutor até, aos olhos de algumas moças. Aliás, traía a mulher sem nem disfarçar. Todo mundo em Giverny sabia, inclusive Patricia, que chegou até a contratar um

detetive particular para espionar o marido. Pobre Patricia! E, junto com isso, Morval tinha todo um discurso bem azeitado sobre pintura, sobre o seu dinheiro e sobre as suas coleções de artistas da moda. Mas, principalmente, Stéphanie, ouça bem o que vou dizer, Jérôme Morval, o melhor cirurgião oftalmologista de Paris, ao que diziam, tinha voltado a Giverny só para uma coisa, uma só. Não por causa de Monet nem das *Ninfeias*, nada disso... Ele voltou por causa da bela Fanette, aquela que durante o primário nunca tinha sequer olhado para ele. Agora que a situação havia mudado, o gordo Camille queria sua vingança. As palavras se entalam na minha garganta:

– Você... você...

– Bem sei que você não se sentia

atraída

por

Jérôme

Morval,

Stéphanie... pelo menos, não ainda.

Eu precisava agir antes disso.

Jérôme Morval morava no vilarejo,

tinha todo o tempo do mundo, era

astuto, sabia como atrair você desde

a escola com as *Ninfeias*, as

lembranças

de

Monet,

as

paisagens...

Mais uma vez, o monstro tenta

segurar minha mão. A sua rasteja

pelos lençóis feito um percevejo.

Resisto à ideia de empunhar a faca de pintura e traspasar aquela mão como se fosse um inseto daninho.

– Não a estou recriminando por nada, Stéphanie. Sei que nada aconteceu entre você e Morval.

Você só aceitou passear com ele, conversar. Mas ele teria seduzido você, com o tempo teria conseguido.

Não sou um homem mau, Stéphanie.

Não tive vontade alguma de matar Jérôme Morval, aquele Camille gordo, coitado. Fui paciente, mais do que paciente. Tentei fazê-lo entender,

o

mais

claramente

possível, do que eu era capaz e os riscos que ele correria caso

continuasse a rondar você. Primeiro
lhe mandei aquele postal, o das
Ninfeias. Morval não era burro;
lembrava muito bem que era o
mesmo
postal
que
tinha
me
entregado para eu dar a você anos
antes, em 1937, nos jardins de
Monet, no dia do seu aniversário de
11 anos, logo depois da morte de
Albert. Colei no postal a frase de
Aragon recortada deste livro, a
poesia que você fazia as crianças da
turma recitarem, a frase que tanto me
agradava e que dizia algo como "O
sonho é um crime que se deve punir
como os outros". Morval não era

idiota. A mensagem era cristalina:
todo mundo que tentar se aproximar
de você e lhe fazer mal vai estar
correndo perigo.

A mão de Jacques procura com a
ponta dos dedos a coletânea de
poemas de Aragon que está em cima
da cama. Roça no livro, mas não tem
forças para pegá-lo. Não esboço
gesto algum. Jacques torna a tossir
para clarear a voz e prossegue:

– Adivinha qual foi a resposta
de Jérôme Morval? Ele riu na minha
cara! Eu poderia tê-lo matado nessa
hora, se quisesse. Só que, no fundo,
gostava do gordo Camille. Dei-lhe
outra chance. Mandei a tal caixa de
tintas para o seu consultório em
Paris, a de James, ainda gravada
com a ameaça: *Ela é minha aqui,*

agora e para sempre. Seguida por uma cruz! Se dessa vez Morval não tivesse entendido... Ele marcou um encontro comigo naquela manhã em frente ao lavadouro, perto do moinho de Chennevières. Pensei que fosse para me dizer que ia desistir, mas não. Foi justamente o contrário. Na minha frente, ele jogou a caixa de tintas na lama do regato. Ele desprezava você, Stéphanie. Não a amava. Você para ele era só um troféu, um a mais entre tantos. Ele a teria feito sofrer, Stéphanie, teria sido a sua desgraça. O que eu poderia ter feito? Precisava protegê-la. Ele não me levou a sério, disse que eu não tinha estofo, eu com minhas botas de caça, que não era capaz de fazer você feliz, que você

nunca tinha me amado. Sempre a
mesma conversa.

Sua mão torna a rastejar e se
contraí em cima da faca.

– Não tive escolha, Stéphanie.

Matei-o ali mesmo, com a faca de
pintura de James, que hava tido o

cuidado de levar. Ele morreu ali, à beira do regato, no mesmo lugar
que

Albert anos antes. A encenação

posterior, a pedra na cabeça, o rosto

na água do regato, sei que isso tudo

foi ridículo. Cheguei a acreditar que,

por

causa

disso,

você

fosse

desconfiar

de

alguma
coisa,
principalmente quando a polícia
encontrou a caixa de tintas de James.
Por sorte, você nunca viu a caixa.
Era importante que eu a protegesse
sem que você soubesse de nada, que
corresse todos os riscos no seu
lugar. Você confiava em mim e tinha
razão. Pode confessar agora, minha
Fanette, que jamais desconfiou a que
ponto eu a amava, que jamais
desconfiou até onde eu seria capaz
de ir por você. Lembre-se que,
poucos dias depois da morte de
Morval, você chegou a dizer à
polícia que estávamos juntos na
cama naquela manhã... Com certeza
em algum lugar bem lá no fundo
você sabia a verdade, mas não

queria confessá-la para si mesma.

Todo mundo desconfia de que tem um anjo da guarda, não é? Não é preciso lhe agradecer.

Paralisada, observo os dedos enrugados de Jacques acariciarem o cabo da faca. Uma obsessão maníaca, como se o seu corpo de velho ainda estremecesse com o prazer de ter apunhalado dois homens com aquela arma. Não resisto, não consigo mais. As palavras explodem na minha garganta:
– Eu... eu queria abandonar você, Jacques. Foi por isso que prestei falso testemunho. Você

estava preso. Eu... eu me sentia culpada.

Os dedos se torcem ao redor da faca. Dedos de assassino, de louco. Com uma lentidão insuportável, os dedos se abrem. Jacques escorregou outra vez, está quase deitado agora. Uma risada rouca o sacode. Aquele riso demente.

– Claro, Stéphanie. Você se achava culpada... É claro, estava tudo confuso na sua cabeça. Na minha, não. Ninguém conhece você melhor do que eu. Com Morval morto, pensei que fôssemos ficar em paz. Mais ninguém para nos separar, mais ninguém para afastar você de mim. Então veio o cúmulo! Quando penso nisso hoje, é quase cômico. Eis que o cadáver de Morval atrai

para a beira da sua saia aquele
policial, aquele Laurenç Sérénac, o
pior de todos os perigos! Fiquei
encurralado.

Como

me

livrar

daquele ali? Como matá-lo sem ser
acusado, sem ser preso, sem ser
separado de você para sempre? E
sem que depois algum outro Sérénac
ou algum outro Morval viesse fazer
você sofrer sem que eu pudesse
protegê-la, trancado dentro de uma
cela? Desde o início, aquele policial
desconfiou de mim, como se
soubesse ler minha mente. Ele
estava seguindo a intuição. Era um
bom
policial,

Stéphanie,

nós

escapamos por pouco. Felizmente,
ele nunca conseguiu descobrir a
ligação entre mim e o acidente
daquele menino da nossa turma, em
1937, nem nunca ouviu falar no
sumiço daquele pintor americano.

Na época, em 1963, eles chegaram
perto da verdade, ele e o assistente,
Bénavides. Mas eles nem podiam
imaginar, claro. Quem poderia ter
compreendido?

Enquanto

isso,

aquele filho da mãe do Sérénac
desconfiava de mim, aquele filho da
mãe do Sérénac virava a sua cabeça.

Era ele ou eu. Examinei a questão
sob todos os ângulos...

Discretamente,

minha

mão

desliza por sobre o lençol. Jacques agora está deitado, não consegue mais se levantar, não consegue mais me ver, está falando com o teto.

Minha mão torna a se fechar em torno da faca. O contato me proporciona um prazer mórbido.

Como se o sangue seco no cabo estivesse me penetrando as veias e as preenchendo com um impulso assassino.

O riso nervoso de Jacques se extingue numa tosse rouca. Ele tem dificuldade para recuperar o fôlego.

Estaria melhor sentado, com certeza.

Mas Jacques não pede nada. Sua voz enfraquece um pouco, mas ele

continua:

–

Estou

quase

acabando,

Stéphanie. No fim das contas,

Sérénac era igual aos outros.

Bastaram algumas ameaças para

fazê-lo fugir. Algumas ameaças

ilustradas com eficácia...

Ele torna a rir, ou a tossir, ou os

dois. Aproximo a faca devagar das

dobras do meu vestido preto.

– Os homens são muito fracos,

Stéphanie. Todos eles. Sérénac

preferiu a carreirazinha de policial à

grande paixão que sentia por você.

Não vamos reclamar, não é? Era o

que nós queríamos. Ele tinha razão,

no fim das contas. Quem pode saber

o que teria acontecido caso ele tivesse insistido? Essa foi a última sombra entre nós dois, Stéphanie, a última nuvem, o último galho a ser afastado... Mais de quarenta anos já se passaram.

Cruzo os braços em frente aos seios; a faca de pintura está colada ao meu coração. Queria falar, queria berrar: "Me diga, Jacques, me diga, meu anjo, já que você se diz um anjo da guarda, é tão fácil assim apunhalar alguém? Enfiar uma faca no coração de um homem?"

– O que sustenta a vida, Stéphanie? Se eu não tivesse estado lá na hora certa, se não tivesse sabido eliminar os obstáculos uns após os outros. Se não tivesse sabido proteger você... Se não

tivesse nascido logo depois de você,
como um irmão gêmeo. Se não
tivesse entendido a minha missão.

Vou embora desta Terra feliz,
Stéphanie. Consegui. Eu a amei
tanto... Você agora tem a prova
disso.

Levanto-me.

Horrorizada.

Seguro a faca entre os braços,
invisível contra o meu peito.

Jacques me olha, parece extenuado,
como se agora tivesse dificuldade
para manter os olhos abertos. Tenta
se levantar, agita os pés. O cofre de
alumínio equilibrado sobre a cama
cai no piso com um barulho
ensurdecedor. Jacques mal pisca.

Dentro da minha cabeça, pelo
contrário, o barulho agudo ressoa

como um eco a se espalhar
vertiginosamente.

Tenho

a

impressão de que o quarto está
girando ao meu redor.

Avanço com dificuldade. Minhas
pernas se recusam a me carregar. Eu
as forço, descruzo os braços.

Jacques não para de me encarar. Ele
ainda não viu a faca. Ainda não. Eu
a levanto devagar.

Netuno late lá fora, logo abaixo da
nossa janela. No instante seguinte, a
sirene de uma ambulância atravessa
o pátio do moinho. Pneus fazem
estalar o cascalho. Duas silhuetas
irreais, brancas e azuis sob o halo
do giroscópio, passam em frente à
janela e batem à porta.

Levaram Jacques embora. Assinei um monte de papéis sem ler, sem perguntar o que quer que fosse. Eram menos de seis da manhã. Perguntaram se eu queria embarcar na ambulância, respondi que não, que pegaria o ônibus ou um táxi dali a algumas horas. Os enfermeiros não comentaram nada.

O cofre de alumínio está caído no chão, aberto. A faca de pintura está pousada sobre o criado-mudo.

O livro de Aragon se perdeu em meio às dobras da cama. Não sei por que, depois que a ambulância vai embora, a primeira coisa que me vem à cabeça é subir até o sótão e vasculhar o forro para encontrar aquele velho quadro empoeirado, o que pintei quando tinha 11 anos, as

minhas *Ninfeias*.

O quadro que pintei duas vezes,
a primeira em cores inacreditáveis,
para ganhar o concurso da Fundação
Robinson, a segunda em negro,
depois da morte de Paul.

Tirei da parede o fuzil de caça
de Jacques e no seu lugar pus o
quadro, pendurado no mesmo prego,
em um canto onde ninguém, exceto
eu, conseguirá ver.

Saio de casa. Preciso de ar puro.

Levo Netuno comigo. Não são nem
seis da manhã. Durante algumas
horas, Giverny ainda está deserta.

Vou caminhar à beira do Ru, em
frente ao moinho.

E recordar.

DÉCIMO TERCEIRO

DIA

25 de maio de 2010, Chemin du Roy

Desenrolar

83

FOI EM 13 DE maio, treze dias atrás.

Desde então, passei meus dias
revivendo as poucas horas durante
as quais minha vida foi roubada,
reprisando o filme para tentar
compreender o inimaginável, uma
última vez, antes de acabar com
tudo.

De tanto passear sozinha por
este vilarejo, vocês devem ter
pensado que eu era um fantasma. Na
verdade, é o contrário.

Sou muito real.

Os fantasmas são os outros,
fantasmas das minhas lembranças.

Povoei de fantasmas estes lugares
nos quais sempre vivi, diante de

cada lugar por que passei me
lembrei: o moinho, a pradaria, a
escola, a Rue Claude-Monet, a
varanda
do
Hotel
Baudy,
o
cemitério, o Museu de Vernon, a ilha
das Urtigas.

Também os povoei com as
longas conversas que tive com
Sylvio Bénavides, entre 1963 e
1964, após a investigação sobre o
assassinato de Jérôme Morval ter
sido fechada sem solução. O
inspetor Bénavides se agarrou ao
caso com teimosia, mas nunca
encontrou uma prova sequer, nenhum
indício novo. Nós simpatizamos um

com o outro. Pelo menos Jacques não tinha ciúmes da minha relação com esse inspetor. Sylvio era um marido fiel e um pai dedicado da filha Carina, que tanta dificuldade tivera para deixar a barriga da mãe. Ele me contou todos os detalhes da investigação que havia conduzido com Laurenç na delegacia, em Cocherel, nos museus de Rouen e de Vernon. Depois, em meados da década de 1970, Sylvio foi transferido para La Rochelle. Pouco mais de dez anos atrás, em setembro de 1999, para ser exata, vejam como minha memória ainda funciona

perfeitamente, recebi uma carta de Béatrice Bénavides. Uma carta curta escrita à mão. Com pudor, ela me dizia que Sylvio Bénavides as havia deixado, ela e Carina, num dia de manhã, levado por um infarto. Como todos os dias, Sylvio tinha montado na bicicleta para dar a volta na ilha de Oléron, onde a família alugava uma casa de praia fora de temporada. Saíra sorridente. O tempo estava esplendoroso, ventava um pouco. Ele desabou em frente ao mar, no meio de um levíssimo aclave, entre La Brée-les-Bains e Saint-Denis-d'Oléron.

Tinha

71

anos.

Envelhecer é isso: ver os outros

morrerem.

Alguns dias atrás, escrevi uma carta curta para Béatrice explicando tudo. Uma espécie de dever da memória em homenagem a Sylvio. A riquíssima Fundação Robinson não tinha nada a ver com os assassinatos, tampouco os negócios escusos de Amadou Kandy, as telas esquecidas de Monet ou as amantes de Morval. Laurenç Sérénac estava certo desde o princípio: tratava-se de um crime passional. Apenas um detalhe inimaginável o impedira de descobrir a verdade: o criminoso

ciumento não tinha se contentado em
eliminar os supostos amantes da
mulher,
mas
havia
igualmente
suprimido os amigos de uma menina
de 10 anos por quem já era
apaixonado. Ainda não postei a
carta. Acho que, no fim das contas,
não vou postar.

Isso tudo agora importa muito
pouco.

Vamos, preciso me mexer!

Com repulsa, jogo na lixeira o
envelope do Dr. Berger. Ele vai se
juntar aos folhetos sórdidos. Ergo os
olhos em direção à torre do moinho.

Hesito.

Minhas pernas têm dificuldade

para me carregar. Aquele derradeiro passeio até a ilha das Urtigas me exauriu. Hesito entre voltar ao vilarejo uma última vez ou ir direto para casa. Pensei por muito tempo agora há pouco, às margens do Epte. Como terminar, agora que está tudo em ordem?

Tomei uma decisão. Desisti de usar o fuzil de Jacques, meu Deus, acho que vocês agora hão de entender por quê. Também está fora de cogitação engolir remédios que vão me fazer agonizar durante horas e dias no hospital de Vernon, como Jacques, só que sem ninguém para soltar minha intravenosa. Não, o método mais eficaz para acabar com tudo seria concluir tranquilamente o dia de hoje, como todos os outros,

voltar para o moinho, subir até meu quarto no alto da torre, no quarto andar, demorar-me algum tempo arrumando minhas coisas, depois abrir a janela e pular.

Decido voltar para o vilarejo.

No fim das contas, minhas pernas podem suportar mais um quilômetro, um último quilômetro.

– Venha, Netuno!

Se

alguém,

qualquer

um,

passante ou turista, se interessasse por mim, poderia pensar que estou sorrindo. Não estaria totalmente errado. Passar esses últimos dez dias na companhia de Paul, na companhia de Laurenç, acabou

aliviando a minha raiva.

Torno a margear o Chemin du

Roy. Alguns segundos mais tarde,

estou no laguinho de ninfeias.

Quando Claude Monet morreu, em

1926, os jardins ficaram quase

abandonados. Michel Monet, seu

filho, morou na casa rosa de Giverny

até se casar, em 1931, com a

manequim Gabrielle Bonaventure,

com quem teve uma filha, Henriette.

Quando eu tinha 10 anos, em 1937,

junto com as outras crianças do

vilarejo, tínhamos adquirido o

hábito de entrar nos jardins por um

buraco na cerca, do lado da

pradaria. Eu ficava pintando e os

meninos brincavam de esconde-

esconde em volta do laguinho.

Restavam apenas um jardineiro

cuidando da propriedade, o Sr. Blin,
e Blanche, a enteada de Claude
Monet. Eles nos deixavam em paz;
não fazíamos mal nenhum. O Sr. Blin
não conseguia dizer não para a
pequena Fanette, tão bonita com seus
olhos lilases e as fitas prateadas nos
cabelos, e tão talentosa para a
pintura.

Blanche Monet morreu em 1947.

O último herdeiro, Michel Monet,
continuou a abrir excepcionalmente
os jardins e a casa para chefes de
Estado estrangeiros, artistas ou
aniversários particulares. E para as
crianças da escola de Giverny! Eu
tinha conseguido convencê-lo. Não
foi muito complicado. Como resistir
à
pequena

Fanette,
agora
transformada na bela Stéphanie, a
professora com seu olhar de
ninfeias, tão culta em relação a tudo
o que tivesse a ver com pintura e
que tentava, ano após ano, despertar
a paixão das crianças do vilarejo
pelo Impressionismo e fazê-las
concorrer ao prêmio artístico da
Fundação
Robinson
com
tanta
energia, tanta sinceridade, como se a
própria vida dependesse da emoção
que transmitia aos alunos? Michel
Monet abria os jardins para a minha
turma uma vez por ano, em maio,
época em que ele está mais bonito.

Viro-me. Passo algum tempo observando a multidão reunida sob a catedral de rosas, as dezenas de rostos aglomerados nas janelas da casa do pintor. E dizer que estivemos sozinhos naquela casa, Laurenç e eu, em junho de 1963... Na sala, na escada, no quarto. Minha mais bela lembrança, sem dúvida alguma. Minha única tentativa de fuga...

Michel Monet morreu num acidente de carro três anos depois de Blanche, em Vernon. Após a leitura do seu testamento, no início de fevereiro de 1966, uma corrida inacreditável convergiu para a casa de Giverny. Policiais, tabeliães, jornalistas, artistas... Eu também estava lá, assim como os outros

moradores de Giverny. Dentro da casa e dos ateliês, os oficiais de justiça encontraram, estarecidos, mais de 120 telas, das quais oitenta pintadas

por

Claude

Monet,

incluindo *Ninfeias*

inéditas,

e

quarenta quadros pintados por seus amigos Sisley, Manet, Renoir, Boudin... Vocês fazem ideia do que é isso? Tratava-se de um tesouro incrível, uma fortuna incalculável, quase esquecida desde a morte do pintor. Enfim, esquecida... Muitos moradores de Giverny conheciam antes de 1966 o valor das obras-

primas guardadas na casa rosa,
abandonadas ali durante quarenta
anos por Michel Monet. Todos
aqueles
que
tinham
tido
oportunidade de entrar na casa as
viram. Eu também, claro. Desde
1966, esses 120 quadros podem ser
admirados no Museu Marmottan de
Paris. A maior coleção de Monet
exposta ao mundo.

Quanto a mim, depois de 1966,
nunca mais levei as crianças ao
jardim de Monet. Este só reabriu
para o público bem mais tarde, em
1980. Era muito natural, afinal de
contas, que um tesouro daqueles
fosse dividido com o maior número

de pessoas possível e que a beleza

emocionante

do

lugar

fosse

oferecida a todas as almas capazes

de admirá-la.

Não apenas à de uma menina tão

ofuscada por seu brilho que nele

queimou os próprios sonhos.

Viro à direita e torno a subir em

direção ao vilarejo pela Rue du

Château-d'Eau.

A casa da minha infância não

existe mais.

Após a morte de minha mãe, em

1975,

transformou-se

em

um

pardieiro de verdade. Foi demolida.
Os vizinhos, parisienses, compraram
o terreno e subiram um muro de
pedras brancas com mais de 2
metros. Hoje, no lugar da minha
casa, sem dúvida deve haver um
canteiro de flores, um balanço, um
laguinho... Na verdade, não sei.
Nem jamais saberei. Seria preciso
conseguir olhar por cima do muro.
Chego enfim ao final da Rue du
Château-d'Eau. O mais difícil está
feito! E dizer que, quando tinha 11
anos, corria por esta rua mais
depressa
que
Netuno!
Agora,
coitado, é ele que vive me
esperando. Viro na Rue Claude-

Monet. A autoestrada dos turistas!

Não tenho nem mais vontade de reclamar da multidão. Giverny vai continuar vivendo depois de mim, diferente, eterna, quando todos os fantasmas

do

passado

tiverem

desaparecido: Amadou Kandy, sua galeria de arte e seus negócios escusos; Patricia Morval; eu...

Continuo andando. Não resisto à vontade de fazer um desvio de 20 metros para passar em frente à escola. O lugar da prefeitura não mudou em todos esses anos, nem suas pedras brancas ou a sombra das tílias. Mas a escola foi reformada no início da década de 1980, três anos

antes de eu me aposentar. Uma escola moderna horrorosa, rosa e branca. Cor de doce. Em Giverny. Uma vergonha! Mas havia muito já que eu não tinha forças para lutar contra essa monstruosidade. A escola maternal inaugurada em um edifício pré-fabricado bem em frente é pior ainda. Enfim, nada disso me diz mais respeito. Hoje, diariamente, as crianças passam correndo por mim sem me olhar e tenho de repreender Netuno para que ele as deixe em paz. Só restam os velhos pintores americanos para me pedir informações de vez em quando. Torno a descer a Rue Blanche-Hoschedé-Monet. Meu apartamento funcional, em cima da escola, é hoje uma loja de antiguidades. Meu

quarto no forro, com sua janelinha redonda, serve junto com os outros cômodos de museu antiquado para cidadãos necessitados de objetos rurais supostamente autênticos.

Talão de cheques na mão. Nunca mais alguém vai observar daquela janelinha redonda a lua cheia no perigeu. Meu Deus, quantos anos, quantas noites passei em frente a essa janela... Desde criança. Ontem mesmo.

Em frente ao antiquário, um grupo de adultos fala japonês, coreano ou javanês. Não entendo mais nada. Sou um dinossauro em um jardim zoológico. Continuo a subir a Rue Claude-Monet. Apenas o

Hotel

Baudy

não

mudou.

A

decoração belle époque na varanda,
na fachada e no interior é mantida
cuidadosamente pelos sucessivos
proprietários. Theodore Robinson
poderia voltar amanhã ao Baudy; o
tempo lá parou faz um século.

Rue Claude-Monet, número 71.

Jérôme e Patricia Morval.

Passo depressa em frente à casa.

Entrei lá quatro dias atrás. Precisava
falar com Patricia. Junto comigo, ela
é a última sobrevivente da Giverny
de antigamente. Nunca gostei muito
dela, vocês agora entendem. Acho
que para mim ela sempre vai ser

Mary, a chorona. Mary, a dedo-duro.

Ridículo, admito. Sofreu tanto.

Pelo menos tanto quanto eu. Acabou cedendo ao gordo Camille, casando-se com ele, e, por um jogo cruel de vasos comunicantes, quanto mais o gordo Camille se transformava em Jérôme Morval, brilhante estudante de medicina, mais Jérôme tentava seduzir outras mulheres e mais ela se apegava a ele. A vida parou em 1963 naquela casa, o número 71 da Rue Claude-Monet. Ela era a mais bonita do vilarejo. Hoje é uma ruína. A prefeitura não vê a hora de a viúva Morval morrer para se livrar daquele estorvo.

Patricia

precisava

saber.

Precisava conhecer o nome do assassino de seu marido. Eu devia isso a ela... Essa Patricia dedo-duro me surpreendeu, no fim das contas. Imaginei que no dia seguinte já fosse ver a polícia chegar no meu moinho. Em 1963, ela não hesitou em enviar para a delegacia de Vernon fotos anônimas das supostas amantes de Jérôme Morval. Entre elas, eu. Curiosamente, dessa vez não foi assim que aconteceu. Talvez a vida mude uma pessoa... Descobri que ela quase já não sai de casa, desde que um dos sobrinhos lhe mostrou como usar a internet. Ela, que nunca tinha aberto um computador em todos os seus 70 anos de vida! Nem por isso tenho vontade de tomar chá na sua companhia uma última vez,

para

compartilhar

nosso

ódio

comum por um monstro. Antes do grande salto.

Acelero o passo, quero dizer, no meu caso a expressão é bem pouco adequada. Netuno segue trotando 30 metros à minha frente. A Rue Claude-Monet continua em um aclive suave, como uma escadaria que sobe em direção ao céu.

Stairway to Heaven, costumava tocar uma guitarra duas gerações atrás.

Chego finalmente à igreja. O retrato gigante de Claude Monet me olha do alto de seus 15 metros. A igreja de Sainte-Radegonde

está

sendo

reformada. As obras e os andaimes

estão escondidos por um imenso

cartaz de lona: uma foto em preto e

branco do prefeito, com uma paleta

na mão. Não tenho, contudo,

coragem de me arrastar até o

cemitério; todas as pessoas com

quem cruzei na vida, todas as

pessoas importantes estão enterradas

ali. Por estranho que pareça, em

todos os enterros estava chovendo,

como se fosse indecente a luz de

Giverny

brilhar

num

dia

de

sepultamento. Chovia em 1937, o

dia em que foi sepultado meu Paul,

meu

Albert

Rosalba.

Fiquei

arrasada. Chovia também em 1963,

quando

Jérôme

Morval

foi

enterrado.

O

vilarejo

inteiro

compareceu, inclusive o bispo de

Evreux, o coral, os jornalistas e até

Laurenç.

Várias

centenas

de

peçoas. Eſtranho deſtino. Uma
ſemana atrás, fui a única no enterro
de Jacques.

Povoei o cemitério com minhas
lembranças.

Minhas
lembranças
chuvosas.

– Netuno, aqui!

A caminho da última linha reta.

Torno a deſcer a Rue de la Dîme,
bem na direção do Chemin du Roy.

Ela vai dar bem em frente ao
moinho. Aguardo muito tempo antes
de atravessar: o fluxo de carros que
ſai de Giverny pela estrada é quase
ininterrupto.

Netuno
aguarda
obediente

ao

meu

lado.

Um

conversível vermelho, com uma

placa complexa e o volante à

esquerda,

acaba

me

deixando

passar.

Atravesso

a

ponte.

Involuntariamente, paro acima do

Ru: observo pela última vez as

telhas e os tijolos cor-de-rosa do

lavadouro de roupas, a tinta verde

metálica da ponte, os muros do pátio

do moinho à minha direita, atrás dos

quais se pode ver o andar mais alto da torre de menagem e o cume da cerejeira. Faz algumas semanas que o lavadouro está pichado com caretas pretas e brancas. Talvez por negligência, talvez não. Afinal, se existe um lugar onde pegaria mal limpar com um jato d'água de alta pressão as manifestações rebeldes de artistas anônimos, esse lugar com certeza seria Giverny. Vocês não acham?

O pequeno filete de água límpida do regato escorre como se zombasse da
agitação
dos
homens
nas
margens. Dos monges que um dia

escavaram à mão esse canal, do pintor iluminado que desviou o curso d'água para criar um laguinho e que lá se trancou por trinta anos para pintar nenúfares, do louco que assassinou aqui todos os homens que se aproximaram de mim, todos os homens que eu poderia ter amado.

A quem isso poderia interessar hoje? A quem reclamar? Será que existe uma repartição de vidas perdidas?

Avanço mais alguns metros. Meu olhar abarca a pradaria, sem dúvida pela última vez. O estacionamento está quase vazio.

Não, pensando bem, a pradaria não é de modo algum uma paisagem de hipermercado. Não, claro que não.

É

uma

paisagem

viva,

cambiante. Depende das estações,

das horas, da luz. E comovente,

também. Será que eu precisava estar

tão certa da hora da minha morte, tão

segura de observá-la pela última vez

para enfim compreendê-la? Para

sentir, no fundo, uma grande dor em

perdê-la? Claude Monet, Theodore

Robinson, James e tantos outros não

pararam aqui por acaso. É claro que

não. O fato de ser um lugar da

memória não diminui em nada a

beleza de uma paisagem.

Muito pelo contrário.

– Não é, Netuno?

Meu cachorro abana o rabo,

como se estivesse escutando meus
últimos delírios. Na verdade, ele já
entendeu a etapa seguinte; com o
tempo, já se acostumou. Sabe que é
raro eu entrar no pátio do moinho
sem passear na clareira que fica
logo
atrás.

Um

chorão,

dois

pinheiros. A clareira fica hoje
protegida dos turistas por uma cerca.

Não dá para vê-la do caminho. Eu
sigo em frente.

Netuno me ultrapassou outra vez.

Está me esperando, deitado na
grama, como se tivesse consciência
do
que

significa

este

lugar.

Finalmente chego, planto minha bengala na terra mole e me apoio nela. Observo à minha frente os cinco pequenos túmulos encimados por cinco pequenas cruces.

Eu me lembro. Como esquecer?

Tinha 12 anos. Estava abraçando Netuno com todas as minhas forças; ele tinha morrido no meu colo. Um ano depois de Paul se afogar.

Morrido de velho, me dizia mamãe.

– Ele não sofreu, Stéphanie. Foi só dormir, como um cachorro velho...

Mesmo

assim,

fiquei

inconsolável. Impossível me separar do meu cachorro.

– A gente pega outro. Um filhotinho... Amanhã mesmo.

– Igual! Eu quero um igual.

– Tá bom, Stéphanie. Um igual.

Vamos à fazenda em Autheuil.

Que... que nome você vai dar para o filhote?

– Netuno!

Tive seis cachorros na vida.

Todos pastores-alemães. Batizei todos de Netuno, por fidelidade a um capricho de menina solitária e infeliz que tanto teria querido que seu cachorro fosse eterno, que pelo menos ele não morresse!

Torno a erguer os olhos. Viro a cabeça devagar, da direita para a esquerda. Debaixo de cada cruz, em

uma pequena tabuleta, está gravado

o mesmo nome. *Netuno*.

A única coisa que varia são os

números abaixo do nome.

1922-1938

1938-1955

1955-1963

1963-1980

1980-1999

Netuno se levanta e vem se

esfregar

em

mim,

como

se

entendesse que, pela primeira vez,

quem vai embora sou eu, não ele.

Será recolhido pela fazenda de

Autheuil. Lá criam cães há muitas

gerações; a mãe dele ainda deve

estar viva. Ele vai ficar bem lá. Vou deixar uma carta com instruções precisas em relação às refeições, para que permitam às crianças brincar com ele e para que ele, como os outros, seja enterrado aqui quando chegar a hora.

Faço carinho nele. Netuno nunca se encostou tanto em mim. Sinto uma vontade cada vez maior de chorar.

Preciso me apressar. Se ficar demorando, não vou ter coragem.

Deixo a bengala plantada ali, em frente aos cinco túmulos. Agora não vou mais precisar dela. Ando até o pátio. Netuno não se afasta de mim nem 1 centímetro. Essa porra de sexto sentido que têm os animais!

Normalmente, teria ido se deitar debaixo da grande cerejeira. Mas

hoje não. Não sai de perto de mim.

Vai acabar me derrubando. Por um

segundo,

arrependo-me

de

ter

largado a bengala.

– Calma, Netuno. Calma.

Ele se afasta um pouco. Há

muito tempo não há mais fitas

prateadas nas folhas da cerejeira. Os

passarinhos se esbaldam comendo

as frutas. Torno a fazer carinho em

Netuno, por muito tempo. Ergo os

olhos para a torre de menagem do

moinho de Chennevières.

Jacques comprou o moinho em

1971.

Cumpriu

o

que

tinha

prometido. Eu acreditei, meu Deus,

na época acreditei. Ele comprou

para mim a casa dos meus sonhos,

aquele moinho esquisito que tanto

me atraía quando eu tinha 11 anos.

Com a chegada dos parisienses à

região, a agência imobiliária de

Jacques

acabara

se

tornando

lucrativa. Ele estava atento, esperou

o momento certo. O moinho estava

desocupado havia anos, mas os

donos finalmente tinham decidido

vendê-lo. Ele foi o primeiro a fazer uma oferta. Passou anos reformando

tudo. A roda, o poço, a torre.

Pensava

que

estivesse

me

fazendo feliz. Tudo tão derrisório...

Como

se

os

carcereiros

se

divertissem decorando as paredes

das

prisões.

O

moinho

de

Chennevières não tinha mais nada a

ver com a velha casa em ruínas que

me fascinava, "o moinho da bruxa",

como dizíamos na época. Pedras

lavadas. Madeira encerada. Árvores
podadas. Sacadas floridas. Pátio
varrido. Portão lubrificado. Sebes
perfeitas.

Jacques

era

obsessivo.

Obsessivo demais.

Como eu poderia ter imaginado!

Nunca deixei que abatessem a
cerejeira. Ele não o fez. Cedia a
todos os meus caprichos. Sim, sim,
eu acreditava nele de verdade.

Então a maré mudou para os
negócios da agência. Ficou difícil
pagar

as

prestações.

Primeiro

alugamos parte do moinho, depois o

vendemos a um casal jovem do vilarejo. Ficamos só com a torre. Alguns anos atrás, o moinho de Chennevières virou uma pousada. Parece que tem dado certo. Acho que eles só estão esperando uma coisa: que eu suma, para poder ficar com alguns quartos a mais. Agora há balanços no pátio, uma grande churrasqueira, guarda-sóis e móveis de jardim. Estão até falando em transformar a campina atrás dele em jardim zoológico; já começaram a trazer lhamas, cangurus e avestruzes ou emus, não sei direito.

Dá para imaginar uma coisa dessas?

Animais exóticos para divertir as crianças. Impossível não os ver quando se chega a Giverny de

Vernon pelo Chemin du Roy.

E pensar que este lugar durante
décadas foi o moinho da bruxa...

Tudo o que restou foi a bruxa.

Eu.

Mas não por muito tempo mais,
fiquem tranquilos. A bruxa vai
aproveitar o dia seguinte à lua cheia
para desaparecer. Vão encontrá-la
de manhã cedo, desconjuntada ao pé
da cerejeira. Quem a encontrar vai
olhar para cima e pensar que ela
deve ter caído da vassoura. Normal.

Era uma bruxa velha.

Seguro uma última vez os pelos de
Netuno, com força, muita força, em
seguida fecho atrás de mim a porta
da torre. Subo a escada depressa
antes de ouvir seus ganidos.

DÉCIMO QUARTO DIA

26 de maio de 2010, Moinho de

Chennevières

Fitas prateadas

84

ABRI A JANELA. PASSA um pouco da

meia-noite. Pensei que seria mais

fácil pular quando a noite caísse.

Arrumei tudo no cômodo feito uma

velha maníaca, como se, com o

tempo, as piores obsessões de

Jacques tivessem acabado por me

contaminar. Deixei sobre a mesa a

carta pedindo que cuidem bem de

Netuno. Não tive coragem de tirar

da

parede

as

minhas *Ninfeias*

negras.

Não

tenho

ilusão:

alguns

antiquários comedores de carniça do

vale do Eure vão vir pegar o que

quiserem. Móveis, louça, bibelôs.

Quem sabe alguns objetos vão voltar

para o antiquário da Rue Blanche-

Hoschedé-Monet ou para meu antigo

apartamento funcional acima da

escola... Mas ficaria surpresa se

eles se dessem ao trabalho de se

interessar por estas *Ninfeias*, por

este

quadro

horroroso

todo

lambuzado de preto. Quem poderia

imaginar que por baixo dele está

escondida outra vida cheia de luz?

Para o lixo com esta porcaria!

Para debaixo da terra, ao lado
de seu bondoso marido, com a velha
que se debruçou perto demais da
janela.

A velha má que não falava mais
com ninguém, que não sorria nunca,
que praticamente não dava bom-dia.
Quem poderia imaginar que debaixo
desta pele enrugada se esconde uma
menininha cheia de talento? Talvez
até uma gênio...

Ninguém jamais vai saber.

Fanette e Stéphanie estão mortas
há muito tempo... assassinadas por
um anjo da guarda zeloso demais.

Observo pela janela o pátio do
moinho. O cascalho cinzento está
iluminado pela lâmpada halógena
em frente à entrada. Não tenho mais

medo, só um arrependimento. Ela amava tanto a vida, a pequena Fanette.

Não acho que merecesse morrer tão amargurada.

85

O CITROËN PICASSO PARA quase debaixo da minha janela. É um táxi. Já estou acostumada: táxis aparecem com frequência para deixar turistas na pousada ao final da noite. Eles chegam no último trem de Paris à estação de Vernon e o porta-malas vem lotado de bagagens. Netuno se aproxima, claro. Na maioria das vezes, as portas traseiras dos táxis se abrem e deles salta uma profusão de crianças animadas com a viagem. Netuno adora recebê-las!

Desta vez, ele não dá sorte: não
há uma só criança dentro do táxi.

Só um homem, um velho.

Nenhuma bagagem tampouco.

Estranho...

Netuno para diante dele. O velho se
inclina. Demora-se acariciando meu

cão,

como

se

estivesse

reencontrando um velho amigo.

Meu Deus!

Será possível?

Tudo explode: meu coração,

meus olhos, minha cabeça.

Será possível?

Debruço-me mais ainda. Não para
cair, desta vez. Ah, de jeito nenhum!

Uma onda de calor terrível me

invade. Revejo-me na janela de
outra casa, uma casa rosa, a de
Monet. Foi em outra vida. Havia um
homem ao meu lado, um homem
extremamente atraente. Eu tinha lhe
dito palavras estranhas na época,
palavras
que
jamais
pensara
poderem sair da minha boca.
Palavras que pareciam um
poema de Aragon. Versos decorados
para sempre.
– Só me apaixonei foi pela sua
Tiger Triumph!
Depois
de
rir,
eu

havia

arrematado:

– E talvez também pelo seu jeito
de parar para fazer carinho em
Netuno.

Inclino-me mais ainda no peitoril da
janela. A voz sobe pelo pátio. Não
mudou em cinquenta anos ou quase
nada:

– Netuno... Seu grandão, quem
diria que eu fosse encontrar você
aqui, depois de tanto tempo... E
vivo!

Entro no quarto e me colo à parede.

Meu coração parece que vai
estourar de tanto bater. Tento
raciocinar, pensar.

Eternamente, para sempre.

Nunca

mais

revi

Laurenc

Sérénac. O inspetor era um bom policial, muito bom. Alguns meses depois do caso Morval, no final de 1963, soube por Sylvio Bénavides que

Laurenc

havia

pedido

transferência para Québec, como se precisasse fugir para o outro lado do mundo. Fugir de mim, pensava eu.

Na verdade, fugir da loucura assassina de Jacques. Foi no Canadá que, ao longo dos anos, todos adotaram o costume de chamá-lo pelo apelido, Laurentin. Em Québec, é assim que as pessoas se referem aos moradores do vale do Saint-

Laurent, de Montréal a Ottawa.

Devia ser uma tentação grande demais para os colegas transformar

o

provençal

Laurenç

em

um

Laurentin típico de Québec. Fiquei sabendo pela mídia francesa que ele tinha reassumido o cargo de delegado em Vernon na ocasião do roubo dos quadros de Monet do Museu Marmottan, em 1985. Na época, a imprensa nacional publicou algumas fotos suas. Como não o reconhecer? Laurenç Sérénac, para todos agora o delegado Laurentin.

Amadou Kandy me contou inclusive que, mesmo vinte anos depois de se

aposentar, ninguém tinha tirado os quadros da sua sala na delegacia de Vernon: o *Arlequim*, de Cézanne, a *Mulher ruiva*, de Toulouse-Lautrec.

Tremo feito uma folha. Não me atrevo a chegar perto da janela outra vez.

O que Laurenç está fazendo ali?

Não faz sentido...

Preciso

ordenar

meus

pensamentos. Começo a andar de um lado para outro pela sala.

O que Laurenç está fazendo ali?

Não pode ser coincidência...

Ando até o espelho sem meus pés terem pedido autorização.

Alguém bate à porta alguns

andares mais abaixo!

Entro em pânico feito uma
adolescente surpreendida em casa
pelo namorado na hora em que está
saindo do banho. Meu Deus, devo
estar ridícula... Por um instante,
penso em Patricia Morval, a
pequena Mary, a dedo-duro, a viúva
de Jérôme, desmoronada nos meus
braços uma semana antes. A vida
muda uma pessoa. Às vezes, para
melhor. Terá sido ela a chamar
Laurenç? A colocá-lo na pista da
verdade, da abominável verdade?
Não tenho tempo de tentar entender.
Estão batendo lá embaixo.
Meu Deus...
Observo no espelho meu rosto
frio
e
enrugado,

os

cabelos

devorados pelo lenço preto que não
largo mais, esta cara de megera
amargurada.

Impossível, impossível pensar
em lhe abrir.

Ouço o barulho da porta da torre.

Alguém a empurra. Não a fechei
depois de entrar. Para facilitar o
trabalho dos que teriam vindo
recolher meu corpo.

Que burra!

A voz na escada em caracol:

– Netuno, grandão, você fica
aqui. Acho que não pode subir.

Meu Deus. Meu Deus.

Arranco o lenço preto. Meus
cabelos caem em cascata pelos
ombros. Quase saio correndo; desta

vez, sou eu que comando minhas
pernas. E é melhor elas obedecerem,
estas bengalas velhas!

Abro a segunda gaveta da
cômoda, espalho velhos botões,
carretéis de linha, um dedal,
agulhas. Nem ligo se estou me
espetando.

Sei que elas estão ali!

Meus dedos trêmulos se fecham
em volta de duas fitas prateadas. As
imagens desfilam diante dos meus
olhos a toda a velocidade. Revejo
Paul trepado na cerejeira no pátio
do moinho, soltando as fitas
prateadas, me dando de presente e
me chamando de sua princesa;
revejo a mim mesma lhe dando um
beijo,

o

primeiro

beijo,

e

prometendo usá-las por toda a vida;

revejo

Laurenç,

anos

depois,

acariciando as fitas nos meus

cabelos de mulher jovem.

Meu

Deus,

preciso

me

concentrar.

Torno a correr até o espelho.

Sim, juro, corro mesmo. Com gestos

febris, faço um coque improvisado

nos cabelos com as fitas prateadas.

Dou uma risada nervosa.

Um penteado de princesa, sim,
era isso que Paul dizia, um penteado
de princesa. Que maluca eu pareço!
Os passos chegam mais perto.
Alguém torna a bater à porta, à
porta do meu quarto, desta vez.
É cedo demais! Não me viro,
não ainda.

Tornam a bater. Com delicadeza.

– Stéphanie?

Reconheço a voz de Laurenc. É
quase igual à de antigamente. Um
pouco mais grave do que na minha
lembrança, talvez. Foi ontem que ele
quis me levar embora. Meu Deus,
meu corpo inteiro está arrepiado.

Será possível? Será possível ainda?

Aproximo o rosto do espelho com a
moldura

folheada

a

ouro

descascada.

Será que ainda sei sorrir? Já faz

tanto tempo...

Tento.

Atravesso o espelho.

O reflexo que vejo não é mais o

de uma velha.

É o sorriso de alegria de

Fanette.

São os olhos de ninfeia de

Stéphanie.

Vivos, muito vivos.

MICHEL

BUSSI

já

escreveu 11 livros, que

foram traduzidos em 33

países. Ganhou 15 prêmios

literários e foi finalista de

outras

9

premiações,

tornando-se um dos mais

prestigiados

autores

policiais

franceses.

Quando

não

está

escrevendo, atua como

professor de geografia na

Universidade de Rouen e

como

comentarista

político. Dele, a Editora

Arqueiro já publicou *O*

voo da libélula. Ninfeias

negras teve os direitos

vendidos para 14 países.

CONHEÇA OUTRO TÍTULO DO

AUTOR





O voo da libélula

Na noite de 23 de dezembro de 1980, um avião cai na fronteira entre a França e a Suíça, deixando apenas

uma sobrevivente: uma bebê de 3 meses. Porém, havia duas meninas no voo, e cria-se o embate entre duas famílias, uma rica e uma pobre, pelo reconhecimento da paternidade.

Numa época em que não existiam exames de DNA, o julgamento estende-se por muito tempo, mobilizando todo o país.

Seria a menina Lyse-Rose ou Émilie? Mesmo após o veredicto do tribunal,

ainda

pairam

muitas

dúvidas sobre o caso, e uma das famílias resolve contratar Crédule Grand-Duc, um detetive particular, para descobrir a verdade.

Dezoito anos depois, destruído

pelo fracasso e no limite entre a loucura e a lucidez, Grand-Duc envia o diário das investigações para a sobrevivente Lylie e decide tirar a própria vida. No momento em que vai puxar o gatilho, o detetive descobre um segredo que muda tudo. Porém, antes que possa revelar a solução do caso, ele é assassinado. Após ler o diário, Lylie fica transtornada e desaparece, deixando o caderno com seu irmão, que precisará usar toda a sua inteligência para resolver

um

mistério cheio de camadas e
reviravoltas.

Em *O voo da libélula*, o leitor é
guiado pela escrita do detetive
enquanto acompanha a angustiada
busca de uma garota por sua
identidade.

Agraciado

com

4

prêmios na França, entre os quais o
Prix Maison de la Presse e o Prix du
Roman Populaire, o livro teve seus
direitos vendidos para 25 países e
ganhará uma adaptação para o
cinema.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS

DA EDITORA ARQUEIRO

Não podemos fugir dos nossos segredos



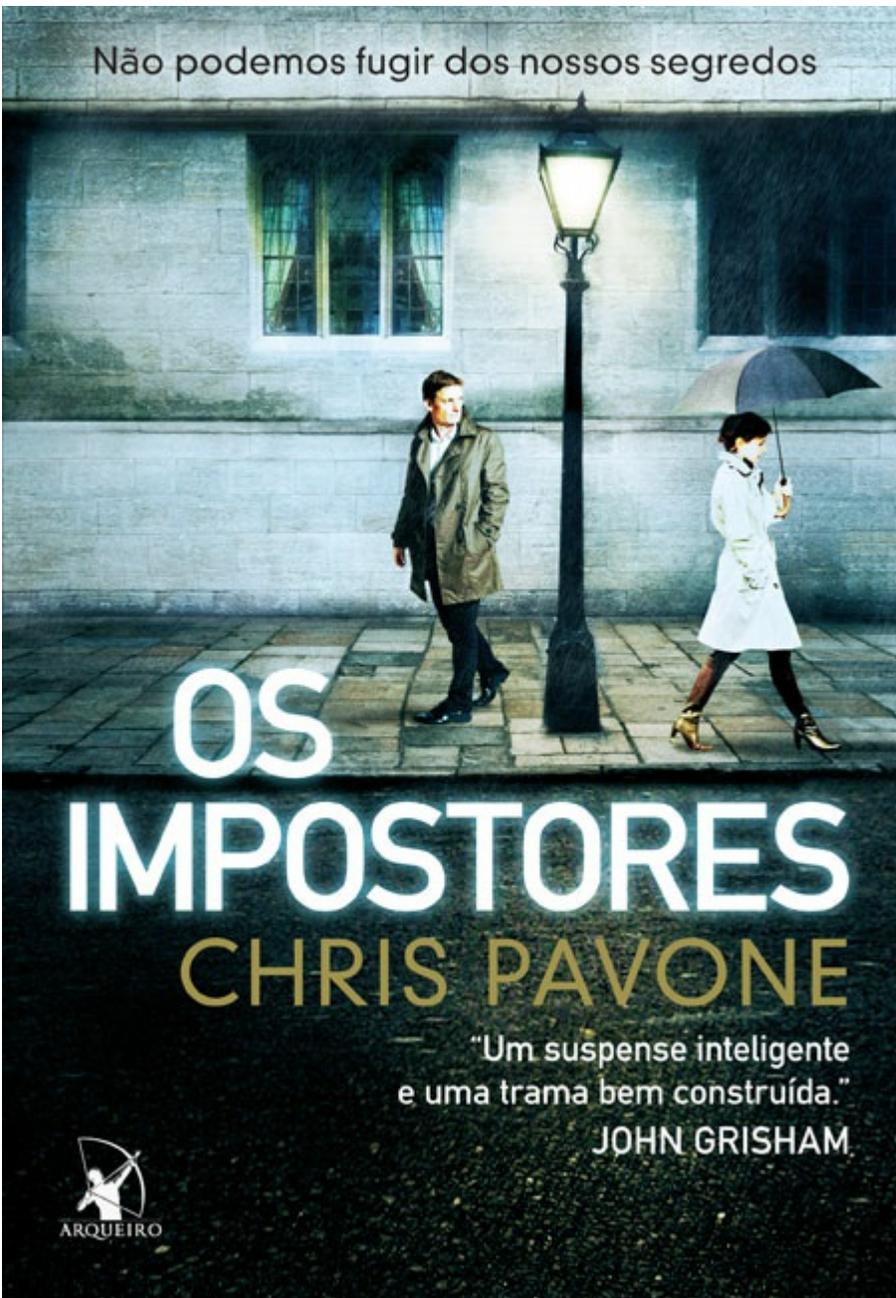
OS IMPOSTORES

CHRIS PAVONE

“Um suspense inteligente
e uma trama bem construída.”

JOHN GRISHAM





Os impostores, de Chris

Pavone

Kate Moore é uma mãe que

trabalha fora e luta para equilibrar

as despesas e o orçamento, criar os
filhos, manter viva a chama do
casamento... e guardar um segredo
cada vez mais difícil de suportar.

Por isso, quando seu marido, Dexter,
recebe uma proposta de emprego em
Luxemburgo, ela agarra a chance de
deixar para trás sua vida dupla e
recomeçar

do

zero

longe

de

Washington.

Em outro país, Kate se reinventa,
enquanto Dexter trabalha sem parar

num

emprego

que

ela

nunca

entendeu, para um cliente que ela não pode saber quem é. Em pouco tempo, a confortável vida europeia com que sonhava se revela uma rotina cansativa em que o marido vai ficando cada vez mais distante e evasivo e ela, solitária e entediada.

Chega

então

outro

casal

americano, que faz amizade com

Dexter e Kate. Mas ela logo

desconfia que os novos amigos não

sejam exatamente quem dizem ser –

e

fica

apavorada

diante

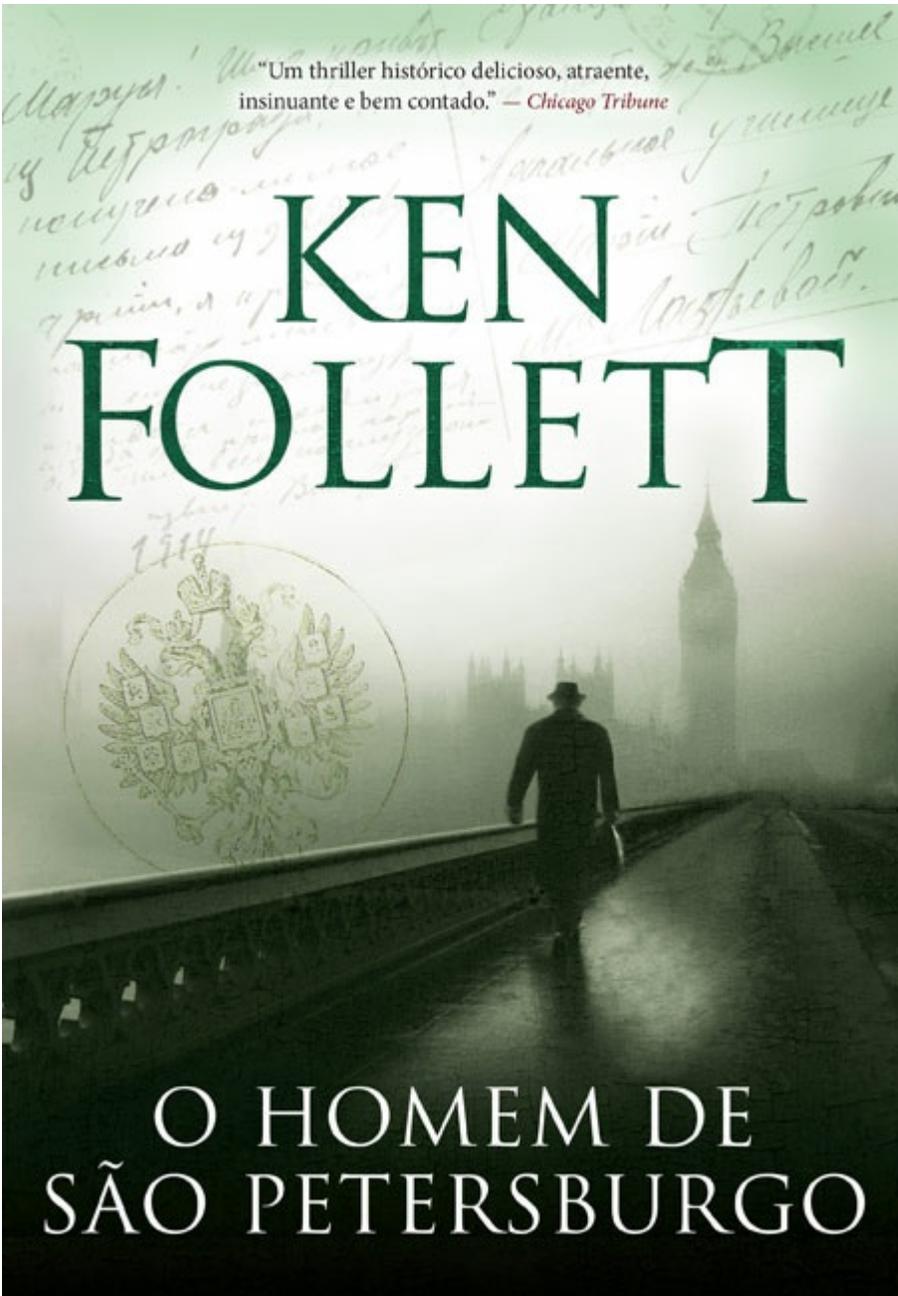
da
possibilidade
de
estar
sendo
perseguida
por
fantasmas
do
passado.

Assim, Kate começa a investigá-
los e acaba descobrindo camadas e
mais camadas de mentiras que a
cercam e, por trás disso tudo, um
golpe extremamente bem elaborado
que ameaça sua família, seu
casamento e até sua vida.

"Um thriller histórico delicioso, atraente,
insinuante e bem contado." — *Chicago Tribune*

KEN FOLLETT

O HOMEM DE
SÃO PETERSBURGO



O homem de São

Petersburgo, de Ken Follett

A história pode estar prestes a mudar. 1914: a Alemanha se prepara

para a guerra e os Aliados começam a construir suas defesas. Ambos os lados precisam da Rússia, que enfrenta graves problemas internos e vive na iminência de uma revolução.

Na Inglaterra, Winston Churchill arquiteta uma negociação secreta com o príncipe Aleksei Orlov, visando a um acordo com os russos.

No entanto, o anarquista Feliks Kschessinsky, um homem sem nada a perder, está disposto a tudo para impedir que seu país envie milhões de rapazes para os campos de batalha de uma guerra que nem sequer compreendem. Para isso, ele se infiltra na Inglaterra com a intenção de assassinar o príncipe e, assim, frustrar a aliança entre russos e britânicos.

Um mestre da manipulação,
Feliks tem várias armas a seu
dispor, mas precisa enfrentar toda a
força policial inglesa, um brilhante e
influyente lorde e o próprio Winston
Churchill. Esse poderio reunido
conseguiria
aniquilar
qualquer
homem no mundo – mas será capaz
de
deter
o
homem
de
São
Petersburgo?
Costurando com maestria a
narrativa ficcional à colcha da
História, mais uma vez Ken Follett

fala sobre assuntos universais, como
paixões perdidas e reencontradas,
amores e traições, ao mesmo tempo
que oferece uma visão precisa sobre
os acontecimentos que mudaram o
mundo para sempre.



HARLAN COBEN

60 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS NO MUNDO

NÃO FALE COM ESTRANHOS



*E se tudo em que você acreditava sobre
sua família fosse mentira?*



Não fale com estranhos, de

Harlan Coben

O estranho aparece do nada e,
com poucas palavras, destrói o

mundo

de

Adam

Price.

Sua

identidade é desconhecida. Suas

motivações são obscuras. Mas suas

revelações

são

dolorosamente

incontestáveis.

Adam levava uma "vida dos

sonhos" ao lado da esposa, Corinne,

e dos dois filhos. Quando o estranho

o aborda para contar um segredo

est arrecedor sobre sua esposa, ele

percebe a fragilidade do sonho que

construiu: teria sido tudo uma grande

mentira?

Assombrado pela dúvida, Adam

decide confrontar Corinne, e a
imagem de perfeição que criou em
torno dela começa a ruir. Ao
investigar a história por conta
própria, acaba se envolvendo num
universo
sombrio
repleto
de
mentiras, chantagens e assassinatos.

Intrigante e perturbador, *Não
fale com estranhos* é mais que um
suspense de tirar o fôlego. É uma
reflexão sobre o bem e o mal, o
amor e o ódio, o certo e o errado, os
segredos, as mentiras e suas
consequências devastadoras.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA
EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, Inverno do

mundo e Eternidade por um fio, de

Ken Follett

Não conte a ninguém,

Desaparecido para sempre, *Confie*

em mim, *Cilada*, *Fique comigo* e

Seis anos depois, de Harlan Coben

A cabana e *A travessia*, de William

P. Young

A farsa, *A vingança* e *A traição*, de

Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen *Inferno*, *O símbolo perdido*, *O*

Código Da Vinci, *Anjos e demônios*,

Ponto de impacto e *Fortaleza*

digital, de Dan Brown

Uma longa jornada, *O melhor de*

mim, *O guardião*, *Uma curva na*

estrada, *O casamento*, *À primeira*

vista, *O resgate* e *O milagre*, de

Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

As regras da sedução e Lições do desejo, de Madeline Hunter

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias;

O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes!;

Praticamente inofensiva; O salmão da dúvida e Agência de investigações holísticas Dirk

Gently, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os Doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas e A nascente, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE

A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e
autores

da EDITORA ARQUEIRO,

visite o site

www.editoraarqueiro.com.br

e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os

próximos lançamentos,

você terá acesso a conteúdos

exclusivos e poderá participar

de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br

facebook.com/editora.arqueiro

twitter.com/editoraarqueiro

instagram.com/editoraarqueiro

skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por

e-mail,

basta se cadastrar diretamente no

nosso site

ou enviar uma mensagem para

atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e

54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11)

3862-5818

E-mail:

atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos

QUADRO UM -

Impressões

Primeiro dia

Segundo dia

Terceiro dia

Quinto dia

Sexto dia

Oitavo dia

Nono dia

Décimo dia

Décimo primeiro dia

Décimo segundo dia

Décimo terceiro dia

QUADRO DOIS -

Exposição

Décimo terceiro dia

Primeiro dia

Décimo terceiro dia

Décimo quarto dia

[Sobre o autor](#)

[Conheça outro título do](#)

[autor](#)

[Conheça outros títulos da](#)

[Editora Arqueiro](#)

[Conheça os clássicos da](#)

[Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a](#)

[Arqueiro](#)

Document Outline

- [Créditos](#)
- [QUADRO UM - Impressões](#)
 - [Primeiro dia](#)
 - [Segundo dia](#)
 - [Terceiro dia](#)
 - [Quinto dia](#)
 - [Sexto dia](#)
 - [Oitavo dia](#)
 - [Nono dia](#)
 - [Décimo dia](#)
 - [Décimo primeiro dia](#)
 - [Décimo segundo dia](#)
 - [Décimo terceiro dia](#)
- [QUADRO DOIS - Exposição](#)
 - [Décimo terceiro dia](#)
 - [Primeiro dia](#)
 - [Décimo terceiro dia](#)
 - [Décimo quarto dia](#)
- [Sobre o autor](#)
- [Conheça outro título do autor](#)
- [Conheça outros títulos da Editora Arqueiro](#)
- [Conheça os clássicos da Editora Arqueiro](#)
- [Informações sobre a Arqueiro](#)

Table of Contents

Créditos

QUADRO UM - Impressões

Primeiro dia

Segundo dia

Terceiro dia

Quinto dia

Sexto dia

Oitavo dia

Nono dia

Décimo dia

Décimo primeiro dia

Décimo segundo dia

Décimo terceiro dia

Primeiro dia

Segundo dia

Terceiro dia

Quinto dia

Sexto dia

Oitavo dia

Nono dia

Décimo dia

Décimo primeiro dia

Décimo segundo dia

Décimo terceiro dia

QUADRO DOIS - Exposição

Décimo terceiro dia

Primeiro dia

Décimo terceiro dia

Décimo quarto dia

Décimo terceiro dia

Primeiro dia

Décimo terceiro dia

Décimo quarto dia

[Sobre o autor](#)

[Conheça outro título do autor](#)

[Conheça outros títulos da Editora Arqueiro](#)

[Conheça os clássicos da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)